This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

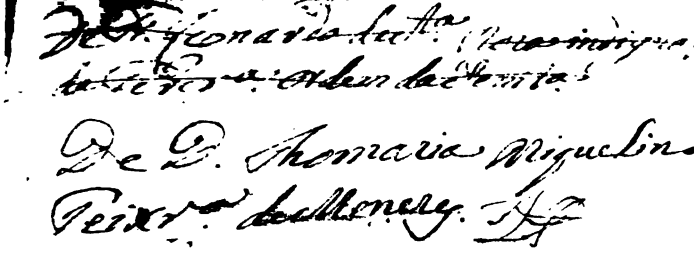
About Google Book Search

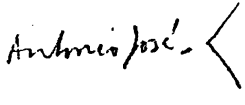
Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

1 ~~26 Aug~~
270 d. 32.

De D. Leonardo Lett.ra [illegible]
[illegible] Ordem [illegible]

De D. Thomaria Miguelin
Teixr.a de Menezes. [illegible]





THEATRO COMICO PORTUGUEZ, OU COLLECÇAÕ DAS OPERAS PORTUGUEZAS,

Que ſe repreſentaraõ na Caſa do Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa.

Offerecidas

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por ***

Quarta Impreſſaõ.

TOMO SEGUNDO.

Contém
- Labyrintho de Creta.
- Guerras do Alecrim, e Mangerona.
- Variedades de Protheo.
- Precipicio de Faetonte.

LISBOA,
Na Officina Patr. de Franc. Luiz Ameno.

MDCCLIX.

Com as licenças neceſſarias, e Privilegio Real.

TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
OF
OXFORD
LIBRARY

LABYRINTHO DE CRETA,

Que se representou no Theatro do Bairro alto de Lisboa, no mez de Novembro de 1736.

ARGUMENTO.

Succedendo matarem os Athenienses em hum torneyo a Androgeo, filho de Minos, Rey de Creta, este para vingar a morte do filho, depois de reduzir a Athenas à sua obediencia, como vencedor lhe impoz hum rigoroso tributo, de que lhe pagaria todos os annos sete mancebos, que seriaõ sorteados, por naõ haver excepçaõ na qualidade das pessoas, de cujo feudo se alimentava o Minotauro, que existia no Labyrintho fabricado por Dedalo, Cahio aquelle anno a sórte sobre Tezeo, Principe de Athenas, que sendo para esse effeito conduzido a Creta, o intentaraõ com industrias libertar Fedra, e Ariadna, filhas do mesmo Minos. Até a sabida

de Creta logrou Ariadna as primeiras eſtimações em Tezeo, ainda que ao depois preferiſſe a Fedra, deixando a Ariadna em huma deſerta Ilha; porém como ſó tratamos neſta Obra dos ſucceſſos de Tezeo em Creta, por eſſa razaõ ſe manifeſta a Tezeo mais amante de Ariadna, que de Fedra.

O motivo, que ſe toma para o entrecho da preſente Obra, he o conſiderarſe a Tezeo já devorado pelo Minotauro, e ſendo reputado por morto, manterſe eſte engano até o fim, triunfando do furor do Minotauro, do enleyo do Labyrintho, e das iras de Minos.

INTERLOCUTORES.

Tezeo,	*Principe de Athenas, amante de Ariadna.*
Minos,	*Rey de Creta.*
Lidoro,	*Principe de Epiro, amante de Ariadna.*
Tebandro,	*Principe de Chypre, amante de Fedra.*
Dedalo,	*Barbas.*
Licas,	*Embaixador de Athenas.*
Ariadna, *Fedra*,	*Filhas del Rey Minos.*

Taramella,	*Criada de Ariadna.*
Sanguixuga,	*Velha, criada de Fedra.*
Esfuziote,	*Gracioſo, criado de Tezeo.*
Soldados.	

A Scena ſe figura em Creta.

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Boſque, e Marinha.*
II. *Templo de Venus, e Cupido.*
III. *Camera.*
IV. *Gabinete.*
V. *Sala Regia.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Camera.*
II. *Labyrintho.*
III. *Sala.*
IV. *Gabinete com eſpelho.*
V. *Sala de columnata.*
VI. *Labyrintho.*
VII. *Boſque, e Marinha.*

PARTE I.

SCENA I.

Bosque, e Marinha, e haverá no lado do Theatro huma gruta, e depois de se ver no mar huma armada fluctuando com tempestade, sahiraõ por junto da marinha Tezeo, e Esfuziote, tropeçando, e cahindo em terra sem ver hum ao outro.

Tezeo. VAlha-me o Ceo! *Cahe.*
Esfuz. Valha-me a terra! *Cahe.*
Tezeo. Haverá, como eu, homem mais infeliz?
Esfuz. Haverá infeliz mais homem, do que eu?
Tezeo. Pois parece, que conjurados os Deoses, os fados, e os elementos contra mim, nem nos Deoses acho piedade, nem nos fados fortuna, nem nos elementos abrigo.
Esfuz. Pois a pezar dos ventos, das ondas, e Tubarões me vejo saõ, e salvo, nesta praya.
Tezeo. Mas ay, infelices companheiros meus, se naufragantes nesse golfo tivestes

tes urna cryſtallina, mais liquido monumento nas minhas lagrimas erijo a voſſas memorias, para que lea a poſteridade nos Cenotafios de meus ſuſpiros a voſſa lembrança, e o meu agradecimento.

Eſfuz. Ora bom he contar da tormenta, que melhor he eſtar pingando neſta ribeira feito chafariz da praya, do que ſer fonte da pipa em vaza barris.

Tezeo. A eſta deſerta praya me conduziraõ as minhas infelicidades, adonde até para o alivio me falta a comminicaçaõ dos viventes. Mas que vejo? Tu naõ es Eſfuziote?

Eſfuz. E vós, Senhor naõ ſois Tezeo?

Tezeo. Tal eſtou, que naõ ſey quem ſou; mas dize-me, como indo a pique o noſſo navio te pudeſte ſalvar?

Eſfuz. Porque ſempre fiz boas obras.

Tezeo. Já te julgava morto entre as ondas.

Eſfuz. Senhor, a minha fortuna eſteve em achar huma ancora a que me agarrey, e ſobre ella vim boyando, até dar comigo neſta praya, onde tenho a fortuna de te ver, pois tambem entendi eſtarias a eſtas horas cuberto de limos, e caramujos.

Tezeo. Para que, ſoberanas Deidades, defendeſtes a vida de hum infeliz? Para

que

que propicias me livraſtes deſſe ſalóbre marinho monſtro das aguas, ſe quando me redemis da morte, he ſó para perder a vida?

Esfuz. Eiſaqui o que eu naõ aturo: de fórte, Senhor, que quando te vias na tempeſtade, tudo eraõ votos, lagrimas, e promeſſas, e agora ingrato contra o Ceo, depois que te vês em terra firme, accuſas a piedade dos Deoſes, que te livraraõ? Ora, Senhor Tezeo, ponhamonos de joelhos, e com a boca na arêa eſcrevamos com a lingua louvores a Bacho, que nos livrou de bebermos agua ſalgada.

Tezeo. Deixa-me, Esfuz você, precipitar-me outra vez neſſas ondas, para que com eſte arrojo emmende o erro dos fados.

Esfuz. Iſſo he ſallar.

Tezeo. Pois tu ignoras o meu valor? Naõ ſabes, que ſou Tezeo?

Esfuz. Eu bem ſey, que he o valeroſo Tezeo, Principe de Athenas, cujas façanhudas obras fizeraõ, com que a fama deixaſſe o clarim, para ficar com a boca aberta: item ſey, que he aquelle Tezeo companheiro de Hercules, que tem morto mais gente, do que eu piolhos; porém *ſalva pace*, ainda me naõ conſta, que

que algum dia fizeſſes a heroica acçaõ de te lançares ao mar, e morrer affogado.

Tezeo. Pois para que o vejas, e contes ao Mundo, que Tezeo, como valente, e Eſtoico, antes que ignominiosamente perca a vida, procura ſepultarſe neſte monumento de cryſtal. *Faz que ſe lança ao mar.*

Esfuz. Tenha maõ, Senhor; veja que aquillo naõ he cryſtal, ſaõ aguas vivas, que mataõ a gente: ora perſuado-me, que na tormenta fizeſte algum voto de morrer affogado.

Tezeo. Deixa-me, Esfuziote, ſer piedoſo eſta vez comigo.

Esfuz. He boa obra pia querer matarſe a ſi meſmo!

Tezeo. Para que quero eu viver?

Esfuz. Para viver; e he taõ pouco? Pois em quanto o páo vay, e vem, folgaõ as coſtas.

Tezeo. Ay miſero de mim!

Dent. Dedal. Ay infeliz!

Tezeo. Naõ ouviſte, Esfuziote, huma funeſta voz?

Esfuz. Eu bem a naõ quizera ter ouvido, nem ouvidos neſta hora: ay Senhor, que ſerá iſto?

Dentr. Ao boſque, à ſelva.

Dentr.

Dentr. Ariad. Adonde te esconderás, cerdoso bruto, do acelerado furor das minhas settas?

Tezeo. Venatorias vozes saõ as que agora ouvi!

Esfuz. Aqui valerá mais a caça grossa do que a fina.

Tezeo. Em que Paiz estaremos?

Esfuz. Pois sempre cuidey, que estavamos em alguma deserta praya, em que sómente reina o birbigaõ com a ajuda das ameijoadas.

Canta-se dentro o seguinte Coro.

Chegay, moradores de Creta, chegay,
Offerecey, dedicay
A victima pura de huma alma rendida
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Tezeo. Espera, naõ ouves ao longe sonoras vozes de festivos hymnos?

Esfuz. Já que suppões, que eu sou surdo, quero tambem imaginar, que es cego: naõ vês descer por aquelle monte huma formosa tropa de balhadeiras?

Tezeo. Que variedade de affectos ao mesmo tempo admiro nesta, que julguey barbara, e tosca montanha! Que te parece isto?

Esfuz. Se o nosso navio aportasse em Creta, para donde levava direito o rumo, dis-

differa, Senhor, que eſtavamos em o Labyrintho de Creta.

Tezeo. Oh naõ me falles em Creta, que naõ foy pequena fortuna o naõ eſtarmos nella; mas affirmo-te, que naõ poſſo penetrar o motivo de taõ differentes, e diſcordes vozes; pois quando da cavernoſa boca daquelle rochedo ouvi, o funeſto ecco, que dizia. . . . . .

Dentr. Dedal. Ay miſero de mim! Ay infeliz!

Tezeo. E ao meſmo tempo eſcutar o vago eſtrepito de vomatorias vozes, proferindo confuzas. . . . .

Dentr. Ao monte, á ſelva, tó, tó.

Tezeo. E iſto acompanhado de ſonora melodia de acordes accentos articulando alegres.

Canta o Coro.

Chegay, moradores da Creta, chegay
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Eſfuz. Senhor, façamos aqui ponto de admiraçaõ, que as Ninfas já ſe vem aproximquando.

Tezeo. Pois occultemo-nos nesta gruta, ſó por ver iſto no que pára.

Eſfuz. Vá feito; mas a meu ver, iſto naõ pára aqui.

Eſcondem-ſe na boca da gruta, e ſahirão hu-

humas Ninfas dançando ao ſom do Coro, e ſahem Sanguixuga, Taramella, e Fedra, e canta o Coro.

Cheyay, moradores de Creta, chegay
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Sang. Anda rapariga naõ te treſmalhes, e te percas por eſſes montes.

Taram. Ay tia, que já vou muy canſada!

Eſfuz. Se quizer deſcançar, e fazer penitencia comigo neſta cova, naõ faça ceremonia, entre cá para dentro.

Taram. Ay minha tia, que me fallaraõ daquella cova! *Vaiſe.*

Sang. Foge, Taramella, que ſerá algum Satyro ſalvage. *Vaiſe.*

Eſfuz. Senhor, naõ ſabe, que traveſſos olhos ſaõ os daquella boginica!

Tezeo. Attende, e naõ fallos.

Sobe Fedra.

Fedra. Naõ ceſſem, Ninfas, os moverentes cultos, que em armoniоſos hymnos dedica o noſſo affecto às Deidades de Venus, e Cupido, por ver ſe com a noſſa melodía ſe applaca o ſeu furor.

Tezeo. Viſte mais peregrina formoſura?

Eſfuz. Attende, e naõ falle.

Fedra. Proſegui o acorde ſacrificio de noſſas vozes, dizendo:

Sahe

Sahe Tebandro.

Teband. Galharda Fedra, para que te fatigas em ſubir a eſſe elevado Templo de Venus, e Amor, ſe aqui neſte lugar acharás as Deidades, que procuras?

Fedra. Principe, naõ vos entendo.

Teband. Naõ buſcas a Venus, e Amor?

Fedra. Eſſe he o meu reverente intento.

Teband. Pois ſe buſcas a Venus, outra mais bella ſe admira em tua formoſura; e ſe queres amor, procura-o em meu peito, que nelle o acharás.

Fedra. Naõ he eſſe o amor, a quem eu ſacrifico.

Teband. Talvez que foſſe bem empregada a victima deſſe affecto nas aras deſte amor, que ſem a impropriedade de cego, tem mais olhos do que Argos, para admirarte, e mais chammas, que o Veſuvio para abrazarme; admitte, pois. . . .

Fedra. Baſta Tebandro, baſta Principe de Chypre; ſe me julgais Deidade, naõ queirais ſacrilego ultrajar o meu decóro com taõ improprios ſacrificios, que mais offendem, do que applacaõ.

Tezeo. Hirey impedirlhe naõ paſſe a mais o ſeu atrevimento; pois antes de ter amor, já ſinto zelos.

Eſtuz. Uy Senhor, voſſa mercê he o guar-

da damas ? Deixe à gente fazer o seu amor; *Quod tibi non vis, alteri non facias.*

Tebaud. Senhora, se atrevido o meu rendimento chegou. . . . .

Fedra. Naõ mais, Principe, naõ mais; mas ay de mim, que já as Ninfas do Coro vaõ muy distantes! Vou-me em seu seguimento. *Vaise.*

Tebaud. Ay de mim, que Fedra cruel contra o meu amor accelerada se ausentou! Porém se te apartas, tyranna, por naõ ouvir as minhas vozes, o mesmo vento, que te déu azas para a fuga, te levará os eccos dos meus suspiros.

Canta Tebandro a seguinte.

ARIA.

Se foges, tyranna,
De ouvir meus suspiros,
Suspende os retiros;
Porque de meus eccos
Naõ pódes fugir.
Oh quanto te enganas
No mal, com que abrazas,
Se amor, que tem azas
Te sabe seguir! *Vaise.*

Sahem Tezeo, e Esfuziote da gruta.

Tezeo. Oh quanto me arrependo, Esfuziote, de naõ haver sahido da gruta, para admirar de mais perto aquella soberana bel-

belleza, e caſtigar a temeridade daquelle atrevido Faetonte, que intentou deminar as luzes de tanto Sol!

Eſfuz. Tudo quanto os Deoſes fazem, he por melhor.

Dentr. A' ſelva, ao boſque.

Dentr. Ariad. Deoſes, valeime; quem me ſoccorre?

Tezeo. Daquelle viſinho boſque naõ ouviſte ſentidas, e affliçtas vozes de huma mulher?

Eſfuz. Senhor, eu naõ ſey, que nas vozes haja macho, e femea.

Dentr. Ariad. Deoſes, valeime!

Tezeo. De mulher he a voz, naõ ha duvida; em que me detenho, que naõ vou a ſoccorrella? *Quer irſe.*

Dentr. Dedal. Ay miſero de mim!

Dedal. e *Ariad.* Ay infeliz!

Tezeo. De huma meſma cauſa parece naſcem taõ differentes vozes: a qual das duas acodirey primeiro?

Eſfuz. Eu, Senhor, aqui naõ tenho voz activa, nem paſſiva.

Dentr. Ariad. Naõ ha quem me ſocoorra?

Tezeo. Sim ha. *Vaiſe.*

Eſfuz. Ah Senhor, eſpere, naõ me deixe aqui ſó em poder deſt'outra voz, que ſou capaz de ficar ſem falla.

Sahe

Sahe Teseo com Ariadna desmayada.

Tezeo. Que estranho succesſo! Que venturoſo acaſo! Pois a naõ ſer eu, seria esta infeliz belleza despojo da ferocidade de huma féra!

Esfuz. He féra desgraça! He féra belleza! He féro desmayo!

Tezeo. Belliſſima Deidade, ceſſe o violento eclypſe de teus rayos, que os Aſtros dependentes das tuas luzes naõ pódem brilhar, quando desfaleceis.

Ariad. Monſtro feroz, e indomito: mas ay de mim, que vejo!

Tezeo. Socegay, Senhora, que eu naõ ſou a féra, que vos quiz offender.

Esfuz. Nem eu taõ pouco.

Tezeo. Que extaſis vos ſuſpende os alentos? Ainda naõ credes, que ſou quem vos defende, e naõ quem vos offende?

Ariad. Como ignoro o modo de agradecer taõ generoſa acçaõ, que muito me faltem as vozes, e me ſobrem as admiraçõeſ?

Tezeo. Huma caſualidade naõ he digna de agradecimento; más já que o deſtino me conciliou a fortuna de ſer eu o ditoſo inſtrumento da voſſa vida, quizera vos compadeceſſeis da minha, que em paroxiſmos já quaſi falece às mãos de huma doce violencia.

Ariad.

Ariad. Eu vos prometto defender a voſſa vida, já que tanto me encareceis o ſeu perigo; e aſſim dizeime, qual he o delicto, que vos obriga a viver foragido entre eſſas brenhas? Que gentil preſença! *à parte.*

Tezeo. Senhora, ſendo vós a culpada, eu he que ſou o delinquente.

Ariad. Naõ entendo eſſe novo modo de criminar.

Tezeo. Daime licença, que me explique.

Ariad. Dizey.

Eſfuz. Eilo ahi meu amo namorado! Eſtamos bem aviados! *à parte.*

Tezeo. Eſſa animada eſféra de belleza, que em attractivos incendios, ſendo luminoſo iman de meu peito, foy luzida remora de meu alvedrio, que perdendo eſte a natureza de livre, ſe conſidera prezo, para augmentar os deſpojos no carro do amor.

Ariad. Que he amor? Eſtais louco? Adverti, que o ignorares quem eu ſou, e o acharſe obrigada a minha vida ao voſſo braço, faz com que reprima o caſtigo deſſa temeridade. Oh dura ley do decóro; pois me hey de offender do meſmo, que me agrada! *à part.*

Eſfuz. Toma lá eſſe piaõ na unha: ainda

bem, quanto folgo! *à part.*

Tezeo. Notavel he o voſſo rigor!

Ariad. Mayor he o voſſo atrevimento. Oh que eſpirito digno de animar o peito de hum Principe! *à part.*

Tezeo. Já que a voſſa tyrannia he igual à voſſa belleza, permitti ao menos, que vos ame cá dentro em meu peito, para que os fumos da victima naõ eſcureçaõ as luzes da voſſa Divindade.

Ariad. Para iſſo naõ he neceſſario licença minha, que naõ poſſo impedir os effeitos do alvedrio.

Tezeo. Viſto iſſo, poderey, amando comigo, eſperar ſer ditoſo algum dia?

Ariad. Bem podeis eſperar, porém ſem eſperança. Valha-me amor, ou naõ me valha, pois me quer precipitar! *à part.*

Tezeo. Deſenganaime, Senhora; para que ou com a eſperança ſe alente o meu amor, ou acabe a minha vida na deſeſperaçaõ.

Ariad. Naõ ſey o que vos diga. Vou-me, antes que a lingua obedeça aos impulſos do coraçaõ. *à part.* *Quer ir-ſe.*

Tezeo. Sem darme reſpoſta, naõ he razaõ, que vos vades; já que abateſtes os voos ao meu amor, deixay ao menos voar a minha eſperança.

Eſfuz. Senhor, olha que te deitas a perder

der no que pedes; pois se queres, que voe a tua esperança, ficarás sem ella.

Tezeo. Deixa-me, louco. Dizeime, Senhora, serey feliz?

Ariad. Eu volo digo.

Canta Aqiadna a seguinte.

ARIA.

Dous finos affectos
Nesta alma conservo:
Hum delles reservo.
Se he amor, ou piedade,
Dizello naõ sey.
Porém se no extremo
Porfias constante,
Affecto de amante
Que seja, sabey. *Vaise.*

Tezeo. Espera, esquiva Deidade; se queres correr mais ligeira, deixa o alvedrio que me levas, e leva as penas que me deixaste.

Esfuz. Entendo, que se agora viera outra Ninfa, terceira vez te namoravas?

Tezeo. Ay, Esfuziote, que me sinto abrazar em vivo fogo.

Esfuz. Pois lança-te agora ao mar, que he boa occasiaõ. Mas dize-me, Senhor, quando viste a Fedra, naõ querias matar ao Principe de Chypre com zelos della? Pois como taõ depressa te queres

matar a ti pelo amor deſta Senhora caçadora?

Tezeo. Naõ injuría ao Sol quem, antes de o ver, adorou huma Eſtrella; porém depois de viſto o ſeu reſplandor, ſeria aggravo de ſuas luzes, naõ preferillas a todos os aſtros.

Eſfuz. Vês, Senhor? Se eu te deixara lançar ao mar, como querias, naõ tiveras viſto agora tanta formoſura; naõ te arrebataras; naõ te namoraras; naõ te abrazaras, e....

Tezeo. E naõ te matara tambem; pois ſe me naõ impediras lançarme a eſſas aguas, naõ ſentira agora eſta violenta chamma de amor; e pois tu es a cauſa deſta violencia, ſentirás parte do eſtrago, que me arruina. *Dá-lhe.*

Eſfuz. Ay Senhor, para que me dá agora eſſe eſfuziote? Deixe por ora eſſes namoricamentos, lembre-ſe, que o eſpera a devorante goella delhum Minotauro.

Tezeo. Ainda por iſſo duplícas mais a tua culpa, pois com o precipicio do mar eſcuzara ſentir as furias deſtes monſtros de amor, e Minotauro. Ay tyranno Eſfuziote, que me privaſte do mayor bem, que era o morrer!

Eſfuz. Uy. Senhor, naõ ſeja eſſa a duvida, ſe

ſe ſó por huma cauſa te querias matar, agora que tens duas, toma duas mortes.

Dentr. Dedal. Acabem-ſe já por huma vez tantos pezares; rebente a mina, unica idéa do meu deſafogo.

Esfuz. Ay Senhor, que alli ha mina? Vamo-nos a ella; ay! Mina temos? Grande fortuna me eſpera.

Ao irſe chegando Esfuziote para dentro da gruta, rebenta eſta com eſtrondo, e labareda, e ficará Esfuziote ſubmergido debaixo das ruinas, das quaes ſahirá Dedalo.

Esfuz. Ay quem me acode, que dey à coſta na mina!

Tezeo. Que horrendo eſtampido! Parece que a terra prefaga da minha ruina em eſtragos publica a minha deſgraça.

Sahe Dedalo.

Dedal. Valha-me o Ceo!

Tezeo. Que foy iſto, Esfuziote? Levanta-te. Mas que novo eſpectaculo ſe offerece à minha admiraçaõ! Quem és eſpantoſo aborto deſta penha?

Dedal. Sou hum miſero infeliz, e taõ deſgraçado, que a terra, ſendo mãy commua para todos, a mim de ſi me arroja, como madraſta.

Esfuz. Senhor Tezeo, reſuſcite-me deſta eſpelunca, adonde eſtou enterrado.

Te-

Tezeo. Eſperay, naõ vos vades, em quanto vou acodir a eſte pobre criado, que jaz opprimido debaixo da ruina daquella gruta.

Eſfuz. Ande depreſſa, Senhor, que eſtas pedras me naõ edificaõ muito.

Tezeo. Ergue-te, anda; he bem feito para caſtigo da tua ambiçaõ: quem te mandou ir ver a mina?

Eſfuz. Porque, taõ fraca he a minha ambiçaõ, que tiveſſe pavor de chegar a eſſa mina? Mas ay de mim, que eſtou minado de dores, e tomara alguma contramina, que me faraſſe os oſſos!

Tezeo. Homem, quem quer que es, communica-me a cauſa das tuas penas, pois ſegundo o arrojo, que intentaſte, parece naſcida de algum extraordinario motivo.

Dedal. Se ſuppões extraordinaria a cauſa deſte exceſſo, como poſſo fiar de ti a narraçaõ de meus ſucceſſos, ſem ſaber com quem fallo, pois no ſilencio conſervo a minha vida? E aſſim ſabendo primeiro quem tu es, entaõ ſaberás quem eu ſou.

Eſfuz. Eſte ſem duvida he aquelle Senhor da voz groſſa, que nos metia medo.

Tezeo. Para que vejas, que a minha curioſidade

*fida*de he ſincéra, quero dizerte quem ſou, para que da minha peſſoa poſſas inferir, que ſou capaz de ſer inſtrumento da tua felicidade. Depois que os Athenienſes barbara, e aleivoſamente em hum torneyo mataraõ ao Principe Androgeo, filho de Minos, Rey de Creta, eſte juſtamente indignado contra os Athenienſes, fazendo huma liga offenſiva com os Principes do Archipelago, ſe lançaraõ ſobre Athenas, para reſuſcitar com o eſtrepito das armas o marcial eſpirito de Androgeo. Tres annos eſteve Athenas cercada, e reduzida à ultima miſeria; até que para ſalvar os proſtrados fragmentos de tantas vidas, que inermes pereciaõ à violencia da fome, e da corrupçaõ, levantando-ſe o povo tumultuariamente, capitularaõ com ElRey Minos, offerecendo-ſe à ſua diſcriçaõ.

Eſfuz. Tudo aquillo me contava minha Avó.

Tezeo. O barbaro Rey, vendo que de huma vez naõ podia beber o ſangue dos Athenienſes, impoz o rigoroſo tributo, de que todos os annos pagaſſe Athenas ſete mancebos para alimento de hum monſtro, que chamaõ Minotauro, que dizem habita dentro em hum Labyrintho. *Dedal.*

Dedal. Ay de mim!

Tezeo. Que? Suſpiras?

Dedal. Proſegui, que os meus ſuſpiros naõ ſaõ ſem fundamento.

Tezeo. Era pois a fórma deſte tributo ſem excepçaõ de peſſoa alguma por mais ſoberana, que foſſe; para o que todos em huma urna lançavaõ os ſeus nomes, e por ſórte ſe tiravaõ ſete mancebos, que ſe enviavaõ para Créta a ſerem combuſtivo feudo do Minotauro.

Eſfuz. Se iſto naõ eſtivera em letra redonda, haviaõ de dizer, que era méntira.

Tezeo. Eſte anno (ay infeliz!) entre os ſete do tributo fuy eu hum delles; que nem o naſcer filho delRey de Athenas, e ſer o valeroſo Tezeo, bem conhecido no Mundo pelo meu valor, foy baſtante para iſentarme deſte tributo; para o que, preparada huma armada, vinhamos para Creta, em cuja viagem os ventos, naõ ſey ſe propicios, ou indignados, depois de ſer ludibrio das ondas, deſpedaçando o noſſo baxel, ſem duvida perecera, ſe huma taboa delle naõ fora o delfim de minha vida, que piedoſo me conduzio a eſtas prayas, ſem ſaber aonde eſtou. E pois já te tenho ſatisfeito, fia agora de mim os teus ſucceſſos,

ceſſos, para que aches em minha generoſidade o favor, que as tuas miſerias eſtaõ conciliando.

Esfuz. Vejamos agora, ó com que ſe deſcarta eſte barbado.

Dedal. Quando eu me conſiderava o mais deſgraçado de todos os homens, acho que ha outros, que naſceraõ com mais infeliz eſtrella.

Tezeo. Explica-te, naõ me tenhas ſuſpenſo.

Esfuz. Vamos, Senhor, diga alguma couſa, ainda que ſeja huma fabula.

Dedal. Eu ſou, generoſo Principe, o infeliz Dedalo, aquelle, que por ſuas extraordinarias maquinas, e ſublimes invenções ſe tem feito conhecido por todo o Mundo.

Tezeo. Baſta que ſois aquelle celebre Dedalo, cujas artificioſas idéas tem merecido os elogios do Orbe? Naõ ſabeis quanto me alegro ver hum homem taõ grande.

Esfuz. Baſta que voſſa mercê he o Senhor Dedalo, padre meſtre das minas a pezar do meu corpo? Ay, eſpere; voſſa mercê naõ he o pay do Senhor Icaro?

Dedal. Tu conheceſte a Icaro, meu filho?

Esfuz. Eu naõ Senhor, mas lembra-me de o ver pintado com humas azas, que ca-

cahindo em hum rio, ſe foy como hum paſſarinho.

Tezeo. Cala-te neſcio; proſegui Dedalo.

Dedal. Proſigo: Vivendo eu na Corte del-Rey Minos de Creta, com a eſtimaçaõ, que merecião as minhas raras idéas, ſuccedeo, que Venus indignada contra o Sol, que em certa occaſiaõ patenteou as ſuas torpezas, naõ podendo vingarſe em ſuas luzes, pedio a ſeu filho Cupido, que contra a Rainha Pazife fulminaſſe o ſeu rigor, fazendo Cupido a inſtancias de Venus, que Pazife ſe namoraſſe de hum Touro.

Esfuz. De hum Touro? Teve muito bom goſto a Senhora Patife.

Dedal. Pazife combatida de taõ torpe, e nefando amor, pedio-me, que lhe déſſe remedio a taõ louco incendio, em que ſe abrazava, fazendo com alguma maquina minha, com que ella pudeſſe lograr o ſeu intento, antes que a ſua cegueira produziſſe olhos, que viſſem publicamente eſta nunca viſta temeridade de Cupido: eu em fim por eſcuſar mayor eſcandalo, me reſolvi a fabricar huma Vaca, com tanto artificio, que apenas ſe diſtinguia das outras viventes; poiſ no movimento, e aſpecto, parece quiz

eſta

ella vez competir a arte com a natureza.

Esfuz. E eſſa Vaca havia de ſer deleite para Pazife.

Dedal. Fabricada aſſim a Vaca, por huma eſcotilha, que nella fiz, ſe introduzio Pazife, em cuja figura artificioſamente transformada foy facil enganar ao Touro, a quem amava; o demais calla-o o ſilencio, porque ſe naõ offenda a modeſtia.

Esfuz. Sim, bem entendo; ſim, Senhor; o Touro, e a Vaca, &c.

Dedal. Deſte nefando amor naſceo hum monſtro de duas eſpecies, pois era meyo homem, e meyo Touro, por cuja cauſa o chamaraõ Minotauro.

Esfuz. Deſſes monſtros ha muitos no Mundo.

Tezeo. Ay Dedalo, que tu foſte a occaſiaõ da minha deſgraça!

Dedal. E tambem da minha: ora attende: Vendo Minos naquelle monſtro a ſua perpetua infamia, me ordenou, que para morada delle fabricaſſe hum eſtupendo, e grande Palacio, com taõ equivocas entradas, e ſahidas, que quem nelle ſe introduziſſe, naõ pudeſſe atinar com a porta, para ſahir, ficando prezo na ſua meſma liberdade; que por eſte enredado artificio ſe chamou o Labyrintho de Creta.

Te-

Tezeo. Segunda vez te conſidero artifice de minhas infelicidades.

Eſfuz. Que direy eu, que tenho o corpo eſparramado?

Dedal. Em fim, como naõ ha couſa, que ſe naõ ſaiba; quiz a minha deſventura, que chegaſſe à noticia delRey Minos, que eu tinha cooperado para o naſcimento do Minotauro, por cuja cauſa me mandou encerrar no meſmo Labyrintho, que eu fabriquey, na parte mais inferior delle, adonde a minha induſtria, e deſeſperaçaõ, fez com que minando com ardentes materiaes as entranhas da terra, ſahiſſe deſta gruta, como viſte.

Tezeo. Viſto iſſo, eſtamos em Creta, e às portas do Labyrintho?

Eſfuz. E às portas da morte: Ora o certo he, Senhor, que donde has de ir, naõ has de mentir; por iſſo, tanto que eu puz os narizes em terra, logo me cheirou a Labyrintho.

Tezeo. Ninguem póde iſentarſe da violencia dos fados.

Dedal. Principe, já que neſte boſque de ninguem foſtes viſto, eſcondeivos neſta meſma mina, até que tenhais occaſiaõ de fugir da morte, que vos eſpera.

Tezeo. Que quer dizer fugir? He acçaõ, que

que nunca exercitey. Que dirá o Mundo, ſe ſe diſſer, que Tezeo fugio da morte, e que o acovardou hum monſtro, quando tantos tenho vencido?

Esfuz. Naõ tem, que ſe canſar, que eſte Senhor anda morto por ſe matar.

Dedal. Como vos naõ quereis eſconder, e certamente haveis de ir parar ao Labyrintho, eu por acompanharvos nelle, me reſolvo a ſer outra vez habitador da ſua confuſaõ, para que ao menos com a minha induſtria poſſais vencer eſſe monſtro, e vingarmo-nos deſſe tyranno Rey, que à voſſa Patria, e a mim tanto offende.

Tezeo. O' Dedalo, eu te prometto, que ſe entro em Athenas triunfante, ſerás em minha Corte premiado, como merece taõ generoſa acçaõ.

Dedal. Pois adeos, Principe, que lá te eſpero. *Torna a irſe pela gruta.*

Esfuz. Adeos, Senhor Dedalo, voſſa mercê faça muito boa jornada.

Tezeo. Adverte, Esfuziote, que ſe revelares o que ouviſte, ſerás caſtigado por ElRey meu pay, pois o braço de hum Rey chega a toda a parte; e ſe fores fiel, e eu tiver a fortuna de vencer eſte monſtro, te prometto hum premio igual à tua lealdade. *Es-*

Esfuz. Senhor, nem todos os criados haõ de ſer lambareiros; peça a Deos, que me tenha maõ na lingua, que eu da minha parte farey o que puder, ainda que me cuſte.

Sahe Licas Embaixador.

Licas. Ay Tezeo, que infeliz ventura foy a minha! Pois quando te julguey naufragante neſſas ondas pela tormenta, em que tantos baixeis da noſſa armada pereceraõ, aqui te venho a encontrar, depois de procurarte por toda eſſa marinha, para ſeres alimento do Minotauro: Oh que deſgraça!

Tezeo. Licas amigo, muito me alegro de verte; e pois que em Crêta vives com o caracter de Embaixador de Athenas, para fazeres a funeſta entrega dos ſete infelices tributarios do Minotauro, vem a apreſentarme a eſſe tyranno Rey, para que ſacîe em noſſo ſangue a ſede de ſua impiedade.

Licas. Oh quem naõ tivera tal incumbencia!

Esfuz. Ah Senhor Embaixador, ſaiba Voſſa Senhoria, que eu naõ morri na tormenta.

Licas. Eſtimo a tua fortuna, Esfuziote; vamos Tezeo.

Tezeo. Dizeime primeiro quem era huma Ninfa, que ſeguida de outras em hum feſtivo coro por aqui paſſou, chamada Fedra?

Licas. He huma Infanta, filha mais velha delRey, que com a bella comitiva hiaõ para o Templo de Venus, e Cupido, a quem ſacrificaõ todos os annos, para que ſe aplaque o ſeu rigor, fazendo com que ceſſe a infame injuria do Minotauro.

Tezeo. E naõ era mais facil matar o Minotauro, para que ceſſe a ſua affronta?

Licas. Naõ, que eſte monſtro, como conſagrado a Venus, e Cupido, corre por conta deſtas Deidades a ſua conſervaçaõ.

Eſfuz. E dá-me, Senhor Embaixador, quem era huma ſemininfa, chamada Taramella, que tambem hia neſſa turba multa raparigã; e por final, que quando andava, levantava os pés do chaõ?

Tezeo. Naõ te callarás?

Eſfuz. Uy Senhor, cadaqual pergunta pelo que lhe pertence.

Tezeo. E quem era outra Ninfa, que no exercicio da caça a livrey da ferocidade de huma féra?

Licas. Seria ſem duvida a Infanta Ariadna, filha tambem delRey Minos, que mais adora a Diana nos boſques, do que a Venus nos templos.

Te-

Tezeo. Ay Licas, que eſſa Ariadna.....

Licas. Senhor, vamos: naõ cuides por ora niſſo.

Tezeo. Foy a homicida.....

Eſfuz. Senhor, lembre-ſe da ſua alma, e deixe Ariadna.

Tezeo. Da minha vida primeiro, que o Minotauro.....

Licas. Vamos, Senhor. *Vaiſe.*

Tezeo. Vamos, Licas: ay Ariadna! *Vaiſe.*

Eſfuz. Ay Minotauro! *Vaiſe.*

SCENA II.

Templo com as eſtatuas de Venus, e Cupido, e huma pyra ardendo. Sahe Lidoro, e canta-ſe o ſeguinte.

CORO.

Chegay, moradores de Creta, chegay
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Lidoro. QUiz anticiparme neſte Templo de Venus, e Cupido, por ver ſe nelle encontro a bella Ariadna, e moſtrarlhe a ſemrazaõ de ſua tyrannia, e o juſto motivo de meu incendio; pois ſem que me valha o ſer Principe de Epyro, e ter deixado a minha Corte, por vir

vir a esta de Creta, só a pertender o seu ditoso Hymenêo, com tudo o seu rigor sempre implacavel se mostra às minhas finezas. O' Deidades soberanas de Venus, e Amor, em cujas aras arde a victima de meu coraçaõ, fazey que seja ditoso, quem sábe ser amante.

Ariad. Que violenta vinha algum dia a este Templo de Venus, e Amor! Porém, depois que no bosque vi aquelle..... Mas quem está aqui?

Lidor. Quem ha de ser, senaõ huma sombra inseparavel do vosso Sol, que por influxo desse mesmo Astro se considera *Clicie* de vosso resplandor?

Ariad. Bem podéreis, Lidoro, deixar essa loucura de vosso amor: naõ tem bastado tantos desenganos, para despersuadirvos, que mais facil será, que o Sol naõ allumie, que a escuridade resplandeça, e que o fogo esfrie, que no meu peito possa haver amor, com que correspondervos?

Lidor. Em fim, Senhora, esse he o ultimo desengano da vossa tyrannia?

Ariad. Admiro-me, que tenhais este desengano pelo ultimo, quando podéreis fazer esse conceito do primeiro.

Lidor. Assim premiais as minhas finezas?

Ariad. Para que as obraſtes ſem minha licença, ſabendo que niſſo me offendieis?

Lidor. Pois para que naõ vos offenda quem ſó vos deſeja agradar, eu me retiro dos voſſos olhos, que ſó por darvos eſſe prazer, ſerey cruel para comigo. *Quer ir ſe.*

Sahem o Rey, Fedra, e Tebandro.

Rey. Lidoro, que he iſſo? Quando todos vimos a eſte annual ſacrificio, que em oblaçaõ reverente conſagra o noſſo rendimento nas aras deſſas Deidades de *Venus*, e Amor, te retiras?

Lidor. Senhor, a procurarte hia, vendo que tardavas.

Rey. Fedra, Ariadna, naõ ceſſem as voſſas rogativas, para que eſſas deidades menos indignadas nos livrem da perpetua infamia deſſe Minotauro, como labéo affrontoſo da noſſa regia eſtirpe. Ay Pazife fragil, ſeja a tua memoria abominavel nos ſeculos futuros!

Teband. Senhor, temo, que eſſa melancolia te acabe a vida: lembra-te, que es ElRey Minos, para que com a tua conſtancia tolères os golpes do pezar.

Fedra. Senhor, Voſſa Mageſtade deve buſcar algum meyo efficaz, para que ceſſe a ſua mágoa, e a noſſa affronta.

Lidor. Tudo poderá ter remedio, excepto

to o meu tormento. *à part.*

Ariad. Senhor, ſe eſtamos neſte Templo de Venus, e Amor, porque naõ conſultas o ſeu Oraculo, para que nos declare, quando terá fim a vida do Minotauro?

Rey. Ariadna, eſſe conſelho he filho do teu ſubtil engenho; pois attençaõ, que neſta fórma conſulto o ſeu Oraculo. Venus ſoberana, compadecida a noſſos gemidos, e grata a noſſos votos, declaranos, quando terá fim a vida do Minotauro, cuja exiſtencia aviva a noſſa ignorancia.

Canta o Oraculo o ſeguinte.

Quando deſſe biforme monſtro horrendo
Vires ſer alimento combuſtivo
Hum vivo morto, e hum morto vivo.

Rey. Enigmatica, e prodigioſa he a repoſta; pois diz, que terá fim a vida do Minotauro, quando lhe ſervir de alimento hum vivo morto, e hum morto vivo. Quem vio mayor confuſaõ!

Lidor. He eſtylo dos Oraculos reſponderem por enigmas.

Fedra. Que prodigio!

Lidor. Ainda em mayor duvida ficamos; pois como poderá ſervir de alimento

hum morto vivo, e hum vivo morto?

Todos. Quem será este morto vivo?

Dentr. Licas. Tezeo, entra.

Rey. Tezeo differaõ alli; parece myſterio, o que ſeria caſualidade.

Teband. Caſualidade he; pois quem poderá ſer morto, e vivo, ao meſmo tempo?

Sahem Tezeo, Licas, e Esfuziete.

Tezeo. Eu; eu ſou, ò Rey Minos, o Principe Tezeo, hum dos ſete infelices, que Athenas envia para o feudo do Minotauro.

Licas. Tezeo, Principe de Athenas, foy ſobre quem este anno cahio a infeliz ſórte do tributo; taõ rigoroſo he o eſcrutinio, que nem a ſua regia peſſoa ſe póde iſentar.

Rey. Tudo o que vejo ſaõ prodigios! Vem, Tezeo, a meus braços.

Tezeo. Senhor, a teus pés ſe offerece quem já nem he ſenhor da ſua vida para dedicarta; porém eſtes breves inſtantes, que o alento ſe me dilata, deſejara diminuillos, para que mais depreſſa ſe ſatisfaça a tua vontade. *ajoelha.*

Rey. Levantai-vos, eſclarecido Tezeo, que ſuppoſto vos conduziſſe a fortuna a taõ infeliz eſtado, ſereis entre tanto reſpeitado como Principe, e naõ como réo.

Es-

Esfuz. He muito boa conſolaçaõ! Aquillo he o meſmo, que engordar para matar.

Ariad. Ay de mim, que Tezeo, foy quem me livrou daquella féra no boſque! *àp.*

Fedra. Oh quem pudera livrar à Tezeo, de taõ funeſta morte, pois a ſua preſença conciliou em meu peito, naõ ſey ſe amor, ou compaixaõ! *àpart.*

Tezeo. Principe, ſinto com a minha vida naõ poder remediar a voſſa; porém o voſſo valor ſerá o lenitivo deſſa infelicidade.

Lidor. Tezeo, os que naſcemos Principes *iſentos* da juriſdicçaõ humana, naõ nos podemos eximir da violencia dos aſtros, que influem rigoroſos; e aſſim naõ he neceſſario lembrarvos de quem ſois, para infundir alentos ao voſſo eſpirito.

Tezeo. O meu agradecimento, e as voſſas piedades neſta occaſiaõ ſaõ inuteis.

Esfuz. Que eſteja meu amo recebendo em ſua vida os pezames da ſua morte! He boa pachorra!

Tezeo. Esfuziote, aquella naõ he a Ninfa, que eu tive em meus braços deſmayada?

Esfuz. Sim, Senhor, ella hé a meſma: e vejaõ o que tem creſcido! Ah Senhor, e tambem a outra he aquelloutra.

Rey.

Rey. Dizeime, Embaixador: e todos os ſête mancebos do tributo vem com o Principe Tezeo?

Licas. Como houve, Senhor, huma grande tempeſtade, em que o baixel naufragou, muita parte da gente pereceo, e dos tributarios ſó ſe achaõ ſeis com o Principe.

Rey. Eu naõ hey de receber menos numero, que o de ſete; pois nem ainda todo eſſe ſangue he baſtante, para illidir as manchas de voſſas aleivoſias.

Esfuz. Eſte Rey ſerá amigo de ſarapatel? *à part.*

Tezeo. Senhor, ſendo eu Principe, parece, que valho por dous.

Licas. E quando naõ, aqui eſtá eſte criado, que completará o numero dos ſete.

Esfuz. Irra: Ah Senhor Embaixador, faça-me mercê de ſe naõ meter com as vidas alheas: he boa graça!

Licas. Naõ vês, que ElRey eſtá teimoſo, em que ſejaõ ſete, e naõ ha ſenaõ ſeis; e como tu eſtás aqui, por força has de ſer hum delles?

Esfuz. Senhor Minotauro, requeiro a Voſſa Mageſtade. . . .

Tezeo. Adverte, que ElRey chama-ſe Minos, e naõ Minotauro.

Es-

Esfuz. De Minos a Minotauro pouco vay.

Lias. Senhor, Voſſa Mageſtade ſaiba, que eſte homem he hum tonto.

Esfuz. Sim, Senhor, ſou taõ tonto, que deſſe monſtro naõ quero ſer comido por concomitancia; e logo requeiro a Voſſa Mageſtade, que o Minotauro me naõ póde comer.

Rey. Porque?

Esfuz. Porque he meu inimigo capital.

Rey. Por iſſo meſmo te comerá.

Esfuz. Naõ, Senhor, que quem me quer mal, me naõ póde tragar.

Lidor. O homem he divertido, quero apurallo: homem, o Minotauro naõ ſabe fazer differença de amigos, e inimigos.

Esfuz. Ainda eſſa he peyor! Pois, Senhor, eu deſengano, que ſe o Minotauro me come, bem lhe póde abrir a cova, que morre ſem falta.

Lidor. Porque!

Esfuz. Porque ſou hum veneno.

Lidor. Tambem o Minotauro he venenoſo, e hum veneno naõ mata outro veneno.

Esfuz. Para que ſe canſaõ, Senhores? Saibaõ, que eu para alimento ſou muito indigeſto.

Rey. Seja como for, elles haõ de ſer ſete mancebos os do tributo.

Es-

Esfuz. Aque de Voſſa Mageſtade; Senhor, por força haõ de ſer ſete mancebos?

Rey. Aſſim foy a capitulaçaõ.

Esfuz. Pois eu naõ poſſo ſervir para iſſo.

Lidor. Porque naõ?

Esfuz. Porque naõ; porque eu naõ ſou ſete mancebos, ſou hum ſó; e ainda eſſe ſabe Deos o que vay por cá.

Lidor. O Minotauro naõ ha de engolir os ſete mancebos juntos por huma vez, ſenaõ hum a hum.

Esfuz. Uy, Senhor, que tem o Minotauro, que ſe amancebar com a minha vida?

Lidor Senhor, o criado convem conſervallo, que he galante.

Rey. Andar, cuidaremos niſſo: o Embaixador hoſpéde a Tezeo; Lidoro, vem comigo. *Vaiſe.*

Lidor. Ainda ſem eſſe preceito iria, ſó por naõ ver a huma ingrata, que tanto tyranniza os meus extremos. *Vaiſe.*

Fedra. Toda a minha alma occupa a peſſoa de Tezeo: verey ſe acho algum meyo de redimir a ſua vida. *àp. e vaiſe.*

Teband. Vamos, coraçaõ, a experimentar novas tyrannias em Fedra. *àp. e vaiſe.*

Licas. Tezeo, vem. *Vaiſe.*

Tezeo. Vay, que eu te ſigo.

Esfuz. Vá-ſe cos diabos Embaixador de hu-

huma figa, que eu lhe pregarey.

Tezeo. Beliſſima Ariadna, que venturoſa ſeria a minha morte, ſe eu levara a certeza de que ao menos na tua memoria vivia conſervado eſte extremo de meu amor! Lembra-te, bella homicida, naõ de me iſentares da morte, que me eſpera, mas ſim deſte amoroſo tormento, que me afflige.

Ariad. Tezeo, quando no boſque vos conſiderey foraſteiro, reprehendi o voſſo atrevimento, e agora que vos reconheço Principe, eſtranho muito o voſſo delicto; e pois quando me déſtes a vida, *prometti* defender a voſſa, eſtou prompta a cumprir a minha palavra. Ay amor, quem pudera déclararſe! *à parte.*

Tezeo. Naõ peço recompenſa de huma acçaõ, que ao principio naõ foy executada a voſſo reſpeito, por ſer caſual aquelle arrojo do meu valor, e natural obrigaçaõ de hum generoſo peito: ſó deſejará, que naõ deſprezaſſeis eſte bem naſcido affecto de meu amor.

Ariad. Principe, aceitay por ora a minha recompenſa, que quem vos ampara a vida, talvez que a faça venturoſa.

Eſfuz. Aceita Senhor, que ao máo pagador, em farellos.

Te-

Tezeo. E quem me aſſegura eſſa eſperança?

Ariad. Se naõ vos ſatisfazeis da minha palavra, ſolemnemente o jurarey neſſa immortal pyra de Venus, e Amor.

Tezeo. Pois eu tambem para revalidar o meu voto, neſſa chamma de amor, ſerey Fenix da minha fineza, para que das cinzas dos teus eſtragos renaſçaõ os extremos dos meus ardores.

Canta Ariadna, e Tezeo o ſeguinte.

Tezeo. O' tu candida filha do falſo elemento.

Ariad. O' tu cega Deidade, que as almas dominas,

Tezeo. Sabey, que eu amante,

Ariad. Sabey, que eu conſtante,

Tezeo. Prometto abrazarme de amor nos incendios,

Ariad. Prometto guardar do Principe a vida,

Tezeo. Com fé inviolavel,

Ariad. Com voto ſagrado,

Ambos. Da morte, e da vida no ultimo eſtado. *Vaõ-ſe.*

Eſfuz. Naõ me póde eſquecer alcovitarme o Senhor Embaixador, para que eu foſſe paſtinho do minotauro! Mas pelo fim, pelo naõ, já que me acho recolhido no ſagrado deſte templo, daqui naõ ſahirey, ainda que me deitem a páos, mas

mas ay, que ahy vem aquella moça chamada Taramella, que eu ví no boſque! Eu me eſcondo atrás deſta eſtatua, para que me naõ veja, e obſervarey o que faz.

Poem-ſe Esfuziote a traz da Eſtatua, e ſahe Taramella com huma vaſſoira na maõ.

Taram. Graças a Cupido, que já todos ſe foraõ, e poderey ſem impecilhos exercitar o voto, que tenho feito de varrer todos os dias eſte Templo de Venus, para que me caſe com hum moço franca, deſtes de paſta na cabelleira, e relogio de pendurucalhos!

Esfuz. Ay que Taramella quer que Venus a caſe! E ella o fará. Valha-me agora a induſtria de amor.

Varrendo o Templo Taramella, canta o ſeguinte.

Taram. Ay amor, ſe me dás hum marido,
Vaſſoira vivente do Templo ſerey.

Esfuz. Quero fingir, que ſou Venus.

Canta Esfuziote o ſeguinte em falſete.

Taramella, ſe queres marido
Aqui meſmo no Templo, no Templo o darey.

Taram. Ay que Venus me reſpondeo favoravel à minha petiçaõ! O' minha Deoſa, dizeime outra vez quem ſerá o meu ditoſo marido? *Can-*

Canta Esfuziote o seguinte Recitado em falsete.
Teu marido será em teu conforto
Hum morto vivo, e hum vivo morto.

Taram. Que galante repoſta! Entendo, que nunca caſarey; pois como póde ſer meu marido hum vivo morto?

Sabe Esfuziote.

Esfuz. Agora eu: Sapientiſſima Taramella, hum naufragante peregrino, combatido das ondas, mareado dos mares, açoitado dos ventos, e enjoado das mareſias, vem hoje a offerecer o traquete do ſeu amor aos joanetes de teus pés, para que dependurado no templo de tua formoſura ſe oſtente troféo da tua galhardia.

Taram. Que galante couſa! Explique-ſe, que eu ainda naõ ſey o que voſſa mercê me diſſe.

Esfuz. Saõ effeitos do crepitante incendio, que o bolcaõ de meu peito tranſpira pelos metaes do idioma.

Taram. Senhor Eſtrangeiro, eu naõ entendo palavra.

Esfuz. Já que naõ entendes de eſtylos creſpos, te fallarey em frazes eſtiradas. Eu, Senhora Taramella, ſou hum Soldado da fortuna, que a venho buſcar mais di-

ditoſa no conjugio de voſſa mercê.

Taram. Tire-ſe para lá, naõ venha zombar da gente; ande, va-ſe, deixe-me acabar de varrer, para que entre o lixo do Templo encontre o marido, que a Deoſa me promette.

Eſfuz. Suſpende, galharda Ninfa, eſſa vaſſoira dos ſentidos, eſſa eſcova das almas, eſſe baſculho do coraçaõ, eſſe eſpanador das potencias, e eſſe eſfulinhador dos affectos; pois já por ti me conſidero louco varrido.

Taram. Ay Senhor, naõ me falle niſſo, que eu ſou muito ſizudinha, e huma moça donzella, que eſtou aqui para honra, e caſamento.

Eſfuz. Se eſtás aqui para honra, e caſamento, tudo achaſte em mim.

Taram. E de que ſórte?

Eſfuz. Eu te digo: ſe eſtás para caſamento, aqui tens marido, e ſe para honra, honra terás ſe caſares comigo; e naõ digo o mais, pois ſem ſaber ſe me queres, naõ te direy quem ſou.

Taram. Pois ſó ſaberey querer, quando ſouber quem voſſa mercê he.

Eſfuz. Pois Taramella, promettes pôr o teu nome na boca?

Taram. Sou taõ callada, que naõ como, por naõ abrir a boca.

Eſ-

Esfuz. Já que estaõ secreta, saberás, que eu sou o Principe Tezeo, sobre quem cahio a sórte, (ou o azar, para melhor dizer) de ser alimento do Minotauro: eu para escapar desta comichaõ, me ajustey por huma grande somma de dinheiro com hum criado meu, chamado Esfuziote, para que dissesse, que era eu, e désse a vida por mim; e como o criado me queria bem, naõ foy difficil o morrer por mim.

Taram. E ha homens, que se mataõ por dinheiro.

Esfuz. Filha, todos morrem por dinheiro. Em fim trocámos os vestidos, e os nomes; pois elle morre com o nome de Tezeo, e eu vivo com o de Esfuziote.

Taram. Ay Senhor, Vossa Alteza, sendo quem he, quer casar com huma rascoa, podendo empregarse em huma Princeza? *Ajoelha.*

Esfuz. Levantaivos: prometti a Venus em huma tempestade, que tive, casar com a primeira mulher, que visse em terra, que fosse tu, se acaso te lembra hum beliscaõ, que te dey hoje, vindo tu dançando por esses bosques.

Taram. Ay, he verdade; basta, que soy V. Alteza? *Et-*

Esfuz. Fuy eu, que te quiz marcar com a unha, para a todo o tempo te conhecer; pois que dizes? Eſtá juſto o teu amor, ou ainda pecca em alguma deſconfiança?

Taram. Senhor, tudo eſtá muito bem; mas Venus me diſſe, que havia ſer meu marido hum vivo morto, e Voſſa Alteza naõ he morto vivo.

Esfuz. Iſſo he o que te parece; queres ver como eu ſou eſſe, que te diſſe a Deoſa? Ora attende.

SONETO.

Eu ſou, ò Taramella, o vivo morto.
Que por ti me imagino morto, e vivo;
Mas naõ cuides, que vivo, porque vivo,
Pois ainda que vivo, vivo morto:
Na cova de hum deſdem me enterras morto,
No aceno de hum favor me alentas vivo,
Se me affagas, deſperto como vivo,
Se te agaſtas, eſfrio como morto:
Neſta batalha, pois, de morto, e vivo,
Na vida de hum favor me alentas morto,
Na morte de hum deſdem me matas vivo.
Sou em fim, morto vivo, e vivo morto,
Se qual Fenix nas cinzas, quando vivo,
Maripoſa nas chammas, quando morto.

Taram. Já ſey, que Voſſa Alteza he o vivo,

vo, e morto, que me diſſe a Deoſa; mas como caſa por voto, e naõ por amor, ſerá o ſeu matrimonio mais por força, que por vontade.

Esfuz. Taramella, no amor toda a vontade he forçada; pois quem por ſeu goſto ha de appetecer os ſopapos de Cupido, e os pontapés de Venus, que para adorno do ſeu rigor fazem galla da tyrannia, e gallacé do martyrio?

Taram. Para que ſocegue a minha deſconfiança, e acredite o ſeu amor, meta Voſſa Alteza a maõ naquelle fogo de Amor, no qual ſe experimenta dos amantes a conſtancia; ſeſa chamma o naõ abrazar, reconhecerey, que me quer bem, e quando naõ, he certo, que quem ſe queima alhos come, que eſſa he a virtude eſpecial daquelle fogo.

Esfuz. E que tem o amor com os alhos?

Taram. Naõ vê, que o alho deſtroe a virtude do Iman, que he o ſymbolo do amor?

Esfuz. Iſſo he couſa de Poetas; mas ſe queres, que pelo meu amor meta a maõ neſſe fogo, eu o farey, que ſe elle naõ abraza a quem ama, ſeguro eſtou de offenderme o ſeu incendio.

Taram. Ora vá, e naõ trema.

Can-

Cattaõ Esfuziote, e Taramella a seguinte

ARIA A DUO.

Taram. Meta a maõ na chamma ardente,
E verey o seu amor.
Esfuz. Tu verás como valente
Naõ me abraza o seu ardor;
Mas ay, que me abrazo! *Mete a maõ.*
Mas ay, que me queimo!
Taram. Assopra.
Esfuz. Eu assopro.
Taram. Vá-se dahi,
Já sey me naõ ama.
Esfuz. Se vês, que me inflammo,
Por isso te amo.
Ambos. E se acaso ainda o duvidas,
Este *fogo* to dirá.
Taram. Já tenho entendido,
Esfuz. Já tenho alcançado,
Taram. Que o cego Cupido,
Esfuz. Que o monstro vendado,
Ambos. *Ahi* naõ está.

Esfuz. quando falla em fogo aponta para o seu peito, e Taram. para a pyra.

Na palavra ahi aponta Taram. para o peito de Esfuz. e este para a pyra.

Sabe Sanguixuga.

Sang. Tambem este murro to dirá, desavergonhada, louca, furada do miollo; tu aqui cantando só hum Duo com hum machacaz? Ay mofinos sessenta e tres annos!

Taram. Minha tia, naõ se agaste, que mal sabe o que vay.

Sang. Que vay, nem que vem? Que fazias ahi dando à taramella com eſſe magano?

Taram. Ay que blasfemia! Naõ diga tal, que mal ſabe quem alli eſtá.

Esfuz. Sempre hey de encontrar com velhas! He bom fadario!

Sang. Pois dize-me, que homem he eſſe?

Taram. He hum homem grande; nós fallaremos mais de vagar.

Sang. Homem grande he beſta de páo, e tu es beſta em carne, que te deixas enganar de ſemelhantes velhacos.

Esfuz. Que he iſſo, Taramella?

Taram. Senhor, he minha tia, que ſe vem pôr aos pés de voſſa Alteza. Tia, faça o que lhe digo, que naõ ſabe a fortuna, que nos eſpera. *à part.*

Sang. Senhor, Voſſa alteza dê-me os ſeus pés.

Esfuz. Se vos der os meus pés, ficareis com quatro.

Sang. Senhor, Voſſa Alteza releve a minha deſattençaõ, que eu o naõ conheceia.

Esfuz. Naõ vos culpo o naõ conhecerme, que nós os Principes naõ temos ſobreſcrito; e ainda que o tivera, como naõ ſabeis ler, naõ podieis ſoletrar no alfabeto

beto de minha peſſoa os caracteres de minha nobreza: levantaivos: como vos chamais?

Sang. Sanguixuga, meu Senhor.

Esfuz. Sanguixuga? Naõ vos peze, que em certa parte valereis muito.

Sang. Iſſo ſaõ favores, que Voſſa Alteza me faz.

Esfuz. Pois ficaivos embora; e dizey a voſſa ſobrinha, que vos participe o bem, que lhe eſpera: guarday ſegredo, que a vós tambem vos caſarey com o meu Embaixador, para que a voſſa deſcendencia ſaya à luz.

Sang. Ay Senhor, eu já ſou quinquagenaria, e naõ ſey ſe poderey caſar.

Esfuz. A'gora, ainda eſtais capaz de romper humas ſólas; e no caſo que vos ſeja neceſſaria menos idade, eu vos mandarey paſſar huma proviſaõ, para que tenhais ſómente quinze annos. *Vaiſe.*

Sang. Rapariga, que diabo he iſto? Conta-me, que eſtou confuſa.

Taram. Senhora, aqui naõ he lugar diſſo; vamos para caſa, que lá ſaberá couſas nunca viſtas. *Vaõ-ſe.*

SCENA III.

Camera. Sahe Fedra.

Fedra. DEpois que no templo vi ao Principe Tezeo, naõ sey, que doce attractivo se occulta em sua pessoa, que por mais que o desvie do pensamento, me penetra o coraçaõ! Oh ninguem estranhe os precipicios de amor, que do mais isento peito sabe triunfar! E pois me considero amante, bem he, que defenda a sua vida.

Sahe Lidoro.

Lidor. Já que as incriveis finezas de meu extremo lamentaõ os desprezos de Ariadna, recorrerey ao ultimo artificio de amor, que he abrandar o seu desdém com outro desdém; para o que me quero declarar amante de Fedra. Mas ella aqui está.

Fedra. Lidoro, que profunda tristeza vos penaliza? Por ventura minha irmã naõ merece jubilos em vosso coraçaõ?

Lidor. Bem he verdade, Senhora, que quando cheguey a esta Corte de Creta a pretender esposa na Regia estirpe de Minos, vosso pay, por achar ao Principe de Chipre pretendendo a vossa bel-

leza,

leza, foy preciſo por naõ deſgoſtar ao principe no ſeu empenho, ſervir eu a Ariadna; porém como eſte rendimento era mais hypocriſia da politica, que rendimento de hum verdadeiro culto, ſempre ardeo impura a victima, e violento o ſacrificio; porque o meſmo ſuſpiro, que o incendia, era parociſmo, que o aniquilava: e aſſim, galharda Fedra, ſe até aqui viveo opprimida a minha inclinaçaõ a violencias de hum reſpeito, agora que impaciente a minha dôr rompe o reverente ſilencio, deſejara; naõ que me premiaſſeis a minha fineza, mas ſim que recebeſſeis o tributo de minhas adorações.

Fedra. Cuido, Lidoro, que o voſſo amor degenerou em loucura.

Sahe Ariadna ao baſtidor.

Ariad. Verey ſe encontro a Tezeo. Mas aqui eſtá Fedra com Lidoro: eſperarey, que ſe vaõ.

Lidor. Só a vós, galharda Fedra, conſagro os finos ardores de meu peito.

Fedra. Ainda que me fora licito acreditar eſſa fineza, como toda a Corte ſabe, que publicamente ſervis a Ariadna, ſeria indecente deſattençaõ correſponder eu a hum amante de minha irmã.

Ariad.

Ariad. Que ouço! Lidoro pretende a Fedra? Se eu lhe tivera amor, motivo havia para ter zelos.

Lidor. O moſtrarme algum dia amante de Ariadna pode-ſe emendar com algum pretexto de razaõ de eſtado, que nos Principes he licito o variar de intentos; pois ſempre ſe doura a deſattençaõ com o intereſſe da Monarquia. Mas cuido, que ahi veyo Ariadna: eu me retiro, Senhora, para que vejais, que ſó na voſſa viſta me elevo.

Eſconde-ſe Lidoro junto ao baſtidor, e ſahe Ariadna.

Ariad. Agora verá Lidoro, ſe ſey vingar os meus deſprezos.

Sahe Tebandro ao baſtidor.

Teband. Vou receber de Fedra o ultimo deſengano. Mas com Ariadna eſtá; eu me retiro.

Ariad. Como na monarquia do amor o intereſſe ſabe dourar deſattenções, por eſſe motivo me animo a dizerte, que como ſey deſdenhas ao Principe Tebandro, e eu tambem por natural antipatía aborreço a Lidoro, que troquemos os amantes, para que na mudança dos ſujeitos mude tambem o coraçaõ de affectos.

Lidor. Ah tyranna inimiga, naõ ſem cauſa crnõ os teus deſvios! Te-

Teband. Ariadna me favorece, naõ ſerá deſacerto vingarme de Fedra.

Ariad. Só deſſa ſórte ſerá ditoſo o noſſo hymenêo. Fedra, que dizes?

Fedra. Eu naõ troco a quem adoro por nenhum outro amante; pois vivo taõ ſatisfeita com o meu amor, que naõ acho outro equivalente, que o poſſa recompenſar. Ay Tezeo, ſó a ti ſe dirigem os mudos ſuſpiros de meu peito. *à part.*

Teband. Alma, reſpiremos.

Lidor. Quem vira o ſeu amor taõ premiado!

Ariad. Se ſey déſprezas a Tebandro, para que affectas eſſe carinho, ſó para que naõ tenha a fortuna de verme querida delle? Olha, que em Lidoro acharás melhores finezas.

Fedra. Porque deſprezas a quem te ſabe amar?

Ariad. Porque naõ ſey amar a quem aborreço.

Lidor. Já-me falta o ſoffrimento; vou-me, antes que me acabe a deſeſperaçaõ.

Vaiſe.

Fedra. Se tu naõ pódes amar a quem aborreces, eu naõ poſſo aborrecer a quem amo.

Can-

Canta Fedra a seguinte.

ARIA.

Querendo a quem amo,
Naõ busco mais gloria,
Naõ quero outro amor.
No bem, que me inflammo
Consegue a memoria
Triunfo mayor. *Quer irse.*

Sahe Tebandro.

Teband. Espera constante Fedra; deixa, que rendido ao bello simulacro de tua Deidade, consagre adoraçõens quem se acha favorecido dos teus agrados.

Fedra. Naõ sey, que cousa vos motiva a esse rendimento?

Teband. O ver correspondida a minha fineza.

Fedra. Que quer dizer correspondida a vossa fineza? Se eu entendera, que o meu coraçaõ era capaz desse sentimento, o arrancara de meu peito.

Teband. Parece improprio esse desdem à vista da confissaõ, que agora fizestes.

Fedra. Quando as vozes se encontraõ com os affectos, melhor he crer a estes, do que àquellas. *Vaise.*

Sahe Lidoro ao bastidor.

Lid. Impaciente em nenhuma parte socego. Mas que vejo! Tebandro com

Ariad-

Ariadna? Obſervarey o ſeu intento.

Teband. Quem vio, Ariadna, o ſeu amor em mayor confuſaõ! Já naõ quero amar a huma ingrata, que me offende; e pois ſey, que para o teu agrado prefere à minha fortuna a de Lidoro, quero ſeguir as luzes de teu eſplendor, já que propicios allumiaõ a eſféra de meu peito, e aſſim. . . . .

Ariad. Muito me offendeis neſſe vil conceito, que de mim formais; pois a ſer poſſivel, que a chamma do amor ardeſſe em meu peito, naõ ſerieis vós a cauſa deſſe incendio; pois naquelle, que me *idolatra*, ſobraõ motivos para o meu rendimento. Ay Tezeo, ſó a tua fineza ſerá premiada. *à part.*

Lidor. Coraçaõ, torna a reviver.

Teband. Pois vós meſma naõ diſſeſtes a Fedra, que na mudança dos ſujeitos mudaria o coraçaõ de affectos?

Ariad. Se vedes agora contrarios eſſes affectos, crede aos olhos, e naõ aos ouvidos.

Teband. Já ſey, que deſenganado, ſó amarey a minha morte. Oh louco amor, que neſcio he, quem ſe fia das tuas inconſtancias! *Vaiſe.*

Sa-

Sahe Lidoro.

Lidor. Já sey, Ariadna, que naõ sou taõ infeliz, como imaginava; e supposto me considere sem meritos, para alcançar teus soberanos favores, a tua piedade, compadecida do meu tormento, já me coroa triunfante dos teus repudios.

Ariad. Lidoro, como enfermais de amante, sem duvida essa idéa será delirio da fantasia.

Lidor. Parece incompativel esse desvio, e aquella expressaõ; pois affirmastes, que naquelle, que vos adorava, (que já se vê, que sou eu) sobravaõ motivos para o vosso rendimento.

Ariad. Naõ ha duvida, que o meu amor confessa rendimentos, e por isso como rendido vive prisioneiro de hum desdém, que he o que só triunfa na batalha da vossa porfia.

Lidor. Ah tyranna, cruel, inimiga, naõ era melhor deixar-*t*, que a contingencia da fortuna mudasse o teu rigor, e naõ com o desengano sepultar a viva constancia da minha fé?

Ariad. Naõ, que a vossa porfia só se desvanece com hum total desengano.

Lidor. Já que desenganado morro às violencias

lencias deſſe nunca viſto rigor, naõ eſtranheis os delirios da minha magoa nos ultimos periodos da minha vida.

Canta Lidoro a ſeguinte.

ARIA.

Já que eu morro, ò féra Hircana,
Sem remedio a teus rigores,
Impaciente, louco, amante,
Delirante,
Com gemidos, e clamores,
De ti aos Ceos me hey de queixar.
A minha alma, vaga, errante,
Naõ te aſſuſtes, quando a vires,
Que por mais que te retires,
Te ha de ſempre acompanhar. *Vaiſe.*

Ariad. Ninguem pretenda violentar a vontade, quando vive ligada às violencias de outro amor. Ay Tezeo, que as noſſas vidas ambas ſe conſideraõ tributarias, ſe a tua ao Minotauro, a minha ao amor!

Sahe Eſfuziote com hum papel na maõ, e ajoelha.

Eſfuz. Deos vá comigo: Senhora, hum requerente da ſua vida vem hoje a pretender no Tribunal de voſſa piedade a renovaçaõ de mais vidas em hum prazo foreiro à morte, que o querem julgar por devoluto ao Minotauro, que intenta

ta ſer o direito Senhorio deſta vida ; ſe Voſſa Alteza , Senhora , me alcanç a ſupervivencia , eu lhe pagarey o for da conſciencia com o laudemio de mi louvores.

Ariad. Levantaivos ; que he o que que reis ?

Esfuz. Eſte murmurial o dirá.

Ariad. Lede-o vós meſmo.

Esfuz. Pois já que eu ſou o pio leitor , ſeja Voſſa Alteza a piedoſa ouvinte.

DECIMA.

Diz hum pobre Esfuziote
Condemnado a naõ ter vida,
Que certa morte atrevida
Lhe quer pregar hum calóte:
Que pois naõ he D. Quixóte
Para acçõés deſta relé,
Pede humildemente que,
Antes que morra em taes damnos,
Lhe dem de vida cem annos,
E receberá mercê.

Ariad. Supponho que ſois a quem o Embaixador de Athenas offereceo a ElRey meu pay para completares o numero dos ſete do tributo.

Esfuz. Sim, Senhora, eu ſou o proprio , a quem impropriamente o Embaixador, que

que o diabo o leve, me malſinou a Sua Mageſtade, que Deos guarde.

Ariad. O Embaixador naõ andou bem.

Eſfuz. Como havia de andar bem, ſe elle he zambro; pois naõ ſendo eu nenhum dos ſete, ſobre quem cahio a ſórte, como quer deſta ſórte trocar a minha ſórte, pois iſto ſe naõ deve fazer de nenhuma ſórte?

Ariad. E vós a que vieſtes a Creta?

Eſfuz. Vim acompanhando ao Principe Tezeo.

Ariad. Sois ſeu criado?

Eſfuz. Algo mas, ſou ſeu gentilhomem, e *às vezes* em caſo de neceſſidade ſirvo de camareiro.

Ariad. Na verdade que ſinto muito a deſgraça de Tezeo.

Eſfuz. Mais a ſente elle; porém parece que elle naõ ſente tanto a morte, como outra couſa, que diz tem atraveſſada na garganta como eſpinha de caçaõ.

Ariad. Que couſa póde haver, que ſinta mais, que o morrer?

Eſfuz. Segundo o que lhe ouvi dizer hum dia, parece, que hum menino cego, e nú, peſpegou-lhe com huma ſetta no coraçaõ, que o partio de meyo a meyo; e eſte golpe, por lhe ter chegado ao vivo, o tem quaſi morto.

Ariad.

Ariad. Pelo que dizes, Tezeo padece mal de amor.

Esfuz. Naõ Senhora; eu cuido, que h mal de Ariadna, pois sempre o ouv queixar: ay Ariadna, que me matafte ay Ariadna, que me fizefte, e aconte ceſte: com que Ariadna he o ſeu mal e naõ o Amor.

Ariad. Pois dizey a Tezeo, que eſſa Ariadna..... *Vay andando.*

Esfuz. O que hey de dizer, Senhora?

Ariad. Mas naõ, naõ lhe digais nada.

Esfuz. Sim, Senhora, eu lhe direy iſſo: porém, Senhora, terá deſpacho o meu memorial?

Ariad. Baſta ſeres criado de Tezeo, para vos apadrinhar.

Esfuz. Ora naõ ſe eſqueça de ſer minha madrinha neſte negocio.

Ariad. Ouves tu, dize a Tezeo, que naõ he elle ſó, o que.... mas naõ, naõ digas nada. Louco amor, naõ me precipites. *à parte.* *Vaiſe.*

Esfuz. Que caſta de recado he eſte: Dize a Tezeo, naõ digas nada a Tezeo; a mim me mellem ſe o nada deſta Infanta naõ he alguma couſa, e ſenaõ, quem viver, verá.

Sahem Taramella, *e Sanguixuga.*

Taram. Senhor Tezeo.

Esfuz. Tá, tá, Taramella, naõ me chames Tezeo, tanto às claras, que no Paço até as paredes tem ouvidos; trata-me por Esfuziote, em ordem a mayor disfarce.

Sang. Meu Senhor, esta rapariga tem o miollo muito leve, por isso naõ peza o que diz; e Vossa Alteza (perdoe-me) fez muito mal em communicarlhe segredo de tanta suppoſiçaõ.

Esfuz. Olhe tia.

Sang. Ay Senhor, eu tia de Vossa Alteza! Quem sou eu para tanta dignidade?

Esfuz. Naõ posso tirarlhe o gráo, que por affinidade lhe pertence.

Sang. Serey o que Vossa Alteza for servido.

Esfuz. Mas, tia, como hia dizendo, naõ pude deixar de communicar a Taramella a minha regia prosapia; que quem ama de véras, naõ sabe mentir.

Taram. Pois, Senhor, he possivel, que eu de criada hey de passar a Princeza?

Esfuz. E naõ he peyor passar de Princeza a criada? Pois sabe, que dessas monstrosidades se achaõ nas historias; mas com tua licença havemos mudar este nome de

de Taramella, que naõ he decente para huma Princeza de Athenas, pois taramella he couſa que anda por portas, e naõ por thronos.

Sang. Tudo ſe fará: mas diga-me, Senhor: já Voſſa Alteza diſſe ao Embaixador, que eu havia de caſar com elle?

Esfuz. Sim, ſim, já lho inſinuey, e o Embaixador, vendo que era goſto meu eſte ſanguixugal matrimonio, diſſe, que eſtava prompto; com que em o vendo, falle-lhe na materia.

Sang. Uy Senhor, pois eu, ſendo mulher, hey de fallar primeiro a hum homem em caſar? Appello eu por mim!

Esfuz. Naõ ſe lhe dê diſſo, que o tal Embaixador he meſmo acanhado de ſi, curto dos nós, e vergonhoſo. Ao menos naõ ſe livrará o Embaixador do Minotauro deſta velha. *à part.*

Taram. Tornando ao noſſo intento, digo, Senhor, que já me tomara ver neſſas limpezas, para ver ſe Fedra, e Ariadna ſaõ melhores do que eu.

Esfuz. E talvez, que então tu as naõ queiras por tuas criadas.

Taram. Eſſa meſma grandeza me faz deſconfiar da ſua palavra.

Sang. Uy tolla, tu chegas a dizer, que deſ-

desconfias da palavra de hum Principe? Senhor, releve, que saõ raparigas, que cuidaõ que o mesmo saõ alhos, que bugalhos.

Esfuz. Já he costume nas senhoras mulheres cuidarem, que os homens sempre as enganaõ: pois para que vejas, que mais depressa faltará agua no mar, do que amor em meu peito, quero praguejarme, que he o verdadeiro juramento dos amantes.

Canta Esfuziote a seguinte.

ARIA.

Se cuidas, menina,
Que eu seja perjuro,
Pois olha, eu te juro,
Hum rayo me parta,
Me abraze hum corisco,
O diabo me leve,
Se eu falso te for.
Mas ay, Taramella,
Se es linda, se es bella,
Terás em meu peito
Seguro o amor. *Vaise.*

Sahe Licas Embaixador.

Licas. Viste a Tezeo por aqui?

Sang. Ainda agora daqui se vai.... Naõ he despeciendo o meu futuro noivo! *àp.*

Licas. Vou a fallarlhe, que importa.

Taram. Eſpere, Senhor, que minha *tia* tem que lhe dizer couſa de importancia: falle, tia.

Sang. Ay rapariga, deixa-me tomar o folego, que eſtou embaçada.

Licas. Diga depreſſa, que naõ tenho muito vagar.

Sang. De ſórte Senhor, que eu bem ſey, que naõ ſou capaz de ſer ſua criada.

Licas. Que mais?

Sang. Que mais hey de dizer? Voſſa Senhoria naõ me entende já o que quero dizer?

Taram. Ora Senhor, naõ ſeja acanhado, que iſſo he naõ ſer homem.

Licas. Que dizem, que as naõ entendo?

Sang. Naõ ſe faça agora moquenco, já ſabemos que he curto dos nós.

Taram. Naõ disfarce o negocio; naõ ſeja vergonhoſo.

Licas. Eſtá galante hiſtoria! Que he o que querem de mim?

Sang. O matrimonio.

Licas. Que matrimonio? Que he iſſo?

Sang. Faça-ſe agora de novas.

Licas. Deixem-me, doidas, que diabo querem?

Sang. *Taram.* O matrimonio.

Licas. Eſtas mulheres eſtaõ loucas; vaõ-ſe já

já, naõ me perſigaõ. *Vaiſe.*

Sang. *Taram.* O matrimonio, Senhor Embaixador, o matrimonio. *Vaõ-ſe.*

SCENA IV.

Gabinete. Sahe Tezeo.

Tezeo. AGora acabo de conhecer, que he o amor mais valente, do que a morte, pois quando por inſtantes me ſepára a furia do Minotauro, vence na minha memoria mais a tyrannia do amor, que o imaginado eſtrago da ſua crueldade. May ay, ſoberana Ariadna, *quanto* ſinto, que a cruel Parca corte o vital alento da minha vida, pois quizera eternizar a minha fineza a pezar da meſma morte!

Sahe Fedra.

Fedra. Invicto, e ſempre eſclarecido Tezeo, cujo valor, depois de ſer adorado ſuſto do Orbe, paſſou a dominar as furias do Cocito; commovida a minha piedade de que taõ generoſo alento ſeja infeliz deſpojo deſſa féra, intenta ſalvar a voſſa vida.

Tezeo. Galharda Fedra, ſe eu nas infelicidades ſou taõ venturoſo, devo eſtimar a minha deſgraça.

Sahe Ariadna ao baſtidor.

Ariad. Aqui Fedra, e Tezeo? Ay de mim que já o coraçaõ começa a temer!

Fedra. Para triunfardes pois deſſe invencivel monſtro, darvos-hey huma certa confeiçaõ compoſta de taõ activo veneno, que ao minimo contacto do Minotauro fique proſtrada a ſua furia, lem que vos poſſa offender o ſeu furor.

Ariad. Aquella fineza he mais que piedade: zelos, naõ vos declareis, que ainda me naõ convem moſtrarme amante.

Tezeo. Que recompenſa poderey achar em mim, que poſſa ſer igual à voſſa generoſidade? Eſta vida, Senhora, de cujos alentos ſois tutelar divindade, vereis que como milagre do agradecimento a dedicarey nas aras da voſſa belleza.

Ariad. Ah falſo amante, naõ te quizera agradecido.

Fedra. Naõ quero outra recompenſa mais, que vos lembreis de naõ ſer ingrato a quem expoem a ſua vida, por redemir a voſſa. *Vaiſe.*

Tezeo. Quem vira eſte amor em Ariadna, ou a ſua belleza em Fedra!

Sahe Ariadna.

Ariad. Principe, como para a iſençaõ da morte naõ baſta ſó vencer o Minotauro,

ro, pois sempre ficareis prezo no enleyo do Labyrintho, e para que com a fuga completeis essa fortuna, quero prevenir o remedio da vossa liberdade.

Tezeo. Ariadna sem duvida sabe o intento de Fedra *à part.* Senhora, se Fedra compassiva da minha desgraça.....

Ariad. Para que me contais, o que eu sey?

Tezeo. Foy preciso, que agradecido....

Ariad. Já sey, que agradecido vos mostrastes à sua fineza.

Tezeo. Porém, Senhora, nunca o meu amor.....

Ariad. Naõ tendes, que satisfazerme: naõ sabeis quanto me agrada saber, que sois agradecido, nem em vossa pessoa cabiaõ desattençoẽs; e para que tambem eu o seja na vida, que me déstes, quero darvos a liberdade; para o que atareis na porta do Labyrintho hum fio, que sendo farol naquelle pelago de confusoẽs, vos conduzirá à liberdade, e com ella podereis tornar para Athenas vossa Patria.

Tezeo. Se cuidais que com a liberdade hey de perdervos dos meus olhos, nunca sahirey do Labyrintho, que ao menos em Créta naõ vivo desterrado da vossa vista.

Ariad. Pois eu acaso habito no Labyrintho,

tho, para que nelle me poſſais ver ?

Tezeo. Se vos naõ encontrar no Labyrintho de Creta, ſempre vos acharey no labyrintho do amor.

Ariad. Muito tendes adiantado o voſſo penſamento; naõ cuideis, que como amante vos proponho a induſtria do fio para a voſſa liberdade; pois ſó o faço obrigada ao juramento, que dey, de ſalvar a voſſa vida, agradecida à que me déſtes.

Tezeo. Pois, Ariadna, ſe o intento de redemirme he ſó como agradecida, e naõ como amante, proteſto às ſupremas Deidades deſſe ſoberano Empyrêo, que já naõ quero meyos de ſalvar a vida, e a liberdade; pois ſem a certeza da voſſa correſpondencia, nem liberdade, nem vida quero.

Canta Tezeo a ſeguinte.

ARIA.

Na magoa, que ſinto,
No mal, que padeço,
A vida aborreço;
Que afflicto, e confuſo,
Mayor labyrintho
Encontro no amor.
Naõ temo eſſe monſtro,
Que horrivel me eſpera;
Só temo eſſa féra

Cruel

Cruel tyrannia
De tanto rigor. *Vaiſe.*

Ariad. Eſpera, Tezeo, que ſe o meu rigor te precipita, a minha fineza te livrará. *Vaiſe.*

SCENA V.

Sala Regia. Sahe ElRey.

Rey. AGora fim, reſpire alegre o meu coraçaõ, pois que hum Principe de Athenas he hoje o tributo do Minotauro: finta Athenas a pena de Taliaõ, que ſe aleivoſamente conſpirou contra a vida de meu filho Androgeo, bem he que Creta ſe arme vingativa contra Tezeo.

Dentro. Peguem nelle, peguem nelle.

Sahe Eſfuziote.

Eſfuz. Senhor, Voſſa Mageſtade me valha

Rey. Que tens? que te ſuccedeo? e de quem foges?

Eſfuz. Fujo de Voſſa Mageſtade.

Rey. Se foges de mim, como vens para mim?

Eſfuz. Porque fujo de Voſſa Mageſtade juſticeira para Voſſa Mageſtade commiſerante; fujo da juſtiça para refugiar-me na miſericordia. *Rey.*

Rey. Que te ſuccedeo?

Eſfuz. Que ha de ſer? Deraõ em dizer, que eu era hum dos ſete peccados mortaes, que vinha para o inferno do Labyrintho a ſer comido do diabo do Minotauro, e ſem que me valeſſe o ſagrado de palacio, quizeraõ levarme à força, *& invito domino*, quando ſey que Voſſa Mageſtade naõ quer que ſe force ninguem.

Rey. Ainda que ſegundo o pacteado com Athenas naõ devera receber menos numero, que o de ſete mancebos; com tudo eſta vez quero diſpenſar na ley para comtigo a inſtancias de minha filha Ariadna, a quem hoje deves a vida.

Eſfuz. Naõ ſabe quanto folgo com eſſa noticia; naõ por mim, que naõ temo a morte, por naõ eſtar muito contente da minha vida; ſenaõ por quebrar a caſtanha na boca a muita gente.

Rey. Porém entendaõ os Athenienſes, que para o anno haõ de ſer oito os do tributo.

Eſfuz. Sim, Senhor, e fará Voſſa Mageſtade muito bem; porém Voſſa Mageſtade ſem eſperar para o anno que vem, póde agora meſmo completar o numero dos ſete.

Rey.

Rey. De que ſórte ?

Eſfuz. Mandando Voſſa Mageſtade, que o Embaixador ſuppra eſta falta, que como tem grande cabeça, e muíta carne no cachaço, terá o monſtro que roer.

Rey. Os Embaixadores pelo direito das gentes gozaõ de inviolavel immunidade.

Eſfuz. Pois Senhor, em minha conſciencia acho, que ſó o Embaixador era capaz de deſempenhar aquelle lugar, que pelo ſeu bom modo até com a morte havia de ter bons termos.

Rey. E tu ſe naõ quizeres ir para Athenas, poderás ficar em Creta ſervindo-*me em* palacio.

Eſfuz. Aceito o favor de Voſſa Mageſtade; e já que em palacio fico, tomara ter algum emprego, que cá ſe me caſaſſe com o genio; que quando a occupaçaõ he forçada, até o palacio he galé.

Rey. Elege tu a occupaçaõ, que queres, igual à tua eſféra.

Eſfuz. Como ſou reſpondaõ, quizera ſer repoſteiro.

Tocaõ caixas deſtemperadas.

Rey. Mas que triſte, e confuſo ſom rompe a vaga raridade dos ventos ?

Eſfuz. He hum moço, que eſtá aprendendo a tambor.

Sa-

Sahem Lidoro, e Tebandro.

Rey. Lidoro, e Tebandro, que he iſto ?

Lidor. He chegada a occaſiaõ de ſer o Principe Tezeo conduzido ao Labyrintho.

Teband. E certamente, que o Principe naõ he merecedor de ſemelhante infortunio

Rey. Naõ vos compadeçais de Tezeo, que al fim he Athenienſe.

Esfuz. Ay pobre Tezeo, tomaras tu ſer Esfuziote neſta hora.

Sahe Fedra.

Fedra. Como a Tezeo já entreguey o remedio da ſua vida, naõ quero perder os inſtantes de vello. *à part.*

Sahe Ariadna.

Ariad. Como Tezeo já tem o fio, com a qual ſe ha de livrar do Labyrintho, venho ſem ſuſto notar a afflicçaõ do ſeu ſentimento.

Sahe Licas, e da porta diz o que ſe ſegue.

Licas. Entre ſó Tezeo, e fiquem os mais eſperando até a ultima reſoluçaõ delRey.

Rey. Eſtaõ promptos eſſes infelices, para ſerem conduzidos ao Labyrintho?

Licas. Sim, Senhor, que nunca foy remiſſa a noſſa obediencia.

Sahe Tezeo.

Tezeo. Sinto, ò inclyto Rey Minos de Creta, que eſta acçaõ, que parece preciſa

ley

ley do tributo, naõ seja voluntario feudo do meu affecto, para que mais do que a morte na vida, tenha imperio a vontade na obediencia.

Esfuz. Aquillo he fazer da necessidade virtude. *à part.*

Rey. Sempre os Athenienses foraõ mais loquazes, que fieis. Tezeo, o sangue de Androgeo em purpureas linguas está pedindo vingança contra as vossas aleivosias, e assim naõ espereis remedio na vossa desgraça.

Lidor. Senhor, Vossa Magestade se compadeça de Tezeo, que al fim o alenta o regio esplendor de Principe.

Teband. Adverte, Senhor, que he indigna da Magestade a tyrannia; e assim perdoa a Tezeo.

Rey. Aqui naõ obro como Rey, senaõ como Juiz.

Esfuz. Eu bem sey, que se pedisse a ElRey por Tezeo, que o havia de perdoar, mas naõ quero darlhe essa confiança. *à p.*

Fedra. Ainda sendo fingida aquella humildade em Tezeo, he em mim verdadeiro o pezar. *à part.*

Ariad. Parece realidade o seu fingimento. *à part.*

Licas. Rey, e Senhor, se o motivo desse im-

implacavel rigor he o eſparsîdo ſangue de Androgeo, vede, que o naõ reſuſcitais com a morte de Tezeo; e mais quando a clemencia nos Principes he attributo inſeparavel da ſua grandeza: perdoa, Senhor, a Tezeo, que tambem o perdaõ he hum generoſo modo de caſtigar.

Rey. Inutil he o voſo requerimento.

Tezeo. He definitiva eſſa ſentença?

Rey. E naõ ha mais para onde apellar. O' lá, levay a Tezeo, e a eſſes miſeros companheiros ao Labyrintho, para ſerem deſpojos do Minotauro.

Licas. Pois ſabe, tyranno Rey, que Athenas tomará cruel vingança da tua crueldade, reduzindo a Creta à ultima ruina. *Vaiſe.*

Rey. A mim com ameaços? Se naõ foras Embaixador, pagarias com a vida eſſe atrevimento.

Eſfuz. Era bem feito, que ElRey o mandaſſe eſquartejar. *à part.*

Lidor. O Embaixador fallou com inſolencia.

Tebano. Sinto, Senhor, ver ultrajado o teu reſpeito.

Rey. Por iſſo meſmo ſerá Tezeo conduzido ao Labyrintho, para o Minotauro o devorar.

Tezeo. Naõ cuides, tyranno Monarca, que has de ultrajar o meu decóro, por me conſiderares reduzido a eſta miſeria, pois em qualquer eſtado ſempre ſou Tezeo, que ſaberey vingar a minha injuria.

Rey. Naõ ſabes, que es meu prizioneiro? Pois como me tratas com tanta ſoberba, ſabendo que te poſſo caſtigar?

Tezeo. E naõ ſabes, que no meu braço conſiſte a tua ruina, e a minha felicidade?

Esfuz. Máo, máo, iſto me vay cheirando a carolo: queira Jupiter que Tezeo naõ faça das ſuas! *à part.*

Ariad. Temo, que Tezeo padeça mayor infortunio. *à part.*

Fedra. Ay de mim, que Tezeo quer deſvanecer o remedio de ſua vida! *à part.*

Lidor. Se atéqui me compadeci de vós, agora crimino a voſſa ſoberba.

Tebald. A naõ eſtares taõ perto da morte, eu deſpicaria a deſattençaõ da Mageſtade.

Rey. Baſta que o Minotauro me vingue, levai-o. *Vaiſe.*

Esfuz. Eu tambem me vou,, antes que me levem por erro. *Vaiſe.*

Tezeo. Ay Ariadna, que por ti reprimo o furor de meu peito! *à part.*

Canta Tezeo o seguinte Recitado, e depois cantaõ as duas Damas, e os dous Principes com Tezeo a Aria.

RECITADO.

Barbaro Rey, eu vou ao Labyrintho,
Mas sabe, que naõ sinto
Essa tyranna morte, que me espera;
Que a ser possivel, descerey à esféra
Desse sulfureo, e rápido Cocyto
E do trifauce monstro a furia incito,
Porque vejaõ, que nada me intimída
Perder a cara vida.
De outro monstro, (ay amor!) só temo a ira,
Que tyranno conspira
Hum veneno taõ forte,
Que ainda por favor concede a morte;
Pois com doce influencia
Faz seja sympathia o que he violencia.
Este monstro de amor, esta chimera
Me horroriza, me assusta, e desespera.

ARIA A 5.

Tezeo. Naõ me acovarda a morte,
Porque he vida
Este modo de morrer.
Lidor. Como intentas dessa sórte.
Sem respeito
Hum decóro assim perder?

Fed.

Fed.Ariad. Que ardor activo, e forte
Em meu peito
Chega amor hoje a incender!
Teband. Se nem da Parca o golpe
Te intimida,
Nada deves de temer.
Tezeo. A morte naõ temo.
Lid.Teb. A morte naõ temes?
Tezeo. Naõ, porque he vida
Este modo de morrer.
Fed.Ariad. A vida desprézas?
Tezeo. Sim, porque he vida
Este modo de morrer.
Todos. Que morte ditosa! Que doce morrer!
Teband. Seu peito arrogante
Lider. No brio, que ostenta,
Fedra. Se a morte o alenta,
Ariad. Se vive na morte,
Tezeo. Quem morre de amante,
Todos. Eterno ha de ser.

PARTE II.

SCENA I.

Camera. Sahe Sanguixuga, e Taramella.

Sang. TAramella, vai-te enſayando para Princeza, toma bem a liçaõ, aprende de Ariadna a ſeveridade, e de Fedra o carinho; que temperar a aſpereza com affagos he a verdadeira maxima do reinar.

Taram. Bofé, tia, que me naõ canſarey com iſſo; porque ſendo Princeza, quer ſeja azeda, quer doce, aſſim me haõ de tragar; porém ſe tal for, que diraõ de mim os murmuradores? Olhem a ranhoſa, ha dous dias mixella, e hoje Senhora de maõ beijada!

Sang. E logo te haõ de deſcozer a geraçaõ; e ao ſom do villaõ tambem eu hey de vir à bailha, pois naõ faltará quem diga: que ſeja poſſivel, que a ſobrinha de huma criſtalleira nos falle já por vidraças! Hontem em chichellos, e hoje em berlinda!

Ta-

Taram. Olhe, tia, por amor deſſes rayos mó quero thronos.

Sang. Ay filha, naõ ſe te dê diſſo, que tambem os Reys tem coſtas; tomara eu cazar com o Embaixador, porque ſendo eu Embaixatriz, direy ao mar que ronque, e ao rio que murmure.

Sahem ao baſtidor cada huma pela ſua parte, Ariadna, e Fedra, e cada huma com huma banda na mão.

Ariad. Amor me deſcubra meyos para o meu intento. Mas alli eſtaõ Taramella, e Sanguixuga; tomara, que me naõ viſſem, por me naõ obſervarem os paſſos.

Fedra. Que importuno encontro! Sanguixuga, e Taramella ſe me vem com a banda, que levo, poderáõ penetrar o meu deſignio; eſperarey que ſe vaõ.

Sang. E que dizes tu, cuidarem todos em Palacio, que o Principe Tezeo he morto, naõ o ſendo? E na verdade que quando às vezes ouço fallar na morte de Tezeo, naõ poſſo ſuffer o rizo.

Taram. A induſtria toda via naõ foy má.

Ariad. Ay de mim, que já ſe ſabe, que Tezeo he vivo!

Fedra. Ay infeliz, que ſabendo-ſe já, que Tezeo naõ he morto, algum damno experimentarey!

Taram. Porém naõ nos dilatemos mais, que as Infantas pódem procurar por nós.

Sang. Pois, rapariga, naõ te deſcuides de bater o matò; tu bem me entendes.

Vaiſe Sanguixuga pela parte donde eſtá Fedra, e eſta a ſegue, depois que diſſer o ſeguinte.

Fedra. Vou a declararme com Sanguixuga para que me guarde ſegredo. *Vaiſe.*

Sahe Ariadna.

Ariad. Já que Taramella ſabe, que Tezeo eſtá vivo, naõ ha mais remedio, que fazer do ladraõ fiel.

Taram. Que terá Ariadna eſtes dias, que anda ſuſpenſa? *à part.*

Ariad. Taramella, como ſey o muito, que me amas, quero fiar de ti hum particular de meu peito, pois ſó tu pódes remediar o meu mal.

Taram. Eſſe conceito merece a lealdade, com que te ſirvo.

Ariad. Deſde que vi a Tezeo, infeliz Principe de Athenas, communicando-me amor pela viſta o ſeu veneno, foy facil me cegaſſe o ſeu precipicio; e aſſim como amante preveni induſtrias, que o podeſſem livrar do Minotauro.

Taram. Quero fazerme ignorante do caſo. *à part.*

Ariad.

Ariad. E como ElRey vanglorioſo de ver vingado o ſangue de Androgeo, meu irmaõ, com a morte de Tezeo, para oſtentaçaõ de ſeu deſafogo tem preparado hoje hum ſaráo, em que havemos de dançar com os Principes, para o que quero, que tambem Tezeo venha a Palacio, pois com o diſfarce da maſcara naõ poderá ſer conhecido; e para que ſó eu o conheça, darlhe-has eſta banda azul para diviſa. *Dá-lhe a banda.*

Taram. Ah tyrannos zelos, que me deixais com a alma a huma banda! *à part.*

Ariad. E como tu, pela continuaçaõ, que tens em hir ao Labyrintho comigo, já ſabes os caminhos, vai-te ao centro delle, e leva a banda a Tezeo, para que venha ao ſaráo eſta noite, e ſaberey agradecerte como merece a tua lealdade. *Vaiſe.*

Taram. Haverá no mundo mulher mais deſgraçada! Quando eu cuidey, que ſó ſabia, que Tezeo era vivo, tambem Ariadna o naõ ignora; e demais a mais namorada delle! Ay como temo, que me tire a fortuna! E ſobre tudo fazerme alcoviteira do meu meſmo amante! Que farey neſte caſo? Se naõ levo o recado, e a banda, encontro as iras de Ariadna; e ſe a levo, atiço mais o ſeu amor; naõ

ſey de que banda me vire. Eu bem pudera com a raiva dos zelos romper a banda em fanicos: Mas naõ quero ſenaõ cara a cara darlhe com a ſua falſidade nos narizes.

Sahem Fedra com huma banda branca na maõ, e Sanguixuga.

Sang. Vai-te daqui, Taramella, que ao depois temos muito que fallar.

Taram. Tambem eu: vou huma vibora. *à part. e vaiſe.*

Fedra. Como tenho dito, libertey a Tezeo da morte; e para que venha ao ſaráo eſta noite, levalhe eſta banda branca, (*dá-lhe a banda*) para que ſaiba, que he o alvo de minhas finezas, e por eſta diviſa o poſſa conhecer. Bem vês, que te conſtituo ſecretaria de meu peito; eſpero, que naõ deſmereças o conceito, que faço da tua prudencia. Já que o ſabe, ao menos tenha preceito para o naõ dizer. *à parte e vaiſe.*

Sang. E para dizerme huma couſa, que eu já ſabia, eſteve fazendo mil eſcarcéos, tomando-me duzentos juramentos. Porém que farey eu agora deſta banda, pois ſe a levo a Tezeo, dou armas contra minha ſobrinha Taramella? Ay, naõ permitta Deos, que eu ſeja traidora ao meu ſangue,

fangue, que primeiro eſtaõ parentes, *do* que dentes.

Sahe Tebandro.

Teband. Sanguixuga, naõ me dirás, porque motivo deſpreza Fedra taõ repetidos extremos do meu amor? Por ventura naõ ſey amar naõ ſó as ſuas perfeiçõeſ, mas ainda os ſeus rigores? Deſengana-me já ſe aquelle deſdem inventa a ſua tyrannia, para apurar a minha fineza, ou para deſenganar a minha conſtancia.

Sang. Senhor Tebandro, naõ ſabe que huma futura noiva ſempre affecta repudios, *deſdenha* carinhos, inculca crueldades, e atropella finezas, e no cabo eſtá deſejando, que já chegue a hora de ſe ver nos braços de ſeu eſpoſo?

Teband. Aquelle deſdem naõ póde ſer apparente; e ſe me naõ dás outra certeza de ſeu amor, hirey ſentir os ſeus deſvios em Chipre; para que lá ſó finta a memoria, e naõ aqui todas as potencias.

Sang. Que me dará Voſſa Alteza, ſe lhe der huma certeza do ſeu amor? Mas eu naõ ſou intereſſeira; agora matarey com hum cajado dous coelhos. *à part.*

Teband. Naõ faças ludibrio de hum deſgraçado.

Sang.

Sang. He taõ verdadeiro o amor de Fedra, que te envia eſta banda, para que entre os maſcaras te poſſa conhecer à noite no ſaráo. *Da-lhe a banda.*

Tebaud. Que dizes? Eu mereço os agrados de Fedra?

Sang. Sabe Deos o que me tem cuſtado pollas em termos de dar a conhecer a ſua inclinaçaõ: mas Voſſa Alteza tudo merece.

Tebaud. Aceita por ora eſta joya, como principio do meu agradecimento.

Sang. Dadivas de Principe naõ ſe rejeitaõ: ora já tenho prenda, que dar ao Embaixador, quando caſarmos; porém Fedra enganada, e o Principe deſvanecido tudo he hum. *à parte e vaiſe.*

Tebaud. Ainda naõ poſſo acreditar a minha ventura, pois quando a tea ardente do Hymenêo já quaſi ſe extinguia aos aſſopros de hum deſengano, vejo que torna a incenderſe com os alentos de hum ſuſpiro. Oh ditoſo eu, que depois dos pezares, alcanço prazeres!

Canta Tebaudro a ſeguinte

ARIA.

O navegante,
Que combatido
De huma tormenta

Logo

Logo experimenta
Quieto o vento
Tranquillo o mar.
Como eu, nem tanto
Se alegra, vendo,
Que vay creſcendo
Minha ventura,
E vay ceſſando
De meu gemido
O ſuſpirar.

SCENA II.

Labyrintho. Sahe Tezeo.

Tezeo. ESta he a ultima eſtancia deſte intrincado Labyrintho, aonde Dedalo fixou a méta a ſeus artificios. Atarey o fio de Ariadna a eſta columna, para que me ſirva de Norte em o pelago de tanto enleyo. Que admiravel edificio! Que variedade de arquitecturas! Que porticos! Que mármores! Que columnas! Aqui toda a confuſaõ alegra, e toda a alegria ſe confunde; pois, equivoco o horror, e a belleza, horroriſa o bello, e deleita o horror, que neſte quadro de luzes, e ſombras, brilhaõ as ſombras, e affombraõ as luzes. Porém Dedalo,

dalo, que ficou de eſperar por mim neſte lugar, ſem duvida arrependido da palavra, ſe quiz aproveitar da mina, que abrio.

Sahe Dedalo da eſcotilha, que eſtará na boca do Theatro.

Dedal. Tezeo, Dedalo naõ falta ao que promette, pois eſcondido te eſperava na boca deſta mina, que vay dar às ribeiras do mar, de donde me viſte ſahir, quando te encontrey.

Tezeo. Vem a meus braços, fiel amigo, e releva-me o errado conceito, que de ti formey: mas quizera ſaber como eſtando eu no centro do Labyrintho, naõ encontro ao Minotauro?

Dedal. Ainda o naõ ſoltariaõ talvez, porque o tal monſtro vive encerrado em hum funeſto carcere, e quando ha victima humana de ſua tyrannia, o ſoltaõ, para que enfurecido venha por dirigido conducto a eſte lugar, que he o campo da batalha do ſeu furor.

Tezeo. Dezejo, que já eſſe monſtro feroz venha a accometterme, que a pezar da ſua voracidade, me verás triunfador.

Dedal. Eu eſtou prompto para ajudarte neſta empreza, e vê ſe queres, que diſcorramos em alguma induſtrioſa maquina,

m, para o venceres, ſem que perigue a tua vida.

Tezeo. Se eu o quizera vencer a meu ſalvo, remedio trago comigo, adminiſtrado por huma Deidade, com o qual ſeguramente poſſo triunfar deſte monſtro; mas naõ intento valerme de extraordinarios remedios, quando no meu braço tenho a defeza da minha vida.

Dedal. Ay, quanto temo, que eſta temeridade ſeja a cauſa de tua ruina!

Tezeo. Naõ temas, que ſempre a fortuna foy companheira da temeridade.

Eſfuziote dentro diz o ſeguinte.

Eſfuz. Em boa eſtou metido! Ay, que naõ atino com a porta! Vamos por aqui: peyor! Vamos por alli: repeyor! Ay miſero Esfuziote, que eſtás quando nada metido nas profundas do Labyrintho, e a cada paſſo me parece, que encontro o Minotauro!

Tezeo. Alli cuido, que diſſeraõ Minotauro.

Dedal. E paſſos tambem ouvi: ſem duvida já o ſoltariaõ. Tezeo, outra vez te requeiro, te naõ exponhas a taõ evidente perigo; e ſe para o vencer tens o favor deſſa Deidade, (já que te naõ queres valer do meu) naõ pereças como temerario;

rario; guarda o teu valor, para mais heroica façanha.

Tezeo. Mais val morrer valente, que viver cobarde: retira-te tu, que eu com ſubito furor ſem mais armas, que os meus braços, vencerey eſſa féra.

Sahe Esfuziote.

Esfuz. Vamos por aqui, ſaya o que ſahir.

Eſconde-ſe Dedalo: poem-ſe Tezeo a traz do baſtidor, por onde ſahirá Esfuziote com a cara para o povo; e ao ſahir, Tezeo o inveſte repentinamente, e luta com elle.

Tezeo. Morrerás, ò monſtro, deſpedaçado em meus braços.

Esfuz. Ay de mim, que cahi nas garras do Minotauro! Quem me acode!

Tezeo. Eſte he Esfuziote: ora muy efficaz he huma fantaſia! *à part.*

Esfuz. Ay de mim, que me meteo a garra em cheyo pelo vaſio; eu me ſinto molhado, naõ ſey ſe he ſangue, ſuor, ou outra couſa mais inferior.

Larga Tezeo a Esfuziote; e eſte eſtará com as mãos no roſto.

Tezeo. Esfuziote, naõ te aſſuſtes.

Esfuz. Ay, que o Minotauro já me ſabe o nome!

Tezeo.

Tezeo. Naõ me reſpondes? Olha para mim.

Eſfuz. De burro, que eu tal olhe, quando nem pintado o quero ver.

Tezeo. Que tens, que ficaſte immovel?

Eſfuz. Eu bem ſey o que tenho. Só a voz que elle tem me faz amedrentar. *à part.*

Tezeo. Deixa loucuras: dize-me, quem te trouxe ao Labyrintho?

Eſfuz. Os meus peccados veniaes, que agora ſaõ mortaes.

Tezeo. Falla, ſenaõ te deſpedaço aqui.

Eſfuz. Senhor, voſſa monſtroſidade naõ me faça perguntas, que eſtou com a lingua pegada ao ceo da boca; deixe-me *hir* embora em corteſia, antes que o medo deſtempere em alguma deſcorteſia; pois naõ he razaõ, que depois de comer hum Principe, queira encher o ſeu bandulho com a carne dura, e magra pelhancra de hum lacayo.

Tezeo. Quem cuidas tu, que ſou eu?

Eſfuz. Eu bem o ſey.

Tezeo. Pois ſabe, que naõ ſou, quem tu cuidas.

Eſfuz. Pois quem he? Quem he?

Tezeo. Olha, e verás.

Eſfuz. Senhor medo, com licença, deixe-me abrir piſcamente os olhos. Ah que d'ElRey, que he a alma de Tezeo! Ay

que

que eſtou feito hum trémedario!

Tira a maõ dos olhos.

Tezeo. Neſcio, que alaridos ſaõ eſſes?

Eſfuz. Fantaſma, chiméra, ſombra, illuſaõ, coco, e papaõ, que he o que me queres?

Tezeo. Olha, que ſou Tezeo.

Eſfuz. *Tanto fortius*; naõ te chegues a mim, alma vadia, errante, e vagabunda.

Tezeo. Vem cá, naõ fujas.

Sahe Dedalo.

Dedal. Eſfuziote, eu aqui eſtou tambem, naõ cuides, que Tézeo morreo.

Tezeo. Graças aos Deoſes, que ainda eſtou vivo.

Eſfuz. Eu bem ſey, que as almas nunca morrem.

Tezeo. Baſta, que cuidaſte, que eu era morto? Certamente que o teu medo te allucinou.

Eſfuz. Eu, Senhor, vendo que te chegavas para mim, que havia ſuppor, ſenaõ que eras couſa má; porque couſa boa nunca para mim ſe chegou?

Tezeo. Como te atreveſte a penetrar até o centro do Labyrintho? Naõ cuidey, que tinhas valor para tanto.

Eſfuz. Se eu fora liſonjeiro, bem te podia dizer, que quiz vir acompanharte nas

ms tuas penas, para ajudarte a matar o Minotauro; porém, Senhor, a minha fraqueza he tal, que me naõ póde deixar mentir; e foy o caso: Depois que te trouxeraõ para o Labyrintho, como o boy solto lambe-se todo, naõ me pezou o pé huma onça, e como tal de hum pullo entrey por huma porta, sahi pela outra, andey, desandey, corri, descorri, para dentro, para fóra, daqui para alli, até que dey comtigo neste lugar, neste Labyrintho, neste diabo, que bem escusado era, que o Senhor Dedalo fabricasse estes enredos; mas por *donde* cada hum pecca, por ahi paga.

Dedal. Já por meu mal me naõ posso eximir dessa censura.

Tezeo. Ainda te naõ sey encarecer a artificiosa maquina deste portento!

Esfuz. Tambem o filho da puta, que tal fez, merecia as mãos cortadas.

Tezeo. E que novas me dás de Ariadna? Sente muito a minha ausencia?

Esfuz. Muito, e com tanto extremo, que esta noite fazem hum saráo por exequias da tua morte.

Tezeo. Cruel he a sua condiçaõ! Pois naõ te fallou em mim?

Esfuz. Nem fallar nisso he bom, e mais agora

agora que anda hum rum rum em Palacio, que Lidoro caſa com Ariadna.

Tezeo. Ay infeliz, que ſe eu hey de ter vida para ver a Ariadna em poder de Lidoro, naõ reſiſtirey ao Minotauro; que antes quero que a ſua furia me devore, do que os zelos me deſpedacem!

Eſfuz. Pois ainda o Minotauro eſtá vivo?

Tezeo. Ainda; e do ſeu furor me naõ hey de eximir.

Eſfuz. Bem aviados eſtamos! O Minotauro vivo, e eu aqui? Pois com licença, que eu me naõ quero minotaurear agora, nem eſperar pela morte aqui a pé quedo; pois eu cuidava, que eſtavas vivo, por teres morto ao Minotauro.

Tezeo. Aonde has de hir, que o pódes encontrar? Naõ te acobardes, eſtando comigo.

Eſfuz. Por ventura Voſſa Alteza he alguma coura danta, ou ſaya de malha, que me faça impenetravel aos dentes minotaurinos? E quando aſſim ſeja, ſe quizermos furtarlhe a volta, e fugir, como nos havemos eſcafeder daqui fóra, ſe em cada paſſo encontramos mil barafundas, e circumloquios?

Dedal. Mais facil ſerá matar ao Minotauro,

ro, que atinar com os caminhos intrincados do Labyrintho.

Tezeo. De hum, e outro, me verás victorioso.

Esfuz. A mim tambem naõ me cheira.

Tezeo. Para que o saibas, attende.

Canta Tezeo a seguinte Aria, e

RECITADO.

Nunca piedoso o Ceo a hum desgraçado
Negou favores de hum ditoso auspicio,
Pois com anticipadas influencias,
Antidotos prevenio a meus pezares,
Dando-me Fedra a industria peregrina
Do triunfo do horrendo Minotauro;
Quando Ariadna com subtil idéa
O fio me administra,
Que tecido farol nestes horrores
Me guia o passo em tanto Labyrintho.
Mas ay, bella Ariadna! Se piedosa
Me dás a liberdade,
Inuteis considero os teus favores;
Porque em tanta aspereza,
Mais cativo me tem essa belleza.

ARIA.

Vem, ò monstro, a lacerarme;
Vem, cruel, a devorarme;
Porém naõ offendas
Com furia inhumana
A bella Ariadna,

Que

Que dentro em meu peito
Se oſtenta feliz.
Se morto me vires,
Só quero, que entendas,
Que tu me naõ matas,
Amor iſſo ſim.

Esfuz. Ainda que mo diga cantando, ou chorando, eu vou-me, que naõ quero eſtar aqui hum minuto por amor do Minotauro. *Vay andando.*

Ao irſe Esfuzinte, ſahe o Minotauro, e o atropella, e luta com Tezeo.

Esfuz. Mas ay, que elle he comigo! Senhor Minotauro, olhe, que eu naõ ſou dos ſete do tributo. Ay, ay, ay.

Tezeo. O' tu vivo ſepulchro de Athenienſes, hoje pagarás com a vida, os males que tens cauſado.

Dedal. Aqui me tens em tua defenſa.

Tezeo. Retira-te, Dedalo, que eu ſó domarey o furor deſte monſtro.

Esfuz. Iſſo, iſſo; com elle, e naõ comigo.

Tezeo. Por mais que empenhes a tua furia, hey de triunfar de tua crueldade, apertando-te em meus braços, até que exhales o alento.

Cahe o Minotauro na mina com bramidos.

Dedal. O' ſempre eſclarecido Tezeo, agora

nvejo, que ainda o teu valor he mayor, que a tua fama.

Esfuz. Oh ſempre tremebundo Esfuziote! agora vejo, que o teu pavor ainda he mayor, que o Minotauro.

Tezeo. Releva-me, Fedra, deſprezar para a morte do Minotauro o piedoſo remedio, que me adminiſtraſte; que ſeria injuria do meu valor buſcar fóra de mim induſtrias para vencer; porém ſempre no meu agradecimento fica recompenſada a tua generoſidade.

Esfuz. Diga-me, Senhor: darſe-ha caſo, que a bichinha naõ ficaſſe bem morta, e que poſſa reſurgir daquella buraca?

Tezeo. Com tal vigor o apertey em meus braços, que nelles expellio o ſeu vital alento.

Esfuz. Quem me déra ter hum abraço deſſes, para dar ao meu amigo Embaixador.

Tezeo. Esfuziote, já que os aſtros te deſtinaraõ para companheiro de meus infortunios, quero valerme de ti para outra empreza mayor, que a do Minotauro.

Esfuz. Senhor, ſe eu naõ pude com a menor, como hey de poder com a mayor?

Tezeo. Para communicarme com Ariadna, parece que amor te conduzio a eſte Labyrintho. *Ruido.*

Dedal. Pizadas ouço, parece que vem gente.

Esfuz. Senhor, naõ ſerá licito, que te vejaõ, pois todos te julgaõ morto.

Tezeo. Dizes bem: Dedalo, aonde nos eſconderemos?

Dedal. No concavo deſta diafana columna ha hum pequeno, e limitado gabinete, donde muito apenas cabem duas peſſoas, no qual nos poderemos eſconder.

Tezeo. Pois vamos depreſſa, que o rumor já vem perto.

Esfuz. Eſcondaõ-ſe cobardes, que eu ſó reſiſtirey aos Minotauros.

Eſcondem-ſe Dedalo, e Tezeo atraz da columna, que ha no meyo do Labyrintho, e ſahe Taramella com huma banda azul na maõ.

Taram. Quero obedecer a Ariadna, ſó para inveſtigar os meus zelos: mas entre tanto enleyo aonde acharey a Tezeo?

Esfuz. Ay que he Taramella em carne, que me vem buſcar em oſſo de correr! e ſem duvida que a induſtria de fazerme Principe a tem feito andar numa dobadoura.

Taram. Mas elle ahi eſtá: ah fementido Principe, já vejo, que he certa a tua falſidade.

Esfuz.

Esfuz. Taramella, já sey, que o labyrintho da tua saudade te trouxe por teu pé a este, aonde por ti duas vezes me considero perdido.

Taram. Para que he lisongeiro? Logo me pareceo, que o seu amor era fingido. Se adora a Ariadna, para que me engana? E se ella o busca, para que me persegue?

Tezeo. Que he o que ouço? *à part.*

Esfuz. Menina, isso saõ tramoyas de tua tia, por ver se nellas escorrega o arlequim de meu amor.

Taram. Ainda se atreve a negar, que adora a Ariadna?

Esfuz. Eu a Ariadna? Appello eu! He mulher, que nunca me cahio em graça.

Taram. Sim, que Ariadna havia de fazer excessos por quem a naõ requestasse primeiro muito bem.

Esfuz. Se ella para quererme achou motivos na minha gentilomeza, que culpa tenho eu?

Tezeo. Que enigma será este de Esfuziote com esta moça? *à part.*

Taram. Bem sey, que ella he huma Princeza, e eu huma criada; mas tenho a consolaçaõ, que eu o naõ roguey, para que me quizesse.

Esfuz. Taramella, naõ venhas a arengar: tanto ſe me dá a mim de Ariadnas, como da lama da rua. Tu cuidas, que eu faço caſo de Princezas? He engano; pois mais me regala huma fregona deſenxovalhada, que os melindres, e filetarias de huma Princeza.

Taram. Nada diſſo me entra cá, pois eu conheço o genio de Ariadna, e ley, que ſem a requeſtar, lhe naõ havia mandar eſta banda, para com ella hir ao ſaráo, que ſe faz em Palacio eſta noite.

Dá a banda.

Tezeo. Tomara já ſaber, que banda ſerá eſta de Ariadna? *à part.*

Esfuz. Pois Ariadna manda-me eſta banda? Darſe-ha caſo, que me namore, ſem eu o ſaber?

Taram. Naõ ſe faça de novas; e para que veja, que a mim me naõ engana, vá, vá ao ſaráo, caze com Ariadna, que eu me vingarey em pedir juſtiça ao Ceo contra hum falſo enganador. Juſtiça! juſtiça! *Vaiſe.*

Esfuz. Eſpera, Taramella, naõ feches a porta à minha innocencia.

Sahem Tezeo, e Dedalo.

Tezeo. Larga eſſa banda, inſolente.

Esfuz. Por todas as bandas me vejo combatido:

batido: ahi eſtá a banda. *Dá a banda.*

Tezeo. Que dizia de Ariadna eſſa mulher?

Eſfuz. Foy galante caſo! Supponho, que entendeo, que eu era Tezeo pelo circunſpecto da minha perſonagem, e da parte da Senhora Ariadna deu-me eſta banda, para que com ella foſſe ao ſaráo, que ſe faz eſta noite em Palacio.

Tezeo. Aſſim ſerá; porém ſe cuidava, que tu eras Tezeo, como te dava ciumes, e indignada contra ti foy pedindo juſtiça?

Eſfuz. Iſſo meſmo eſtava eu para te perguntar agora. Darſe-ha caſo, Senhor, que Voſſa Alteza algum dia bichancreaſſe eſta criada?

Tezeo. Eſtás louco? Mas tu para que lhe davas ſatisfações?

Eſfuz. Porque entendendo, que Voſſa Alteza tinha tinha de amor com eſta rabujenta criada, naõ quiz deixaſſe de comer por mal cozinhado; e aſſim lhe fuy reſpondendo a troxe moxe.

Tezeo. Naõ te quero apurar mais por ora; e pois eſta he a primeira fortuna, que amor me facilita, vamos, Dedalo, a procurar maſcara, que quero hir ao ſaráo, que com ella de ninguem ſerey conhecido, e ſó de Ariadna pela diviſa deſta banda.

Eſfuz.

Esfuz. Giribanda me parece iſto: oh queira Jupiter, que neſſa dança naõ haja algum contratempo da fortuna.

Tezeo. Vamos, naõ nos dilatemos.

Dedal. Sempre ficarey temendo naõ ſe te quebre o fio, e te percas no Labyrintho.

Tezeo. Quem com favores me alenta, tambem com cautelas me defende deſſe cuidado, *Vaiſe.*

SCENA III.

Sala, e huma cadeira. Sahem Tebandro com maſcara cahida, e Lidoro ſem ella, e depois poem Tebandro a maſcara; e no fim ſe correrá a corrediça do meyo, e apparecerá toda a Sala, em que haverá huma meſa compoſta em fórma de banquete.

Teband. LIdoro, vós ſem maſcara, quando todos já vimos caminhando a eſte lugar do ſaráo?

Lidor. Deixa-me, Tebandro, voar nas azas das minhas penas aos incultos deſertos da Lybia, aonde naõ hajaõ memorias deſte infeliz.

Teband. Naõ deſprezeis eſta occaſiaõ, em que as Infantas tambem dançaõ, para que

que no contacto de tanta neve poſſais mitigar os incendios do voſſo ardor.

Lidor. Naõ quero merecer ao rebuço da maſcara, o que ſem ella naõ alcanço.

Tebandr. Tambem eu vivia na meſma deſeſperaçaõ; porém Fedra compadecida dos golpes, que a ſetta de amor fulminou em meu coraçaõ, para ligar as feridas me enviou eſta banda.

Lidor. Goza tu, ò Tebandro, eſſa fortuna, pois foſte mais feliz no teu amor; que eu deſenganado, por naõ morrer muitas vezes, hirey morrer huma ſó.

Vaiſe.

Vaõ ſahindo Ariadna, Fedra, Sanguixuga, e Taramella com maſcarilhas; poem Tebandro a ſua; ſahe ElRey ſem ella, que ſe aſſentará, e em quanto vaõ ſahindo, cantarſeha o ſeguinte.

CORO.

Numa alma inflammada
De amor abrazada
Cruel labyrintho
Fabríca o Amor.
Porém quem eſpera
O bem de huma féra,
Acertos de hum cego,
De hum monſtro favor?

Rey. He tal o prazer, que tenho de ver vin-

vingada a morte de Androgeo com a de Tezeo, que naõ cabendo em meu coraçaõ, o intento publicar neſta exterior alegria.

Fedra. Já alli diviſo a Tezeo pela ſenha da banda branca; dezejara me tiraſſe a dançar. *à part.*

Ariad. Ainda naõ vejo a Tezeo aqui; ſem duvida ſe quebraria o fio no Labyrintho. Oh quantos ſuſtos padece quem ama! *à part.*

Sang. Quem pudera conhecer ao Embaixador, que o havia de ſacar a paſſeyo. *à part.*

Taram. Se Tezeo me foſſe amante leal, para bem naõ havia de vir ao ſaráo. *àp.*

Sahe Tezeo com maſcara.

Tezeo. A bom tempo chego: quem pudera conhecer a Ariadna! *à part.*

Ariad. Alli vejo Tezeo; já deſcançará o meu coraçaõ. *à part.*

Taram. Aquelle da banda azul he Tezeo, que ſem ella o naõ conhecera; e pois taõ galhardamente ſe ſoube diſfarçar, certos ſaõ os meus males. *à part.*

Sahe Eſtuziote com maſcara muito horrenda.

Eſtuz. Só agora que tapo o roſto, he que tenho cara de apparecer. Queira Deos me naõ perca nas voltas de Andreza.

Sang.

Sang. Ay que galante maſcara entrou agora!

Rey. Dê principio ao ſaráo a canora armonia dos inſtrumentos.

Teband. Seja eu o primeiro; que na ordem do amor devo preferir a todos. Aquella ſem duvida he Fedra; dançarey com ella.

Fedra. Fortuna foy o conhecerme Tezeo. *à part.*

Teband. Galharda Ninfa, a permittida faculdade deſta occaſiaõ ſeja o indulto deſte atrevimento.

Fedra. Se a occaſiaõ o permitte, naõ póde a vontade deixar de obedecer.

Dançaõ, e cantaõ os dous o ſeguinte

MINUETE.

Teband. Inda naõ creio
O bem, que gozo:
Serey ditoſo
No meu amar?

Fedra. Eſtas as voltas
Saõ da fortuna:
Sorte opportuna
Amor te dá.

Teband. Serás amante?

Fedra. Serás conſtante?

Ambos. Eſta conſtancia
Firme ſerá.

Fedra. A' manhã à noite te eſpero na ſala dos

dos enganos do Labyrintho. *à p. para Teb.*
Teband. Amor, tanta fortuna junta, temo
me mate o gosto de possuillas. *à part.*
Rey. Quem dançou com Fedra, sem du-
vida foy Tebandro, e o fez galharda-
mente. *à part.*

Faz Ariadna acenos para Tezeo.

Tezeo. Aquella por acenos me diz a tire a
dançar; sem duvida he Ariadna, que
me conheceo pela banda. Oh que va-
garosos saõ os passos de hum acelerado
dezejo! Formosa Ninfa, para que me
naõ perca no labyrintho da dança, per-
mitti, que o norte de vossas luzes seja o
indice de meus acertos. *à p. para Ariad.*
Ariad. Bem he, que aprendais acertos nes-
te Labyrintho, para que no de amor
naõ vos percais. *à part. para Tezeo.*

Dançaõ, e cantaõ os dous o seguinte

MINUETE.

Tezeo. Na pura neve
De teus candores
Os meus ardores
Se ateaõ mais.
Ariad. Se essa ventura
Feliz alcanças,
Nessas mudanças
Temo o meu mal.
Tezeo. Serás amante?

Ariad.

Ariad. Serás conſtante?
Ambos. Eſta conſtancia
Firme ſerá.

Ariad. Na Sala dos enganos eſpera-me à manhã a eſtas horas. *à part. para Tezeo.*
Tezeo. Ao meu dezejo, e ao teu preceito obedecerey.
Rey. O que dançou agora com Ariadna, ſeria Lidoro. Quem me dera ver já concluidas eſtas ditoſas nupcias. *à part.*
Eſfuz. Aquella das ancas roliças he Taramella; e ainda que o naõ ſeja, como *imaginatio facit cauſam*, ſupponho que he *ella*; e já que he menina do açafate, dançarey com ella huma giga. Senhora maſcarada, aqui todos ſomos huns, erga o rabete, e vamos dançando.
Taram. Bem condizem as palavras com o geſto; tenho entendido, que em tudo he ridiculo.
Eſfuz. Ella he ſem duvida, que agora a conheço melhor pelo falſo metal da voz: ora entiricemonos em fórma dançatriz.

ARIA A DUO
Em fórma de Minuete.

Eſfuz. Inda que gaſte
Duzentas ſolas,
Mil cabriolas

Por

Por ti farey.

Taram. Ay que bichancro!
Que horrenda cara!
Quem lhe caſcara
Hum cambapé. *Faz Eſf. que tropeça.*

Eſfuz. Dá-me eſſa maõ,
Para me erguer.

Taram. Vá-ſe dahi,
Quem he voſſé?

Eſfuz. Sou quem por ti
Mil cabriolas
Juntas farey,
Queres tu ver?
Ora la vay,
Huma, duas, e tres, e quatro, e cinco, e ſeis. *Em pulos.*

Ambos. Muy buliçoſo
Tens eſſe pé!

Rey. Baſta, demos por acabado o ſaráo. Olá, preparem-ſe as meſas, pois quero banquetear eſta noite aos Principes.

Taram. Vamo-nos, tia, que os Principes querem cear. Ah falſo Tezeo, eu me vingarey de ti. *à part. e vaiſe.*

Sang. E que ſe paſſaſſe a noite, ſem haver hum Embaixador, que comigo dançaſſe, para moſtrar as minhas habilidades! Paciencia, vamos a codear. *à part. e vaiſe.*

Cor-

Corre-se a corrediça do meyo, apparece huma meſa, e tiraõ todos as maſcaras, excepto Tezeo, e Tebandro.

Rey. Principes, tiray as maſcaras, que naõ haveis de comer com ellas.

Tezeo. Eſtou perdido, ſe ElRey teima, em que nos deſcubramos, pois já me naõ poſſo retirar, ſem que me veja, e ſe me for à ſua viſta, talvez que mo naõ conſinta. Quem já mais ſe vio em taõ apertado lance! *à part.*

Fedra. Ay de mim, que ſe Tezeo tira a maſcara, ElRey o conhece! Naõ tires a maſcara, que niſſo eſtá a tua vida. *à parte para Teband.*

Teband. A minha vida? Naõ entendo a Fedra. *à part.*

Ariad. Que ſerá de Tezeo, ſe ElRey porfiar em que tire a maſcara? Tezeo, naõ tires a maſcara, que primeiro eſtá a tua conſervaçaõ. *à parte para Tezeo.*

Tezeo. Bem ſey, mas que hey de fazer?

Rey. Que he iſſo Lidoro? Que he iſſo Tebandro? naõ tirais as maſcaras? Recuſais o meu convite?

Eſtuz. Eu por mim, Senhor, ſem preceito de Voſſa Mageſtade já tirey a maſcarilha, ſe bem que para taes funçõés ainda com maſcara maſcára.

Teband.

Teband. Fedra me diz, que naõ tire a mascara, e ElRey ordena o contrario, como ha de iſto ſer? *à part.*

Tezeo. Hoje ſerá a minha total ruina. *à p.*

Esfuz. Naõ te diſſe eu, Senhor, que temia neſta dança algum contratempo? *à parte para Tezeo.*

Rey. Eſſa deſobediencia he ludibrio do meu decóro. Que receyo tendes em vos deſcobrires? Alguma traiçaõ indica eſſe recato, e eſſe rebuço. Olá da minha guarda.

Fedra. Ay infeliz Tezeo, eu me vou, antes que os meus olhos vejaõ tal deſgraça. Quem nunca te mandara chamar! *à part. e vaiſe.*

Ariad. Que infelicidade! *à part.*

Esfuz. Eiſaqui os bailes! Couſa de pés ſempre dá na cabeça. *à parte.*

Tanto que ElRey chama a guarda, viraõ dous Soldados, e com elles o Principe Lidoro com maſcara, pela parte donde eſtá Tezeo, e eſte ſe hirá logo, e ElRey eſtará virado com as coſtas para elle, e Tebandro tira a maſcara.

Tezeo. Agora neſte tropel, e confuſaõ, me hirey. *Vaiſe.*

Lidor. Naõ pude acabar comigo deixar de vir ao ſaráo; mas cuido, que já venho tarde. *à part.* *Ariad.*

Ariad. Já ſe foy Tezeo: já reſpiro com ſocego. *à part.*

Rey. Agora fará o rigor, o que naõ póde o reſpeito.

Teband. Aqui naõ ha mais, que obedecer. Senhor, Voſſa Mageſtade naõ accuſe de remiſſa a minha obediencia, pois eu.... eu.... *Tira a maſcara.*

Rey. Eſtá bem, Tebandro. E vós Lidoro nem o exemplo de Tebandro, nem o meu preceito he baſtante, par que acabeis de tirar a maſcara? Porém naõ deveis de ſer Lidoro, que a ſer, ſerieis mais attento; e neſſa ſuppoſiçaõ: Olá, tiray a maſcara a eſſe homem, para que depois de conhecido, pague com a vida o ſeu atrevimento.

Lidor. Senhor, que diz Voſſa Mageſtade, ſe eu ainda agora entro, ſem que em nenhum tempo foſſe inobediente a teu preceito? *Tira a maſcara.*

Rey. He boa deſculpa eſta, Lidoro, querer contradizer huma ocular evidencia.

Lidor. Hum Principe de Epyro naõ ſabe mentir; e para que me acredites, pergunta-o a eſſes Soldados, que comigo vieraõ.

Sold. 1. Aſſim he, Senhor, que o Principe Lidoro com noſco entrou.

Eſfuz.

Esfuz. Isso está muito bem, mas o caldo estará de neve. *à part.*

Ariad. Estimo, que fosse Lidoro o culpado. *à part.*

Rey. Lidoro, eu creio o que me dizeis; porém deixay que creia tambem aos meus olhos, que virão hum mascara dançar com Ariadna, a quem mandey se descobrisse, cuja desobediencia foy tal, que para seu castigo me obrigou a chamar a estes Soldados de minha guarda.

Lidor. Pois, Senhor, eu não dancey com Ariadna, que a minha fortuna sempre adversa me privou desse bem, por não querer conseguir favores no disfarce de quem na realidade me despreza; e assim peço-te, Senhor, me dês licença para retirarme à minha Corte, que como ha em Palacio quem dance com Ariadna, e ha nella repudios, que me desenganão, bastante motivo parece, que abona o meu retiro. *Quer irse.*

Rey. Não vos ausenteis, Lidoro, levando hum escrupulo tão indecente ao meu decoro. Eu vos prometto averiguar quem foy o que dançou com Ariadna, para o que empenho a minha Real palavra.

Esfuz. Isso assim será; porém a sopa *esfriata est.*

Ariad.

Ariad. Lidoro, ſe pelos meus deſvios vos ſentais, digo, que tendes razaõ; porém ſempre andáſtes deſcomedido em dizer, que ha em Palacio quem dance comigo, quando naõ póde haver taõ atrevido penſamento, que intentaſſe com o diſſimulo do diſfarce aproveitarſe do contacto da minha maõ; pois ſó com a permittida faculdade d'ElRey commetterias, com eſſe indulto, eſſe delicto.

Lidor. De taõ ditoſo crime dezejara ſer o culpado.

Eſfuz. Senhores, guardem iſſo para ſobre meſa, pois naquella babilonia de payos naõ *faltaõ* linguas para deslindar eſſe novo caſo da conſciencia.

Rey. Eu confeſſo, que eſtou perplexo, e ainda naõ poſſo crer, que naõ dançáſtes com Ariadna.

Lidor. Nem ao menos pelo veſtido pudeſtes diſtinguir ſe me parecia eu com eſſe maſcara, que dançou?

Rey. Como já os annos me vaõ privando da perſpicacia do melhor ſentido, naõ fiz aprehenſaõ no veſtido; diga-o Ariadna, e Tebandro.

Teband. Naõ ha duvida, que o veſtido era differente a eſte de Lidoro.

Ariad. Pois a meu ver nenhuma differen-

ça tinha; e para que Lidoro ſe naõ atreva em minha preſença a proferir taõ inauditas offenſas, Voſſa Mageſtade me permitta licença, pois que naõ poſſo caſtigar o ſeu atrevimento, ao menos me retire de ouvir taõ loucas palavras.

Vaiſe.

Eſfuz. Ora iſto já ſe naõ póde aturar; eu naõ hey de ſer Tantalo, ainda que eſteja no Inferno; valhaõ-me as minhas rapantes habilidades, que com a diſputaſinha em nada reparaõ a eſtas horas.

Eſconde-ſe Eſfuziote debaixo da meſa, e de quando em quando deita a maõ em hum prato.

Rey. O caſo eſtá duvidoſo.

Eſfuz. Por iſſo vou commentando.

Deita a maõ.

Rey. Lidoro, deſcançay, que vos prometto averiguar quem foy, o que dançou com Ariadna; pois a naõ ſeres vós, como dizeis, e naõ vermos retirarſe o outro, que ſe ſuppoem, naõ ſey quem poſſa ſer, ſalvo ſe for o vivo morto, que o Oraculo prediſſe para total extinçaõ do Minotauro.

Vaiſe.

Eſfuz. Iſſo dizem todos à boca cheya.

Comendo.

Tebano. Vou confuſo, ſem ſaber, porque cauſa

cauſa me diria Fedra, que me naõ deſcobriſſe. *à part. e vaiſe.*

Lidor. Quem vio mayor confuſaõ!

Eſfuz. Pergunte-mo a mim, que eu porey iſto em pratos limpos. *à part.*

Lidor. Que enleyo ſerá eſte? Tudo em Creta ſaõ labyrinthos, e enigmas! Pois affirmar ElRey, que eu dancey com Ariadna, quando vinha para eſſe effeito, e o que mais he, naõ apparecer, nem ſaberſe quem com ella dançou, naõ ſey o que preſumo!

Eſfuz. O ſupino de preſumo he o preſunto, e eſte que naõ he máo! *à part.*

Lidor. Preſumir em Ariadna, que admitte outro amante, he deſacerto, por naõ haver em Creta, quem a mereça: eu, vacilante no Oceano tempeſtuoſo de tanta confuſaõ, naõ ſey diſcernir o que ſerá iſto.

Eſfuz. He chouriço, que ſabe como gaitas. *à part.*

Lidor. Oh nunca caprichara em naõ vir ao baile, que ſe à tempo chegaſſe, nunca haveria quem tanta fortuna conſeguira! Oh que tormento me penetra o intimo do coraçaõ, pois em tanta duvida naõ poſſo deſcifrar a cauſa de minhas penas!

Esfuz. Na verdade, que isto he hum bocado, que se naõ póde tragar: valha o diabo ao cosinheiro, que deixou o gallo com esporões.

Repete Lidoro o seguinte

SONETO.

Se este mal, que padeço, hey de mostrallo,
Perifrazis naõ acho a definillo;
Pois quando dentro d'alma sey sentillo,
Balbuciente he o gemido a declarallo.
Por mais que intento em vozes descrifrallo,
Me suffoca o pezar ao proferillo,
Pois contém este mal hum tal sigillo,
Que parece he delicto o publicallo.
Se o tormento, que n'alma se resume
Reside inexplicavel cá no interno
Do peito, donde sinto hum vivo lume:
Sómente caberá seu mal eterno,
Ou na lingua do fogo do ciúme,
Ou na boca voraz do mesmo inferno.

Esfuz. Já que deu o mote, cá vay a glosa. *Comendo.*

Sabe Taramella.

Taram. Já que o falso Tezeo corresponde a Ariadna, pois com a banda, que lhe dey em seu nome, veyo ao faráo, e com ella dançou com notorio desprezo de minha pessoa, que espero, que me naõ

naõ vingo eſtorvando os intentos do ſeu *amor*?

Eſfuz. Lá vem Taramella, ſe me naõ engano: e como vem comeſinha!

Taram. Senhor Lidoro, taõ ſó por aqui a eſtas horas? Já me naõ pergunta por Ariadna?

Lidor. Já ſe acabou eſſe cuidado, que como Ariadna tem quem dance com ella, naõ he muito, que encontre mudanças na minha fortuna.

Taram. Tem muita razaõ Voſſa Alteza, e muito mais dançando com quem dançou.

Eſfuz. Temos o caldo entornado, que a moça he capaz, como eu aqui faço, de dar com a lingua nos dentes. *à part.*

Lidor. Pois, Taramella, tu ſabes quem dançou com Ariadna?

Taram. Se guardas ſegredo, eu to direy, Zelos, he tempo de derramar já tanto veneno. *à part.*

Eſfuz. Vejaõ lá, ſe aſſim como me deu a banda no Labyrintho, ſe a déſſe a Tezeo, que tal ſeria?

Lidor. Dize-mo, Taramella: e para que vejas o meu agradecimento, ahi tens neſta joya o anticipado premio do meu affecto. *Dá a joya.*

Taram. Ay Senhor, para mim naõ ha mais joya,

joya, que o ſeu bom modo, e cortezia que o modo, com que ſe dá, augmenta o valor da dadiva.

Eſfuz. Porém ſempre lambendo. *à part.*

Lidor. Dize, naõ tenhas pejo.

Eſfuz. Eu cuido, que ella eſtá pejada, pois a vejo em termos de vomitar. *à p.*

Taram. Vigie naõ venha Ariadna, que ſe me acha fallando com Voſſa Alteza ſó por ſó, me matará certamente; pois diz, que nem couſa ſua quer que com Voſſa Alteza falle.

Lidor. Pódes dizer, que ella naõ vem agora.

Taram. Pois, Senhor, ſaberá, que quem dançou com Ariadna ..... ay Senhor, veja por ſua vida naõ venha ella.

Lidor. Dize, que naõ vem; pois quem foy?

Taram. Foy Tezeo.

Lidor. Tezeo? Que dizes? Como póde ſer, ſe elle morreo no Labyrintho? Vaite, e deixa-me com eſſas quimeras.

Eſfuz. A mulher he capaz de deſenterrar mortos.

Taram. Senhor Lidoro, Tezeo naõ morreo: Ariadna ſe correſponde com elle, e veyo ao baile, e por final.....

Lidor. Eſpera, que ahi vem Ariadna por aquella ſala.

Taram.

Taram. Ay desgraçada de mim, se aqui me vê! Esconda-me em algures.

Esfuz. Bem haja Ariadna, que veyo; nunca to pé doa. *à part.*

Lidor. Em quanto ella passa, esconde-te debaixo daquella mesa, que de outra sorte naõ pódes hir, sem que te veja.

Taram. Pois eu me escondo, e avize-me, quando se vay.

Esfuz. Anda para cá, que eu te perguntarey. *à part.*

Esconde-se Taramella debaixo da mesa, donde está Esfuziote, e brigaõ de sorte, que virá a mesa ao chaõ.

Taram. Ainda estou sem pinga de sangue no corpo.

Esfuz. Aqui se pagaõ ellas, velhaca, embusteira.

Taram. Ay, que naõ sey, quem aqui está!

Esfuz. Cala-te, marafona.

Taram. Ah que d'ElRey, acuda-me Senhor Lidoro; acuda-me Vossa Alteza. *Cahe a mesa.*

Esfuz. Antes que te vejaõ, Esfuziote, vay-te esfuziando. *Vaise.*

Lidor. Quem vay ahi? Quem he, Taramella?

Taram. Elle ahi vay, veja se eu fallo verdade?

Lidor.

Lidor. Irey em ſeu ſeguimento. *Quer-ſe.* *Sahe Ariadna.*

Ariad. Em ſeguimento de quem? Que foy iſto, Taramella? Que diſturbio he eſte?

Taram. Vindo levantar a meſa, eſtava hum caõ roendo hum oſſo; foy elle, que me queria levar a carne da perna por amor do oſſo, que para ambos foy de correr; eu para fugir, e o caõ para morderme; e com o medo tropecey na meſa, e veyo tudo ao chaõ.

Lidor. Que naõ pudeſſe diſtinguir, quem era o que fugio! Mas quem havia de ſer, ſenaõ quem diſſe Taramella; que talvez por eſſe reſpeito vieſſe Ariadna a eſte lugar, eſtorvando-me o ſeguillo? *à part.*

Ariad. Vay chamar quem levante a meſa. Ouves, dirás a Tezeo, que ſe por acaſo me naõ ouvio no baile, que o eſpero na ſala dos enganos à manhã à noite. *à part.*

Taram Eu vou, Senhora. Olhe o negro caõ o ſuſto que me meteo!

Lidor. Cuido, Senhora, que já vindes tarde; mas quem he vivo ſempre apparece.

Ariad. Naõ entendo eſſa nova fraze de fallarme.

Lidor,

Lidor. Naõ ſem cauſa eraõ os teus deſvios, *ingrata*; pois deſprezando a viva conſtancia, com que te adoro, idolatras a hum morto na apparencia, que vive em teu coraçaõ na realidade.

Ariad. Ay deſgraçada! Que he o que ouço? *à part.*

Lidor. Agora morrerey com mais ſuavidade, conhecendo a cauſa de teus deſvios; mas naõ deſeſperado na incerteza da cauſa de teu deſdem.

Ariad. Como deſattento a meu decóro fabricais em voſſo penſamento eſſes temerarios conceitos, indignos de minha ſoberania?

Lidor. Que offenſa faço em dizer, que amas a Tezeo, e que foy quem comtigo dançou disfarçado? E ſe hum Principe como Tezeo he o teu emprego, em que ſe póde offender o teu decoro?

Ariad. Que mais claro o ha de dizer? Louco Principe, bem ſe vê, que todas as maquinas, que fabricas, ſaõ fundadas em aereas deſconfianças; pois ainda que Tezeo podeſſe reſuſcitar agora, nem vós, nem elle, nem ninguem podia contraſtar a minha iſençaõ: ide-vos, ide-vos, barbaro, temerario, que eſſas fingidas idéas naõ pódem eſcurecer as purezas do Sol.

Lidor.

Lidor. Adverti, que o Sol com ſer puro, naõ deixou de amar a Daphne.

Ariad. Ide-vos, tenho dito.

Lidor. Eu me vou; porém naõ ſey, ſe me tornarás a ver; que os zelos, em que me abrazo, naõ cabendo dentro do coraçaõ, talvez façaõ mayor eſtrago, do que imaginas. *Vaiſe.*

Ariad. Ay de mim, que Lidoro zeloſo, ſabendo que Tezeo he vivo, o hirá communicar a ElRey! Que farey? Amor, influe acertos a meus intentos, para que Tezeo naõ fique opprimido a violencias de hum cego ciume.

Canta Ariadna a ſeguinte

A R I A.

Confuſa, e perdida,
Sem alma, e ſem vida,
Alivio em meus males
Aonde acharey?
Se a infiel tyrannia
De hum cego me guia,
Em tantos enleyos
Que acertos terey? *Vaiſe.*

SCE-

SCENA IV.

Gabinete, e eſpelho no fim delle. Sahem Tezeo, e Dedalo.

Dedal. NOtavel foy a traça, com que te ſahiſte do ſaráo! E pois entaõ lograſte eſſa fortuna, naõ he juſto entendas, que ſempre terás os fados propicios.

Tezeo. Nunca me vi em taõ evidente perigo; porém por mayor que ſeja, nunca deixarey de ver a Ariadna; que hum eſpirito armado de amor naõ teme as iras de Marte.

Dedal. Eſſas palavras ſaõ effeitos de hum juvenil ardor; algum dia reputarás ignorancia o meſmo, que agora julgas diſcriçaõ: diga-o eu, quando fabriquey eſte Labyrintho, eſpecialmente eſte gabinete, no qual empenhey com particularidade a minha ſciencia; porém o que naquelle tempo foy vangloria da idéa, hoje vejo, que foy erro da fantaſia.

Tezeo. Em todos os quartos do Labyrintho admiro tanto artificio, que naõ ſey diſcernir qual he o melhor; eſte naõ ha duvida que admira, mas naõ excede.

Deda-

Dedal. Se tu, Senhor, ſouberas a virtude que tem aquelle eſpelho, verias o quanto eſte gabinete he digno de eſtimaçaõ.

Tezeo. Naõ me dilates o goſto de ſabello.

Dedal. Aquelle eſpelho, que alli vês, fica fronteiro àquella janella, da qual, ainda que muito diſtante, ſe vem os jardins de Palacio; e ſem embargo da ſua diſtancia, he tal o artificio com que fabriquey eſſe eſpelho, que aquelle objecto remoto o aviſinha tanto aos olhos, que nelle ſe diſtingue a minima flor daquelle jardim: repara, e vê.

Tezeo. Naõ ha duvida. Que ameno penſil! Mas que muito, ſe Ariadna oſtentando-ſe Flora deſſe jardim, véſte de purpuras as roſas, e de candores as aſſucenas!

Dedal. Conheces quem he aquelle, que lá vem?

Tezeo. Já vejo, que he Lidoro, e taõ diſtinctamente, como ſe eſtiveſſe aqui comnoſco.

Por detraz do eſpelho apparece Lidoro.

Lidor. Ainda me naõ poſſo capacitar, que Tezeo he vivo, ſó pelo leve informe de Taramella; he neceſſario mayor averiguaçaõ, para que com mais certeza o com-

communique a ElRey em vingança dos meus zelos: bem sey, que as conjecturas saõ efficazes; porque haver quem com Ariadna dançasse, sem que se visse quem foy, e logo sahir hum homem debaixo da mesa com arrebatada fuga; isto argue huma quasi verosimilidade, de que Tezeo he vivo; porém para condemnar naõ bastaõ indicios.

Dedal. Muy triste, e pensativo está Lidoro!

Tezeo. Sem duvida os desvios de Ariadna, saõ a causa de seus pezares.

Dedal. Lá vem Ariadna; vê que mais queres?

Apparece Ariadna por detraz do espelho.

Tezeo. E como vem galharda! Ay Dedalo, que considero naquelle espelho as propriedades de ustorio; pois na esféra de seus rayos me abraza Salamandra de suas luzes, se já naõ he Telescopio, em que divisso a bella grandeza daquelle astro.

Ariad. Aqui está Lidoro: quanto temo, que dos seus zelos a furia sinta Tezeo! Quero desvanecellos, mostrando-me amante; que nas guerras de amor, vencer com enganos he o melhor systema. *à part.*

Lidor. Vossa Alteza, Senhora, taõ só por

esta

eſte jardim, podendo eſtar acompanhada no Labyrintho?

Ariad. Lidoro, ainda ſe vos naõ deſvaneceo eſſa fantaſia? Pois ſabey, que a ſer poſſivel viver Tezeo, e eu capaz de amar, nunca por Tezeo vos deſprezara.

Tezeo. Quem me dera poder ouvir o que fallaõ Ariadna, e Lidoro!

Dedal. A tanto naõ póde chegar a ſciencia Optica.

Tezeo. Pois para que me facilitaſte o ver, ſe me havias negar o ouvir?

Lidor. Se até aqui, cruel, me matavas com deſenganos, agora com enganos me queres tyrannizar? Naõ me deſvaneças com poſſiveis carinhos a iſençaõ do teu peito, que bem informado eſtou, que adoras a Tezeo vivo, ou ao menos as memorias de Tezeo morto; pois de toda a ſorte ſey, que o amas.

Ariad. Para deſvanecer eſſe errado projecto do teu ciume, quero, violentando a minha natural iſençaõ, obedecer a teu rogo: vay, Lidoro, dize a ElRey meu Pay, que abrevie os noſſos deſpoſorios, para que vejas, que o meu deſvio naõ ſe origina de occultos affectos. Perdoa, Tezeo, eſtas fingidas vozes de minha cautella, que todas ſaõ dirigidas à tua liberdade. *à part.* Tezeo.

Tezeo. Que estará Ariadna dizendo a Lidoro com tanta efficacia?

Lidor. Bellissima Ariadna, agora conheço a temeridade de meus ciumes. Porém quando naõ forão indiscretos os zelos? E pois com tantos favores premeyas os meus delictos, deixa que prostrado, novamente a minha liberdade te sacrifique.

Poem-se Lidoro de joelhos, e Ariadna o levanta.

Tezeo. Que he o que vejo? Ay de mim, Dedalo! Que importa estar aqui ocioso o ouvido, se os olhos como testemunhas de vista me informaõ dos meus zelos? Naõ viste a Lidoro rendido aos pés de Ariadna; e ella com alegres carinhos recebendo a victima de suas adorações?

Dedal. Póde ser, que naõ seja de amor o motivo desse rendimento, mayormente quando naõ pódes ouvir, o que dizem.

Tezeo. Hum impaciente amante, como Lidoro, que assumpto podia ter para as suas vozes, senaõ expressões de seu amor? Ay infeliz, que como basilisco dos zelos a mim mesmo me mato, quando os vejo no diafano daquelle espelho!

Lidor.

Lidor. Porém já que o ſuave eſpirito de tua fineza communica novos alentos à minha eſperança, permitte-me algum final externo de tua conſtancia.

Ariad. Creſça o engano, augmente-ſe a induſtria. Suppoſto que o abono de minha palavra para me acreditares baſtava, com tudo, eſte retrato meu ſerá o fiador, para que creias mais à copia, que ao original. *Dá-lhe o retrato.*

Lidor. Com o favor deſte retrato alentas ao meu coraçaõ de vivas cores.

Tezeo. Que dizes, Dedalo? Póde agora enganarſe a viſta? Naõ viſte dar Ariadna hum retrato ſeu, que no peito trazia, a Lidoro? Que mais clara evidencia de ſua falſidade? Ah ingrata! Ah falſa Ariadna! Eſſas eraõ as tuas iſenções? Porém ſe es mulher, que muito ſejas mudavel!

Dedal. Oh quem nunca trouxera a Tezeo a eſte lugar!

Lidor. Para que me poſſa vangloriar de ditoſo, ſó falta, que hum favor me concedas.

Ariad. Dize.

Lidor. Attende.

Cantaõ

Cantão Lidoro, Ariadna, e Tezeo a seguinte

ARIA.

Lidor. Se ostentas no pintado
Constante o teu agrado,
Oh peço-te naõ seja
Pintado o teu favor.

Ariad. Se o vario dessas cores
Adoras por favores,
Nas sombras da pintura
Mitiga o teu ardor.

Tezeo. Falsa, cruel, avára,
Na duvida repara,
Verás nesse retrato
Copiada a minha dor.

Lidor. Dize, serás constante?

Ariad. A mim naõ mo perguntes,
O tempo to dirá.

Tezeo. Tyranna, eu desespero,
Eu me abrazo, eu enlouqueço.
Quem vio tormento igual!

Lidor. A copia que me anima,

Ariad. A gloria que me alenta,

Tezeo. A dor que me atormenta,

Todos. Se intenta eternizar.

Lidor. Mas ay, que essa fortuna
Naõ posso acreditar!

Ariad. Mas ay, que a tua idéa
Se póde allucinar!

Tezeo. Mas ay, que o meu ciume

Me quer precipitar!

Lidor. Ar. Pois que ouço,

Tezeo. Pois que vejo,

Todos. Que nada no Orbe conſtante ſerá.

Vaõ-ſe Lidoro, e Ariadna.

Dedal. Principe, naõ te entregues todo ao ſentimento, deixa loucuras de amor.

Tezeo. Nada me digas; deixa-me ſeguir a huma inimiga, que na fragrancia daquelle jardim ſe oſtenta Venus daquelle Adonis; porém o meu mavorcio furor em ſanguinolenta metamorfoſe eſcreverá nas folhas das brancas roſas as rubricas de minha vingança. *Quebra o eſpelho.*

Dedal. Que he o que intentas?

Tezeo. Arrancar aquella traidora dos braços de ſeu amante.

Dedal. Que culpa teve o cryſtal, para experimentar o teu rigor, quando nelle ſó por reflexo viſte a cauſa de tuas penas?

Tezeo. Ainda que errey o tiro, ſempre acertey o golpe; porque eſpelho, que foy theatro dos meus zelos, he bem que em atomos deſfalleça, para que no eſtrago de ſeus cryſtaes ſe repreſente melhor a tragedia de meu amor; já que o furor, que me abraza, naõ ſabe liquidar no eſpelho de meus olhos o cryſtal de meu pranto.

Dedal.

Dedal. Em hum inſtante deſvaneceſte o trabalho de tantos annos.

Tezeo. Dedalo, guia-me à ſala dos enganos, aonde me diſſe Ariadna a eſperaſſe eſta noite; pois já o Delio Planeta em mal diſtinctas luzes quaſi toca a diafana méta do ultimo horizonte.

Dedal. Para que procuras a Ariadna, ſe a viſte ſeguir a Lidoro?

Tezeo. Por iſſo meſmo, para que na ſala dos enganos encontre o ultimo deſengano. Ay Dedalo, que ha no mundo mais labyrinthos do que cuidas!

Dedal. Naõ ſey, que atéaqui haja outro, fóra deſte.

Tezeo. Pois ſabe, que dentro deſte Labyrintho exiſte outro labyrintho.

Dedal. Naõ entendo.

Tezeo. Para que me entendas, attende, e verás.

SONETO.

Labyrintho mayor, mais intrincado,
Tem amor em meu peito conſtruido,
De quem ſe oſtéta aos golpes do gemido,
Sinzel a magoa, artifice o cuidado.
Na memoria ſe vê delineado,
O tormento de hum goſto amortecido,
Na confuſaõ da dor o bem perdido

Nunca ſe encõtra, ainda quando achado.
A' maquina mental deſta eſtructura
Adornaõ, em funeſtos parallelos,
Lamina o ſuſto, ſombras a pintura:
Columnas ſaõ os miſeros deſvélos
Eſtatua o deſengano ſe affigura,
Fio a eſperança he, monſtros os zelos.
Vaiſe.

Dedal. Quem duvída, que amor he o mayor labyrintho? *Vaiſe.*

SCENA V.

Sala de columnas, que a ſeu tempo cahirdõ, e ficará tudo em outra viſta, e no fim da ſala haverá huma Vaca.

Sahe Eſfuziote.

Eſfuz. AGora que a boca da noite vay engolindo o manjar branco do dia: naõ digo bem; agora que a lingua do Sol ſe vay encolhendo na boca da noite, a quem o cadeado do ſilencio lhe fura os beiços da eſcuridade, venho ſegunda vez ao Labyrintho; que ſe a primeira vim, porque nella me perdi, agora venho, porque fóra delle me querem deitar a perder. Fiai-vos lá em mulheres, que em tendo zelos ſaõ peyores, que

que caens damnados! Tomara perguntar a Taramella, para que foy dizer a Lidoro pá pé, tudo quanto lhe diſſe, e por hum triz, que me naõ apanha com o rabo na ratoeira: naõ lhe perdoo o máo cozimento, que me cauſou com os ſuſtos; porém para me livrar delles, e della, hirey buſcar a Tezeo; que antes quero viver no Labyrintho, que morrer em Palacio; que póde ſer, que ſe lhes meta em cabeça, que eu ſou Tezeo de verdade, e me torçaõ o peſcoço, aſſim como quem naõ quer a couſa; pois çafaõ daqui fóra. Oh, eſta ſem duvida he a Vaca, que diſſe Dedalo fabricara para Pazife! Cá eſtá a eſcotilha, por onde a tal Rainha vio os touros de palanque! Mas eu, ſe me naõ engano, aqui vem gente; ſeja quem for, eſcotilha aberta, juſto pecca; eu me eſcondo dentro da Vaquinha feito Rainho, até que paſſe quem quer que he.

Eſconde ſe Esfuziote na Vaca, e ſahe Taramella.

T*aram.* Outro recado temos de Ariadna para Tezeo. He para ver ſe ſe namoraõ à chucha callada! Bem fiz eu em dizello a Lidoro. Eſta he a ſala dos enganos para onde hey de dizer a Tezeo, que

que venha : mas iſto he quaſi noite, para hir ao centro do Labyrintho, e temo que me anoiteça no caminho ; o melhor ſerá hirme embora, que aſſim como aſſim já naõ tenho mais que ſaber, que certos ſaõ os touros.

Eſfuz. Mais certa he a vaca : eſta he Taramella ; naõ ſey ſe lhe falle, pois quando a ſua falſidade me eſconde, a ſua belleza me eſcancarea ?

Taram. Ay ! Ainda aqui eſtá eſta negra Vaca ? Naõ ſey como ſe conſente eſte traſte em ſer !

Eſfuz. Bom traſte es tu.

Taram. Só de a ver me tremem as carnes.

Eſfuz. A rapariga tem tremendas carnaças.

Taram. Oh maldito ſeja Dedalo, que tal fez para occaſiaõ de tanta ruina !

Eſfuz. Oh maldita ſejas tu, que taõ lambareira es !

Taram. Ella ſem duvida parece couſa viva.

Eſfuz. Ora viva quem ſe chega.

Taram. Para que mais, até a pelle tem cabellos.

Eſfuz. A occaſiaõ pelos cabellos. Eſpera, cabelluda Deidade, que hoje o pente de meu carinho te tirará as lendeas de tua deſconfiança. *Sahe da Vaca.*

Taram.

Taram. Ay! Quem me acode, que a Vaca ſabe fallar?

Eſfuz. Ha couſa mais eloquente em hum banquete, que huma lingua de vaca? Mas a tua com tua licença merecia ſal, e pimenta.

Taram. Uy! Voſſa Alteza cá eſtá na ſala dos enganos? Naõ quiz deixar de obedecer a ſeus amores? Fez muito bem, que ella tudo merece.

Eſfuz. Quem he eſſa ella, Taramella?

Taram. Já lhe eſquece? He aquella, com quem dançou a noite paſſada.

Eſfuz. A noite paſſada dancey comtigo.

Taram. Naõ me queira deſeſperar; eu naõ o vi dançar com Ariadna com a meſma banda azul, que lhe levey ao Labyrintho, e por final que dançou melhor, que ninguem?

Eſfuz. A'gora, já eſtou muy pezado; iſto he chaõ, que já foy vinha.

Taram. Logo naõ nega, que dançou com Ariadna?

Eſfuz. Naõ, filha, que eu naõ podia dançar bem, ſenaõ comtigo.

Taram. E a banda azul?

Eſfuz. Azul he ciumes; quem os tem, anda cegó; quem anda cego, naõ vê; e quem naõ vê, naõ póde julgar de cores.

Taram.

Taram. Ora, Senhor, tenho entendido, que Voſſa Alteza faz zombaria de mim.

Eſfuz. Já te diſſe, que me naõ altezees, que o amor, e a Mageſtade, ſempre ſe aſſentaraõ em iguaes tripeças.

Taram. Senhor, com que eſtamos? Voſſa Alteza póde negar, que eu lhe trouxe huma banda azul ao Labyrintho em nome de Ariadna?

Eſfuz. Aſſim foy, que a verdade manda Deos, que ſe diga.

Taram. Póde negar, que agora o acho aqui neſta ſala dos enganos, na qual me diſſe Ariadna a eſperaſſe Voſſa Alteza, por ſe acaſo naõ tiveſſe ouvido bem, o que ella lhe diſſe? He iſto verdade?

Eſfuz. Verdade he, que eu eſtou aqui.

Taram. Logo digo eu bem, que namora a Ariadna?

Eſfuz. Iſſo he mentira.

Taram. Como póde ſer verdade, e mentira ao meſmo tempo?

Eſfuz. Porque neſte tempo tudo ſaõ mentiras, e verdades.

Taram. Se iſſo he conceito, naõ o entendo.

Eſfuz. Pois eu era taõ deſcortez, que diſſeſſe conceitos na tua preſença?

Taram. E para mais prova, diga, que fazia

zia debaixo da meſa eſcondido, ſendo hum Principe?

Eſfuz. Eſtava para fazer certa prova.

Taram. Prova? De que?

Eſfuz. Da tua falſidade, pois foſte taõ linguatriz, que diſſeſte a Lidoro, que eu eſtava vivo. Dize, tyranna, aſſim deſempenhas a catarata do teu nome? Se es Taramella, porque te naõ fechas? Mas ſe es Taramella devaſſa, por iſſo te abriſte, deſenterrando mortos, para enterrar vivos: que dizes agora?

Taram. Digo, que fiz muito bem; pois já que eu o naõ hey de lograr, naõ quero que me logre tambem; já que eu choro o ſeu deſvio, ſinta Ariadna o que eu padeço; mas diga-me: por ventura quando ſe meteo debaixo da meſa, já ſabia o que eu havia de dizer a Lidoro?

Eſfuz. Calte, tolla, mecanica, naõ ſabes, que nós os Principes temos o dom de adevinhar? E para que o vejas, eſſa joya, que trazes no peito, te deu Lidoro, naõ he verdade?

Taram. He verdade, pois que temos?

Eſfuz. Temos embargos a iſſo: dize-me, inſolente, leviana, fragil, pois tu aceitas joyas de Lidoro, eſtando para caſar com hum Principe de Athenas?

Taram.

Taram. Elle naõ ma deu por mal.

Esfuz. Pois eu por mal a tomo; lar- *Tira a*
ga eſſa joya, indigna futura Prin- *joya.*
ceza, que naõ he decente à minha hon-
ra, que adorne teu peito falſo diamantes
finos. He boa graça! Eſtou ardendo!
E quando nada ſaquey a joya por bom
modo. *à part.*

Taram. Com que Voſſa Alteza me leva a
joya, ainda em cima de me ſer desleal?

Esfuz. Olha, filha, aqui ninguem nos ou-
ve; eu bem ſey, que Lidoro tè naõ deu
por mal eſſa joya; mas naõ he brio meu,
que tu tragas diches deſſe ſevandija.

Taram. Senhor, eſtava muito bem, ſe Voſ-
ſa Alteza naõ amaſſe a Ariadna.

Esfuz. Olha, permitta Deos, que ſe eu
cazar com Ariadna, que berrando vá a
minha alma parar aos quintos infernos a
fazer filhozes com Plutaõ.

Taram. Quanto mais jura, mais mente.

Esfuz. Que por amor de meu amo perca
eu eſſa tolã! Ora vem cá, minha Ta-
ramella, façamos as pazes, tem laſtima
deſte amante coraçaõ, que por ti cho-
ra pelas barbas abaixo como huma cri-
ança. Naõ te compadecem os ſoluços de
hum Principe, que aſſoando o monco
da magoa no lenço da ingratidaõ, deſ-
tila

tila o nariz da fineza o eſtilicidio do ſoffrimento? Digo alguma couſa?

Taram. Ay, deixe-me, naõ ſeja importuno, antes que lhe perca o reſpeito.

Eſfuz. Perde-o muito embora, que niſſo pouco ſe perde.

Taram. Pois já que me dá licença, ouça com o devido reſpeito.

Canta Taramella a ſeguinte

ARIA.

Que tremulo marres,
Que eſtatico morras,
Que eſtitico mirres,
Que morras, que marres, que mirres,
E a mim que ſe me dá?
Por mais que em teus males
Em ancias te eſtales
E em prantos te eſtiles,
De balde ſerá.
Quer irſe, e ſahe Sanguixuga.

Sang. e Eſfuz. Eſpera, aonde vás, Taramella?

Taram. Deixe-me, que vou deſeſperada.

Eſfuz. Oh quanto folgo, que vieſſe tua tia!

Sang. He poſſivel, rapariga, que me faças vir tropeçando por eſſes Labyrinthos, vendo, que nelle entraſte a eſtas horas?

horas? Que loucura foy eſſa?

Taram. He vir ſegunda vez verificar os meus zelos, para que com duas teſtemunhas de viſta ſentencee a eſte falſo Principe a perpetuo deſterro de meus carinhos.

Eſfuz. Bem folgo eu, Senhora tia, que vieſſe voſſa Sanguixuguiſſe, ſó para ver a inſolencia, com que ſua ſobrinha trata ao ſegundo filho primogenito d'ElRey de Athenas, ſó porque a Infanta ſe affeiçoou de mim; e veja, tia, que culpa tenho eu de ſer querido?

Sang. Senhor, ſe minha ſobrinha lhe naõ tiveſſe amor, naõ teria zelos. Que fará ſe ella ſoubeſſe, que Fedra tambem o namora? *à part.*

Eſfuz. E foy taõ inſolente, que em vilipendio da minha peſſoa aceitou huma joya do Principe Lidoro.

Sang. Ay, Senhor, naõ ſeja ciumento, que em Palacio he eſtylo darem os Principes joyas às Criadas do Paço. Olhe, eſta, que aqui vê, ma deu o Principe de Chypre.

Eſfuz. Inda mais eſſa temos? Venha, tia, eſſa joya muito depreſſa.

Sang. Ay! A minha joya? Para que?

Eſfuz. Para que ſim, ſenaõ *à fortiori* lha vou

vou tirando. Arre lá, a tia vindoura de hum Principe de Athenas ha de trazer joyas do Principe de Chifre! Iſſo naõ; naõ Senhora, em quanto eu tiver o olho aberto. Já temos duas joyas. *à part.*

Sang. Dê-me a minha joya, Senhor.

Esfuz. Nada, nada, naõ tem que ſe canſar. Que dirá o Embaixador, que he zeloſo como os diabos, ſe lhe vir eſſa joya? Naõ queira pelo pouco perder muito.

Sang. Eu entendo, que iſſo do Embaixador he palhada, pois ha muito, que o naõ vejo.

Esfuz. Como recuſava o teu matrimonio, mandey-o degradado para a ſua Patria; mas logo virá deitarſe a teus pés.

Taram. Tia, naõ gaſtemos tempo; vamos, que he tarde.

Esfuz. Diga-lhe primeiro, que faça as pazes comigo; e para que naõ cuide, que amo a Ariadna, aqui meſmo neſte lugar quero cazar com ſua ſobrinha; ande, leve o diabo quem naõ quer.

Sang. Ay menina, aproveita-te da occaſiaõ.

Taram. Ah falſario, naõ cuides, que me has de lograr. *à part.* Pois, Senhor Tezeo, meta-ſe outra vez na Vaca, e eſpere por mim, que eu vou buſcar luzes, para celebrarmos o matrimonio com lumi-

luminarias. Tu verás como me vingo.
à part. e vaise.

Sang. He possivel que hey de ver com estes olhos esbugalhados a minha sobrinha Princeza! Senhor, saiba Vossa Alteza, que por esta obra pia de amparar huma orfã sem mãy, haõ de os Deoses fazello victorioso de seus inimigos. *Vaise.*

Esfuz. Eu sou o noivo, e levo o dote em joyas: com esta casta de gente sou eu gente. Aparelha-te, Esfuziote, que hoje has de senhorear a melhor Deidade, que calçou cothurno. Ay, que já estou pulando! Ora sem duvida, que o fazerme Principe muito me grangea na confeitaria do amor: vamo-nos esconder na Vaca; começo a obedecer, quem principia a triunfar.

Mete-se Esfuziote na Vaca. Sahem Tezeo, e Dedalo.

Dedal. Esta he a sala dos enganos: nella naõ temas perigos, que no mayor, em que estiveres, te defenderey com hum certo artificio, que só para mim reservey.

Tezeo. Pois naõ te apartes nunca de mim, em quanto espero o sol de Ariadna, para clarificar a opáca sombra deste cáos; e quando naõ, o Cometa de meus zelos

los será luzido farol, que me allumie.

Esfuz. Frito seja eu, se aquella voz parda naõ he de Tezeo azul no seu ciume: alguma cancaburrada temos!

Sahe Tebandro.

Teband. Muy valente he o amor, pois desprezando horrores, e confusões, me conduz a este confuso abysmo de enleyos, facilitando-me o caminho a esta sala dos enganos hum pratico deste Labyrintho.

Sahe Ariadna pela parte de Tebandro, e Fedra pela de Tezeo.

Ariad. Naõ disse bem, quem affirmou, que o amor carecia de olhos; que a ser cego, naõ me guiaria a esta sala dos enganos, só a buscar o bem que adoro.

Fedra. Verdade fallou, quem disse, que o amor era lince, (*Sahe*) que a naõ ser, mal me conduziria a este pelago de horrores, a procurar a causa de meu tormento.

Tezeo. Passos ouço; sem duvida he Ariadna...

Teband. Gente vem; mas quem ha de ser, senaõ Fedra?

Tezeo. Vem, brilhante estrella de Venus, a influir... mas que digo? Tu naõ es a tyranna, que me offendeste?

Esfuz.

Esfuz. Eſtrella de Venus he eſtrella Boeira, aqui deve de haver algum touro, que vem namorar a eſta Vaca.

Tebaud. Feliz mil vezes eu, que em anticipadas luzes vejo confundir os rayos da Aurora com os reſplandores da Lua.

Esfuz. Se a Lua tem cornos, claro eſtá, que falla com a Vaca metaforicamente.

Fedra. Es tu acaſo aquelle ingrato, que naõ ſabe correſponder à minha fineza? *para Tezeo.*

Tezeo. E tu, ſem ſer acaſo, naõ es aquella mudavel, que grata, e carinhoſa te oſtentaſte com Lidoro eſta tarde no jardim? *para Fedra.*

Fedra. Vê que te enganas.

Ariad. Oh quanto eſtimaras mais neſta occaſiaõ, que eu naõ foſſe eu, ſenaõ minha irmã, a quem como agradecido ſaberás ſer amante. *para Tebandro.*

Teband. Tu naõ ſabes, galharda Fedra, que nunca Ariadna me mereceo hum cuidado? *para Ariadna.*

Ariad. Tezeo cuida que ſou Fedra: ah cruel, que mal pagas hum conſtante amor! *à part.*

Esfuz. Que diabo de ſuſſurro ouço aqui! Sem duvida iſto he algum viveiro de cochichos!

Fedra,

Fedra. Naõ ſey, que motivos tenhas, para fabricar eſſe penſamento contra a lealdade com que te adoro?

Tezeo. Se tu ſouberas o como te vi com Lidoro, talvez que o naõ negaſſes; porém mal poderáõ as tuas vozes contradizer aos meus olhos?

Fedra. Já ſey, que iſſo he maxima, que inventa a tua falſidade, para que me falte o tempo de dizerte, que ſó eſtimas os favores de minha irmã; mas ſe o teu amor naõ fora cego, talvez que ſouberas avaliar as finezas, que me deves.

Tezeo. Tu bem ſabes, Ariadna, que ſempre foſte primogenita de meu amor, ſem que lograſſe Fedra já mais as prerogativas de querida.

Fedra. Ay de mim, que Tezeo cuida, que ſou Ariadna! Oh ingrato Principe, quem nunca te conhecera! *à part.*

Eſfuz. Muito tarda Taramella: eu confeſſo, que já naõ poſſo eſtar embezerrado.

Teband. Já naõ ſey, formoſa Fedra, quando me verey completamente feliz.

Ariad. Deixa-me, ingrato, traidor, que já me falta a paciencia para ouvir as tuas falſidades.

Teband. Jupiter com ſeus rayos me abra-

ze, ſe algum dia quiz a Ariadna; pois ſó a ti formoſa Fedra....

Ariad. Cala-te: ay de mim, que cada vez me offendes mais!

Fedra. Baſta que nunca idolatraſte a Fedra?

Tezeo. Só tu, ingrata Ariadna, a pezar das tuas falſidades ſoubeſte uſurpar toda a liberdade de meu alvedrio.

Fedra. Calla-te, deſagradecido, que já te naõ poſſo eſcutar.

Tezeo. Eu nunca amey a Fedra, tu a Lidoro ſim; deixa me, ingrata, naõ te compadeças da minha vida.

Ruido dentro.

Dedal. Tezeo, retira-te; ahi cuido, que eſtá alguem.

Fedra. Retira-te por hum pouco, ingrato, que ſe me naõ engano, alli vem gente.

Tezeo. Será illuſaõ; mas com tudo por amor de ti me retiro.

Eſfuz. Ainda naõ vem eſta maldita Taramella; pois o verde de minha eſperança ſe vay mudando no amarello da deſeſperaçaõ.

Eſconde ſe Tezeo, e Dedalo. Sahe Lidoro com eſpada na maõ, e Taramella.

Taram. Senhor Lidoro, eſta he a ſala dos enga-

enganos, buſque-o na Vaca, que elle lá eſtá eſperando pela Senhora Ariadna.

Lidor. Ah falſa cruel, hoje me vingarey de ti, e deſſe tyranno, que me offende. Mas quem eſtá aqui? Ariadna he ſem duvida.

Encontra-ſe com Fedra.

Fedra. Quem ha de ſer? Já me deſconheces? He a tua Ariadna.

Lidor. Naõ me enganou Taramella. *à part.*

Tebaud. Querida Fedra, cuido, que gente vejo.

Ariad. Naõ ſou Fedra, falſo, traidor amante.

Tebaud. Ay de mim! Quem ſerá?

Lidor. Dize, ingrata Ariadna, ainda naõ achaſte neſta eſcuridade a luz de teus olhos? *para Fedra.*

Dedal. Eſpera, Tezeo, aonde vás com eſſa eſpada?

Tezeo. A vingar injurias de meu amor: morra o traidor que me offende.

Sahe Tezeo com eſpada, briga com Lidoro, e com a confuſaõ ſe trocaõ as Damas, ficando Fedra ao lado de Tebandro, e Ariadna ao de Lidoro.

Lidor. Morra o aleivoſo, que me opprime.

Fedra. Que deſgraça! Ampara-me, Principe.

Ariad. Que infelicidade! Sempre a teu lado morrerey conſtante.

Dedal. Que confuſaõ!

Teband. Fedra, primeiro eſtá a tua vida: vem comigo.

Esfuz. Neſta arrenegada da confuſaõ ſahio o trunfo de eſpadas: ainda bem, que eſtando o meu Sol em Tauro, eſtou metido em hum ſino.

Taram. Ay mofina de mim, que eu tive a culpa diſto! Hirey chamar quem acuda. Acudaõ todos, acudaõ a eſtorvar a mayor deſgraça, que já mais ſe vio: acudaõ, acudaõ. *Vaiſe.*

Tezeo. Debalde reſiſtes ao vigoroſo impulſo de meu braço.

Lidor. Por iſſo ſerá mayor o meu triunfo: valente ſois!

Tezeo. Tenho amor, e tenho zelos.

Esfuz. He hum regalo ver touros de palanque.

Teband. Fedra, ſegue-me.

Fedra. Como, ſe eſtou quaſi mortal?

Ariad. Senhor, ampara a minha vida.

Dentro ElRey.

Rey. Cercay todos o Labyrintho, para que ſe inveſtigue a cauſa deſte alboroto.

Dedal. Retiremo-nos, que vem ElRey.

Tezeo.

Tezeo. Dedalo, agora he tempo para que a tua induſtria me valha.

Dedal. Anda comigo, que deſta ſorte nos naõ poderáõ ſeguir. *Retiraõ-ſe.*

Sahe ElRey, e hum criado com luz; e depois que ElRey diz: Suſpendey as armas, *vaõ-ſe Tezeo, e Dedalo, o qual dará huma grande pancada, e cahem as columnas, e fica em viſta de pateo.*

Rey. Suſpendey as armas. Mas ay de mim, que a ſala toda vem vindo ſobre nós! Eſtranho ſucceſſo!

Lider. Iſto he terremoto ſem duvida!

Todos. Deoſes elemencia!

Eſtuz. Senhores, que diabo ſerá iſto? Tanta bulha, e algazarra ao redor da Vaca? Sem duvida iſto he algum aſſougue!

Rey. Perplexo, e confuſo, naõ ſey o que pronuncie.

Ariad. Lidoro aqui, e Tebandro? Tezeo ſem duvida ſe retirou, antes que o viſſem. Oh quanto eſtimo, que o naõ encontraſſem! *à part.*

Fedra. Aonde eſtará Tezeo? Talvez ſe auſentou, vendo que vinha gente. *à part.*

Teband. Com quem brigaria Lidoro, naõ eſtando aqui mais do que eu, e elle? *à p.*

Lider. Tebandro foy ſem duvida o com quem briguey. *à part.*

Rey.

Rey. Ainda naõ eſtou em mim, confuſo entre tanto aſſombro. Lidoro, Tebandro, que foy iſto neſta ſala?

Lidor. Se bem reparo, Senhor, iſto naõ foy terremoto, ſeria algum artificio de Dedalo, que occulto eſtaria aqui; pois outro novo edificio ſe deixa ver, a pezar da artificioſa ruina das columnas.

Rey. Iſſo he ſem duvida; porém como Dedalo ainda vive encerrado no Labyrintho, delle meſmo me poderey informar; mas por ora naõ me importa ſaber iſſo tanto, como a cauſa de voſſos inſultos, inquietando o ſilencio da noite, e o ſagrado deſte Labyrintho com deſafios; e o que mais he, ver eu aqui as Infantas neſte ſitio, e a eſtas horas, e vós, Lidoro, com eſſa eſpada na maõ.

Ariad. Eu, e Fedra, Senhor, vindo-nos a divertir, e admirar, como ſempre, eſte Labyrintho, ſuccedeo anoitecernos; e perdendo o tino na confuſaõ da noite, e do lugar, começámos a chamar quem nos acodiſſe, e os Principes, talvez informados das noſſas vozes, e clamores, ſe animaraõ a vir libertarnos deſte enleyo. Eſta he a cauſa, Senhor, de nos achares aqui, e Voſſa Mageſtade me permitta licença, que a fadiga do ſuſto me

me obriga, a que me recolha. *Vaiſe.*

Fedra. Bem fingio Ariadna. *à part.*

Eſtuz. Tambem quem quer que he, mente que trezanda.

Tebaud. Como Voſſa Mageſtade já eſtá informado da verdade, naõ tendo mais que ſaber, naõ tenho eu mais que eſperar; mas ſim a Fedra: Ay louco amor, quando teraõ fim os meus males? *à p. e vaiſe.*

Lidur. Por cuja cauſa, Senhor, naõ havia vir deſarmado, vindo a eſte lugar. Diſfarcemos ainda a falſidade de Ariadna. *à part.*

Rey. Já tenho dito, que quando quizerem vir ao Labyrintho, naõ venhaõ deſacompanhadas; e já que ſe fez inutil o meu preceito, agora inviolavelmente ordeno ſob pena de minhas iras, que nem vós, nem Ariadna, venhaõ mais ao Labyrintho.

Fedra. Senhor, Voſſa Mageſtade.... eu ſe....

Eſtuz. Aquella finge, que eſtá turbada.

Rey. Eu evitarey eſtes ſuſtos: e vós, Lidoro, já tendes viſto, que naõ ha em Creta, quem pudeſſe dançar com Ariadna; e aſſim ſatisfeito o voſſo eſcrupulo, podeis eleger, ou o hirvos para Epyro, como quizeis, ou cazar com Ariadna, como

como pertendo, por naõ fazer infructifera a voſſa vinda.

Lidor. Como já ſey quem foy o que dançou com Ariadna, ſerá juſto, que eleja o hirme para Epyro.

Rey. Pois que eſperais, que o naõ dizeis?

Fedra. Que ſerá iſto?

Eſfuz. Lá vay Tezeo com os diabos deſta vez.

Rey. Vede, Lidoro, naõ ſeja iſſo delirio de voſſos zelos.

Lidor. Naõ ſaõ delirios, ſaõ realidades, pois me atrevo a moſtrallo neſte meſmo lugar.

Eſfuz. Agora iſſo tomara eu ver pelo buraco deſta eſcotilha.

Rey. Neſte meſmo lugar? Aonde, ſe aqui naõ eſtá ninguem?

Lidor. Dentro daquella Vaca acharás quem com Ariadna dançou.

Eſfuz. Ay que elles comigo! Por aqui anda Taramella.

Fedra. Tomara já ver quem dançou com Ariadna. *à part.*

Rey. Olá, inveſtigay eſſa Vaca, que ſegunda vez ſe conſerva para a minha afronta, já que o meu deſcuido a naõ reduzio em cinzas, para que na minha lembrança ſó ſe conſervaſſe eſta memoria.

Chega

Chega hum Soldado a tirar Esfuziote da Vaca.

Lidor. Agora me vingarey de Ariadna. *àp.*

Soldad. Quem ahy eſtá ſaya para fóra.

Esfuz. Vaca naõ tem ſaya.

Soldad. Vá-ſe ſahindo dahi.

Esfuz. A Vaca he de páo, e naõ póde andar.

Rey. Quebrem eſſa Vaca. *Daõ na Vaca.*

Esfuz. Querem carne de chacina? Eſperem, que eu me patenteo, antes que me metaõ os tampos dentro. Pois que he iſto cá? *Sahe.*

Lidor. Que he o que vejo! Eſte he Tezeõ, que me diſſe Taramella? *à part.*

Rey. Que he iſſo Lidoro? Eſte criado he o que dançou com Ariadna? Vês, que tudo foy delirio do teu ciume?

Lidor. Naõ ſey o que reſponda. Senhor, já ſey, que o meu ciume me póde allucinar, mas naõ foy ſem fundamento. Eſtou corrido! *à part. e vaiſe.*

Esfuz. E eu parado. Senhor, ſirvo aqui de alguma couſa, ſenaõ quero buſcar minha vida?

Rey. E tu, Esfuziote, que fazias dentro deſſa Vaca? Dize.

Esfuz. He que eu ſempre fuy muito amigo de vaca.

Rey. Reſponde a propoſito.

Esfuz.

Esfuz. Senhor, como fou Filoſofo natural, meti-me dentro da Vaca, por ver ſe ſe dava vaca *in rerum natura.*

Rey. Se naõ fallas a verdade, mando-te lançar ao Minotauro.

Esfuz. O Minotauro já me naõ mete endo, para dizer a verdade: ſaberá V. Real Mageſtade, que fuy criado de Tezeo, que o eſcuro Cocyto haja; quando de mim ſe apartou, me pedio de joelhos com lagrimas de quatro em quatro, que fizeſſe eu muito por lhe apanhar alguns oſſos ſeus, que ſobejaſſem ao Minotauro, e que os enviaſſe para Athenas para conſolaçaõ de ſeu Pay; pois naõ queria, que quem lhe comeo a carne, lhe roeſſe os oſſos. Eu por lhe cumprir a ſua ultima vontade, entrey neſte Labyrintho, e cuidando, que a vaca era carneiro, entrey nella, para ver ſe achava algum oſſo, a tempo que ſe armou huma briga, e veyo Voſſa Mageſtade, e acabouſe eſta hiſtoria.

Rey. Por ſeres fiel a teu amo, te perdoo eſte exceſſo; porém te ordeno, que naõ venhas mais ao Labyrintho, aliás te matarey.

Esfuz. Sim, Senhor, vá Voſſa Mageſtade deſcançado.

Rey.

Rey. Folgo, que ficaſſe deſvanecida a preſumpçaõ de Lidoro: vem, Fedra. *Vaiſe.*

Fedra. Eu te obedeço. *Vaiſe.*

Eſfuz. Iſto já anda muito bolido. com enganos, e chiſmes de Taramella; hirey aviſar a Tezeo, que ſe çafe daqui para fóra, pois ſe ElRey me aperta mais, eu ſem eſtar bebado; me esborracho, e lá hia quanto Ariadna fiou. *Vaiſe.*

Lidor. Todos ſe foraõ, ſó comigo ficou o meu cuidado, pois ainda que o que eſtava eſcondido na Vaca, naõ era Tezeo, como me diſſe Taramella, com tudo póde ſer, que a prevençaõ variaſſe o ſucceſſo, pois nem Taramella me havia de enganar, nem podia deſconhecer o ſujeito, que dentro na Vaca ſe eſcondeo. Oh funeſto labyrintho de amor, aonde até os deſenganos ſaõ confuſões!

Cantá Lidoro a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Quem ſerá, juſtos Deoſes,
Eſſe feliz amante, que eſcondido
De Ariadna no idolo elevado
Victimas ſacrifica?
Quem ſerá [ay de mim!] eſſe gigante
Que a tanto ceo de amor ſubir pertende?
Que ſuppoſto naõ veja eſſe incentivo
Que meus zelos fabrica,

Com

Com tudo o coraçaõ ſempre preſágo
Naõ ſey que vaticina;
Pois timido, cobarde, e penſativo,
Cada objecto que vejo, he hum ciume,
E até do que naõ vejo zelos formo.
Que muito ſe eu de mim, em taes deſvelos,
Por amor de Ariadna tenho zelos!

ARIA.

Qual Leoa embravecida,
Que ſe vê deſtituida
Do filhinho tenro, e caro,
Que com furias, e bramidos,
Rompe a terra, e fere o ar:
Aſſim eu em meus gemidos
Bramo, peno, ſinto, e choro,
Vendo (oh Deos!) o que eu adoro
Noutros braços deſcançar.

SCENA VI.

Labyrintho. Sahe Tezeo.

Tezeo. GRande confuſaõ cauſaria a ſubita ruina das columnas, entre cujo horror pudemos ſahir, ſem ſermos notados de ninguem; porém que importa, que de hum ſuſto me redima, ſe de hum cuidado me naõ ſeparo? Quem ſeria (oh duras penas!) aquelle, que appellidan-

pellidando de ingrata a Ariadna, quiz com inſtrumento de Marte vingar ofenſas de amor? Mas quem havia ſer, ſenaõ Lidoro, tyranno uſurpador de minha fortuna?

Sahe Ariadna.

Ariad. Tezeo, o amor, e o medo, ambos me deraõ àzas para buſcarte.

Tezeo. Olha que vens enganada, pois entendo, que buſcas a Lidoro.

Ariad. Deixa por ora eſſas loucuras, e fallemos no que mais importa.

Tezeo. Haverá couſa, que mais importe, que os meus zelos?

Ariad. Que zelos? Que Lidoro? Que delirio he eſſe?

Tezeo. Pergunta-o às flores do jardim, que teſtemunharaõ os reciprocos carinhos, com que attrahiſte a Lidoro, que ao depois na ſala dos enganos, chamando-te ingrata, me intentou matar.

Ariad. Quanto ao jardim, logo verás, que mais te defendo, do que te offendo; e quanto à ſala dos enganos, ha mais que apurar na tua inconſtancia, que na minha firmeza; pois cuidando tu, que eu era Fedra, por quem talvez eſperavas, me diſſeſte, que nunca Ariadna te mereceo

receo hum só cuidado. Vê agora se achas desculpa a este delicto?

Tezeo. Ariadna, a lingua naõ tem mais vozes, que as que lhe dicta o coraçaõ, aonde se conserva eterno o original de tua belleza, melhor que a tua copia no peito de Lidoro; e assim naõ intentes recompensar huma fingida offensa com hum aggravo verdadeiro.

Ariad. Para que naõ formes esse conceito contra a minha lealdade: saberás, que como a Lidoro aborreço a pezar de seus extremos, me disse hum dia, que a causa de meus desvios era, porque eu te adorava, pois sabia, que tinhas triunfado do Minotauro. Considera tu, que sustos estes para hum coraçaõ amante. E para que zeloso o naõ communicasse a ElRey, fuy mantendo a sua esperança com fingidos carinhos, até que te viesse avisar, para que com a fuga nos isentassemos deste imminente perigo, que nos espera. Vê agora se póde ser desleal, quem taõ finamente sabe ser amante? Mas como vejo, que só Fedra te merece cuidados, já naõ he licito, que eu te acompanhe, mas sim avisarte do perigo, por naõ faltar ao juramento, que dey de defender a tua vida, em remuneraçaõ

neraçaõ da que me déſte no boſque.

Quer irſe.

Tezeo. Eſpera, Ariadna, que naõ he juſto, que ao meſmo tempo, que me deixas agradecido, te auſentes queixoſa. Já ſey o extremo do teu amor; naõ te perſuadas, que Fedra, ſendo capaz para a minha veneraçaõ, o poſſa ſer para a minha fineza; tu ſó, belliſſima Ariadna, occupas ditoſamente todo o meu coraçaõ; de ſorte, que nelle naõ ha lugar, que poſſa accommodar outro objecto.

Ariad. Mal te poſſo acreditar, quando eſta noite te ouvi differentes expreſsões. Deixa-me, ingrato, que eſſes affectos ſó ſaõ para Fedra.

Tezeo. Farás com que deſeſpere na incredulidade de meus extremos.

Cantaõ Tezeo, e Ariadna a ſeguinte

ARIA A DUO

Tezeo. Tanto te adoro, tanto,
Que em ondas de meu pranto
Fluctua o meu amor.

Ariad. Tu dizes que me adoras,
Que gemes, e que choras,
Eu naõ te creyo, naõ.

Tezeo. Pois, cruel, para que me creas,
Rompe o peito, abre eſta alma,
Verás nelle o meu ardor.

Ariad.

Ariad. Na tua alma, e no teu peito,
Que de enganos acharey?
Tezeo. Sómente firmezas,
Ariad. Nenhumas finezas
Ambos. Neſte peito encontrarás.
Tezeo. Oh quem moſtrar pudera!
Ariad. Oh quem te conhecera!
Ambos. Ingrat.º, mas talvez
Que as chammas, que deſprezas
Em cinzas acharás. *Quer irſe Ariad.*

Tezeo. Ariadna, naõ augmentes a minha deſgraça com a tua ſemrazaõ.
Ariad. Ay que lá vem Fedra! Conſidera, ingrato, ſe ha motivos para a minha queixa.
Tezeo. Se Fedra vem, naõ ſerá, pois eu...
Ariad. Naõ he agora tempo de ouvir deſculpas; ſó tomara eſconderme, para que me naõ viſſe.
Tezeo. No concavo deſſa columna ha hum limitado gabinete, em que apenas cabem duas peſſoas, eſconde-te, já que aſſim o queres.
Ariad. Obſervarey as tuas falſidades.
Eſconde-ſe.
Tezeo. Qual ſerá o intento de Fedra? Queira amor naõ ſe encontre com o de Ariadna.

Sahe

Sahe Fedra.

Fedra. Tezeo, parece que querem os fados seja eu sempre tutelar de tuas infelicidades, a pezar de tuas ingratidões; e porque huma vez empenhada a defender a tua vida naõ era justo desistisse deste nobre intento; sabe, que já em Palacio ha claros indicios de que estás vivo; e assim, antes que ElRey o chegue a saber, trata de ausentarte com a brevidade possivel.

Tezeo. Será forçoso seguir o teu conselho.

Ariad. Naõ sey que intenta Fedra com tantos extremos!

Fedra. E pois naõ ignoras, que eu fuy o instrumento da tua vida na morte do Minotauro, para que se naõ venha a saber, que eu dey armas contra esse monstro, e sinta a indignaçaõ d'ElRey, será forçoso, que me leves comtigo para Athenas, se acaso o darte duas vezes a vida te póde fazer menos ingrato.

Tezeo. Notavel empenho! Que responderey a Fedra, ouvindo-me Ariadna! *à p.*

Ariad. E que viesse Fedra pôr o ultimo fim à minha desgraça! *à part.*

Fedra. Naõ me respondes? Porém nada me digas, que se eu tivera os meritos de

Ariadna, talvez foſſe venturoſa a minha ſupplica.

Tezeo. Naõ crimineis a Ariadna, pois nella nunca encontrey huma ſó piedade, nem creio, que huma lembrança; pois he ſem duvida, que imaginará, que eſtou morto.

Ariad. Bem fez Tezeo em negallo.

Fedra. Como póde ſer, que Ariadna ignore, que tu es vivo, ſe na ſala dos enganos eſta noite, aonde te diſſe me eſperaſſes, eſtando tu comigo?....

Tezeo. Eſpera, que eſtás enganada, pois naõ indo eu à ſala dos enganos, mal te podia fallar. Oh que incentivos para os zelos de Ariadna! *à part.*

Ariad. Por iſſo o traidor me chamava Fedra, cuidando que fallava com ella.

Fedra. Se huma evidencia intentas contradizer, já naõ tenho mais que te arguir; e aſſim, Tezeo....

Sahe Eſfuziote.

Eſfuz. Senhor, eſconda-me por vida ſua, que ahi vem ElRey, e ſe me vê, certamente me enlabyrintha para ſempre. Ay deſgraçado Eſfuziote!

Tezeo. Que dizes? ElRey vem ahi?

Eſfuz. Sim Senhor, ElRey em peſſoa: eſcondamo-nos depreſſa.

Fedra.

Fedra. Ay de mim, ſe ElRey me vê; pois tenho inviolavel preceito para naõ vir ao Labyrintho! Tezeo, eſconde-me, antes que perigue a minha vida.

Ariad. Que notavel deſgraça, ſe ElRey vir à Tezeo!

Tezeo. Eſte fim, que he verdadeiro labyrintho em que me vejo; pois naõ ha aonde eſconder a Fedra, ſenaõ aonde eſtá Ariadna! Que faraõ, ſe ſe encontraõ?

Fedra. Tezeo, eſconde-me, e tu tambem, para que ElRey naõ nos veja.

Eſfuz. Senhor, eſconda-me a mim ſe quer.

Tezeo. Senhora, o lugar que ha capaz para eſſe miniſterio, apenas he ſufficiente para occultar huma peſſoa; e aſſim hum de nós ha de ficar expoſto ao perigo de ElRey nos ver.

Eſfuz. Senhor, veja que Dedalo da outra vez diſſe, que alli cabiaõ duas peſſoas; e aſſim eu, e a Senhora Fedra bem cabemos nelle.

Fedra. Pois Tezeo, perigue a minha vida, antes que a tua; que melhor he conſervar a hum morto, que livrar da morte a hum vivo.

Ariad. Oh quanto invejo aquella fineza de Fedra!

Tezeo. Naõ he razaõ, Senhora, que eu por ſalvar a minha vida, exponha a voſſa ao perigo; occultai-vos, que o tropel já vem perto. Perdoe Ariadna, que eſta acçaõ he filha do meu brio, e naõ do meu amor. *à part.*

Fedra. E ſe fores viſto d'ElRey, que ſerá de ti?

Tezeo. O mais que póde fazer he matar-me; anda, eſconde-te já.

Esfuz. E eu, Senhor, aonde? he boa graça!

Fedra eſconde-ſe aonde eſtá Ariadna, e ſahe eſta.

Ariad. Pois naõ ha de ſer aſſim, que Tezeo naõ ha de ficar expoſto aõ rigor d'ElRey. Tezeo, ſe tu por ſalvar a Fedra expões a tua vida; eu por redemir a tua offereço a minha: anda, eſconde-te aonde eu eſtava, que iſto he ſaber conſervar a tua vida.

Tezeo. Ariadna, eſſe exceſſo tranſcende aos limites da mayor fineza; torna a eſconderte, ſenaõ por Jupiter ſoberano te juro, que ambos aqui ficaremos.

Esfuz. Melhor ſerá, que neſſe lugar me eſcondaõ a mim.

Ariad. Primeiro eſtá a tua vida.

Tezeo. A tua eſtá primeiro.

Fedra. Aquella he Ariadna; quem vio mayor

yor confuſaõ? Ah traidor Tezeo!

Tezeo. Occulta-te, Ariadna, que eu buſcarey induſtrias, que me defendaõ.

Eſfuz. Senhor, que diabo he iſto? Naõ ouvem a eſtropeada já neſſa caſa vifinha?

Ariad. Como te naõ queres occultar, quero conſervar a minha vida, para defender a tua.

Eſconde-ſe Ariadna. Sahe ElRey ſem olhar para Tezeo.

Eſfuz. E agora, Senhor Tezeo?

Tezeo. Poem-te atraz de mim, e ſegue os meus movimentos.

Rey. Já parece que he tempo de perdoar a Dedalo o delicto de fabricar a Vaca para Paziſe, pois baſtante caſtigo he a dilatada, e horroroſa priſaõ, em que eſtá, e com o motivo de ſua liberdade poderme-ha declarar todos os artificios deſte Labyrintho, que muitos ignoro, como o de cahirem as columnas na ſala dos enganos.

Tezeo. Em grande perigo eſtou! Valha-me todo o meu valor, e toda a minha induſtria.

Eſfuz. Eu eſtou aqui taõ agarrado como piolho ladro em ſovaco de almocreve.

Vaiſe ElRey voltando para Tezeo.

Rey. Eu me reſolvo; eu vou a libertar a Dedalo,

Dedalo. Mas ay de mim! Que he o que vejo? Parece, que ſe me figura naquella errada ſombra a imagem de Tezeo! Ay infeliz, que os cabellos ſe me eriçaõ!

Tezeo. ElRey ſe aſſuſtou de verme; pois o ſeu engano me valha. *à part.*

Eſfuz. Ah Senhor, já que me leva ao reboque, naõ haja por óra vento em popa.

Rey. Palida ſombra, vago horror da fantaſia, que pretendes de mim?

Tezeo Barbaro Rey, eſta que vês em corporea fórma, he a alma de Tezeo, que errante por eſte Labyrintho vem a noticiarte da parte de Plutaõ, ſupremo Juiz do Cocyto, a tua malevolencia, e injuſtiça, com que tyrannamente me uſurpaſte a vida, para que vivas na certeza, que haõ de os Deoſes vingar a minha morte com o eterno ſupplicio, que te eſpera.

Eſfuz. Ninguem faz papel de defunto como meu amo! Andar, ſe naõ ſomos duas almas em hum corpo, ao menos ſomos dous corpos em huma alma.

Rey. Naõ me horrorizes mais, funeſto eſpectaculo; já ſey, que fuy cruel para comtigo.

Eſfuz,

Esfuz. Ay que nos vamos ſubmergindo! Naõ ſerá a primeira vez, que os amos levem comſigo os criados ao inferno.

Tezeo com paſſos vagaroſos ſe meterá na mina com Esfuziote, de ſorte que a eſte o naõ veja ElRey.

Ariad. Com bella induſtria ſe livrou Tezeo!

Fedra. Notavel idéa por certo!

Rey. Quaſi que naõ tenho alentos para reſpirar. Olá da minha guarda, acudaõ todos.

Sahe Tebandro, e Soldados.

Teband. Senhor, que te ſuccedeo? Que tens, que taõ palido o teu ſemblante nos informa de algum extraordinario ſucceſſo?

Rey. Naõ ſey ſe poderey dizer o que vi, que o ſuſto me privou do uſo de todos os ſentidos.

Teband. Conta-me, Senhor, a cauſa de tanto exceſſo.

Rey. Tebandro, eu vidiſtinctamente neſte lugar huma agigantada, diſforme, e horroroſa viſaõ, que caminhando para mim com paſſos lentos, e vagaroſos, me diſſe com voz irada, e rouca, ſer o eſpirito de Tezeo, que da parte de Plutaõ me vinha notificar, que pela injuſta morte,

morte, que lhe dey, ſe me eſperava hum eterno tormento; e com iſto, abrindo-ſe a terra com eſpantoſo bramido, o ſepultou em ſuas entranhas.

Ariad. Sempre o medo repreſenta mayores os objectos.

Tebaud. He caſo verdadeiramente notavel! Vem, Senhor, a prevenir algum remedio a eſſe ſuſto.

Rey. Vamos, Tebandro: e vós outros cerray as portas deſte Labyrintho com traveſſas, além das guardas, para que fique inhabitavel para ſempre eſte cadafalſo, aonde ouvi a ſentença de minha condemnaçaõ.

Tebaud. Senhor, e Dedalo, e o Minotauro?

Rey. Morra Dedalo, pereça o Minotauro; pois hum, e outro foraõ inſtrumentos de meu precipicio. *Vaõ-ſe.*

Sahem da columna Ariadna, e Fedra.

Ariad. ElRey [ay deſgraçada!] manda fechar o Labyrintho; como ſahiremos daqui?

Fedra. A que fim, Ariadna, vieſte ao Labyrintho?

Ariad. A repoſta, que tu me havias de dar, ſe eu o meſmo te perguntara, ſervirá para a tua pergunta; mas agora naõ he tempo

tempo de averiguar zelos, quando mayor cauſa nos affligę.

Fedra. Nunca me enganey, que Tezeo amava a Ariadna. *à part.*

Ariad. Que dizes, Fedra, da noſſa deſgraça?

Fedra. Deixa-me, que o coraçaõ dividido a ſentir tantos golpes, naõ ſabe diſtinguir os ſentimentos.

Ariad. Aonde eſtará Tezeo? Tezeo?

Sahem da mina Tezeo, e Esfuziote.

Tezeo. Apenas ſayo de hum perigo, quando logo me vejo em outro mayor!

Esfuz. Naõ ha couſa como ſervir a Principes, que ainda depois de mortos amparaõ os criados.

Ariad. Naõ cuides, Tezeo, que quero arguirte de tuas falſidades, vendo aqui a Fedra; ſó quero dizerte, que ElRey mandou fechar o Labyrintho: vê como havemos daqui ſahir, com tal brevidade, que ElRey nos naõ ache menos em Palacio; e quando por mim o naõ faças, faze-o por Fedra, que tanto te merece.

Esfuz. Ainda mais eſſa temos? Em boa me vim eu meter!

Fedra. Naõ te perturbes, Tezeo, nem o meu reſpeito te obrigue a ſer menos extremoſo

tremoſo para com Ariadna, de cuja vida compadecido, vê como has de livralla, que pelo meſmo caminho, que a libertares, me ſalvarey à ſua ſombra, ſó por te naõ merecer algum favor eſpecial.

Tezeo. Que farey em taõ precipitado empenho?

Eſfuz. Senhores, Voſſas Altas Potencias deixem por ora couſas, que naõ vaõ, nem vem; cuidemos em materias de vir, e hir daquí para fóra, naõ tanto pelas Senhoras Infantas, quanto por mim, que tenho occupaçaõ no Paço, e naõ ſerá razaõ, que falte às obrigações d'ElRey meu amo.

Ariad. e Fedra. Que dizes, Tezeo?

Eſfuz. Senhor, diga alguma couſa, pois já ſe naõ póde livrar das ballas deſta Infantaria.

Tezeo. Senhoras, naõ vos afflijais, que tudo terá remedio. Dedalo, Dedalo, pódes ſubir ſem ſuſto.

Sahe Dedalo da mina.

Dedal. Que me ordenas? Mas que vejo! Aqui Voſſas Altezas?

Ariad. Dedalo, ſabe que tambem viemos a ſer companheiras na tua deſgraça.

Fedra. Quem te diſſera, que para noſſo eſtrago

trago fabricavas eſte Labyrintho!

Dedal. Saõ altas diſpoſições dos Deoſes, que ſe naõ podem evitar.

Tezeo. Dedalo, por ſucceſſos de amor, e fortuna, ſe achaõ aqui hoje as Infantas; o Labyrintho por ordem d'ElRey eſtá fechado, vê por onde havemos de ſahir?

Dedal. Por aquella mina, que vay ter às ribeiras do mar, como ſabes, pois naõ ha outro caminho.

Tezeo. Bem advertiſte.

Dedal. Oh quanto me peza haver fabricado eſte Labyrintho!

Eſfuz. O certo he, que eſte labyrintho, em que eſtamos, naõ o fabricou o Senhor Dedalo.

Ariad. Pois quem foy?

Eſfuz. Foy o amor, que he mayor architecto, que quantos Dedalos ha no mundo; e ſe o querem ſaber, dem-me attenção a eſte

SONETO.

Ser labyrintho amor, ninguem duvída,
Que eſte rapaz cruel, cego frecheiro,
Fabricou, como quiz, meſtre pedreiro,
Dêtro de huma alma hũ beco ſem ſahida.
O magano tomou bem a medida;
Valha-te o diabo amor, q̃ es marralheiro,
Pois por dar cos narizes num ſedeiro

No

No alfuje de hum rigor lança huma vida!
Anda neſte Palacio, o mais diffuſo,
O triſte coraçaõ num corropio,
Porque todo o querer he parafuſo:
E por mais que da idéa arda o pavio,
Em torcicolos mil ſe vê confuſo,
Pois ſempre no melhor ſe quebra o fio.

Ariad. Na tua toſca fraze diſſeſte verdades puras.

Esfuz. Que me faça bom proveito.

Tezeo. E pois eſtá determinado o fugirmos pela mina, para nos tranſportarmos para Athenas, ſerá preciſo, que vá Eſfuziote logo com joyas a frétar huma náo, e que junto à mina tenha eſcaleres promptos para o embarque, ſem que declare as peſſoas, que haõ de hir nella, e te eſperemos na boca da meſma mina, ao dares ſenha, que ſerá eſta: *Venhaõ Senhores*: e já que até o preſente tens ſido fiel, eſpero, que com eſta acçaõ coroes a tua fidelidade.

Esfuz. Eſtá muito bem, mas ſaibamos por onde hey de hir eu?

Tezeo. Por aquella mina, que vay dar ao mar.

Esfuz. Qual mina? Aquella aonde cahio ſemivivo o Senhor Minotauro? De burro, que eu tal vá.

Tezeo.

Tezeo. Tu bem viſte, que o Minotauro cahio morto, e já naõ pódes ter medo, pois Dedalo, eu, e tu, eſtivemos agora neſta mina.

Eſfuz. Eu com o medo naõ ſey aonde me meti, e era eu capaz naquella hora de meterme pelo fundo de huma agulha, que taõ pequeno me reduzio o pavor: com que, Senhor, eu naõ vou pela mina, que o meſmo ſerá lembrarme no caminho o Minotauro, que ficar tolhido ſem poder dar hum paſſo.

Dedal. O' Eſfuziote, parece mal dizer hum homem, que tem medo.

Eſfuz. Pois os homens ſaõ os que tem medo, que quanto os animaes, eſſes inveſtem como brutos.

Fedra. Pois como ha de ſer, que cada vez ſe difficulta máis a noſſa liberdade?

Dedal. Eu darey o remedio: como Eſfuziote recuſa hir pela mina, hirá pelo ar com humas azas, que lhe hey de pôr, e com ellas voará taõ ſeguro, como qualquer ave.

Tezeo. Agora naõ tens deſculpa; que dizes, Eſfuziote?

Eſfuz. Iſſo tem que cuidar: vamos, que entendo, que para iſto de voar naõ ſerey deſazado: venha, Senhor Dedalo.

Vaiſe. *Dedal.*

Dedal. Tu verás o meu artificio. *Vaiſe.*

Fedra. Tezeo, eſpero de ti, que em Athenas ſaibas agradecer as finezas, que me deves. *à part. e vaiſe.*

Tezeo. Tu verás a minha conſtancia. *à part. para Fedra.*

Ariad. Em fim me levas a mim, e a Fedra? Já ſey, que vou experimentar, ingrato, as tuas inconſtancias. *Vaiſe.*

Tezeo. Naõ temas variedades no meu amor. Oh Deoſes ſoberanos, ſe for ingrato a Fedra, naõ me crimineis; pois naõ podendo ſer eſpoſo de ambas, e a ambas devendo iguaes finezas, razaõ ſerá, que fique iſenta a vontade para preferir a Ariadna. *Vaiſe.*

SCENA VII.

Boſque, e marinha, como no principio, e a meſma gruta, mas desfeita; e dizem dentro o ſeguinte.

Rey. BUſquemos todos as Infantas, naõ fique penha, ou tronco, por mais inculto, que o noſſo cuidado naõ inveſtigue. *Dentro.*

Lidor. Ariadna, aonde te eſcondem os teus deſvios? *Dentro.*

Tebano.

Tebaud. Querida Fedra, quem te aparta dos meus olhos? *Dentro.*

Todos. Buſquemos as Infantas, que naõ apparecem. *Dentro.*

Sahem Sanguixuga, e Taramella.

Sang. Ay deſgraçada, que Fedra amolou as palanganas!

Taram. Que ſerá de V. m. minha tia?

Sang. Que ſerá de ti, minha ſobrinha?

Ambas. Que ſerá de nós?

Taram. E o peyor he, que o Senhor Tezeo entendo fugiria com Ariadna, e irá cazar com ella. Ah cruel Tezeo, que me deixaſte burlada!

Sang. Antes cuido, que irá cazar com Fedra, que por mim em certa occaſiaõ lhe mandou huma banda.

Taram. Ou caſe com huma, ou com outra, eu fiquey chuchando no dedo.

Sang. E eu ſem Embaixador, por meus peccados!

Taram. E ſobre naõ cazar comigo, levarme a joya, que me deu Lidoro, que nella tinha o meu dote!

Sang. E a mim a joya, que me deu Tebandro!

Taram. Oh Principe de huma balla, os diabos te levem.

Sang.

Sang. Oh Principe de huma figa, má rayos te partaõ.

Taram. Eu ſem Ariadna, e ſem joya!

Sang. Eu ſem joya, e ſem Fedra!

Ambas. Que ſerá de mim?

Vaiſe Sanguixuga, e apparece Esfuziote com as azas voando.

Esfuz. Nenhum alcoviteiro ſe vio até o preſente em mayores alturas! Iſto he, que he ſubir de hum pullo! Agora nada me dá cuidado com ter tantas penas pois nunca me vi taõ deſempenado, como agora, que me vejo com azas: eu em minha conſciencia, ſe quizer, daqui poſſo mijar no mundo.

Taram. Cada vez, que cuido naquelle inſolente, naõ ſey como naõ deſeſpero.

Esfuz. Ora olhemos agora cá para baixo. Muito grande he o mundo! Ay que lá eſtá Taramella feita mulher do mundo! Pois eu quero debicar hum pouco com ella: trás. *Chegando-ſe ao ouvido de Taram.*

Taram. Ay! Que bizouro me anda pelos ouvidos?

Esfuz. Trás, tris.

Taram. Xó daqui, maldito bizouro.

Esfuz. Adeos, Taramella, trás.

Taram. Quem me falla ao ouvido, ſe aqui naõ eſtá ninguem?

Esfuz.

Esfuz. Taramella, Tezeo querte muito, mas he aqui para traz.

Taram. Quem he que me falla? Iſto he encanto.

Esfuz. Amor, que tem azas, he o que falla.

Taram. Aonde eſtás?

Esfuz. Aqui atraz.

Taram. Que he o que vejo? Naõ es tu, fingido ingrato Tezeo, a quem ſem duvida os Deoſes, por caſtigo da tua falſidade, em ave te converteraõ? Anda cá para baixo, que eu te abaterey os voos.

Esfuz. A quem naõ attrahiráõ aquelles doces reclamos? *Deſce.* Ay Taramella, que já preza a minha liberdade no viſgo dos teus olhos, deixo por elles o ceo de Venus, em que me vi, pela eſféra de tua belleza, em que me abrazo.

Taram. Agora, que cahio no laço, naõ me eſcapará. *à part.*

Esfuz. Vês, tyranna, que as tuas falſidades me fazem aereo?

Taram. Quem deu eſſas azas a Voſſa Alteza?

Esfuz. Das penas que me dás, naſceraõ as azas que me vês.

Taram. Bem sey, que penas lhe causo, e só Ariadna lhe dá glorias.

Esfuz. Naõ queiras, traidora, com esse fingimento encobrir o engano de me mandares meter na Vaca, para tomar degoladouros na espada de Lidoro, a quem duas vezes mixiriqueira intentaste entregarme; vai-te, que já comtigo uaõ quero nada, pois para fugir de ti, já tenho azas.

Taram. Quem me dera, que viesse alguem, para o agarrar, e entregallo a ElRey; porém eu o deterey com carinhos. *à part.* Meu Senhor, meu esposo, meu bem, meu, meu....

Esfuz. Calte, calte, Taramella, que estás taramellando?

Taram. Eu... porque foy o meu amor.... porque os zelos... mas eu prometto...

Esfuz. Nada, nada, naõ admitto lograções; já sou passaro çafaro, que naõ cayo com essa facilidade.

Taram. Olhe, verá que nunca mais, nunca mais.

Canta Esfuziote a seguinte Aria, e

RECITADO.

Deixa-me, fucinhuda Taramella,
Que eu naõ quero cahir nessa esparrella
Tu falsa, tu cruel, tu aleivosa,

Com

Com fucinho de gata langanhoſa,
Querias em taes penas
Que ficaſſe ſem filho ElRey de Athenas?
Pois hum chuço amolado que te paſſe,
Huma faca flamenga que te eſpiche,
E huma bomba de fogo que te eſguiche.

ARIA.

Naõ ha couſa como ver
Huma deſtas preſumida,
Muy lambida, e deslambida,
Com mil chularias,
Com caras de monos,
Com unhas de arpias,
Chupando-me o ſangue,
Roendo-me os oſſos,
Deixando-me em pelle,
E depois de chuchado, roido, e lambido,
Me prega hum gataſio:
Iſto he amor? Arrelá!
Hey de amarte? Iſſo naõ.

Sahe Sanguixuga.

Sang. Ay rapariga, que quanto mais buſcaõ as Infantas, menos ſe achaõ.

Taram. Tia, agora he tempo de recuperarmos as noſſas joyas; ajude-me a pegar neſte traidor: venhaõ, Senhores.

Pegaõ em Esfuziote, e lhe tiraõ as azas.

Esfuz. Deſſa me rio eu, pois tenho azas *ad volandum.*

Taram. Arranquemos-lhe as azas, para que naõ fuja.

Sang. Agora pagará tudo junto: venhaõ todos.

Esfuz. Naõ me agarres, Sanguixuga; olha, que deito ſangue.

Taram. Venhaõ, Senhores.

Esfuz. Calte, tolla, naõ digas taõ alto: venhaõ Senhores.

Tezeo. Alli diſſe Esfuziote, venhaõ Senhores, vamos ſahindo. *Dentro.*

Sahem ElRey, e Tebandro por huma parte, e pela gruta hiraõ ſahindo diante Dedalo, Fedra, e Ariadna, que ficará com as coſtas na gruta.

Rey. e Teband. Que he iſto aqui?

Taram. Eiſaqui quem te póde dar conta das Infantas.

Ariad. Ay de mim, que Esfuziote nos entregou! *à part.*

Fedra. Fujamos outra vez.

Dedal. Oh que deſgraça!

Esfuz. Deſta ninguem ſe livra. *à part.*

Rey. Traidoras, aleivoſas, viboras mal naſcidas, como atropellando a minha authoridade, e o voſſo decoro, deſta ſorte.... Porém a minha vingança ſuprirá as minhas vozes. *Vay para ambas.*

Fedra. e Ariad. Naõ ha quem me ampare? *Teband.*

Teband. Senhor, Voſſa Mageſtade advirta,
Tezeo. Anda, Ariadna, deſvia-te da boca da mina; deixa-me ſahir.
Ariad. Eſpera hum pouco.
Rey. E tu, aleivoſo Dedalo, como te atreves a ver a face do Sol, e a minha, quando a tua inſolencia... *Tambores dentro.*
Dentro. Arma, arma, guerra, guerra.

Sahe Lidoro.

Lidor. Senhor, eſtamos perdidos, pois de improviſo nos vemos cercados de huma poderoſa armada de Athenas, e já muita parte dos Soldados tem deſembarcado.
Rey. Pois vamos a reſiſtirlhes: ay de mim, quantos golpes penetraõ eſte afflicto coraçaõ!
Eſtuz. Quanto folgo!
Licas. Naõ fique pedra ſobre pedra, que naõ proſtrem as noſſas armas. *Dentro.*
Lidor. Senhor, hè já quaſi impoſſivel a defenſa, pois os eſquadrões tudo vem deſtruindo.
Tezeo. Que he o que ouço? Deſvia-te, Ariadna,
Ariad. Eſpera, naõ te ſobreſaltes.
Teband. Vamos, Senhor, que o meu valor ſaberá caſtigar aos Athenienſes.

Ao

Ao querer entrar, ſahem Licas, e Soldados, e tocaõ tambores.

Licas. Dá-te à priſaõ, barbaro Rey; pois já te naõ pódes livrar do noſſo furor.

Rey. Oh tyranna ſorte! Para iſto me dilataſte a vida, ſupremo Jove?

Licas. Para que vejas, tyranno Rey, que Athenas ſabe vingar a morte de ſeu Principe Tezeo, já que cruel, ſem attenderes a ſeu regio ſangue, o fizeſte reo da mais affrontoſa morte, em cuja vingança, deſtruido o teu Reino, ſerás com toda a tua familia levado para Athenas, a ſeres deſpojo de noſſas armas.

Teband. e Lidor. Que deſgraça!

Ariad. e Fedra. Que deſventura!

Esfuz. Que regias folganças!

Rey. Oh quem tivera a Tezeo vivo! Mas em vaõ ſaõ os meus dezejos.

Taram. Senhor, naõ ſe amoſine, que Tezeo eſtá vivo, que he eſte, que aqui eſtá diſfarçado em Eſfuziote.

Sang. Sim Senhor, eu, e minha ſobrinha ſó ſabiamos eſte ſegredo.

Rey. Deixai-me, tontas.

Esfuz. Calem-ſe, cavalgaduras.

Licas. Anda, Minos.

Sahe Tezeo.

Tezeo. Eſpera, Licas, que ainda ſou vivo,

vo, pela piedade de huns generoſos affectos, que conſtantes me redemiraõ, livrando-me do Labyrintho, e matando o Minotauro, ceſſando a ruina da noſſa Patria na extinçaõ deſſe monſtro.

Licas. Deixa-me, Senhor, proſtrarme a teus pés: que feliz nova para ElRey teu Pay, que já te julgava morto aos impulſos deſſa féra!

Lid. e Teb. Que extraordinaria maravilha!

Rey. Tezeo, a teus pés rendido te peço perdaõ da inhumanidade, que uſey comtigo; e pois das tuas armas me vejo hoje priſioneiro, peço-te, te compadeças de huma deſgraçada velhice.

Eſfuz. Vejaõ como deſandou a roda; e o que vay de moer a ſer moido, pois Minos de author veyo a ſer reo!

Fed. e Ariad. E ſe acaſo, Senhor, as noſſas lagrimas tem algum valimento na tua piedade, por ellas perdoa a noſſo Pay.

Tezeo. Senhoras, baſta Minos ſer voſſo progenitor, para que naõ ſó lhe reſtitua a liberdade, mas tambem o Reino; e para completar a minha, e a ſua fortuna, Ariadna ha de ſer hoje minha eſpoſa, em premio das finezas que lhe devo, e por naõ faltar ao juramento, que lhe dey.

Ariad. Ditoſo amor, que de tantos impoſſiveis ſe vê já triunfante! *Fedra.*

Fedra. Infeliz eu, que malogrey tantas finezas! *à part.*

Rey. Venturoſa bonança depois de tanta tormenta! E agora em Tezeo, que reputado por morto matou o Minotauro, ſe verifica o Oraculo de Venus, pois Tezeo foy o vivo morto na extinçaõ do Minotauro.

Lidor. Ah cruel Ariadna, que para ver a tua falſidade ſuſtentaſte de enganos a minha eſperança! Logra tu eſſe Hymenêo, que eu hirey ſentir a minha ſorte infeliz.

Teband. Senhor, neſta occaſiaõ he juſto, que os favores de Fedra premeem as minhas firmezas.

Rey. Fedra, reconhece a Tebandro por teu eſpoſo.

Fedra. Naõ poſſo reſiſtir ao teu imperio. Obedeçamos aos fados. *à part.*

Lidas. Oh quanto eſtimo eſta concordia!

Tezeo. E tu, Dedalo, vem comigo para Athenas a receber o premio de tua lealdade.

Dedal. Naõ quero mais premio, que a tua felicidade.

Sang. E que ficaſſe eu lograda, ſem joyas, e ſem Embaixador!

Teram. Baſta, Eſfuziote, que me enganaſte,

te, dizendo-me que eras Tezeo, para que tantas vezes enganaſſe a Lidoro?

Eſtuz. Naõ ſe perdeo mais, que o feitio; porém poſſo affirmarte, que te naõ enganey; pois quem duvída, que quando eu era menino, era infante? porém ſe ſó he Principe, quem faz acçõés generoſas, eu quero fazer huma eſtupenda, que he cazar comtigo; porque em ſua caſa cada hum he Rey, e ſenhor de ſeus narizes; venha a maõ, Taramella, com licença dos Senhores.

Taram. Do mal o menos, vá feito.

Rey. Repitaõ todos os vivas deſta ſoberana gloria.

Tezeo. Eſperay, que primeiro Lidoro me ha de dar hum retrato de Ariadna, que fingidamente lhe deu.

Lidor. Razaõ tendes; tomay-o, que naõ he bem, que conſerve a verdadeira copia de hum falſo original. *Dá o retrato.*

Tezeo. Agora ſim, publiquem todos o mayor triunfo de Cupido, confeſſando, que ſó o amor he o verdadeiro labyrintho.

Eſtuz. Vá de feſta, e folía, celebrandoſe eſte deſpoſorio com armonioſas vozes.

CORO.

CORO.

Numa alma inflammada
De amor abrazada
Cruel labyrintho
Fabríca o amor.
Porém quem eſpera
O bem de huma féra,
Acertos de hum cego,
De hum monſtro favor?

FIM.

GUERRAS DO ALECRIM, E MANGERONA,

OPERA JOCOSERIA,

Que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no Carneval de 1737.

INTERLOCUTORES.

D. Gilvaz.
D. Fuas.
D. Tiburcio.
D. Lanserote, *Velho.*
D. Cloris. } *Sobrinhas de D. Lanserote.*
D. Nize. }
Sevadilha, *Graciosa, Criada.*
Fagundes, *Velha, Criada.*
Simicupio, *Gracioso, Criado de D. Gilvaz.*

SCE-

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Prado, com cafaria no fim.*
II. *Camera.*
III. *Praça.*
IV. *Gabinete.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Praça.*
II. *Sala.*
III. *Camera.*
IV. *Praça.*
V. *Camera.*
VI. *Jardim.*
VII. *Sala.*

PARTE I.

SCENA I.

Prado, com caſaria no fim. Sahem D. Cloris, D. Nize, e Sevadilha com os roſtos cubertos; e D. Fuas, D. Gil, e Simicupio, ſeguindo-as.

D. G. DIana deſtes boſques, ceſſem os acelerados deſvios deſſe rigor, pois quando remora me ſuſpendeis, ſois iman, que me attrahis. *para D. Clor.*

D. F. Flora deſtes prados, ſuſpendey a fatigada porfia de voſſo deſdem, que eſſa diſcorde fuga com que me deſenganais, he armonioſa attracçaõ de meus carinhos; pois nos paſſos deſſes retiros fórma compaſſos o meu amor. *para D. Nize.*

Simic. E tu, que vens atraz, ſerás a ſyringa deſtas brenhas; e para o ſeres com mais propriedade, deixa-te ficar mais atraz, pois a pezar dos eſguichos de teu rigor, hey de ſer conglutinado rabolêva das tuas coſtas. *para Sevadilha.*

D. Clor. Cavalhero, ſe he que o ſois, pe-

çovos, me naõ sigais, que mal sabeis o perigo, a que me expoem a vossa porfia. *para D. G.*

D. G. Galhardo impossivel, em eujas nubladas esféras ardem occultos dous soes, e se abraza patente hum coraçaõ, permitti, que esta vez seja fineza a desobediencia; porque seria aggravo de vossos reflexos negarlhe o inteiro culto na visualidade desse esplendor; porque assim, formosa Ninfa, ou hey de vervos, ou seguirvos, porque conheça, já que naõ o sol desse oriente, ao menos o oriente desse sol.

D. Clor. Que será de mim, se este homem me seguir? *à part.*

D. Niz. Já parece teima essa porfia: vêde, Senhor, que se me seguis, que impossibilitais o meyo, para verme outra vez.

D. F. Para que saõ, bellissimo encanto, esses avaros melindres do repudio? Se já comecey a querervos, como posso deixar de seguirvos? Pois até naõ saber, ou quem sois, ou aonde habitais, serey eterno gyrasol de vossas luzes.

Sevad. Ora basta já de porfia, senaõ vou revirando. *para Simicupio.*

Simic. Tem maõ, Sargeta encantadora, que

que com embiocadas denguiſſes, feita papaõ das almas, encobres olho, e meyo, para matares gente de meyo olho: ſaõ eſcuſados eſſes eſconderelos, pois pela unha deſſe melindre conheço o leaõ deſſa cara.

D. Clor. Iſſo já parece teima.

D. G. Iſto he querervos.

D. Niz. Iſſo he porfia.

D. F. He adorarvos.

Sevad. Iſſo he empurraçaõ.

Simic. A'gora, iſto he bichancrear, pouco mais, ou menos.

D. G. Senhoras, para que nos canſamos? Ainda que pareça groſſaria naõ obedecer, entendey, que a noſſa curioſidade, e amor naõ permittirá, que vos auſenteis, ſem ao menos com a certeza de vos tornarmos a ver, dando-nos tambem o ſeguro de onde morais, para que poſſa o noſſo amor multiplicar os votos na peregrinaçaõ deſſes animados templos da formoſura.

D. F. Eis-alli, Senhora, o que queremos.

Sevad. Em termos, ſem tirar, nem pôr.

D. Clor. Pois, Senhor, ſe ſó por iſſo eſperais, baſtará, que eſſe criado nos ſiga; porque de outra ſorte deſtruis o meſmo, que edificais.

D. G.

D. G. E admittireis a minha fineza?

D. Clor. Sendo verdadeira, porque naõ?

D. F. Admittireis os repetidos ſacrificios de meu amor?

D. Niz. Sim, ſe for amor conſtante.

D. G. e D. F. Quem eſſa dita me abona?

D. Niz. Eſte ramo de Mangerona. *para D. F.*

D. F. Na minha alma o diſporey, para que ſempre em virentes pompas ſe oſtente troféo da Primavera.

D. G. Mereça eu igual favor para ſegurança da voſſa palavra.

D. Clor. Eſte ramo de Alecrim, que tem as raizes no meu coraçaõ, ſeja o fiador, que me abone.

D. G. Por unico na minha eſtimaçaõ ſerá eſte Alecrim o Fenix das plantas, que abrazando-ſe nos incendios de meu peito, ſe eternizará no ſeu meſmo ardor.

Simic. Iſſo he bom, ſegurar o barco; mas a tacita hypotheca naõ me cheira muito, digaõ o que quizerem os Jardineiros.

D. Clor. Cada huma de nós eſtima tanto qualquer deſſas plantas, que mais facil ſerá perder a vida, do que ellas percaõ o credito de verdadeiras.

Simic. Ay! Baſta, baſta, já aqui naõ eſtá quem fallou: voſſas merces perdoem, que eu naõ ſabia, que eraõ do rancho do

Ale-

Alecrim, e Mangerona: reſta-me tambem, que tu coſinheiraſinha vivas arranchada com alguma ervinha, que me dês por prenda, pois tambem me quero ſegurar.

Sevad. Eiſahi tem eſſe malmequer, que eſte he o meu rancho; eſtime-o bem, naõ o deixe murchar.

Simic. Ditoſo ſeria eu, ſe o teu malmequer ſe murchaſſe.

D. Clor. Pois, Senhor, como eſtais ſatisfeito, dezejarey eſtimaſſeis eſſe ramo, naõ tanto como prenda minha, mas por ſer de Alecrim.

D. Niz. O meſmo vos recomendo da Mangerona.

D. Clor. Advertindo, que aquelle, que mais extremos fizer a noſſo reſpeito, coroará de triunfos a Mangerona, ou Alecrim, para que ſe veja qual deſtas duas plantas tem mais poderoſos influxos para vencer impoſſiveis.

D. Niz. Dezejara, que triunfaſſe a Mangerona. *Vaiſe.*

D. Clor. E eu o Alecrim. *Vaiſe.*

Sevad. Cuidado no malmequer. *Vaiſe.*

Simic. Cuidado no bemmequer.

D. G. O' Simiqupio, vay ſeguindo-as, pa-

ra ſabermos aonde moraõ; anda, naõ as percas de viſta.

Simic. Ellas já lá vaõ a perder de viſta; mas eu pelo faro as encontrarey, que ſou lindo perdigueiro para eſtas caçadas.

Vaiſe.

D. F. Quem ſeraõ, amigo D. Gilvaz, eſſas duas mulheres?

D. G. Eſſa pergunta naõ tem repoſta, pois bem viſtes o cuidado, com que vendaraõ o roſto, para ferir os corações como Cupido; mas pelo bom tratamento, e aceyo, indicaõ ſer gente abaſtada.

D. F. Oxalá, que aſſim fora; porque em tal caſo, admittindo os meus carinhos, poderey com a fortuna de eſpoſo ſer meciro no cabedal.

D. G. Ay, amigo D. Fuas, que direy eu, que ando pingando, pois já naõ morro de fome, por naõ ter ſobre que cahir morto?

D. F. Ellas foraõ atordidas com palanfrorios.

D. G. Já que do mais ſomos famintos, ao menos ſejamos fartos de palavras.

Sahe Simicupio.

Simic. Já fica aſſinalada na carta de marear toda a Coſta de Leſte a Oeſte, com ſeus cachopos, e baixios.

D. G.

D. G. Aonde moraõ?

Simic. Saõ as noſſas viſinhas, ſobrinhas de D. Lanſerote, aquelle mineiro velho, que veyo das minas o anno paſſado.

D. F. Baſta que ſaõ eſſas? Por iſſo ellas cobriraõ o roſto.

Simic. Iſſo tem ellas, que naõ ſaõ deſcaradas; antes ſaõ taõ ſizudas, que nunca encararaõ para ninguem.

D. G. Huma dellas ſey eu, que ſe chama D. Cloris.

Simic. E a outra D. Nize, iſſo ſabia eu ha muito tempo.

D. F. E como ſaberey eu, qual dellas he a da Mangerona?

Simic. Iſſo he facil, em ſabendo-ſe qual he a do Alecrim, logo ſe ſabe qual he a da Mangerona?

D. F. Grande ſubtileza! Vamos D. Gil.

Simic. Já que ſe vaõ, advirtaõ de caminho, que ſegundo as noticias, que tenho, bem pódem deſiſtir da empreza; porque o velho he taõ cioſo das ſobrinhas, como do dinheiro; a caſa he hum recolhimento; as portas de bronze; as janellas de encerado; as freſtas ſaõ oculos de ver ao longe, que nem ao perto ſe vem; as trapeiras ſaõ zimborios taõ altos, que nem as nuvens lhe paſſaõ por alto; as pare-

des do jardim saõ meſtras, e as chaves das portas diſcipulas, porque ainda naõ ſabem abrir; mas ſó hum bem ha, e he, que tendo tudo taõ forte, ſó o telhado he de vidro. Com que, Senhores meus, outro officio, contentem-ſe com cheirar a ſua Mangerona, e o ſeu Alecrim; que amor, que entra pelo nariz, naõ he bem que chegue ao coraçaõ.

D. G. Simicupio, naõ temo impoſſiveis, tendo da minha parte a tua induſtria, que eſpero de ti apures toda a força de teu engenho para os combates deſſa muralha.

Simic. Ah Senhor D. Gilvaz, o meu Ariete já ſe acha muy cançado com tanto vai-vem, pois nem todo o artificio de minhas maquinas póde abrir brecha neſſa diamantina bolſa, que taõ cerrada ſe difficulta aos meus merecimentos.

D. G. Simicupio amigo, tem animo, que ſe montamos a burra de D. Lanſerote, ſaltaremos de contentes.

Simic. Tal he a minha deſgraça, e a ſua miſeria, que ainda com eſſa burra me dará dous couces.

D. G. D. Fuas, ficai-vos embora, que me vou armar de eſperanças, para que nos combates de amor triunfe o Alecrim.

D. F.

D.F. D. Gil, vamos a forro, e a partido *pois* que Simicupio he taõ déstro na materia.

D.G. Por ora naõ póde ainda ser; deixai-me primeiro tentar o váo, que vós tambem navegareis no mar de Cupido.

D.F. Isso naõ merece a nossa amisade.

D.G. Se vós sois do rancho da Mangerona, já me podereis conhecer por inimigo declarado, seguindo eu a parcialidade do Alecrim; e como nas guerras destas plantas havemos os dous ser contrarios, mal poderey soccorrervos; e assim, ficai-vos embora, D. Fuas, e viva o *Alecrim.* *Vaise.*

Simic. E viva o malmequer. *Vaise.*

D.F. Vivirá a Mangerona a pezar do mais intenfivo ardor de oppostos Planetas.

Sahe Fagundes com manto, e capello.

Fag. He bom fumiço! Aonde estaráõ estas meninas, que ha mais de quatro horas, que foraõ à Missa, e ainda naõ ha fumo dellas? Meu Senhor, vossa mercê acaso veria por aqui duas mulheres com huma criada?

D.F. Que sinaes tinhaõ?

Fag. Tinha huma dellas huns sinaes pretos no rosto, e a outra huns sinaes de bexigas.

D.F.

D. F. E que mais?

Fag. Huma dellas tem os olhos verdes, cor de pimentaõ, que naõ eſtá maduro, e a outra olhos pardos, como raiz de oliveira; huma tem cova na barba, e a outra barba na cova; huma tem a eſpinhela cahida, e a outra hum leiſenſo num braço.

D. F. Com eſſes ſinaes, nunca vi mulher neſta vida.

Fag. Meu Senhor, huma dellas trazia hum ramo de Alecrim no peito, e a outra de Mangerona.

D. F. Vi muito bem, que ſaõ as ſobrinhas de D. Lanſerote.

Fag. Eſſas meſmas ſaõ: ora diga-me aonde as vio?

D. F. Prometta voſſa merce fazerme quanto lhe eu pedir?

Fag. Ay, que couſa me pedirá voſſa merce, que lhe naõ faça, dizendo-me aonde eſtaõ as minhas meninas?

D. F. Pois deſcance, que ellas aqui eſtiveraõ, e agora foraõ para caſa.

Fag. Ay, boas novas tenha.

D. F. Ora pois em alviçaras deſta boa nova quero me diga, como ſe chama....

Fag. Eu? Ambroſia Fagundes para ſervir a voſſa merce.

D. F.

D.F. Digo, como ſe chama a que trazia a Mangerona no peito?

Fag. Chama-ſe D. Nize.

D.F. Pois, Senhora Ambroſia Fagundes, ſaiba, que eu adoro taõ exceſſivamente a D. Nize, que em premio do meu extremo me franqueou eſſe ramo de Mangerona.

Fag. He verdade, que pelo cheiro o conheço, que he o meſmo.

D.F. E como me dizem os impoſſiveis, que ha de a poder communicar, quizera deverlhe a galantaria de ſer minha protectora neſta amoroſa pretenſaõ; e fie de mim, que o premio ha de ſer igual ao meu dezejo.

Fag. Meu Senhor, difficil empreza toma voſſa merce; porque além da exceſſiva cautella do tio, que niſſo naõ ſe falla, huma dellas eſtá para casar com hum primo, que hoje ſe eſpera de fóra da terra, e a outra qualquer dia vay a ſer freira; com que, meu Senhor, deſenganeſe, que alli naõ ha que arranhar.

D.F. E qual dellas he a que caſa?

Fag. Ainda ſe naõ ſabe; porque o noivo vem à eſcolha daquella, que lhe mais agradar.

D.F. Como o vencer impoſſiveis he proprio

prio de hum verdadeiro amante, nós havemos intentar esta empreza, saya o que sahir; que a diligencia he mãy de boa ventura: favoreça-me vossa merce, Senhora Fagundes, com o seu voto, que eu terey bom despacho no tribunal de Cupido: tenho dinheiro, e resoluçaõ, e tendo a vossa merce da minha parte, certo tenho o triunfo da Mangerona.

Fag. Pois por mim naõ se desmanche a festa, que eu naõ sou desmancha prazeres: esta noite o espero debaixo da janella da cosinha; sabe aonde he?

D. F. Bem sey.

Fag. Pois espere-me ahi, que eu lhe direy o que ha na materia.

D. F. Deixe-me beijarlhe os pés, ò insigne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

Fag. Ay! Levante-se, Senhor, naõ me beije os pés, que os tenho agora muy suados, e hum tanto fétidos: descanse, Senhor, que D. Nize ha de ser sua a pezar das cautellas do tio, e das carieias do noivo.

D. F. Se tal consigo, naõ tenho mais, que dezejar.

Canta D. Fuas a seguinte

ARIA.

Se chego a vencer
De Nize o rigor,
De gosto morrer
Vossé me verá.
Porém se hum favor
Alenta o viver,
Quem morre de amor
Mais vida terá. *Vaise.*

Fag. Estes homens, tanto que saõ amantes, logo saõ musicos; e eu neste entendo terey boa melgueira; e mais eu que sou abelha mestra, que hey de chupar o mel da Mangerona, e do Alecrim.

SCENA II.

Camera. Sahem D. Nize, D. Cloris, e Sevadilha.

Sevad. AY Senhora, que ainda naõ creio, que estamos em casa, pois se vimos mais tarde, naõ nos acha o Senhor velho!

D. Clor. Em boa nos metemos!

D. Niz. Nunca tal nos succedeo: que te parece, D. Cloris, a porfia daquelles homens

homens em nos querer conhecer?

Sevad. Sim Senhora, como ſe nós foſſemos ſuas conhecidas.

D. Clor. E a facilidade com que ſe namoraõ logo eſtes homens, he o que mais me admira!

Sevad. Pois o maldito do Criado, que tanto ſe meteo comigo, como piolho por coſtura!

D. Clor. Que te veyo dizendo?

Sevad. Mil deſpropoſitos miſturados com varias finezas eſfarrapadas.

Sahe Fagundes com o manto apanhado no braço.

Fag. Ainda eſſes Alecrins, e Mangeronas haõ de dar nos narizes a muita gente.

D. Niz. Que diz, Fagundes?

Fag. Digo, que bem eſcuſados eraõ eſtes ſuſtos: ora digaõ-me, Senhoras, ſe ſeu tio vieſſe, e as naõ achaſſe em caſa, que ſeria de mim?

D. Clor. Naõ fallemos niſſo, que ainda eſtou a tremer.

Fag. Apoſtemos, que iſſo foraõ conſelhos deſta Senhora, que aqui eſtá?

Sevad. Apello eu, que teſtemunho! Olhe o diabo da mulher, parece, que me tem tomado à ſua conta!

Fag. Coitada, como ſe deſconjura!

Sevad.

Sevad. Ainda por amor della me hey de hir deſta caſa.

Sahe D. Lanſerote.

D. L. Fagundes, depreſſa vá deitar mais hum ovo nos eſpinafres, que ahi vem meu ſobrinho D. Tiburcio, já que ſou taõ deſgraçado, que por mais meya hora naõ chega depois de jantar.

Fag. Eu vou, meu Senhor; mas cuido, que o noivo a eſtas horas comerá novilho. *Vaiſe.*

D. L. Agora, minhas ſobrinhas, he chegado o voſſo eſpoſo; naõ tenho, que encomendarvos o modo, com que o haveis de tratar.

D. Clor. Já vem tarde. *à part.*

D. Niz. Veremos a cara a eſte noivo. *à part.*

Sevad. Pois dizem, que he hum galante lapuz. *à part.*

Sahe D. Tiburcio com botas, veſtido ridiculamente.

D. L. Amado ſobrinho, dá-me os braços. He poſſivel, que vejo a hum filho de meu irmaõ!

D. T. Sim Senhor; mas primeiro mande voſſa mercê ter cuidado naquellas choiriças, que vem no alforje, naõ as dizime o Arrieiro, que tem em cada maõ cinco aguias rapantes.

D. L.

D. L. Iſſo me parece bem, ſeres poupado; eu vou a iſſo. *Vaiſe.*

D. Clor. Que te parece, Nize, a diſcriçaõ do noivo?

D. Niz. Muito bom principio leva.

Sevad. Parece, que o ſeu genio mais ſe caſa com o Alforje. *à part.*

D. T. As primas naõ ſaõ más; porém a moça me toa mais. *à part.*

Sahe D. Lanſerote.

D. L. Socegay, Sobrinho, que já tudo eſtá arrecadado.

D. T. Agora fim; amado tio meu, por cujos humanos aqueductos circula em nacarados licores o ſangue de meu progenitor, permitti, que os meus ſequioſos labios calculem eſſes pés, dedo por dedo.

D. L. Levantai-vos; ſois diſcreto, meu ſobrinho: pois voſſo pay era hum pedaço d'aſno, Deos lhe perdoe.

D. T. Naõ eſtá mais na minha maõ; em abrindo a boca me chovem os conceitos aos borbotões.

D. L. Fallay a voſſas primas, e minhas ſobrinhas, D. Nize, e D. Cloris.

D. T. Eu vou a iſſo.

SO-

SONETO.

Primas, que na guitarra da conſtancia
Taõ iguaes retinis no contraponto,
Que naõ ha contraprima neſſe ponto,
Nem nos porpontos noto diſſonancia:
Oh falſas naõ ſejais neſta jactancia;
Pois quando attento os numeros vos cõto,
Neſſa belleza armonica remonto
Ao plectro da Phebina conſonancia;
Já que primas me ſois, ſede terceiras
De meu amor, por mais que vos agaſte
Ouvir de hum cavalete as frioleiras;
Se encordoais de ouvirme, ò primas, baſte
De dar à eſcaravelha em taes aſneiras,
Que é fim iſto de amor he hũ lindo traſte.

D. L. Tambem ſois Poeta, meu ſobrinho?
D. T. Tambem temos noſſo entuziaſmo, Senhor tio; iſto cá he vea capilar, e natural.
D. L. Oh quanto me peza, que ſejais Poeta, pois por força haveis de ſer pobre.
D. T. A'gora, Senhor, eu ſou hum rico Poeta. Pois, primas, que dizeis da minha eloquencia? Naõ me reſpondeis?
D. Clor. Os Anjos lhe reſpondaõ.
D. Niz. Ahi naõ ha mais que dizer.
D. T. Ah Senhor tio, eſta rapariga he cá da obrigaçaõ de caſa?

D. L.

D. L. He moça da almofáda.

D. T. Naõ he mal eſtreada; e que olhos que tem! Benza-te Deos!

Sevad. Quer Deos, que trago hum corninho por amor do quebranto.

D. L. Eu cuido, Sobrinho, que mais vos agrada a criada, do que a noiva.

D. T. Tudo o que he deſta caſa, me agrada muito.

D. L. Agora vamos ao intento: Sabereis, minhas Sobrinhas, que voſſo primo D. Tiburcio, filho de meu irmaõ D. Triſonio, e de Dona Pancaleoa Reboldan, o qual tambem era irmaõ de voſſo pay, e meu irmaõ D. Bluanís, vem a eleger huma de vós outras para eſpoſa, pela mercê que me faz; que a ſer poſſivel casar com ambas, o fizera ſem ceremonia, que para mais he o ſeu primor.

D. T. Por certo que ſim; e naõ ſó com ambas, mas até com a criada; pois, como digo, dezejo meter no coraçaõ tudo o que for deſta caſa.

D. L. Eu o creio, meu Sobrinho: niſſo ſahis a voſſo Pay.

D. Clor. Naõ vi mayor aſno! *à part.*

D. Niz. Nem eu mayor ſimples! *à part.*

Diz dentro Simicupio.

Simic. Quem merca o Alecrim?

D. Clor.

D. *Clor.* O' Sevadilha, chama a esse homem do Alecrim; anda depressa.

Sevad. Entrou no fadario! *à part.*

D. *L.* Sobrinho, naõ estranheis este excesso de minha sobrinha; porque haveis de saber, que ha nesta terra dous ranchos, hum do Alecrim, outro da Mangerona, e fazem taes excessos por estas duas plantas, que se matarãõ humas às outras.

D. *T.* E vossa mercê consente, que minhas primas sigaõ essas parcialidades?

D. *L.* Naõ vedes, que he moda, e como naõ custa dinheiro, bem se póde permittir?

D. *T.* Bem sey, que isso saõ verduras da mocidade, mas com tudo naõ approvo.

D. *L.* E a razaõ?

D. *T.* Naõ sey.

D. *Clor.* Vossa mercê como vem com os abusos do monte, por isso estranha os estylos da Corte.

D. *Niz.* Callai-vos, mana, que elle ha de ser o mayor apaixonado, que ha de ter o Alecrim, e a Mangerona.

D. *T.* Se eu enlouquecer, naõ duvido.

Sahe Simicupio com hum molho de Alecrim ao hombro.

Simic. Quem quer o Alecrim?

D. *Clor.*

D. Clor. Anda para cá: tem maõ, naõ o ponhas no chaõ.

Simic. Pois aonde o hey de pôr?

D. Clor. Aqui no meu colo: ay, no chaõ o meu Alecrim? Iſſo naõ.

Simic. Pois naõ ſó o ponha no colo, mas no peſcoço.

D. Clor. A quanto he o mólho.

Simic. A real e meyo, por ſer para voſſa mercê.

D. Clor. Poem ahi cincoenta mólhos.

Simic. Pelo que vejo, eſta he D. Cloris. *à part.* Eiſahi tem todos os mólhos, reparta lá com a Senhora, que ſupponho tambem quererá o ſeu raminho.

D. Niz. Ay, tira-te para lá, homem, com eſſe máo cheiro.

Simic. Já ſey, que eſta he a da Mangerona de D. Fuas. *à part.*

D. T. Bem haja minha prima, que naõ he deſtas invenções.

D. L. Porque he da Mangerona, por iſſo aborrece o Alecrim.

D. T. Reſta-me, que voſſa merce tambem tenha algum rancho.

D. L. Olhay vós, naõ deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

Simic. Ora demos principio à tramoya. *à p.* Ay Senhores, quem me acode?

D. L.

D. L. Que tens, homem?

Simic. Ay, ay, confiſſaõ.

Cahe Simicupio eſtrahuxando, fingindo hum accidente.

D. Clor. Coitado do homem! Que tens? Que te deu?

D. Niz. Taõ venenoſo he o teu Alecrim, que mata a quem o traz?

D. L. Olá, tragaõ agua.

Sahem Fagundes, e Sevadilha com hũa quarta.

Sevad. Ay, Senhores, que iſto he accidente de gota coral!

Simic. O coral de teus labios que accidentes naõ fará? *à part.*

D. L. A unha de graõ beſta he boa para iſto.

D. T. Puxem-lhe pelos dedos, que tambem he bom remedio.

D. Lanſerote, D. Tiburcio, Sevadilha, e Fagundes pegaõ em Simicupio, e eſte com o eſtrabunamento fará cahir a todos.

D. L. Moſtra cá o dedo.

Simic. Agradeço o anel. *à part.*

D. T. E a força que tem o ſalvaje!

Sevad. Eu naõ poſſo com elle.

Simic. Lá vay o dedo polegar cos diabos! Eu eſtou capaz de tornar a mim, antes que me deixem deſpedaçado.

D. L. Borrifa-o Fagundes.

Fag. Ora deixem-no comigo. *Borrifa-o.*

Simic. Pó diabo! E o que fedem os borrifos da velha! A maldita parece, que tem apoſtema no bofe.

D. Niz. Naõ ſe canſem, que elle naõ torna a ſi taõ cedo.

Simic. Eſſa he a verdade.

Fag. Mas pelo fim pelo naõ, eu lhe vazo eſta quarta; que quando Deos quer, agua fria he meſinha.

Simic. Valha-te o diabo, que me deitaſte agua na fervura! Eu naõ tenho mais remedio, que aquietarme, ſenaõ virá como remedio algum páo ſanto ſobre mim. *à part.*

Fag. Senhores, elle eſtá mais ſocegado depois da agua; venhaõ jantar, que a meſa eſtá poſta.

D. L. Vay buſcar o meu capote, e cobre-o, que eſtá tremendo o miſeravel.

Simic. He maravilha, que hum miſeravel cubra outro. *à part.*

D. T. Aquillo ſaõ convulsões; mas bom he cobrillo por amor do ar.

Sahe Fagundes com hum capote.

Fag. Eiſahi o capote; ſe elle o babar, babado ficará.

Simic. Anda, tolla, que naõ me babo. *à p.*

D. L. Tu, Sevadilha, tem ſentido neſte homem,

homem, em quanto jantamos: vinde, Sobrinho. *Vaiſe.*

D. T. Vamos, que tenho huma fome horrenda. *Vaiſe.*

D. Niz. He galante figura o tal meu primo! *Vaiſe.*

D. Clor. Fagundes, agazalha eſſe alegrim.

Fag. Tanto me importa; ſe fora Mangerona, ainda ainda. *Vaiſe.*

Sevad. Só iſto me faltava, ficar eu guardando a eſte defunto!

Simic. Vejamos quem he eſta Sevadilha, que ficou por minha enfermeira. Ay, que ſupponho, que he a menina do malmequer, que lá traz hum no cabello: Vamo-nos erguendo, por ver ſe nos quer bem. *Vaiſe erguendo.*

Sevad. Deite-ſe, deite-ſe. Ay, que o homem tem freneſis! Acudaõ cá.

Simic. Calte, Sevadilha, naõ perturbes eſta primeira occaſiaõ de meu amor.

Sevad. Deixe-ſe eſtar cuberto.

Simic. Bem ſey, que o calafrio de meu amor he taõ grande, que ſe póde cobrir diante d'ElRey; mas confeſſo-te, que já naõ poſſo aturar o gravamen deſte capote.

Sevad. Ay, que o homem eſtá louco, e furioſo!

Simic. A furia com que te ausentas, me faz enlouquecer: naõ fujas, Sevadilha, que eu sou aquelle sujeito do malmequer, e taõ sujeito aos teus imperios, que sou hum criado de vossa mercê.

Sevad. Eu te arrenego, maldito homem! Tu es o desta manhã?

Simic. Cuidavas, que naõ havia saber buscar modo para verte?

Sevad. Queres, que vá chamar a D. Cloris, ou D. Nize?

Simic. Logo irás chamar a D. Cloris; mas primeiro attende à chamma de meu amor; que se o fogo tem linguas, e as paredes tem ouvidos, bem póde a dura parede de teu rigor escutar a lavareda em que me abraso: muita cousinha te poderia eu dizer; porém a occasiaõ naõ he para isso.

Sevad. Nem eu estou para essoutro.

Simic. Eu o dissera, que o teu malmequer naõ he para ménos.

Sevad. Nem a tua pessoa he para mais.

Simic. Pois isso he de veras? Olha, que desconfio.

Sevad. Bem aviada estou eu! Bom amante tenho! Bonito eras tu para aturar vinte annos de desprezos, como ha muitos que aturaõ, levando com as janellas

nos

nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, soffrendo geadas, apurando-se em Romances, dando descantes, feitos estatuas de amor no templo de Venus, e com tudo estaõ muy contentes da sua vida; e assim para que me buscas?

Simic. Para que me desenganes, se me queres, ou naõ.

Sevad. Pergunta-o ao malmequer, que elle to dirá.

Simic. Se eu o tivera aqui, fizera essa experiencia.

Sevad. E onde está o que eu te dey?

Simic. Lá o tenho empapelado, que cuido que o ar mo leva.

Sevad. Assim te leve o diabo.

Simic. Levará que he muito capaz disso. Pois em que ficamos? Bem me queres, ou mal me queres?

Sevad. Apanha aquelle malmequer, que está junto áquella parra, e pergunta-lho, que elle to dirá.

Simic. Pois acaso nas folhas do malmequer estaõ escritos os teus amores, ou os teus desdens?

Sevad. Da mesma sorte que a buena dicha na palma da maõ.

Simic. Eu vou apanhar o dito malmequer.

Vaise. *Sevad.*

Sevad. Quem me dera, que ficaſſe em mal-mequer, para o fazer andar à pratica!

Sabe Simicupio com hum malmequer.

Simic. Eiſaqui o malmequor: ora vamos a iſſo; que ſe ha flores, que ſaõ deſengano da vida, eſta o ſerá do amor. Sevadilha, toma ſentido, vê ſe fica no bemmequer.

Sevad. Iſto he como huma ſorte.

Simic. Queira Deos naõ ſe converta o malmequer em azar. Tem ſentido, Sevadilha: amor, ſe ſahe a couſa como eu quero, eu te prometto hum arco de pipa, e huma venda nos Romolares em que ganhes muito dinheiro.

Canta Simicupio a ſeguinte

ARIA.

Oraculo de amor
Propicio me reſponde.
Nas ancias deſte ardor
Bem me queres, mal me queres
Bem me queres, mal me queres,
Mal me queres, diſſe a flor.
Ay de mim, que me quer mal
Teu ingrato malmequer!
Acabou-ſe o meu cuidado,
Que mais tenho que eſperar?
Vou-me agora a regalar,
Levar boa vida, comer, e beber.

Sabe

Sabe D. Cloris.

D. Clor. Oh quanto folgo, que já eſtejas bom!

Simic. E taõ bom, que parece que nunca tive nada.

D. Clor. Com que ſaraſte?

Simic. Com o meſmo mal; porque tambem ha males, que vem por bem.

D. Clor. Que dizes, que te naõ entendo? Eſtás louco?

Simic. Meu amo ainda o eſtá mais, do que eu, deſde que te vio aſſim por mayor, eſta manhã; e aſſim para ſignificarte a tremendiſſima efficacia de ſeu amor, aqui me manda a teus pés, minto aos teus atomos, para que com os diſfarces do Alecrim poſſa merecer os teus agrados.

D. Clor. Sevadilha, poem-te a eſpreitar naõ venha alguem.

Sevad. Sim Senhora. Arrelá com o ardil do homem! *Vaiſe.*

D. Clor. E quem he eſſe teu amo, que tanto me adora?

Simic. He o Senhor D. Gilvaz, cavalheiro de taõ lindas prendas, como *verbi gratia* Londres, e Pariz.

D. Clor. Que officio tem?

Simic. Ha de ter hum de defuntos, quando morrer.

D. Clor. E em quanto vivo, em que se ocupa?

Simic. Em morrer por vossa merce.

D. Clor. Falla a proposito.

Simic. Senhora, meu amo naõ necessita de officios para manter os seus estados, porque tem varias propriedades comsigo muito boas; além disso tem huma quinta na semana, que fica entre a quarta, e a festa, taõ grande, que he necessario vinte e quatro horas, para se correr toda.

D. Clor. Quanto fará toda de renda?

Simic. Naõ se póde saber ao certo; sey, que tem varias rendas em Flandes, e outras em Peniche, e estas bem grossas; tambem tem hum foro de fidalgo, e hum juro de nobreza.

D. Clor. Basta que he fidalgo?

Simic. Como as estrellas, que as vê ao meyo dia, e a estas horas naõ vê outra cousa; e certamente lhe posso dizer, que he taõ antiga a sua descendencia, que diz muita gente, que descende de Adaõ.

D. Clor. Se isso he assim, talvez, que me incline a querello para meu esposo.

Simic. Venha a reposta, Senhora, que meu amo está esperando com lingua de palmo.

D. Clor. Pois ouve o que lhe has de dizer.

Canta

Canta D. Cloris à seguinte

ARIA.

Dirás ao meu bem,
Que naõ desconfie,
Que adore, que espere,
Que naõ desespere,
Que à sua firmeza
Constante serey.
Que firme eu tambem
A tanta fineza
Amante, constante
Extremos farey. *Vaise.*

Simic. Vencido está o negocio; mas o capote do velho cá naõ ha de ficar por vida de Simicupio; que se a occasiaõ faz o ladraõ, hey de sello por naõ perder a occasiaõ. *Vaise com o capote.*

Sahe Sevadilha.

Sevad. Espera, homem, onde levas o capote? E foy-se como hum cesto roto! Ay mofina desgraçada, que ha de ser de mim, se meu amo naõ achar o seu rico capote?

Sahe D. Lanserote.

D. L. Já farou o homem, Sevadilha?

Sevad. Sim Senhor.

D. L. Já se foy?

Sevad. Sim Senhor.

D. L. Guardaste o capote?

Sevad.

Sevad. Ahi he ella. *à part.*

D. L. Naõ ouves? Guardaſte o capote?

Sevad. Qual capote?

D. L. O meu.

Sevad. Qual meu?

D. L. O meu de C,aragoça.

Sevad. Ah ſim, o capote do homem *do* Alecrim?

D. L. Qual homem?

Sevad. O do accidente.

D. L. Tu zombas?

Sevad. Zombaria fóra, o homem levou o capote.

D. L. O meu capote?

Sevad. Eu naõ ſey, ſe elle era de voſſa merce; o que ſey he, que o homem do Alecrim levou hum capote, com que eſtava cuberto.

D. L. E como o levou?

Sevad. Nos hombros.

D. L. O meu capote furtado?

Sevad. Pois nunca ſe vio furtar hum capote?

D. L. Naõ, bribantona, que era hum capote aquelle, que nunca ninguem o furtou. Oh dia infeliz, dia aziago, dia indigno de que o Sol te viſite com os ſeus rayos!

Sevad. Santa Barbara!

D. L.

D. L. Tu, deſcuidada, has de pôr para alli o meu capote, ou do corpo to hey de tirar.

Sevad. Como mo ha de tirar do corpo, ſe eu o naõ tenho?

D. L. Deſta ſorte.

Cantaõ D. Lanſerote, e Sevadilha a ſeguinte

ARIA A DUO

D. L. Moça tonta, deſcuidada,
Sevad. Ha mulher mais deſgraçada
Neſte mundo? Naõ, naõ ha.
D. L. Se naõ dás o meu capote,
Tua capa hey de raſgar.
Sevad. Naõ me raſgue a minha capa.
D. L. Dá-me, moça, o meu capote
Sevad. Minha capa.
D. L. Meu capote.
Ambos. Trata logo de o pagar.
D. L. Meu capote aſſim furtado!
Sevad. Meu adorno aſſim raſgado!
Ambos. Que deſgraça!
D. L. Contra a moça
Sevad. Contra o velho
Ambos. A juſtiça hey de chamar:
Meu capote donde eſtá? *Vaõ-ſe.*

SCE-

SCENA III.

Praça: no fim haverá huma janella. Sahe D. Gil embuçado.

D. G. DIsse a Simicupio, que aqui o esperava; mas tarda tanto, que entendo o apanharaõ na empreza. Mas se será aquelle, que alli vem? Naõ he Simicupio, que elle naõ tem capote. Quem será?

Sahe Simicupio embuçado em hum capote.

Simic. Lá está hum vulto embuçado no meyo do caminho; queira Deos naõ me cheguem ao vulto; naõ sey se torne para traz, mas peyor he mostrar cobardia; eu faço das tripas coraçaõ, vou chegando, mas sempre de longe.

D. G. Elle se vem chegando, e eu confesso, que naõ estou todo trigo.

Simic. Este homem naõ está aqui para bom fim; eu finjo-me valente: afaste-se lá, deixe-me passar, alias o passarey.

D. G. Vossa merce póde passar.

Simic. Ay, que he D. Gil! Pois agora farey, com que me tenha por valeroso. Quem está ahi? Falle, quando naõ despeça-se desta vida, que o mando para a outra.

D. G.

D. G. Primeiro perderá a ſua, quem me intenta reconhecer.

Simic. Tenha maõ, Senhor D. Gilvaz, que ſou Simicupio.

D. G. Se naõ fallas, talvez que a graça te ſahiſſe cara.

Simic. Igual voſſa merce, que ſe o naõ conheço pela voz, ſem duvida, Senhor D. Gilvaz, lhe prego com o ſeu nome na cara.

D. G. Deixemos iſſo, dá-me novas de D. Cloris; dize, podeſte darlhe o recado?

Simic. Naõ ſabe que ſou o Ceſar dos alcoviteiros? Fuy, vi, evenci.

D. G. Dá-me hum abraço, meu Simicupio.

Simic. Naõ quero abraços, venhaõ as alviceras, ſenaõ emmudeci como Oraculo.

D. G. Em caſa tas darey: conta-me primeiro, que fazia D. Cloris?

Simic. Iſſo ſaõ contos largos, eſtava toda rodeada de brazeiros de Alecrim, com hum grande mólho delle no peito, cheirando a Rainha de Hungria, maſcando Alecrim, como quem maſca tabaco de fumo; e como acabava de jantar, vinha palitando com hum palito de Alecrim, e finalmente, Senhor, com o Alecrim anda toda taõ verde, como ſe tivera tiricia.

D. G.

D. G. E do mais que paſſaſte?

Simic. Iſſo he para mais de vagar, baſta que ſaiba por ora, que apenas lancey o anzol no mar da ſimplicidade de D. Cloris, picando logo na minhoca do engano, ficou engaſgalhada com o engodo de mil patranhas, que lhe encaixey à maõ tente.

D. G. Incriveis ſaõ as tuas habilidades: e que capote he eſſe?

Simic. Eſte he o deſpojo do meu triunfo; joguey com o velho os centos, e ganheilhe eſte capote; e ſe voſſa merce ſoubera a virtude, que elle tem, paſmaria.

D. G. Que virtude tem?

Simic. He hum grande remedio para ſarar accidentes de gota coral.

D. G. Conta-me iſſo.

Sahe D. Fuas embuçado.

Simic. Fallemos de manſo, que ahi vem hum homem.

D. F. Eſta he a janella da coſinha de Dona Nize, que a pezar da eſcuridade da noite, a conhece o meu inſtincto pelos effluvios odoriferos, que exhala a Pancava daquella Fenix.

D. G. Simicupio, hum homem ao pé da janella de D. Cloris? Iſto naõ me cheira bem.

Simic.

Simic. Como lhe ha de cheirar bem, ſe iſto aqui he hum monturo?

Apparece Fagundes à janella.

Fag. Cé, he voſſa merce meſmo?

D.F. Sou eu meſmo, e naõ outro, que impaciente eſpero novas de meu bem.

D.G. Naõ ouviſte aquillo, Simicupio?

Simic. Aquillo he, que naõ cheira bem, Senhor D. Gilvaz.

Fag. Naõ baſta que voſſa merce diga, que he meſmo, he neceſſario a ſenha, e a contraſenha.

D.F. Pois attenda.

Canta D. Fuas o ſeguinte

MINUETE.

Já que a fortuna
Hoje me abona,
A Mangerona
Quero exaltar.
No ſeu triunfo
Que a fama entoa,
Palma, e coroa
Ha de levar.
Ha de por certo,
Que a ſua rama
Na voz da fama
Sempre andará.

D.G. Eſte he D. Fuas, pela ſenha da Mangerona: que te parece, Simicupio, o quanto

quanto tem adiantado o ſeu amor?

Simic. Quidquid ſit, o primeiro milho he dos paſſaros, o ſegundo he cá para os melros.

Fag. Suba por eſſa eſcada. *Lança a eſcada.*

D. F. Segure bem. *Sobe.*

Simic. Senhor D. Gil, agora he tempo de ſubir tambem, pois eſtamos em era de atrepar; naõ perca a occaſiaõ.

D. G. Vem tu tambem. *Sobe.*

Simic. Eu tambem vou a render à eſcala viſta eſſe caſtello de Cupido.

Fag. Tenha maõ, Senhor, que he o que quer?

D. G. Mangerona.

Fag. Voſſa merce, meu fidalgo, quem procura?

Simic. Tambem Mangerona em lugar de Sevadilha, que tudo faz bom tabaco.

Fag. Iſto cá eſtá por eſtanque, naõ entra quem quer.

Simic. Se naõ entra quem quer, entrará quem naõ quer.

Fag. Vá-ſe dahi, que naõ conheço Framengos à meya noite.

Simic. Tem maõ, naõ me empures.

Fag. Naõ ha de entrar.

Simic. O' mulher, naõ me precipites, que ſou capaz de te eſcalar.

Fag.

Fag. Vá-se cos diabos, seja quem for.
Empurra a escada, e cahe com Simicupio.
Simic. Ay, que me derreaste, bruxa infernal! Tu me pagarás o simicupio, que me fizeste tomar. Estes saõ os ossos do officio; mas para que tudo naõ sejaõ ossos, vamos levando esta escada, que sempre valerá alguma cousa: ao menos se naõ morri da quéda, vou para casa em huma escada.
Vaise Simicupio, e leva a escada.

SCENA IV.

Gabinete. Sahe Fagundes trazendo pela maõ a D. Fuas, e detraz virá D. Gil embuçado.

Fag. PIze de manssinho; que se acorda, será para nos enforcar.
D.F. Recontou a D. Nize os extremos, com que a idolatro?
Fag. Naõ me ficou nada no tinteiro: meu Senhor, nesta materia tenho tanta elegancia, que sou outra Marca Tulia Cicerona.
D.F. Ay Fagundes, se casará D. Nizé com o primo! Mas quem está aqui atraz de nós?
D.G. Naõ quero darme á conhecer a D.

Fuas, por ver se com os zelos desiste da empreza, para que só triunfe o Alecrim. *à part.*

D. F. Cavalhero, vós daqui naõ haveis de passar, ou ambos ficaremos aqui mortos, sem dizerme primeiro o que buscais nesta casa?

D. G. O mesmo que vós buscais.

D. F. O que eu busco, naõ vos póde pertencer.

D. G. Nem o que me pertence, podeis vós buscar.

Fag. Senhores meus, accommodem-se, que póde acordar o Senhor D. Lanserote, e o damno será de todos.

D. F. Queres que me calle à vista dos meus zelos?

Sahe D. Nize.

D. Niz. Que ruido he este, Fagundes?

D. F. Sinto, Senhora Dona Nize, que a primeira vez, que me facilitais esta fortuna, me hospedeis com zelos.

D. Niz. Naõ sey, que motivo haja para os haver.

D. F. Este Senhor embuçado, que aqui me vem seguindo, e diz, que procura o mesmo que eu busco.

D. Niz. Sabe elle por ventura o que vós procurais?

D. F.

D. F. Elle que diz que ſim, certo he que o ſabe.

D. Niz. Senhor, vós acaſo vindes aqui a meu reſpeito? *para D. Gil.*

D. G. Nada hey de reſponder. *à part.*

D. F. Quem calla conſente: naõ averiguemos mais, Senhora Dona Niza, ſó ſinto, que a ſua Mangerona admitta enxertos de outras plantas.

D. Niz. Eſſe he o pago que me dais, de admittir a voſſa correſpondencia, de obrar eſte exceſſo a voſſo reſpeito, e de me expor a eſte perigo por voſſa cauſa?

D. F. Melhor fora deſenganarme, que eſſa era a melhor fineza, que vos podia merecer.

D. Niz. Pois eu digo-vos, que eſtou innocente, que naõ conheço eſte homem, e me parece, que baſta dizello, para me acreditares.

D. F. E baſtava ver eu o contrario, para naõ acreditar eſſas deſculpas.

D. Niz. Pois viſto iſſo, fiquemos como dantes.

D. F. De que ſorte?

D. Niz. Deſta ſorte.

Canta D. Nize a seguinte

ARIA.

Supponha, Senhor,
Que nunca me vio,
E que he o seu amor
Assim como a flor,
Que apenas nasceo,
E logo murchou.
Pois tanto me dá
De seu pertender,
Que firme supponho
Seria algum sonho,
Que pouco durou. *Vaise.*

D. F. Nize cruel, isso ainda he mayor tyrannia; escuta-me. *Vaise.*

Fag. Vá lá darlhe satisfações, que ella he bonita para essas graças. E vossa merce Senhor rebuçado, a que fim quiz profanar o sagrado desta casa?

D. G. A ver o bem que adoro.

Fag. Vossa merce está zombando? Aqui naõ ha quem possa ser amante de vossa merce; pois bem vê o recato, e honra desta casa.

D. G. Eu bem vejo o recato, e honra desta casa. Que? Aquillo de subir hum homem por huma janella, e hirse para dentro atraz de huma mulher, naõ he nada? *Fag.*

Fag. Aquelle homem he primo carnal da Senhora D. Nize.

D.G. Pois eu tambem quero ser muito conjunto da Senhora D. Cloris: ora faça-me o favor de a hir chamar.

Fag. Que diz? A Senhora D. Cloris? Olha tu lá D. Cloris naõ te enganes; fim, a outra, que anda cuberta de cilicios, jejuando a paõ, e agua; tire dahi o sentido, meu Senhor.

D.G. Se a naõ fores chamar, a hirey eu buscar.

Fag. Ay Senhor, vossa merce tem alguma legiaõ de diabos no corpo? E que remedio tenho, senaõ chamalla, antes que o homem faça alguma asneira, que elle tem cara de arremeter. *Vaise.*

D G. Venha logo, que eu naõ posso esperar muito tempo. A velha queria corretaje: basta que lha dê D. Fuas.

Sahe D. Cloris.

D. Clor. Senhor, vossa merce, que pertende com tantos excessos? A quem procura?

D.G. Eu, Senhora D. Cloris, sou D. Gilvaz, aquelle impaciente amante, que atropellando impossiveis vem, qual salamandra de amor, a abrazarse nas chammas do seu Alecrim, como victima da mesma chamma.

D.

D. Clor. Senhor D. Gilvaz, como entendo o seu amor só se encaminha ao licito fim de ser meu esposo, por isso lhe facilito os meus agrados, mas naõ taõ francamente, que primeiro naõ haja de experimentar no crisol da constancia os rayos do seu amor.

D. G. Muy pouco conceito fazeis da vossa belleza; pois se antes de admirar essa formosura em occultas sympathias soubestes attrahir todos os meus affectos, como depois de admirar o mayor portento de perfeiçaõ, poderia haver em mim outro cuidado mais, que o de adorarvos com taõ immovel constancia, que primeiro se moveráõ as estrellas fixas, que sejaõ errantes as minhas adorações?

D Clor. Isso he de veras, Senhor D. Gil?

D. G. Se eu morro de veras, como hey de fallar zombando?

SONETO.

Tanto te quero, ò Clori, tanto, tanto;
E tenho neste tanto tanto tento,
Que em cuidar q̃ te perco, me espavento,
E em cuidar que me deixas, me ataranto.
Se naõ sabes (ay Clori!) o quanto o quanto
Te idolatra rendido o pensamento,
Digaõ-to os meus suspiros cento a cento,
Soletra-o nos meus olhos pranto a pranto.

Oh

Oh quem pudera agora encarecerte
Os exquisitos modos de adorarte
Que amor soube inventar para quererte!
Ouve, Clori; mas naõ, que hey de assustarte;
Porque he tal o meu incendio, q̃ao dizerte
Ficarás no perigo de abrazarte.

D. Clor. Senhor D. Gil, as suas finezas por encarecidas perdem a estimaçaõ de verdadeiras; que quem tem a lingua taõ solta para os encarecimentos, terá preza à vontade para os extremos.

D.G. Como ha de haver experiencias na minha constancia, seraõ os successos de minhas finezas os chronistas de meu amor.

Canta D. Gil a seguinte

ARIA.

Viste, ò Clori, a flor gigante,
Que procura firme, amante,
Seguir sempre a luz do Sol?
Dessa sorte, sem desmayos,
Sol, que gyra, saõ teus rayos,
E meu peito gyrasol.
Mas ay, Clori, que a luz pura
De teus rayos mais se apura
De meu peito no crisol.

D. Clor. Cessa, meu bem, de encarecerme o teu amor; já sey saõ verdadeiras as

tuas

tuas expreſsões. Oh ſe eu tiverá a fortuna, que eſſas vozes as naõ levaſſe o vento, para augmentar com ellas a força de ſua inconſtancia!

Sabe Sevadilha.

Sevad. He bem feito! He bem empregado!

D. Clor. O que, Sevadilha?

Sevad. O Senhor, que eſtá acordado.

D. Clor. Naõ póde ſer a eſtas horas; naõ te creio, que es huma medroſa.

Sevad. Fallo verdade, e naõ minto.

Canta Sevadilha a ſeguinte

ARIA.

Senhora, que o velho,
Se quer levantar!
Mofina de mim,
Que ouvi eſcarrar,
Fallar, e toſſir!
Senhor, vá-ſe embora, *para D. C.*
Vá já para fóra,
Senaõ o papaõ
Nos ha de engolir.

Fag. Uy Senhores, iſto he couſa de brinco? O Senhor ſeu tio eſtá com tamanho olho aberto, que parece hum leaõ, que eſtá dormindo; deite fóra eſſe homem, e venha-ſe agazalhar, que já vem amanhecendo.

D. Clor.

D. Clar. Pois deitem fóra a D. Gil: meu bem, eſtimarey, que as ſuas obras correſpondaõ às ſuas palavras. *Vaiſe.*

Sahem D. Nize, e D. Fuas.

D. Niz. Fagundes, encaminha a D. Fuas, que meu tio eſtá acordado.

D. F. Ainda o embuçado aqui eſtá? He para ver! Ah cruel! *à part.*

D. Niz. Anda, Fagundes.

Fag. Senhora, que naõ ha eſcada para deſcerem.

D. Niz. E aquella por onde ſubio, aonde eſtá?

Fag. Empurrey-a com hum homem, que tambem queria ſubir.

D. G. Devia ſer Simicupio. *à part.*

D. F. Pois como ha de ſer?

Sevad. Naõ ha mais remedio, que ſaltar pela janella.

Fag. Mas vejaõ naõ cayaõ no alfuje.

D. G. Em boa eſtou metido! *à part.*

D. F. Aonde eſtá a chave da porta?

Sevad. A chave tem guardas, e eſtá agazalhada no traveſſeiro do velho, por naõ dormir n'uma porta.

D. L. Fagundes, venha abrir eſta janella, que já vem amanhecendo. *Dentro.*

Fag. Eiſaqui voſſas merces o que quizeraõ!

D. L.

D. L. Fagundes, que faz, que naõ vem?
Dentro.

Fag. Eſtou enxotando o gato da viſinha: çape gato. Senhores, eſcondaõ-ſe aonde for.

D. Niz. Ay que deſgraça!

D. L. Sevadilha, que he iſſo lá? *Dentro.*

Sevad. He o gato da viſinha: çape gato. *Dentro.*

Simic. Abraõ a porta que ſe queima a caſa: fogo, fogo. *Dentro.*

Fag. Ay que ha fogo na caſa! Saõ Marçal.

D. Niz. Eu eſtou morta!

D. Clor. Ay que ſe queima a caſa, que deſgraça! *Sahe.*

D. F. Peyor he eſta!

D. G. Ha horas minguadas!

Simic. Abraõ a porta, que ha fogo, fogo. *Dentro.*

Sevad. Moſina de mim, que lá vaõ os meus tarecos!

Simic. Naõ ouvem? Pois lá vay a porta pela porta fóra. *Dentro.*

Sahe Simicupio com huma quarta às coſtas, e ao meſmo tempo ſahe D. Lanſerote em fralda de camiza, e D. Tiburcio embrulhado em hum lançol, com huma candeya de garavato na maõ.

Simic. Fogo, fogo.

Fag. Adonde he, meu Senhor.

D. T. Que he iſto cá?

D. L. Fogo aonde, ſe eu naõ vejo fumo?

Simic. Como ha de ver o fumo, ſe o fumo faz naõ ver?

D. T. Aqui me cheira a Alecrim queimado.

D. L. Dizes bem: Cloris, accendeſte algum Alecrim?

D. Clor. Eu, Senhor, naõ..... foy.... porque ſempre.....

D. L. Calla-te, que eu porey o Alecrim com dono; ha mais mofino homem! Lá vay o ſuor de tantos annos.

Simic. Com elle podia voſſa merce apagar eſte fogo.

D. G. Eſtou admirado de ver a traça de Simicupio! *à part.*

D. T. Senhores, acudamos a iſto, que ſe acaba a torcida.

D. L. Vede, ſobrinho, ainda aſſim naõ ſe entorne o azeite.

D. Niz. Ay os meus crayeiros de Mangerona! *D. Clor.*

D. Clor. Ay os meus olhos de Alecrim!
Fag. Ay a minha canaſtra!
Sevad. Ay os meus tarequinhos!
D. L. Ay a minha burra!
D. T. Ay o meu alforje!
Simic. Ay com tanto ay! Senhores, aonde he o fogo?
D. L. Vejaõ voſſas merces bem por eſſas caſas aonde ſerá.
Simic. Entremos, Senhores, antes que ſe atee o incendio.
D. G. e D. F. Vamos.

Entraõ Simicupio, D. Fuas, e D. Gil, e logo tornaõ a ſahir.

D. L. Vereis vós, trampoſinha, que fim leva o Alecrim.
D. Clor. O Alecrim naõ tem fim, que nunca murcha.

Sahem os tres.

D. G. Naõ ſe aſſuſtem, que naõ he nada.
D. F. Já ſe apagou Deos louvado.
D. L. Aonde foy?
Simic. Foy no almofariz, que eſtava ao pé da iſca.
Sevad. Pois eu naõ fuy a que petiſquey.
Fag. Pois eu nem no ferrolho.
Simic. Pois eu ainda eſtou em jejum.
D. L. Ora, meus Senhores, voſſas merces me vivaõ muitos annos pela honra, que me fizeraõ. *D. G.*

D. G. Sempre buſcarey occaſiões de ſervir a eſta caſa. *Vaiſe.*

D. F. E eu naõ menos. *Vaiſe.*

Simic. Agradeça-nos a boa vontade naõ mais.

Fag. Se naõ houveſſem boas almas, já o mundo eſtava acabado.

D. Clor. Eu eſtou paſmada do ſucceſſo! *à part.*

D. Niz. E eu naõ eſtou em mim! *à part.*

D. T. Ora com licença, meus Senhores, que me vou pôr em freſco. *Vaiſe.*

D. L. Eu todavia ainda naõ eſtou ſocegado. Vio voſſa merce bem na chaminé?

Simic. Para que voſſa merce deſcanſe de todo, vazarey eſta quarta nos narizes daquella velha, que ſaõ duas chaminés.

Fag. Ay que me enſopou! Senhor, que mal lhe fiz?

Simic. He darlhe a molhadura de certa obra.

D. L. Que fez voſſa merce?

Simic. Deixe, Senhor; iſto he para que ſe lembre, e tenha cuidado no fogo, que facilmente ſe póde atear por hum accidente.

Fag. Vou mudar de camiſa. *Vaiſe.*

D. Niz. Tomara aproveitar os cacos para a minha Mangerona.

D. L.

D. L. Esta advertencia merece esta moça, que he huma descuidada, que por seus desmazellos me deixou furtar hum capote

Cantaõ D. Lanferote, Sevadilha, Simicupio, D. Cloris, e D. Nize a seguinte

ARIA A 5.

D. L. Tu moça, tu tonta
Sentido no fogo,
Senaõ tu verás.

Sevad. Debalde he o seu rogo,
Que fogo sem fumo
Naõ he bom final.

Simic. Que linda pilhage
Num fogo salvage,
Que lambe voraz!

D. Clor. Naõ sente quem ama.

D. Niz. Naõ temo esta chamma.

Ambas. Que he fogo de amor.

D. L. Cuidado no fogo.

Sevad. Debalde he o seu rogo.

D. L. e Sev. Que fogo sem fumo
Naõ he bom final.

D. L. Sentido, cuidado.

Simic. Que fogo salvage.

Todos excepto D. L. Que he fogo de amor.

Todos. Cuidado, pois, cuidado,
Que algum furor vendado
Fulmina tanto ardor.

PAR-

PARTE II.

SCENA I.

Praça. Sahem D. Gil, e Simicupio.

D. G. AInda naõ ſey cabalmente applaudir a tua induſtria, ò inſigne Simicupio.

Simic. Nem applaudir, nem agradecer, Senhor D. Gilvaz.

D. G. As tuas idéas ſaõ taõ impoſſiveis de applaudir, como de agradecer; poîs todo o premio he diminuto, e todo o louvor limitado.

Simic. Viſto iſſo, eu meſmo tenho a culpa de naõ ſer premiado; porque ſe eu naõ ſervira taõ bem, eſtaria mais bem ſervido. Senhor meu, eu nunca fuy amigo de palanfrorios: mais obras, e menos palavras; eu quero que me ajuſte a minha conta.

D. G. Para que?

Simic. Para porme no olho da rua, que ſerey mais bem viſto.

D. G. Simicupio, nem ſempre o diabo ha de eſtar atrás da porta.

Simic.

Simic. Sim, porque entrará para dentro de caſa.

D. G. Calte, que ſe conſigo a D. Cloris com ſeu dote, e arras, eu te prometto, que andes n'uma holéa.

Simic. Senhor, naõ me ande com a cabeça à roda com eſſas promeſſas; era melhor, que os premios andaſſem a rodo.

Sahe Fagundes.

Fag. Lá deixo a D. Fuas metido n'uma caixa, para o introduzir com D. Nize em caſa ſem ſuſtos, como da outra vez; tomara achar hum homem, que ma carregaſſe.

D. G. Lá vem a velha, criada de Dona Cloris.

Simic. Retire-ſe voſſa merce, e deixe-me com ella.

D. G. Pois eu aqui te eſpero. *Vaiſe.*

Fag. O' filho, por vida voſſa quereis levar-me huma caixa?

Simic. Com que achou me voſſa merce com hombros de mariola?

Fag. Pois perdoe-me, que cuidey, que era homem de ganhar.

Simic. Todos neſta vida ſomos homens de ganhar; porém o modo he que deſauthoriza.

Fag. Iſto naõ era mais que levar huma caixa às coſtas. *Simic.*

Simic. Pois se naõ he mais do que isso, entendo que naõ estará mal à minha pessoa.

Fag. Qual mal? Antes lhe estará muito bem.

Simic. Mas advirta, que isto em mim naõ he officio; he huma méra curiosidade.

Fag. Ora, Deos lhe dê saude; olhe, ella peza pouco, e vem aqui para casa de D. Lanserote.

Simic. E de quem he a caixa?

Fag. He minha, que a que eu tinha, toda se desfaz em caruncho.

Simic. Pois esta naõ se livrará da traça, que intento usar com ella. *à part.* Vamos, Senhora. *Vaise.*

Fag. Ande, meu filho. *Vaise.*

Sahe D. Gil.

D.G. Aonde hirá Simicupio com a velha? O maldito naõ perdè occasiaõ: com semelhante jardineiro naõ murchará o Alecrim de Dona Cloris; porém elle lá vem com huma caixa às costas.

Sahe Simicupio com huma caixa às costas, e logo a poem no chaõ.

Simic. Desencontrei-me da velha, que andará tonta por mim.

D.G. Que he isto, Simicupio?

Simic. Naõ lhe importe, vá-se enrolando,

que ſe ha de meter aqui dentro, e hey de levar eſſe corpinho a caſa de Dona Cloris.

D. G. Iſſo he quiméra; como poſſo eu caber ahi?

Simic. Iſſo naõ me importa a mim; abata as preſumpções, que logo aberá em toda a parte.

D. G. E como havemos abrilla, que eſtá fechada?

Simic. Naõ ſabe, que a irmã gazúa ſempre me acompanha? Eu a abro. *abre.*

D. G. Eſta tramoya he muy arriſcada: que tem dentro?

Simic. Eu vejo huns trapos eſtendidos. Ando, ande, que nos importa a nós.

D. G. Ora vamos a iſſo: ay Ceos, quanto me cuſtas!

Mete-ſe D. Gil na caixa, e a fecha Simicupio, e lago a poem às coſtas, e dentro tambem vird D. Fuas.

Simic. Naõ ha de ſer má eſta encaixação. Arre o que peza a criança!

D. F. Ay que me eſmagaõ os narizes!

D. G. Quem eſtá aqui? Eſpera, vejamos o que he.

Simic. O que for lá ſe achará.

D. G. Eſpera, que iſto he traiçaõ.

D. F. Homem dos diabos, naõ me esborrache.

D. G.

D.G. Aque d'ElRey, naõ ha quem me acuda?

Simic. Calle-se, tamanhaõ, que para boa casa vay. *Vaõ-se.*

SCENA II.

Sala. Sahem D. Tiburcio, e Sevadilha.

D.T. SEvadilha, agora que estamos sós, quero-te pedir hum conselho.

Sevad. Se vossa merce acha, que lhos posso dar, proponha, que eu resolverey.

D.T. Tu bem sabes, que eu vim para casar com huma destas duas primas minhas: ambas saõ bellas, ao que entendo; só me resta saber as manhas de cada huma, para que escolha do mal o menos.

Sevad. Senhor, ambas saõ muy bastantes moças; a Senhora Dona Cloris he muy perfeita, sabe fazer os ovos moles muito bem; a Senhora Dona Nize tem melhor juizo; muito assento, quando naõ está de levante; grande capacidade; e tanto, que sendo taõ rapariga, já lhe nasceo o dente do siso; porém na condiçaõ he huma vibora assanhada.

D.T. Naõ sey, Sevadilha, o que faça neste caso.

Sevad. Naõ cazar com nenhuma.

D. T. Pois eu vim cá por beſta de páo?

Sevad. Eu digo o que entendo em minhá conſciencia.

D. T. Oh ſe pudera eu cazar comtigo, Sevadilha, porque ſó tu me cahiſte em graça!

Sevad. Ay que graça! Diga-me iſſo outra vez.

D. T. Naõ zombo, que naõ eſtou fóra de fazer eu huma parvoiſſe.

Sevad. Naõ ſerá a primeira.

D. T. Queres tu que fujamos? Olha, que eſtou com minhas tentações de te fazer dona da minha caſa.

Sevad. Diga-me deſſas, que goſto diſſo.

D. T. Sevadilha, naõ percas eſta fortuna.

Sevad. Quem he a fortuna?

D. T. Sou eu, que te quero.

Sevad. Se he fortuna, ſerá inconſtante.

D. T. Ay que a moça me falla por equivocos! Es diſcreta.

Sevad. Ora vá-ſe com a fortuna.

Sahe Simicupio com a caixa às coſtas.

Simic. Quem toma conta deſte arcaz?

D. T. Quem a manda?

Simic. Huma mulher já de dias grandes, porque era baſtantemente velha.

D. T. A mim me mellem, ſe iſto naõ he já

já alguma preparaçaõ para o caſamento.

Simic. Voſſa merce parece que adevinha, pois para caſamento he, ſegundo ouvi dizer a hum terceiro.

D.T. Sabes, o que virá ahi dentro?

Simic. Cuido, que he hum veſtido.

D.T. E que tal?

Simic. Bello na verdade, bordado com huns vivos brancos, e de cores taõ vivas, que eſtaõ ſaltando.

D.T. He de mulher, ou de homem?

Simic. Tudo o que aqui vem he para mulher.

D.T. Cuidey, que era para mim.

Sevad. Aquelle he Simicupio; elle que carrega a caixa, naõ he ſem cauſa. *à p.*

Simic. Sevadilha lá me eſtá deitando huns olhos, que ſe vaõ os meus traz delles. *à part.*

D.T. Já te pagaraõ?

Simic. Naõ Senhor; mas eu eſperarey pela velha.

D.T. Pois, Sevadilha, em que ficamos? Ajuſtemos o negocio?

Sevad. He boa eſta, ouvindo-me Simicupio! *à part.*

D.T. Olha, Sevadilha, eu te quero tanto, que fecharey os olhos a tudo, ſó por cazar comtigo. *Simic.*

Simic. Tome-se lá, o que estavaõ ajustando os dous! Eu lho estorvarey. *à part.*

D. T. Que dizes, rapariga?

Simic. Ah Senhor, pague-me o carreto da caixa.

D. T. Espera, que logo vem a velha.

Simic. Sim, pois a moça logo vay. *à part.*

D. T. Tu ainda es menina, naõ sabes o que te convem.

Sevad. Eu naõ necessito de tutores.

D. T. Olha, que eu sou Morgado na minha terra, e terás tantos, e quantos.

Simic. Senhor, pague-me o carreto da caixa, que naõ posso esperar.

D. T. Logo, espera: ora, Sevadilha, isso ha de ser, dá-me hum abraço.

Simic. Venha o carreto da caixa; he boa essa!

Sevad. He boa teima!

D. T. Pois dá-me ao menos esse malmequer por prenda tua.

Simic. Ora venha já esse carreto, senaõ tudo vay cos diabos.

D. T. Espera homem: ouve mulher.

Sevad. Vá-se dahi, mal creado, aleivoso, maligno; he o que me faltava!

Canta Sevadilha a seguinte

ARIA.

Que hum tonto jarreta,
Que hum nescio pateta,
Me falle em amor,
Ou he para rir,
Ou para chorar.
Naõ cuide em amores,
Que nesses ardores,
Se póde fregir,
Se póde abrazar. *Vaise.*

Simis. Regalou-me esta Aria: vou dizer a Sevadilha, diga a Dona Cloris, que alli está meu amo, e finjo que me vou. Senhor, adeos: eu virey n'outra occasiaõ. *Vaise.*

Sabe D. Lanserote com hum castiçal, e vela acceza, e a porá em cima da caixa, donde ao depois se assentardõ.

D. L. Sobrinho, vós bem sabeis, que hum hospede, passados os tres dias logo fede, como cavallo morto; isto naõ he dizer que fedeis, mas vos affirmo, que me naõ cheira bem essa vossa irresoluçaõ, vendo que indeciso ainda naõ elegestes qual de vossas primas ha de ser vossa consorte.

D. T. Senhor, as perfeições de cada huma

ma saõ taõ peregrinas, que vacilla a vontade na eleiçaõ dos sujeitos; pois quando me vejo entre Cloris, e Nize, me parece, que estou entre Scylla, e Caribdis.

D. L. Pois, Sobrinho, resolver, resolver logo, e já.

D. T. Pois, Senhor, se a hum enforcado saõ tres dias, eu que no cazar noto a mesma propriedade, pois bem se enforca, quem mal se casa, peço tres dias tambem para me resolver.

D. L. Tres dias peremptorios concedo; e para que naõ hajaõ duvidas no dote, assentai-vos, e sabereis o que haveis de levar. *Assentaõ-se.*

D. T. Isso he santo, e bom, para que naõ seja a noiva de contado, e o dote de promettido.

D. L. Eu, meu sobrinho, supposto tenha corrido muito mundo, com tudo me acho alcançado.

D. T. Isso he bonito!

D. L. Primeiramente cada huma de minhas sobrinhas tem muito boa limpeza.

D. T. Sim Senhor, saõ muito asseadas, nisso naõ ha duvida.

D. L. Além disso: estay attento, meu sobrinho, naõ deis falabancos com a caixa,

xa, que iſſo he manha de beſtas.

Bole a caixa.

D.T. Eu eſtou com os cinco ſentidos bem quietos.

D.L. Como digo, ſabereis, que todo o meu cabedal anda ſobre as ondas do mar. Naõ eſtareis quieto? *Bole a caixa.*

D.T. Naõ ſou eu por vida minha.

D.L. Naõ vedes a caixa a ſaltar?

D.T. He verdade; ſerá de contente.

Cahe a caixa com os dous.

D.L. Iſto agora he mais comprido.

D.T. E iſto he mais eſtirado.

D.L. Ay, quem me acode com huma luz!

Sahem Dona Cloris, Dona Nize, Fagundes, e Sevadilha com luz.

Todos. Que ſuccedeo?

D.T. O mayor caſo, que viraõ as idades.

D.L. Eu, que na mayor idade vi o mayor caſo.

D.Niz. Pois que foy?

D.Clor. Que ſuccedeo, Senhores?

Sevad. Que he iſto?

Fag. Que foy? Que ſuccedeo? Que he iſto?

D.T. Eſta caixa.

D.L. Eſta arca.

D.T. Que em torcicolos.

D.L. Que em bamboleyos.

D.T.

D. T. Com pulos.

D. L. Com saltos.

D. T. Deitou-me no chaõ.

D. L. No chaõ me estendeo.

D. Niz. He raro caso!

D. Clor. He caso raro!

Sevad. He, naõ ha duvida: ay, que ella torna a bolir! Fujamos, Senhores.

Fag. Valha-te o diabo, D. Fuas, que taõ inquieto es! *à part.*

D. L. Esta caixa tem algum encanto, abramo-la.

D. T. Diz bem, abra-se a caixa.

D. Niz. Ay de mim, que será de D. Fuas! *à part.*

D. Clor. Que será de D. Gil! *à part.*

D. T. Vá o tampo dentro.

Sevad. Tenhaõ maõ, que póde vir dentro algum diamante, que nos mate aqui a todos.

Fag. Ay santo breve da marca!

D. Niz. Senhor, se se abre a caixa, desmayamos todos aqui.

D. L. Vamo-nos, que a prudencia he melhor, que o valor. *Vaise.*

D. T. Pois só naõ quero ser valente. *Vaise, e leva a luz.*

Sevad. Ay! Naõ sey que pés me haõ de levar! Ande, Senhora. *D. Clor.*

D. Clor. Fazes bem em disfarçar até ao depois. *Vaise.*

Fag. A caixa parece que tocou a recolher.

D. Niz. E naõ foy o peyor o ficarmos às escuras, que assim teráõ todos medo de vir aqui: ora abre a caixa, e dize a D. Fuas, que saya.

Fag. Ay a caixa está aberta! Seria com os salabancos: saya, meu Senhor, e perdoe o descommodo.

Abre a caixa, e sahe D. Gil.

D. G. O' tu nocturna deidade, que no caliginoso bosque destas sombras brilhas carbunculo da formosura, aqui tens segunda vez no theatro de tua belleza representante a minha constancia na Tragicomedia de meu amor.

Fag. Senhora, quem às escuras he taõ discreto, que fará às claras?

D. Niz. Já vou acreditando, meu bem, as tuas finezas; porém....

Sahe D. Fuas da caixa.

D. F. Porém o teu engano, falsa, inimiga, segunda vez se repete para meu desengano, e tua affronta.

D. Niz. Que he isto, Fagundes? Que tramoyas saõ estas?

Fag. Eu estou besta, pois só a D. Fuas meti na caixa! D. Niz.

D. Niz. Pois como ha aqui outro, fóra D. Fuas?

Fag. Eu naõ ſey, em minha conſciencia, que naõ he má.

D. F. Senhora D. Nize, para que ſaõ eſſes fingimentos? Peleije agora com Fagundes, para ſe moſtrar innocente.

D. G. Eſta he Dona Nize; eu me recolho ao veſtuario, até que venha Dona Cloris.

Mete-ſe D. Gil na caixa.

D. Niz. Já diſſe, Senhor D. Fuas, que a minha conſtancia vive iſenta deſſas calumnias.

D. F. A que d'ElRey, Senhora, quereis, que dê com a cabeça por eſſas paredes? He poſſivel, que ainda intentais negar o que taõ repetidas vezes tenho experimentado?

D. Niz. Senhor, he pouca fortuna de minha firmeza, encontrar ſempre com accidentes de falſidade.

Fag. Senhor D. Fuas, naõ cuide voſſa merce, que ſomos cá nenhumas mulheres de cacaracá: mas alli vem gente.

D. Niz. Recolha-ſe outra vez, que eu em tanto aqui me retiro. Anda, Fagundes.

Vaiſe.

Fag. Senhor, nós já tornamos. *Vaiſe.*

D. F.

D. F. Mais à minha conſervaçaõ, que ao teu reſpeito, obedeço.

Eſconde-ſe D. Fuas na caixa, e ſahe D. Cloris.

D. Clor. Que ſe expozeſſe D. Gil ao perigo de vir em huma caixa a meu reſpeito! Ora o certo he, que naõ ha mais extremoſo amante; porém os fumos de Alecrim tem a meſma virtude, que o incenſo nos pombos, que os faz tornar ao pombal. Mas adonde eſtará aqui a caixa? Eſta ſupponho que he. Já meu bem pódes ſahir ſem ſuſto.

Sahe D. Fuas da caixa.

D. F. Sim, tyranna, pois já me naõ aſſuſtaõ as tuas falſidades.

D. Clor. Que falſidades? Que dizes? Enlouqueceſte, ou ignoras com quem falias?

D. F. Comtigo fallo, que com outro amante duas vezes infiel te encontrou a minha infelicidade.

D. Clor. Cuido, que naõ ſaõ tantos os encontros que temos tido.

D. G. Aquella voz he de D. Cloris: eſtou ardendo com zelos! *à parte.*

D. F. Já eſtou deſenganado da tua falſidade. Já ſey, que eſt'outro amante, que vive encerrado neſſa caixa, he o que ſó merece os teus agrados.

D. G.

D. G. E como que o merece; pois só elle he digno deſſe favor; e a quem o impedir, lhe meterey eſta eſpada até as guarnições.

D. F. Vês, ingrata, ſe he certa a minha ſuſpeita?

D. Clor. Eu eſtou confuſa, e naõ ſey a quem ſatisfaça!

D. G. Ainda continúa, inſolente? Naõ ſabe que eſta Dama he couſa minha?

D. F. Já agora por capricho, a pezar das ſuas aleivoſias, hey de dar a vida por mi dama.

D. Clor. Senhores, que deſgraça!

D. G. Se naõ eſtivera às eſcuras, tu ſerias o alvo de minhas iras.

D. F. Pois ſe naõ fora a eſcuridade, eu te fizera ver o meu brio; mas ainda aſſim, eu vou dando, dê donde der.

D. Clor. Senhores, dem de manſo, naõ os ouça meu tio.

Cantaõ D. Fuas, D. Gil, e Dona Cloris a ſeguinte

ARIA A 3.

D. G. Se naõ fora por naõ ſey que,
Te matara meſmo aqui.

D. F. Se naõ fora o velho alli,
Te fizera hum naõ ſey que.

D. Clor. De manſinho, pouca bulha,

Calte

Calte gralha, calte grulha,
Porque o velho ha de acordar.

D. G. Pois aqui muy manſamente
Matarey eſte inſolente.

D. F. Tambem eu pela callada
Meterey a minha eſpada.

D. Clor. De vagar, naõ dem de rijo,
Porque o velho ha de acordar.

Todos. Quem pudera em tanta luta
Sua dor deſabafar!

D. F, D. G. Se naõ grito neſte caſo,
Sou capaz de rebentar.

D. Clor. Mais que eſtallem, e arrebentem,
Naõ ſe ha de aqui fallar.

Todos. Naõ ſe póde iſto aturar! *Vaõ-ſe.*

Sahe Simicupio pela maõ de Sevadilha.

Simic. Donde me levas, Sevadilha?

Sevad. Ande, naõ me faça perguntas.

Simic. Naõ ha huma candeya neſta caſa, que ſe me meta na maõ, que eſtou morrendo por te ver?

Sevad. Melhor fineza he amar por fé.

Simic. Como, ſe eu naõ dou fé de ti?

Sevad. Ande, que o amor ſe pinta cego.

Simic. Muito vay do vivo ao pintado.

Sevad. Aſſim eſtámos mais à noſſa vontade.

Simic. Andar, ſupponho que tenho o meu amor na Noruega: mas ainda aſſim iſto

isto de estar às escuras, naõ he grande ousa para hum homem dizer à sua Dama quatro hyperboles, pois se naõ vejo, como poderey dizerte, que es estatua de alabastro sobre plintos de jaspe, neve vivente, e racional sorvete, *mas* só carapinhada, pois negra te considero nesta Ethiopia: oh negregada occasiaõ, em que por falta de huma candeya naõ sahe à luz a tua formosura!

Sevad. Pois o fogo de teu amor naõ basta para allumiar esta casa?

Simic. Se a luz excessiva faz cegar, tambem a minha chamma por excessiva naõ allumia; mas com tudo isto naõ nos metamos no escuro; fallemos claro: como estamos nós daquillo, que chamamos amor?

Sevad. E como estamos nós do malmequer, que esse he o ponto?

Simic. Cada vez está mais viçoso com a copiosa inundaçaõ de meu pranto.

Sevad. E teu amo com o Alecrim?

Simic. Isso saõ contos largos, o homem anda doido; tudo quanto vê lhe parece que he Alecrim; est'outro dia estava teimoso, em que havia de cear sellada de Alecrim, mais que o levasse o diabo. Olha, para contarte as loucuras que faz,

faz, assentemo-nos, que isto se naõ póde levar de pé.

Assenta-se Simicupio na caixa, que estará com o tampo levantado, e cahe dentro da caixa, que se fechará com a dita queda.

Simic. Mas ay Sevadilha, que cahi n'um poço sem fundo!

Sevad. Aonde estás, Simicupio?

Simic. Naõ sey aonde estou; só sey, que estou aqui.

Sevad. Aonde he aqui?

Simic. He aqui.

Sevad. Aqui aonde?

Simic. Hé boa pergunta! Eu sey cá donde saõ os aquis na casa alheya? Sey, que estou aqui n'um fole como criança, que nasce implicada, mas sem ventura.

Sevad. Pois sahe dahi, e anda para aqui.

Simic. Isso he, se eu soubera hir daqui para ahi.

Sevad. Quem te impede?

Simic. Estou entupido.

Sevad. Dá dous espirros.

Simic. Falta-me a Sevadilha, que a naõ acho, por mais que ando ao cheiro della. Ora filha, tira-me daqui, tu naõ ouves?

Sevad. Eu bem ouço; porém naõ vejo aonde estás.

Simic. Buſca-me fóra de mim, porque naõ eſtou dentro em mim, metido neſta ſepulsura, donde ſó campa por infeliz a minha deſventura.

Sevad. Calte, Simicupio, que ahi vem gente com luzes; adeosaté logo. *Vaiſe.*

Simic. Eſtou no mais apertado lance, que ninguem ſe vio!

Sahem D. Lanſerote com huma luz, e D. Tiburcio.

D. L. Apuremos eſte encanto. Sobrinho, nós havemos ver o que ſe encerra neſta caixa, ainda que o cabello ſe arripie.

D. T. Se for couſa deſta vida, ficará ſem ella, e ſe for da outra, a mandarey para o outro mundo.

D. L. Pois ſobrinho, abri eſſa caixa com intrepido valor.

D. T. Abra voſſa merce, que he mais velho, e em tudo tem o primeiro lugar.

D. L. Deixay cumprimentos, que a occaſiaõ naõ he para ceremonias.

D. T. Por nenhum modo: naõ tem que ſe cançar, que lhe naõ quero tirar a gloria deſta empreza.

D. L. O maganaõ contralogrou-me; pois eu confeſſo, que eſtou tremendo de medo. *àpart.*

D. T. Queria arrumarme o gigante? He bem eſperto. *àpart.* D. L.

D.L. Ora pois, hey de ir eu, ou haveis de ir vós?

D.T. Vá, naõ haja cumprimentos, que eu sou de casa.

D.L. Naõ ha mais remedio, que ir eu em corpo, e alma, a ver esta alma sem corpo, ou este corpo sem alma. Deos vá comigo, Anjo da minha guarda, e todo o Flos Sanctorum me defenda.

D.T. Ande tio, naõ tenha medo, que eu estou aqui.

D.L. Pois se naõ fora isso, já eu deitava a correr. *à part.*

Simic. Ay! que sem duvida estou na caixa, em que trouxe a D. Gil, e segundo o que aqui ouço dizer, me intentaõ reconhecer: eu lhes tocarey a caixa.

Chega-se D. Lanferote à caixa, e tanto que a abre, deita Simicupio a cabeça de fóra, e dá hum assopro na véla.

D.L. O' tu quem quer que es, que estás nesta caixa... mas ay, que me apagaraõ a véla com hum assopro!

D.T. Assopra!

Simic. Muy fraca era aquella luz, pois de hum assopro a derribey.

D. L. Sobrinho, vós estais ahi?

D.T. Como se naõ estivera.

D.L. Quem seria o cruel, que taõ alei-

voſamente matou huma innocente luz a aſſopros frios?

Simic. Deos lhe perdoe, que era huma luz a todas as luzes boa: mas eu quero çafarme daqui, e temo marrar de narizes com alguem; mas que remedio?

D. L. Agora vos chegais para mim, cobarde ſobrinho? Hide, que por voſſa culpa naõ acabey de deſencantar eſte encanto.

D. T. Veja voſſa merce como chama cobarde?

D. L. Calai-vos, abobora, que degenerais de quem ſois.

D. T. A mim abobora?

Simic. Agora he boa occaſiaõ de hirme; porque ainda que encontre com algum, cuidaráõ que ſaõ murros: lá vay o primeiro. *Dá.*

D. L. O' mal enſinado, pondes mãos violentas em voſſo tio?

Simic. Eu abrirey caminho deſta ſorte, dando a troxe moxe. *Dá.*

D. T. He boa eſſa, Senhor tio, aſſim ſe dá n'um barbado?

D. L. Calai-vos, maganaõ, que naõ haveis de cazar: mas ay, que me déſtes huma bofetada com a maõ aberta! A que d'ElRey ſobre eſte magano de meu ſobrinho! *Vaiſe.* *D. T.*

D. F. A que d'ElRey ſobre eſte caduco de meu tio! *Vaiſe.*

Simic. A que d'ElRey que já me deixaraõ! *Vaiſe.*

SCENA III.

Camera. Sahem D. Gil, e D. Nize.

D. G. SEnhora Dona Nize, ſe acaſo em voſſa piedade póde achar amparo hum deſgraçado, peço-vos, que me occulteis; pois já a rubicunda Aurora em riſonhas vozes nos aviſa da chegada do Sol, aſſim a voſſa Mangerona ſe veja coroada de louro no Capitolio do amor.

D. Niz. Já o Alecrim pede favores à Mangerona?

D. G. Se Dona Cloris naõ apparece, que quereis que faça?

D. Niz. Pois eſcondeivos neſſa alcova, em quanto a vou chamar.

Eſconde-ſe D. Gil, e ſahe D. Fuas.

D. F. Aonde vás, tyranna? Procuras acaſo o teu amante? Oh murcha ſeja a tua Mangerona, que como planta veneno-ſa me tem morto.

D. Niz. Homem do demonio, ou quem quer

quer que es, que em negra hora te ví, e amey, que desconfianças saõ essas? Que amante he esse, com quem me andas aqui apurando a paciencia, e sem que, nem para que, descompondo a minha Mangerona?

D. F. Pois quem era aquelle, que sahio da caixa a dizerte mil colloquios?

D. Niz. Que sey eu quem era; salvo fosse . . . . . Mas retira-te, que ahi vem gente.

D. F. Esconderme-hey aonde for.

Quer esconderse onde está D. Gil.

D. Niz. Naõ te escondas ahi. Ay de mim, que se D. Fuas vê a D. Gil, fará o seu ciume verdadeiro! *à part.*

D. F. Naõ queres, que me esconda ahi? Agora por isso mesmo.

D. Niz. Tem maõ, adverte . . . .

D. F. Qual adverte? Tens ahi acaso escondido o teu amante?

D. Niz. Naõ, D. Fuas, porque só tu . . . .

D. F. Que he isso? Mudas de cor?

D. Niz. Se a cor he accidente, estou para desmayar, vendo a semrazaõ, com que me criminas.

Sahe D. Cloris.

D. Clor. Nize, que alarido he esse? Queres, que venha o tio, e ache aqui este estafermo? *D. Niz.*

D. Niz. Saõ loucuras de hum zelofo ſem cauſa.

D. F. Saõ zelos de huma cauſa ſem loucura. E ſenaõ diga-me, Senhora D. Cloris, por vida do Senhor ſeu Alecrim, naõ he para ter zelos ver repetidas vezes a hum ſujeito procurar a D. Nize com taõ repetidos extremos, que huma couſa he vello, e outra dizello; e ſupponho o tem agora eſcondido naquella alcova de donde me deſvia para eſconderme?

D. Clor. Iſſo verey eu, que tambem me importa eſſa averiguaçaõ.

D. Niz. Cloris, naõ te cances, que naõ has de ver quem ahi eſtá. Eſtou perdida! *à part.*

D. F. He para que veja, Senhora, a razaõ que tenho. Ah tyranna!

D. Clor. Já agora por capricho hey de ver quem ahi eſtá. Voſſa merçe he, Senhor D. Gilvaz? Que he iſſo? Quer enxertar o meu Alecrim com a Mangerona de Dona Nize.

D. G. Ha caſo ſemelhante!

D. F. Falſo, traidor amigo, como ſabendo, que eu pretendo a D. Nize, te expoens a embaraçar o meu emprego?

D. G. D. Cloris, D. Fuas, para que ſaõ eſſes

eſſes extremos, quando a Senhora *D.* Nize nem a vós vos offende, nem a mim me correſponde?

D. F. Ninguem ſe eſconde ſem delicto.

D. Clor. Ninguem ſe occulta ſem motivo.

D. Niz. Ora agora naõ quero dar ſatisfações, nem a huma louca, nem a hum temerario: he muita verdade; eſcondi a D. Gil, porque lhe quero bem; pois que temos?

D. F. Que iſto ſoffra a minha paciencia! Ah ingrata!

D. Clor. Que iſto tolerem os meus zelos! Ah falſo amante!

D. G. A Senhora D. Nize eſtá zombando, e aquillo nella he galantaria.

D. Niz. Naõ he ſenaõ realidade, e tenho dito. *Vaiſe.*

D. F. Naõ ſe vio mais deſcarado rigor! Eſpera, cruel, e verás com os teus olhos os ultrajes, que faço à tua Mangerona. *Vaiſe.*

D. Clor. Senhor D. Gil, venha depreſſa o meu Alecrim.

D. G. O teu Alecrim he inſeparavel de meu peito.

D. Clor. Deixemos graças, que eu naõ zombo.

D. G. Pois entendes, que D. Nize falla de veras? *D. Clor.*

D. Clor. Quer fallaſſe de veras, quer naõ, venha, venha o meu Alecrim.

D. G. De que ſorte queres, que te ſatiſfaça? Ignoras acaſo as firmezas de meu amor?

Canta D. Gil a ſeguinte

ARIA.

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrazada,
Quando eſpira nos incendios
Solicita o meſmo ardor.
Tal, ò Clori, me imagino,
Pois parece, que o deſtino
Quer, por mais que tu me mates,
Que appetereça o teu rigor.

Sahem Simicupio, e Sevadilha.

Simic. Senhor D. Gilvaz, nunca Simicupio ſe vio em calças mais pardas.

D. G. Porque?

Sevad. Porque o velho já ahi vem caminhando como huma centopeya.

D. Clor. Anda, D. Gil, para dentro, até que haja occaſiaõ para ſahires.

D. G. Vás ainda com eſcrupulos na minha conſtancia?

D. Clor. Cá dentro apuraremos eſſas finezas. *Vaiſe.*

D. G. O' Simicupio, vê como havemos ſahir

ſahir daqui, que bem ſabes, que tenho de eſcrever hoje para o correyo. *Vaiſe.*

Simic. Tomara que o fizeſſem em poſtas, e o levaſſe barzabú às vinte.

Sevad. E ſe lhes naõ dizemos, que vinha o velho, ainda ſe naõ hiaõ.

Simic. E hia-ſe a hiſtoria, ſem nós fazermos noſſo papel de Alfazema por cauſa do Alecrim.

Sevad. Naõ me dirás, Simicupio, em que ha de parar toda eſta barafunda?

Simic. Em algum caſamento, iſſo já ſe ſabe; tomara eu tambem, que me diſſeſſes, em que havemos nós parar?

Sevad. Em correr, que ſe paramos aqui, talvez que nos envidem o reſto.

Simic. Naõ embaralhes o ſentido em que te fallo. Ay Sevadilha, que naõ ſó me chegaſte ao coraçaõ, mas tambem aos narizes! E aſſim naõ ponhas por eſtanque os teus favores: antes affavel, dáme alguma amoſtrinha de tua inclinaçaõ.

Sevad. Quem te meteo eſſes fumos na cabeça!

Simic. O dó, que tenho de te ver taõ matadora.

Sevad. Vai-te dahi, que tenho nojo de chegarme a ti.

Simic. Eu naõ te mereço, que me deſcomponhas

ponhas o carinho, com que te trato. Ay Sevadilha, que ſinto aſſarme nos eſpetos quentes de teus olhos, aonde os repetidos eſpirros de meu incendio....

Sevad. Se me diſſeras iſſo em dous dedos de papel, ainda te crera.

Simic. Naõ ſó em dous dedos, mas em toda a maõ da ſolfa, donde verás de teu Simicupio as finas clauſulas de ſuas ſimicopadas.

Canta Simicupio, eſpirrando no fim de cada verſo, a ſeguinte

ARIA.

Naõ poſſo, ò Sevadî....
Dizerte, o que padê....
Que o meu amor travê....
Chegando-me aos narî....
N'um moto continuo me faz eſpirrar.
Mas ſe he tafullaria
Eſte vicio de quererte,
Toda inteira hey de ſorverte,
Por mais que me veja morrer, e eſtallar.

Vaiſe.

Sevad. Ora Deos o ajude com tanto eſpirrar.

Sahem D. Lanſerote, e D. Tiburcio.

D. L. Baſta, ſobrinho, que naõ foſtes vós, o que me derreaſtes?

D. T. Pois acha voſſa merce, que havia

pôr as mãos violentas nas reverendas barbas de voſſa merce? Igual eu me podia com mais razaõ queixar de voſſa merce, que me fez em eſtilhas.

D. L. Eu, ſobrinho? Iſſo he engano; eu havia erguer a maõ para vós, quando ſó as devo levantar ao Ceo, para darlhe graças, por darme para huma de minhas ſobrinhas hum noivo taõ gentil-homem?

D. T. Naõ vay a dar quebranto.

Sevad. E elle, que he muy bello. *à part.*

D. T. Pois ſe nenhum de nós reciprocamente deu hum no outro, quem ſeria?

D. L. Eu tambem naõ poſſo atinar; o que ſey he, que a caixa para nós foy de guerra.

Sevad. E para o noivo de tartaruga do Alentejo. *à part.*

D. L. Sevadilha, anda cá, naõ o negues: quem andará neſta caſa, ha hum par de noites, que ſinto grande reboliço?

Sevad. Senhor, eu tenho para mim, que eſta caſa às eſcuras he aſſombrada.

D. L. Tens viſto alguma couſa?

Sevad. Ay Senhor, tenho viſto tantas couſas, que naõ me atrevo a dizellas.

D. L. Dizé, rapariga.

Sevad. Só em cuidar no que vi, eſtou para me deſmayar.

D. L.

D. L. Era couſa do outro mundo?

Sevad. Qual do outro mundo, ſe eu a vi neſte?

D. L. Era fantaſma?

Sevad. O que he fantaſma?

D. L. He huma couſa branca, que poem os olhos em alvo.

Sevad. Senhor, eu naõ ſey o que he; ſey ſómente, que vi ſahir de huma caixa huma couſa como furacaõ de vento, que me deu muita pancada.

D. L. Vedes, ſobrinho? He o meſmo, que nos ſuccede em carne.

D. T. Na carne aliás.

D. L. Aqui naõ ha outro remedio mais, que caſares logo, e já, e levares voſſa mulher com voſco, que eu ponho eſcritos nas caſas, e mudo-me às carreiras.

D. T. Iſſo he o verdadeiro.

D. L. Sevadilha, vay chamar as raparigas, que venhaõ cá depreſſa.

Sevad. Genro, e ſogro naõ os vi mais beſtas! *à part. e vaiſe.*

D. T. Para que manda voſſa merce chamar a minhas primas taõ depreſſa?

D. L. Logo vereis.

Sahem D. Cloris, e D. Nize.

Ambas. Que nos ordenas, Senhor?

D. L. Sobrinho, ellas ahi eſtaõ, eſcolhey huma

huma das duas para voſſa eſpoſa.

D. Clor. Eu fiz voto de ſer freira, e aſſim naõ poſſo cazar.

D. L. Pois caze D. Nize.

D. Niz. Eu ménos, que quero ſer donzella.

D. L. Iſſo já naõ póde ſer, que dey a minha palavra, que val mais que tudo.

D. T. Eu já me reſolvera a aturar a riſpida condiçaõ de Dona Nize, mas ſem receber o dote, naõ me recebo.

D. L. Anday, que ſois hum impolitico: algum homem, que tem brio, falla em dote?

D. T. E algum homem, que quer dote, attenta em brio?

Sahem D. Fuas, D. Gil, e Simicupio veſtidos de mulher com mantos.

Simic. Senhor eſta induſtria nos valha, que para ſahir, ſempre foy boa huma ſaya.

D. G. Quem ſerve a Cupido, naõ he muito que ſe affemine. *à part.*

D. F. Até niſto moſtra o amor, que he cobarde. *à part.*

D. L. Que mulheres ſaõ eſſas, que ſahem da noſſa alcova?

D. Clor. Eſtou tremendo naõ ſe deſcubra a tramoya. *à part.*

Simic. Senhor D. Tiburcio, as mulheres honradas, como eu, ſe naõ tratáõ deſta ſorte.

D. T.

D.T. Senhora, voſſa merce vem enganada.

D L. Que he iſto, ſobrinho?

D.T. Eu o naõ ſey em minha conſciencia.

D.L. Senhoras, como entraſtes neſta caſa?

Simic. Eſte Senhor ſobrinho de voſſa merce merecia, que lhe deſſem duas facadas, pois ſem alma, nem conſciencia; depois de o introduzir na minha caſa, para cazar com huma de minhas filhas, que voſſa merce aqui vê; teve taes ardis, que enganou a ambas, e de ambas triunfou; e para mais penas ſentir, eſta madrugada nos mandou vieſſe-mos a eſta caſa, que diſſe era ſua, e no cabo ſey, que naõ he, e eſtá para cazar com huma ſobrinha de voſſa merce. Ah traidor, ladraõ, naõ ſey como te naõ eſgadanho, e te arranco eſſas goellas.

D.L. He notavel caſo! Sobrinho deſalmado, que he o que fizeſtes?

D.T. Senhor, eu eſtou tollo de ver mentir eſta mulher!

DG. Ah falſo D. Tiburcio, o Ceo me vingue de tuas falſidades.

D.F. Ainda nega o maganão? Tal eſtou, que lhe arrancara eſſas barbas.

Simic. Deixay, filhas, deixay, que ainda

da no Ceo ha rayos, e no inferno a caldeira de Pero Botelho para caſtigo de velhacos. Vamos, meninas. *Vaõ-ſe.*

D. Clor. Já eſtamos livres deſte ſuſto. *à part.*

D. Niz. O criado val hum milhaõ. *à part.*

D. L. Senhor ſobrinho, voſſa merce a tem feito como os ſeus narizes; baſta, que voſſa merce he uſeiro, e viſeiro a enganar moças?

D. T. Senhor, eu naõ conheço taes mulheres.

D. L. Se naõ tendes outra deſculpa, eſſa naõ me ſatisfaz, e agora vejo, que por iſſo dilataveis o caſar com voſſas primas, fingindo irreſoluções, e regateando o dote.

D. T. Senhor, permitta Deos, que ſe eu....

D. L. Naõ jureis falſo; dizey-me, e tiveſtes atrevimento de meteres mulheres em caſa, ſem attenção ao decóro de voſſas primas?

D. T. Primas do meu coraçaõ, eu eſtou para enlouquecer, pois eſtou taõ innocente....

D. Clor. Calle-ſe, tenha juizo; baſta, que com eſſe feitio nos queria lograr?

D. Niz. He o Senhor fizudo, que naõ approvava os ranchos de Alecrim, e Mangerona!

D. T.

D. T. Ora baſta, que diga eu, que naõ conheço taes mulheres.

D. Clor. Calle-ſe, tonto.

D. Niz. Calle-ſe, ſimplez.

D. Clor. Basbaque.

D. Niz. Inſolente.

Ambas. Que? Agora cazar? Aqui para traz. *Vaõ-ſe.*

D. T. Senhor tio, deme attençaõ, ſenaõ deſeſperarey.

Canta D. Lanſerote a ſeguinte

ARIA.

Eiſaqui: eu eſtou perdido,
Gaſto feito, noiva prompta,
Porta aberta, e caſa tonta;
Ah ſobrinho! Mas que digo?
Empreſtai-me a voſſa eſpada,
Que me quero degollar.
Oh prudencia deſgraçada,
Pois naõ faço huma fallada
Por ninguem me ouvir gritar.

D. T. Que iſto a mim me ſucceda? Naõ ha homem mais infeliz!

SCENA IV.

Praça. Sahem D. Gil, e Simicupio.

D. G. HUma, e muitas vezes te confidero, Simicupio, prodigioſo artifice de meu amor, pois com as tuas maquinas vás erigindo o retorcido thalamo, que ha de ſer throno do mais ditoſo Hymenêo.

Simic. Já diſſe a voſſa merce, que mais obras, e menos palavras: Simicupio, Senhor, já ſe acha muy canſado, tomara, que me apoſentaſſe com meyo ſoldo, que eſte officio de alcoſa he muy perigoſo; que ſuppoſto tenha azas para fugir, tambem as azas tem penas para ſentir.

D. G. Simicupio, já o peyor he paſſado: acabemos de deitar eſta náo ao mar, que entaõ teremos enchentes.

Simic. E no cabo de tantas enchentes tudo nada.

D. G. Anda, naõ deſmayes, que hoje havemos moſtrar ao Mundo os triunfos do Alecrim.

Simic. E a Mangerona todavia naõ menos viçoſa com os borrifos de Fagundes.

D. G.

D. G. Mas à galantaria he, que todas as ſuas idéas redundaõ em noſſo proveito.

Simic. Ahi he que eſtá a filagrana do jogo, Fagundes a ſemear, e nós a colher.

Sahe Sevadilha com mantilha.

D. G. Aquella que lá vem, naõ he Sevadilha?

Simic. Pelo cheiro aſſim me parece.

D. G. Que novidade he eſſa, Sevadilha? Tu ſó por aqui?

Sevad. Que ha de ſer? A mayor deſgraça do mundo.

D. G. Que? Morreo o velho!

Sevad. Iſſo entaõ ſeria fortuna.

D. G. Pois que foy?

Sevad. Foy, que D. Tiburcio com a pena de ſe ver accommettido de tres mulheres, como voſſa merce ſabe, à viſta das noivas, e do ſogro, tomou tal paixaõ, que lhe deu eſta noite huma colica, e eſtá quaſi indo-ſe por hum fio; e aſſim eu por huma parte, Fagundes, e o Galego por ambas, vamos a chamar o Medico. Adeos, que me naõ poſſo deter.

D. G. Eſpera.

Sevad. Naõ poſſo, que D. Tiburcio eſtá morrendo por inſtantes.

Simic. Naõ te canſes, que já o acháas morto: ande cá, tenha feiçaõ, e faça paleſtra com os amigos.

D. G. Que faz Dona Cloris?

Sevad. Naõ me detenha, adeos.

Simic. Dize-me primeiro, que tal te pareci em trages de mulher?

Sevad. Naõ eſtou para iſſo, deixe-me hir, que eſtou depreſſa.

Simic. Ha tal preſſa! Como ſe eſtivera alguem para morrer!

Sevad. Naõ vê, que vou acodir a eſta grande neceſſidade.

Simic. Vai-te, filha; vai-te, naõ te ſofras.

Sevad. Bem puderas tu pouparme eſſas paſſadas, e hir chamar hum Medico às carreiras.

Simic. Vay deſcançada, que eu chamarey o Medico.

D. G. Sim com muito goſto.

Sevad. Ora faça-me eſſe favor, e adeos. *Vaiſe.*

D. G. Anda depreſſa, vay chamar o Medico.

Simic. Que Medico? Cuide n'outra couſa.

D. G. Iſſo he zombaria? Naõ permitta Deos, que o homem morra por noſſa omiſſaõ. *Simic.*

Simic. Vamos, que eu, e voſſa merce havemos ſer os Medicos na enfermidade de D. Tiburcio.

D.G. Eſtás louco? Pois nós ſabemos Medicina?

Simic. Aſſim como ha Filoſofia natural, porque naõ haverá natural Medicina?

D.G. E ſe o doente morrer por falta de remedio?

Simic. Mais depreſſa morrerá por muitos remedios.

D.G. E que lhe havemos applicar?

Simic. Tudo o que naõ for veneno; porque o que naõ mata, engorda.

D.G. Iſſo he temeridade.

Simic. Vamos, Senhor, e Deos ſobre tudo.

Sahe D. Fuas.

D.F. Eſpera, traidor D. Gil.

Simic. Ay, que iſto he alguma eſpera!

D.G. Que me quereis, D. Fuas?

D.F. Que metais a maõ a eſſa eſpada.

D.G. Para que?

Simic. He boa pergunta! Para que ſerá? He para fazer alfeloa magana.

D.F. Vereis, que ſabe o meu valor caſtigar offenſas de hum amigo desleal; pois ſabendo vós, que Dona Nize era o idolo da minha veneraçaõ, chegaſtes a pro-

a profanar o meu culto com os ſacrilegos votos de voſſos ſacrificios, a quem ſuaviſaraõ os odoriferos halitos da Mangerona.

Simic. Ahi cos diabos!

D. F. E aſſim metey a maõ a eſſa eſpada, para que ſe conſerve Dona Nize, ou ſegura no templo de meu peito, ou no de voſſo coraçaõ.

Simic. Senhor, aqui naõ he lugar de deſafios, vamos para Val de cavallinhos a jogar os couces.

D. G. D. Fuas, eſtais louco? Vede, que ſem cauſa he a voſſa queixa.

D. F. Naõ quero ſatisfações, vamos puxando.

Simic. Eſte homem vem puxado.

D. G. Pois para que vejais, que o ſatisfazervos naõ he temervos....

Sahe Fagundes com mantilha.

Fag. Cé, ah Senhor D. Fuas, huma palavrinha depreſſa, que importa.

D. F. Aquella he Fagundes; que me quererá? Eſperay, D. Gil, em quanto fallo a eſta mulher.

Simic. Senhor, naõ conſinto, ou fallar, ou brigar.

D. G. Deixay mulheres, e brigay, que eſtou prompto a ſatisfazervos por eſte modo.

Fag.

Fag. Senhor, venha já depreſſa.

Simic. Já vay, que quer aqui primeiro meter a eſpada pelo olho a hum amigo.

Fag. Ande ſenaõ voume.

D. F. Eſpera, que eu vou.

D. G. Briguemos, D. Fuas.

Simic. Vamos a iſſo, antes que ſe acabe a colera.

D. F. D. Gil, ſe tendes brio, eſperay; que eu venho já. *Vay para Fag.*

Simic. Ora vá de ſeu vagar, que eſta pendencia naõ he de ceremonia. Senhor D. Gil, abalemos com os cachimbos, que brigar com loucos he ſer mais louco. *Vaiſe.*

D. G. Tomo o teu conſelho. *Vaiſe.*

Fag. Sim Senhor, a caſa eſtá revolta; D. Tiburcio nos articulos da morte, e quaſi moribundo; o velho banzando, e tudo banzeiro; e à viſta diſto póde voſſa merce introduzirſe em caſa o mais depreſſa, que puder, em alguma fórma, que inventar a ſua induſtria, e adeos.

D. F. Ouça cá.

Fag. Naõ poſſo, que vou à botica.

D. F. Pois eſſa ingrata de Dona Nize ainda....

Fag. Naõ eſtou para ouvir nada.

D. F. Eſpere, tome lá eſſes vintens pelo trabalho.

Fag.

Fag. Moſtre cá depreſſa.

D. F. Ora diga-me, pois Dona Nize....

Fag. N'outra occaſião fallaremos, venha iſſo depreſſa.

D. F. Tome lá: mas diga-me, em quanto tiro a bolſa, eſſa falſa, eſſa cruel...

Fag. Ay, moſtre cá, não me detenha.

D. F. Eſpere, que tenho o boldrié por cima da algibeira.

Fag. Pois Senhor, ſe a ſua bolſa eſtá aferrolhada, a minha lingua eſtá ferrugenta. *Vaiſe.*

D. F. Muito intereſſeira he eſta velha! Mas aonde eſtá D. Gil? D. Gil? Foyſe o cobarde; mas à fé de quem ſou, que as não ha de perder comigo; e tu, ingrata Nize, hoje hirey a verte diſfarçado; que à viſta das tuas falſidades he juſto, que me reviſta não ſó de outro habito, mas tambem de outro affecto.

Canta D. Fuas a ſeguinte

ARIA.

De hum amigo, e de huma ingrata
Offendido, e ultrajado?
Quem me dera ver vingado!
Oh não ſey como ainda cabe
No meu peito tanta dor!
Mas ſim cabe, porque as penas
Nos eſtragos repartidas

Pelas

Pelas bocas das feridas
Sahirá com mais vigor. *Vaiſe.*

SCENA V.

Camera. Haverá huma cama, e nella eſtará D. Tiburcio deitado, aſſiſtido de D. Lanſerote, Dona Cloris, Dona Nize, e Sevadilha.

D. L. O Que tarda eſte Medico!
Sevad. Naõ póde tardar muito; pois me diſſe, que já vinha.
D. L. Como eſtais agora, meu ſobrinho?
D. T. Depois que arrotey, acho-me mais aliviado.
D. Niz. Vaſo máo naõ quebra. *à part.*
D. Clor. Se fora couſa boa, naõ havia de eſcapar. *à part.*
D. L. Naõ ſabeis quanto folgo com a voſſa melhora, pois me eſtava dando cuidado o enterro, e me podeis agradecer a boa vontade, pois vos ſeguro, que havia ſer luzido; vós o verieis.
D. T. Outro tanto dezejo eu fazer a v. m.
Sahem D. Gil, e Simicupio veſtidos de Medico.
Simic. Deo gratias.
D. L. Entrem, meus Senhores Doutores.
D. G. Em boa me meteo Simicupio! Eu naõ

naõ ſey o que hey de dizer. *à part.*

Simic. Qual de voſſas merces he aqui o doente?

D. L. He eſte, que aqui eſtá de cama.

Simic. Logo me pareceo pelos ſintomas.

Sevad. Senhora, que ſaõ Simicupio, e D. Gil. *para D. Clor.*

D. Clor. Bem os vejo: Nize, que te parece?

D. Niz. Que faz melhor effeito o teu Alecrim, que a minha Mangerona.

Sahem D. Fuas, e Fagundes.

Fag. Entre Senhor Doutor, aqui vem eſte Senhor, que tambem ſe entende muito bem.

D. F. Neſte inſtante chego de fóra da terra, quando logo me chamou eſta mulher, que vieſſe ver a hum enfermo.

D. L. Já era eſcuzado; porém entre, e ſente-ſe.

D. Clor. Nize, D. Fuas compete nas finezas com D. Gil.

D. Niz. Naõ me peza.

D. F. Aquelles ſaõ D. Gil, e Simicupio; eſtou ardendo! *à part.*

Simic. Ah Senhor, naõ vês a D. Fuas tambem como gente? *para D. Gil.*

D. G. Já ſey.

D. T. Ay minha barriga, que morro! Acuda-me, Senhor Doutor. *Si-*

Simic. Agora vou a iſſo: ora diga-me, que lhe doe?

D. T. Tenho na barriga humas dores muy finas.

Simic. Logo as engroſſaremos: e tem o ventre tumido, inchado, e pullulante?

D. T. Alguma couſa.

Simic. Voſſa merce he caſada, ou ſolteira?

D. T. Porque, Senhor Doutor?

Simic. Porque os finaes ſaõ de prenhe.

D. L. Naõ Senhor, que meu ſobrinho he macho.

Simic. Dianteiro, ou trazeiro?

D. L. Uy, Senhor Doutor! Digo, que meu ſobrinho he varaõ.

Simic. De aço, ou de ferro?

D. L. He homem, naõ me entende?

Simic. Ora acabe com iſſo: eiſaqui como por falta de informaçaõ morrem os doentes; pois ſe eu naõ eſpeculara iſſo com miudeza, entendendo que era macho, lhe applicava huns cravos, e ſe foſſe varaõ, humas limas; e como já ſey, que he homem, logo veremos o que ſe lhe ha de fazer.

D. L. Eiſaqui como goſto de ver os Medicos aſſim eſpeculativos.

Simic. Pois o mais he aſneira: diga-me mais,

mais, ceou demaſiadamente a noite paſſada?

D. T. Tanto como a futura; porque deſde que ſe me acabarão as chouriças, que trouxe no alforge, me tem meu tio poſto a paõ, e laranja.

D. L. Aquillo ſaõ delirios, Senhor Doutor.

Simic. Aſſim deve ſer por força, ainda que naõ queira, pois conforme ao aforiſmo *Cùm barriga dolet, cætera membra dolent.*

D. T. Naõ ſaõ delirios, Senhor Doutor, que eu eſtou em meu juizo perfeito.

Simic. Peyor, pois quem diz, que tem juizo, naõ o tem.

D. L. Senhor Doutor, o homem eſtá allucinado, depois que huma fantaſma, que ſahio de huma caixa, o deſâncou; e ſobre iſſo a grande pena, que tem tomado de humas moças, que aqui introduzio em caſa, enganando-as, de cuja inſolencia ſe me veyo aqui a máy queixar, que era mulher de bem, ao que parecia.

Simic. Ella he muito criada de voſſa merce.

D. T. Deixemos iſſo; o caſo he, que a minha barriga naõ eſtá boa.

Simic. Cale-ſe, que ainda ha de ter huma

ma boa barrigada: deite a lingua fóra.

D. T. Ey-la aqui.

Simic. Deite mais, mais.

D. T. Naõ ha mais.

Simic. Eſſa baſtará: he forte linguado! Tem muy boa ponta de lingua! Vejaõ voſſas merces, Senhores Doutores.

D. G. A lingua he de prata.

D. F. Humida eſtá baſtantemente.

Simic. Venha o pulſo: eſtá intermitente, languido, e convulſivo: ò menina tomou as aguas?

Sevad. Ainda naõ veyo o aguadeiro.

Simic. Pergunto ſe o doente fez a mija?

D. T. Neſta caſa naõ ha ourinol.

Simic. Pois tome-as, ainda que ſeja n'uma frigideira em todo o caſo, *quia per orinis optime cognoſcitur morbus.*

D. L. Ah Senhores, grande Medico!

D. Niz. E D. Fuas como eſtá melancolico! *para D. Cloris.*

D. Clor. Eſtará cuidando na receita.

Simic. Ora Senhores, capitulemos a queixa. Eſte Fidalgo (ſe he que o he, que iſto naõ pertence à Medicina) teve huma colorica procedida de paixões internas; porque o eſpirito agitado da repreſentaçaõ fantaſmal, e dà inveſtida feminil, retrahindo-ſe o ſangue aos vaſos

ſos linfaticos, deixando exhauridas as matrizes ſanguinarias, fez huma revoluçaõ no inteſtino recto; e como a materia craſſa, e viſcoſa, que havia nutrir o ſucco pancreatico, pela ſua turgencia ſe achaſſe deſtituida do vigor, por falta do appetite famelico, degenerou em liquidos: eſtes pela ſua virtude acre, e mordaz, vilicando, e pungindo as tunicas, e membranas do ventriculo, exaltaraõ-ſe os ſaes fixos, e volateis por virtude do acido alcalino, de ſorte, que fez com que o Senhor andaſſe com as calças na maõ toda eſta noite: *in calſis andatur, qui ventre evacuatur*, diſſe Galeno.

D. L. Eu naõ lhe entendi palavra.

D. T. Eu morro, ſem ſaber de que.

Simic. Conhecida a queixa, votem o remedio, que eu, como mais antigo, votarey em ultimo lugar.

D. G. Eu ſou de parecer, gue o ſangrem.

D. F. Eu, que o purguem.

Simic. Senhores meus, a grande queixa, grande remedio; o mais efficaz he, que tome humas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retroceſſo debaixo para cima.

D. T. Como he iſſo de bichas nas meninas dos olhos? *Simic.*

Simic. He hum remedio topico; naõ ſe aſſuſte, que naõ he nada.

D.T. Voſſa merce me quer cegar?

Simic. Calle-ſe ahi; quantas meninas tomaõ bichas, e mais naõ cegaõ.

D.L. Calai-vos, ſobrinho, que elle Medico he, e bem o entende.

D.T. Por vida de D. Tiburcio, que primeiro ha de levar o diabo ao Medico, e à receita, que eu em tal conſinta.

Ergue-ſe.

Simic. Deite-ſe, deite-ſe: o homem eſtá maniaco, e furioſo.

D.L. Aquietai-vos, ſois alguma criança?

D.Niz. Ora Senhores Doutores, já que voſſas merces aqui ſe achaõ, bem he, que os informemos, eu, e minha irmã, de varias queixas, que padecemos.

Simic. Inda mais eſſa? Ora digaõ.

D.Clor. Senhor, o noſſo achaque he taõ ſemelhante, que com huma ſó receita ſe pódem curar ambos os males.

D.Niz. Naõ ha duvida, que o meu achaque he o meſmo em carne, que o de minha irmã.

Simic. Achaque em carne pertence à Cirurgia.

D.Clor. Que como dormimos ambas, ſe nos communicou o meſmo achaque; e

aſſim,

assim, Senhor, padecemos humas ancias no coraçaõ, humas melancolias n'alma, huma inquietaçaõ nos sentidos, huma traveſſura nas potencias; e finalmente, Senhor Doutor, he tal eſte mal, que ſe ſente ſem ſe ſentir; que doe ſem doer; que abraza ſem queimar; que alegra entriſtecendo, e entriſtece alegrando.

Simic. Baſta, já ſey, iſſo he mal Cupidiſta.

D. L. O que he mal Cupidiſta, que nunca tal ouvi?

Simic. He hum mal da moda.

D. Niz. Que remedio nos daõ voſſas merces?

D. F. Eu diſſera, que o oleo de Mangerona era excellente remedio.

D. G. O verdadeiro para eſſa queixa ſaõ as fumaças do Alecrim.

D. F. Uy Senhor Doutor, a Mangerona he hum excellente remedio.

D. G. Nada chega ao Alecrim, cujas excellentes virtudes ſaõ tantas, que para numerallas naõ acha numero o algariſmo; e naõ faltou quem diſcretamente lhe chamaſſe planta bemdita.

D. F. Se entrarmos a eſpecular virtudes, as da Mangerona ſaõ mais, que as da erva ſanta.

Simic.

Simic. Daqui a polla no altar naõ vay nada.

D.F. A Mangerona he planta de Venus, de cujos ramos ſe coroa Cupido, e para o mal Cupidiſta naõ póde haver melhor remedio, que huma planta de Venus; pois ſe notarmos a perfeiçaõ, com que a natureza a reveſtio daquellas mimoſas folhinhas, para que todo o anno ſejaõ jeroglifico da immortalidade, aquelle ſuaviſſimo aroma, de cuja fragrancia he hidropico o olfato, ella he a delicia de Flora, o mimo de Abril, e a eſmeralda no annel da primavera.

Simic. He verdete; naõ ha duvida.

D. Nix. Eſtou taõ contente! *à part.*

D.G. O Alecrim, Senhor, pela ſua excellencia he titular na republica das plantas, cujas flores, depois de ſerem bella imitaçaõ dos ceruleos globos, ſaõ a doçura do mundo nos melifluos oſculos das abelhas.

Simic. Toda via a materia he de *apicibus.*

D.G. Elle he a coroa dos jardins; o lenço vegetavel das lagrimas da Aurora: nas chammas he Fenix; nas aguas Rainha; e finalmente he o antidoto univerſal de todos os males, e a mais ſegura taboa da vida, quando no mar das queixas aſſopraõ os ventos inficionados; e

para prova deſte ſyſtema repetirey traduzido em Portuguez hum Epigramma do Proto-Medico Avicena, Poeta Arabico.

SONETO.

Hum dia para Siques quiz amor
Huma grinalda bella fabricar,
E por mais que buſcou, naõ pode achar
Flor do ſeu goſto entre tanta flor.
Deſprezou do jaſmim o ſeu candor,
E a roſa naõ quiz por ſe eſpinhar,
Ao gyraſol moſtrou naõ ſe inclinar,
E ao jacintho deixou na ſua dor.
Mas tanto que chegou Cupido a ver
Entre virentes pompas o Alecrim,
Hum verde ramo pretendeo colher;
Tu ſó me agradas, diſſe, pois em fim
Por ti deſprezo, ſó por te querer,
Jacintho, gyraſol, roſa, e jaſmim.

D. Clor. Viva o Senhor Doutor, eu quero as fumaças do Alecrim.

D. T. E morra o Senhor doente: ay minha barriga!

D. F. Se verſos pódem ſervir de textos, eſcute huns de hum Antegoniſta deſſe Author a favor da Mangerona pelos meſmos conſoantes.

SO-

SONETO.

Para vencer as flores quiz amor
Settas de Mangerona fabricar:
Foy diſcreta eleiçaõ, pois ſoube achar
Quem ſoubeſſe vencer a toda a flor.
O jaſmim deſmayou no ſeu candor,
A roſa começou-ſe a eſpinhar,
No gyraſol foy culto o inclinar,
Ays o jacintho deu de inveja, e dor.
Entre as vencidas flores póde ver
Retirarſe fugido o Alecrim,
Que amor para vingarſe o quiz colher;
Cantou das flores o triunfo, em fim,
Nem os deſpojos quiz, por naõ querer,
Jacintho, gyraſol, roſa, e jaſmim.

D. Niz. Viva o Senhor Doutor, eu quero o remedio da Mangerona.

D. L. Naõ cuidey, que a Mangerona, e Alecrim tinhaõ taes virtudes. Vejamos agora o que diz o Senhor Doutor.

D. T. Que tenho eu com iſſo? Senhores, voſſas merces me vieraõ curar a mim, ou às raparigas? Ay minhas barrigas!

Simic. Callado eſtive ouvindo a eſtes Senhores da Eſcola moderna, encarecendo a Mangeroña, e Alecrim. Naõ ha duvida que *pro utraque parte* ha muy nervoſos argumentos, em que os Douto-

res Alecriniſtas, e Mangeroniſtas ſe fundaõ; e tratando Dioſcorides do Mangeroniſmo, e Alecriniſmo, aſſenta de pedra, e cal, que para o mal Cupidiſta ſaõ remedios inanes; porque tratando Ovidio do remedio *amoris*, naõ achou outro mais genuino contra o mal Cupidiſta, que o Malmequer, por virtude ſympatica, magnetica, diaforetica, e diuretica, com a qual *curatur amorem*. Repetirey as palavras do meſmo Ovidio.

SONETO.

Eſſa, que em cacos velhos ſe produz
Mangerona miſerrima ſem flor,
Eſſe pobre Alecrim, que em ſeu ardor
Todo ſe abraza por ſahir à luz.
Ainda que ſe vejaõ hoje a fluz
Desbancar nas baralhas do amor,
Cuido, que ellas o bollo haõ de repor,
Se naõ negro ſeja eu como hum lapuz.
O Malmequer, Senhores, iſſo ſim,
Que he flor, que deſengana, ſem fazer
No verde da eſperança amor ſem fim.
Deixem correr o tempo, e quem viver
Verá, que a Mangerona, e o Alecrim,
As plantas beijaráõ do Malmequer.

Sevad. Viva, e reviva o Senhor Doutor,

e já

e já que he taõ bom Medico, peço-lhe me cure de humas dores taõ grandes, que parecem feitiços.

Simic. Dá cá as pulseiras. Ah perra, que agora te agarrey! Tu estás marasmodica, e impiamatica. Ah Senhor, logo, logo, antes que se perpetue huma febre podre, he necessario, que esta rapariga tome huns Simicupios.

Sevad. Simicupios eu? He cousa, que abomino.

Simic. Eu desencarrego a minha consciencia, e naõ sou mais obrigado.

D. L. Ella naõ tem querer, ha de fazer o que vossa merce mandar.

Fag. Eu tambem sou de carne, tenho annos, e tenho achaques.

Simic. Pois cure-se primeiro dos annos, logo se curará dos achaques.

Fag. Naõ Senhor, que este achaque naõ he annual, he diario.

Simic. Se fora nocturno, naõ era máo. Pois que achaque he o seu, Senhora velha?

Fag. Que ha de ser? He esta madre, que me persegue.

Simic. Uy, vossé com esses annos ainda tem madre? E o que será de velha a senhora sua madre! Filha, isso naõ he madre, he avó.

Fag.

Fag. Talvez, que por iſſo taõ rabujenta me perſiga. E que lhe farey, Senhor Doutor?

Simic. A huma madre velha, que ſe lhe ha de fazer? Andar, ponha-lhe oculos, e muletas, e deixe-a andar.

D. L. Iſto aqui he hum hoſpital, graças a Deos: ſó eu neſta caſa ſou ſaõ como hum pero, a pezar de duas fontes, e huma funda.

Simic. Oh ditoſo homem, que vive ſem males!

D. T. Senhores, o meu mal devia ſer contagioſo; porque depois da minha doença todos adoeceraõ. Ay minha barriga!

D. L. Pois em que ficamos?

Simic. Senhor meu, fallando em termos, o doente ſangre-ſe no pé; voſſa merce na bolſa; às ſenhoras ſuas ſobrinhas tres banhos; à moça Simicupios; e a velha lancem-na às ondas, que eſtá damnada.

Fag. Ay que galante couſa!

D. Clor. Eu naõ quero mais remedio, que os fumos do Alecrim.

D. Nia. E eu os da Mangerona.

Simic. Naõ ſeja eſſa a duvida, ainda que naõ ſou deſſe voto, com tudo cada hum he ſenhor da ſua vida, e ſe póde curar como quizer; lá vay a receita.

Canta

Canta Simicupio a ſeguinte

ARIA.

Si in medicinis
Te viſitamus,
Non aſniamus,
Sed de Alecrinis,
Et Mangeronis
Recipe quantum
Satis *aná*.
Credite mihi,
Qui ſum peritus,
Non mediquitus
De cacaracá.

D. *L.* Eſperem, Senhores, voſſas merces perdoem, lá repartaõ eſſa ninharia entre todos, que eu naõ eſtou aparelhado ſenaõ para hum.

Simic. Venha embora, que ſó eſte he o verdadeiro ſimptoma da Medicina. *Vaiſe.*

D. *G.* Ay Cloris, que quando o mal he de amor, ſó o morrer he remedio! *Vaiſe.*

D. *F.* Finjo que me vou, por ver ſe poſſo apurar a falſidade de Dona Nize. *Vaiſe.*

D. *T.* Mande-me cerrar eſte miombo, que vou entrando em hum ſuor copioſo, abafem-me bem.

D. *L.* Aqui ſervia o meu capote: paciencia!

cia! vamo-nos, e deixemo-lo ſuar, ninguem lhe falle à maõ. *Vaiſe.*

D. Clor. Vamos, Nize, a moralizar os extremos deſtes amantes. *Vaiſe.*

D. Niz. Tanto me importa, vamos a regar os noſſos craveiros. *Vaiſe.*

Fag. O diabo de Simicupio temo, que me meta em hum chichello com ſeus ardís. *Vaiſe.*

Sevad. He para ver ſe o meu Malmequer tambem entra em reſtea. *Vaiſe.*

Sahe D. Fuas.

D. F. Já todos ſe foraõ. Quem me dera encontrar a eſta tyranna, cruel, falſa, inimiga.

Sahe Fagundes.

Fag. D. Tiburcio fica a ſuar como hum cavallo. Mas ay! Quem eſtá aqui?

D. F. Sou eu, Senhora Fagundes, naõ ſe aſſuſte.

Fag. Senhor, que temeridade he eſta? Voſſa merce naõ vê, que ainda he luzque-fuſque? Como ſem deixar anoitecer penetra eſtas paredes, aonde até o Sol entra às furtadellas?

D. F. Naõ reparey, que ainda era dia; pois no abyſmo de meu ciume ſempre eſtou às eſcuras. Aonde eſtá eſta cruel Dona Nize?

Fag.

Fag. Eſtará no jardim.

D. F. Pois vamos lá, e de caminho quero me vá dizendo de meterme na caixa a mim, e a D. Gil.

Fag. Vamos, que eu lhe contarey o que foy; ande por aqui com pés de lã. Ay Senhor D. Fuas quanto me deve!

SCENA VI.

Viſta de quintal, em que haveraõ alguns alegretes; e huma capoeira, e vem D. Gil, e Simicupio deſcendo por huma corda.

D. G. SImicupio, deixa-me deſcer eu primeiro, para que ſe naõ quebre a corda com o pezo de ambos. *Deſce.*

Simic. Agarre-ſe bem à corda, e deixe-ſe eſcorregar.

D. G. Ora já cá eſtou; mas eu naõ paro aqui, até encontrar com Dona Cloris. *Vaiſe.*

Sahe D. Lanſerote.

D. L. Eſte quintal he o meu divertimento, e encanto; hum homem aqui aſſentado, e tomando o freſco, naõ ha mayor regalo.

Simic. Agora já poderey deſcer afoitamente.

D. L.

D. L. Que he iſto, que cahe ſobre mim? Quem me acode!

Ao deſcer Simicupio cahe ſobre D. Lanſerote.

Simic. Naõ he nada, eſcarranchei-me no velho cuidando que era poyal; eſtou bem aviado! *à part.*

D. L. Mas que vejo? A que d'ElRey, ladrões!

Simic. Naõ o diſſe eu?

D. L. Ladraõ, velhacaõ, tu deſcendo por huma corda os altos muros de meu quintal? Pois com eſſa meſma corda te atarey de pés, e mãos, até que amanheça, para entregarte à juſtiça.

Simic. He bem feito, já que eu meſmo dey a corda para me enforcar.

D. L. Dá cá os braços.

Simic. Já eſtá meu amigo? Querme abraçar?

D. L. Anda cá, ladraõ, moſtra cá os pulſos.

Simic. Naõ tenho febre.

D. L. Anda, que atado has de ficar.

Simic. Senhor, por ſua vida, que me naõ ate; baſta o enleyo em que me vejo.

D. L. Dize, a que vieſte a eſte quintal?

Simic. OraSenhor, ate-me muito embora, mas naõ me aperte por iſſo.

D. L. Por iſſo he, que eu te aperto; has de confeſſar a que vieſte.

Simic.

Simic. Eu eſtou atado, naõ ſey o que lhe reſponda. *à part.*

D. L. Qual foy o fim, que aqui te trouxe?

Simic. A dar fim à minha vida, por dar principio à minha morte por meyos deſta corda, que falſa me entregou nas mãos de voſſa merce.

D. L. Vieſte roubarme, naõ he verdade?

Simic. Sim Senhor, mas ſoy a roubarlhe as attenções.

D. L. Anda, ladraõſinho, para a capoeira donde ficarás atado.

Simic. Para onde, Senhor?

D. L. Para a capoeira, até que venha o Sol a ſer teſtemunha do teu latrocinio.

Simic. Pois voſſa merce quer encapoeirarme? Graças a Deos, que naõ ſou cá nenhuma gallinha, mas ſabe porque falla? porque me acha atado, quando naõ haviamos jogar as criſtas.

D. L. Anda, ladraõ, que aqui ficarás até amanhecer. *Vaiſe.*

Simic. Ora criado Senhor Simicupio: já ſabemos, que iſto he meyo caminho andado para a forca; mas he bem feito, que iſto a mim me ſucceda. Que tinha eu cá com D. Gil? Pois para que elle foſſe gallo, me vejo eu feito gallinha, ſe

se bem que já podia ser frango pelo esfrangalhado; o magano estará a estas horas entre glorias, e eu entre penas; elle voando na esfera de amor, e eu de aza cahida na gema dos ovos.

Sahe Fagundes.

Fag. Que mais me falta para fazer? Eu já fiz a cama a todos; já fiz a sellada de rabos para cearmos; já temperey as gaitas para o gallego; já assey o fricassé; já cozi hum guardanapo; agora me falta deitar os arenques de molho, para ficar com as mãos lavadas. Ora sou huma tonta, esquecia-me o melhor, que he matar huma galinha para o doente, e mais trazia a faca na maõ para isso.

Simic. Eu o estava dizendo; grande desgraça he ser hum homem galinha, pois até de huma mulher tem medo.

Fag. Mas confesso, que naõ sou para ver sangue, que logo desmayo; porém eu fecho os olhos, e meto a faca, que alguma ficará espichada.

Simic. Oh mulher! Deos te tire isso do pensamento.

Fag. Qual! Eu sou muito melindrosa, e fuzilanima; naõ tenho valor para matar huma formiga. Ora lá vay a Deos, e à ventura.

Simic.

Simic. Sem fallencia eu morro de morte gallinhal: naõ ha mais remedio, que fallar à velha; mas ſe lhe fallo, he capaz de acordar o caõ do velho, que eſtá dormindo, e encerrarme em parte mais apertada: naõ ſey o que faça; pois tal eſtou, que ſe a velha me mata, naõ tenho no corpo pinga de ſangue para deitar.

Fag. Para que he cançar, eu naõ ſou ſanguinolenta.

Sahe Sevadilha.

Sevad. Fagundes, o Senhor eſtá deſeſperado por voſſé; que faz ahi?

Fag. Já que vieſte, matarás huma galinha, que eu naõ me atrevo. *Vaiſe.*

Simic. Lá vem a Sevadilha: ora o certo he, que donde a galinha tem os ovos, ahi ſe lhe vaõ os olhos.

Sevad. Aborrece-me gente melindroſa; vejaõ agora, que dó póde haver de matar hum animal? Veraõ como eu faço iſto brincando.

Simic. Naõ ſaõ bons brincos eſſes, Sevadilha; mas ſe tu já me tens morto, para que me queres tornar a matar?

Sevad. Ay que eſtamos em tempo, que fallaõ os animaes! Eſte pela voz he Simicupio.

Simic.

Simic. Eu ſou, que te fallo de papo; he o teu Simicupio, que eſtá feito ſimigallo.

Sevad. Quem te meteo ahi?

Simic. O velho, por eu ſer metediſſo.

Sevad. Pois como foy?

Simic. Já me naõ lembra, que eu tenho memoria de gallo.

Sevad. Anda cá para fóra.

Simic. Naõ poſſo, ſem tu me enxotares daqui.

Sevad. Como naõ pódes, ſe eu ſey, que muito póde o gallo no ſeu poleiro?

Simic. Iſſo ſeria, ſe o velho me naõ deſaſazara.

Sevad. Naõ ſabes o bem que me pareces neſſa capoeira! Eſtás guapo! Eſtás França!

Simic. Sim, eſtou França, porque eſtou feito gallo.

Sevad. Pois dá-me das tuas pennas para hum regalo.

Simic. Pois tu te regalas com as minhas pennas?

Sevad. Naõ, mas folgo de verte feito alma em pena.

Simic. Que fará, ſe ſouberas, que eſtou todo coberto de penas vivas? Ora anda, Sevadilha, tira-me de mais penas.

Cantá

Cantaõ Simicupio, e Sevadilha a ſeguinte

ARIA A DUO

Sevad. Meu frangainho
Tupetudo
Como he galantinho!
Que lindo, que eſtá!
Simic. Minha bella
Malfazeja,
Cahi na eſparella,
Liberta-me já.
Sevad. Coitada da pila,
Pila, pila, pila,
Que te haõ de pilar.
Simic. Acode-me, filha,
Que eſtou ha meya hora
A cacarejar.
Ambos. Que triſte cantar
He o cacarejar!
Sevad. Mas naõ te agaſtes,
Que eu vou-te a ſoltar.
Simic. Vem já, que naõ poſſo
Mais tempo penar.
Ambos. Que he pena, que he magoa,
Que huma ave de pena
Naõ poſſa voar.

Simic. Anda, deita-me pela porta fóra, ainda que ſeja aos coices. *Vaiſe.*
Sevad. Ora vamos. *Vaiſe.*

Sahe

Sahe D. Fuas.

D. F. Para eſte quintal, ou jardim, oũ o que for, me diſſe Fagundes viera Dona Nize a regar a ſua Mangerona; mas em quanto ella naõ vem, me eſconderey atrás deſte canteiro de Alecrim, pois da Mangerona naõ quero auxilios, para encobrirme dos argentados eſplendores da Lua, que taõ clara ſe oſtenta eſta noite, talvez aviſando-me na clara inconſtancia de ſeus rayos a variedade de Dona Nize.

Eſconde-ſe da banda do Alecrim.

Sahe D. Gil.

D. G. Grande temeridade foy a minha, pois ſem aviſar a Dona Cloris, me expuz a penetrar os quartos deſta caſa, com o perigo de me encontrar D. Lanſerote; mas ſem duvida Cloris virá a eſte ſeu jardim a namorar o ſeu Alecrim; e aſſim eſcondido nas ſombras deſtas plantas..... Mas ay que he Mangerona! Perdoa, Cloris, que eſta acçaõ foy hum acaſo, e naõ eleiçaõ.

Eſconde-ſe da banda da Mangerona.

Sahem Dona Nize, e Dona Cloris cada huma pela ſua parte com aguadores na maõ, regando, e cantando o ſeguinte

D. Niz. Sois no ceo de Flora,
Mangerona bella,
Naõ ſó verde eſtrella,
Mas luzida flor.
D. Clor. Alecrim florido,
Que de Abril na eſféra
Sois na primavera
Fragrante primor.
Ambas. Eſta pura neve,
Que tributa Flora,
Saõ riſos da Aurora,
E lagrimas de amor.

RECITADO.

D. N. Mas q̃ vejo? (Ay de mim!) Quem ar-(rogante,
Da Mangerona uſurpa o ſer fragante?
D. G. Quẽ, ò Nize, eſcondido amãte eſpera
O Sol q̃ adoro neſta verde eſféra? *Sahe.*
D. F. Pois traidor, como aſſim tyrãno intẽtas,
Roubarme a Nize, q̃ meu peito adora? *Sahe.*
E tu falſa inimiga. Mas ay triſte,
Que mal a tanta pena a dor reſiſte!
D. Cl. E tu falſo D. Gil, q̃ em torpe inſulto

Buſcas a Mangerona amante occulto,
Deixa-me, fementido....
D. G. Attende, ò Clori,
Que ſem cauſa fulminas teus rigores,
Quando em puros ardores (abrazo.
Nas chammas do Alecrim feliz me
D. Niz. Sem motivo, D. Fuas, me criminas; porque eu firme....
D. G. E eu conſtante....
D. G. e D. Niz. Fiel te adoro, e te buſco amante.

ARIA A 4.

D. Gil. Attende, ò Clori, attende
Verdades de quem ſabe
Ser firme em te adorar.
D. Clor. Suſpende, infiel, ſuſpende
Injurias de quem ſabe
Já mais te acreditar.
D. Fuas. Nize ingrata, infiel amigo,
Ceſſe a barbara indecencia,
Que a evidencia
Naõ ſe póde equivocar.
D. G. e D. N. Pois tu ſó querida prenda,
D. F. e D. Cl. Já naõ creyo os teus enganos,
D. G. e D. N. Nas purezas de meu peito
Felizmente vivirás,
D. F. e D. Cl. Nos rigores de meu peito
Teu caſtigo encontrarás.

Todos.

Todos. Mas, ò cego amor tyranno,
Como poſſo em tanto damno
Teu eſtrago idolatrar?

Sahe Fagundes.

Fag. Já acabaraõ de cantar? Pois agora entrem a chorar.

D. Clor. Porque, Fagundes?

Fag. Porque o Senhor ſeu tio diz, que logo vem ao quintal, affirmando, que ha ladrões em caſa, e diz, que ſe naõ ha de deitar eſta noite, ainda que faça roſa divina.

D. G. Aonde eſtará Simicupio?

Fag. Naõ apparece; Senhores, eſcondaõ-ſe, e naõ digaõ ao depois, que duro foy, e mal ſe cozeu.

D. Niz. Metaõ-ſe neſta capoeira entre tanto.

D. G. E que remedio, já que Simicupio naõ apparece?

D. F. A neceſſidade ſabe unir a quem ſe dezeja ſeparar. Nize cruel, eu me eſcondo na capoeira, que ſó o lugar das penas he o centro de hum amante infeliz. *Mete-ſe na capoeira.*

D. G. Quem ſerve a Cupido, às vezes he leaõ, às vezes gallinha.

Mete-ſe na capoeira.

Sevad. Eu bem sey o que fiz: veraõ que peça lhe prego.

D. G. Este deve ser Simicupio. Es tu Simicupio?

D. T. Qual Simicupio? Sou huma Simibala para elle: quem está aqui? O' *Sevadilha*, abre-me a porta, que eu quero sahir, corra a agua por onde correr.

Sevad. Calle-se, que ahi vem o velho.

D. F. Que tal me succeda!

D. G. Estou tremendo!

D. Niz. e D. Clor. Estamos perdidas!

Sahem D. Lanserote com huma luz na maõ, e Simicupio vestido de Ministro com vara na maõ.

Simic. Naõ se assustem, minhas Senhoras, que isto naõ he mais, que huma diligencia.

D. L. Vossa merce poupou-me o trabalho de o hir procurar de manhã para lhe entregar hum ladraõ, que tenho prezo naquella capoeira.

Simic. A isso mesmo venho, que já tive quem disso me avisasse.

D. Niz. Que será isto? *à part.*

D. Clor. Saõ infortunios meus. *à part.*

Fag. Démos com o pé na peya. *à part.*

Sevad. Folgo por amor de D. Tiburcio. *à part.*

Simic.

Simic. Hoje todos haõ de mamar o chaſco, que a ninguem me hey de dar a conhecer. Ora, meu Senhor, como foy eſte caſo?

D. L. Supponha voſſa merce, que acabada huma junta de Medicos, que vieraõ aſſiſtir a meu ſobrinho, ſendo já quaſi noite, eſtando eu aſſentado junto daquella Mangerona, que naõ me deixará mentir, veyo deſcendo hum homem por huma corda, e cuidando que eu era poyal, me poz o pé no cachaço.

Simic. Iſſo foy o meſmo, que porlhe o pé no peſcoço: naõ ha mayor deſaforo!

D. L. Aſſuſtei-me, naõ ha duvida, quando me vi daquella ſorte opprimido; mas tornando a mim, fuy ſobre elle, e conhecendo que era ladraõ, o prendi neſſa capoeira, donde a perſpicaz diligencia de voſſa merce ſaberá melhor obrar, do que eu fallar.

Simic. E como conheceo voſſa merce que era ladraõ?

D. L. Pela cara, que era a mais horrenda, que meus olhos viraõ.

Simic. Eſtou já deſenganado, que ſou feyo. *à part.*

D. L. Ande voſſa merce, e verá.

Simic. Ah ſô ladraõ, ſaya cá para fóra.

D. F.

D. F. Voſſa merce vem enganado, porque eu (*Sabe*) ha mayor deſgraça! ſou hum homem bem naſcido.

Simic. He D. Fuas; quem me dera ver a D. Gil, que he o que cá me traz. *à part.*

D. L. Senhor, eſte naõ he o ladraõ, que eu encerrey.

Simic. Já ſe vê, que eſte naõ he taõ feyo, como voſſa merce diz; vejamos ſe eſtá lá mais algum? Oh cá eſtá mais outro; *venite ad cam para fóram.* Ay que he D. Gil! Já eſtou deſcançado. *à part.*

D. L. Tambem naõ he eſte o ladraõ, que eu aqui encerrey.

D. G. Claro eſtá, que naõ ſou eu, pois eu graças a Deos naõ neceſſito de furtar.

D. L. E que faziaõ voſſas merces aqui, ſe naõ eraõ ladrões?

Simic. Eſſa inquiriçaõ me pertence a mim, que ſou juiz privativo deſta cauſa; e voſſa merce, meu amo, naõ ſe coſtume a mentir aos Miniſtros de vara groſſa, dizendo-me, que o ladraõ era feyo, e horrendo, quando vemos, que eſtes Senhores ſaõ muy bem eſtreados.

D. L. Senhor Juiz, por vida minha, que era o mais feyo homem, que vi em meus dias.

Simic. Calle-ſe, naõ minta, que o hey de mandar carregar de ferros. D. L.

D. L. Ora Senhor, torne voſſa merce a ver a capoeira, que aſſim como achou dous, que eu naõ meti, talvez que ache o que eu encerrey.

Simic. Já naõ tenho mais que buſcar.

D. L. Faça-me eſſe goſto, que póde lá eſtar ainda mais algum.

Sevad. Iſſo que ſe perde? Veja, Senhor Doutor.

Simic. Bem ſey que vou debalde, mas eu vou: mas naõ, entre voſſa merce, que me naõ quero encher de piolhos; ande, que lhe dou patente de quadrilheiro.

D. L. Eu vou, que quero agora apurar eſte enigma. Ay que elle aqui eſtá! Naõ o diſſe eu?

Simic. Traga-o cá para fóra.

D. L. Eilo aqui. Mas que vejo! Naõ ſois vós, meu ſobrinho?

D. T. Eu ſou por meus peccados.

D. L. Eu eſtou beſta em beſta.

Simic. Eſte fim, que he o ladraõ, que tem horrendiſſima cara; todos tres venhaõ comigo.

D. Niz. Ay D. Fuas, que eſtou ſem alma! *à part.*

D. Glor. Ay D. Gil, que eſtou ſem vida!

D. L. Senhor, advirta, que eſte he meu ſobrinho. *Simic.*

Simic. Por ſer ſeu ſobrinho, naõ póde ſer ladraõ?

D. L. Senhor, elle mal podia deſcer pela corda, pois eſtava doente de cama.

Simic. Pois acaſo elle dorme na capoeira?

D. L. Naõ Senhor.

Simic. Se naõ dorme, que fazia nella feito *ſocius criminis* deſtes dous machacazes?

D. L. Sobrinho, a que vieſtes à capoeira?

D. T. Eu Senhor eſtando.....

Simic. Chiton, naõ me uſurpe a juriſdicçaõ; já diſſe, que eſtas averiguações ſó a mim me pertencem: vamos andando *ad cagarronem.*

D. L. Naõ importa; hide ſobrinho, que Deos he grande.

D. T. A minha innocencia me livrará.

D. L. Como he a ſua graça, meu Senhor?

Simic. O Bacharel *Petrus in cunctis*, Juiz de fóra daqui com alçada na vara até o ar.

D. L. Pois Senhor Bacharel *Petrus in cunctis*, ſaiba voſſa merce de caminho, que tambem me furtaraõ hum capóte de C,aragoça em muito bom uſo.

Simic. Capote de C,aragoça he caſo de devaſſa: notificados voſſas merces todos para que em amanhecendo venhaõ jurar a minha caſa ſobre eſte furto.

D. L.

D. L. E aonde mora voſſa merce?

Simic. Junto a hum D. Gilvás, que mora....

D. L. Já ſey, eu perguntarey.

Simic. Pois lá eſtará quem lhe reſponda.

D. G. Ay, que he Simicupio! Agora reparo, já eſtou ſem ſuſto. *à part.*

Simic. Vamos: à manhã todos a minha caſa, ſobpena de prizaõ. *Vaiſe.*

D. F. Ay Nize, que as tuas falſidades me pozeraõ neſte eſtado! *à part. e vaiſe.*

D. T. Tio, trate logo de ſoltarme. *Vaiſe.*

D. G. Quem naõ deve, naõ teme. *Vaiſe.*

D. L. Que mal ſocegarey eſta noite, indo prezo meu ſobrinho, e naõ apparecer o ladraõ que eu prendi: naõ ha homem mais deſgraçado! *Vaiſe.*

D. Niz. Tal eſtou de ſentimento, que até me faltaõ as lagrimas para o alivio. *Vaiſe.*

Fag. Eiſaqui os Alecrins, e Mangeronas: couſas de ervas he para beſtas. *Vaiſe.*

Sevad. E de que eſcapou Simicupio! Tambem alguma alma boa rezou por elle. *Vaiſe.*

D. Cler. Ay D. Gil, que a tua deſgraça ſerá a cauſa de minha morte! *Vaiſe.*

SCENA VII.

Sala, em que haverá hum bofete, tinteiro, papel, penna, e cadeiras; e ſahem D. Gil, e Simicupio veſtido ainda de Juiz.

D. G. NAõ te perdoo o ſuſto, que me fizeſte levar.

Simic. Nem eu o chaſco da capoeira, que me fez ſoffrer.

D. G. E agora, que determinas com eſſa devaſſa, que queres tirar?

Simic. Logo verá.

D. G. E porque naõ ſoltas a D. Fuas, e a D. Tiburcio, que eſtaõ fechados naquelle quarto eſcuro?

Simic. Naõ poderey tambem ter meus ſegredos, ſem que ninguem o ſaiba? O certo he, que como os trouxemos às eſcuras, entendem fixamente, que eſtaõ em rigoroſa prizaõ. Mas ahi vem gente, e voſſa merce faça vezes de Eſcrivaõ.

D. G. Ahi parou huma ſege: ſe ſeraõ ellas?

Simic. Lá eſtá quem as ha de encaminhar; *ſedete*, que ahi vem ſubindo a primeira teſtemunha.

Sabe

Sahe D. Lanſerote.

D. L. Senhor, aqui eſtamos todos à ordem de voſſa merce.

Simic. Venhaõ entrando hum a hum.

D. L. Pois, Senhor, lembre-ſe do meu capote.

Simic. Eu já tenho tomado iſſo a mim; vá deſcançado, que eu puxarey bem pela juſtiça, e farey quanto ella der de ſi.

D. L. Naõ tenho mais que dizer. *Vaiſe.*

D. G. Homem, tu me tens attonito com as tuas induſtrias!

Simic. Bem he que as reconheças: ah Senhor, eſteja de meyo perfil, para que o naõ conheça D. Nize, que lá vem.

Sahe D. Nize.

D. Niz. Venho morta: nunca em tal me vi!

Simic. Huma vez he a primeira: ſente-ſe minha Senhora, deſabafe-ſe, ſupponha, que eſtá em ſua caſa.

D. Niz. Ay Senhor, naõ ſey, que reſpeito infunde a cara de hum Juiz, que faz titubear o mais valente coraçaõ!

Simic. E mais eu, que pareço hum Papiniano aſſanhado! Diga o ſeu nome; vá lá eſcrevendo, Senhor Eſcrivaõ.

D. Niz. Chamo-me D. Nize Sylvia Rufina Fabia Lizarda Laura Anarda, e....

Simic.

Simic. Baſta, Senhora, e póde voſſa merce com todos eſſes nomes?

D. Niz. Ainda faltaõ quatorze.

Simic. Viſto iſſo he voſſa merce a mulher mais nomeada que ha no mundo. Que idade tem?

D. Niz. Quinze annos eſcaſſos.

Simic. Liberal andou a natureza: em taõ poucos annos tanta perfeiçaõ! E do coſtume?

D. Niz. Naõ entendo.

Simic. Ponha lá, que do coſtume jejua. Sabe quem furtou aquelle capote ao Senhor ſeu tio?

D. Niz. Preſumo, que foy hum criado de D. Gil, que entrou disfarçado a vender Alecrim.

Simic. Tenho largas noticias deſſe criado, e me dizem, que he ardiloſo *quantum ſatis*.

D. Niz. Iſſo he paſmar!

Simic. E ſabe ſe aquelles homens da capoeira ſeriaõ ladrões?

D. Niz. Naõ Senhor, porque hum era D. Gil, e outro D. Fuas, que ambos...

Simic. Diga, naõ ſe faça rubicunda.

D. Niz. Senhor, os ditos homens vieraõ por cauſa de amor; e como veyo meu tio, ſe eſconderaõ na capoeira.

Simic.

Simic. Rapaziadas. Ora ande, vá-se ahi para dentro, e naõ faça outra: seja sizuda, e virtuosa, que assim manda o direito, *honestè vivere.*

D. Niz. A' obediencia de vossa merce.

Vaise.

D. G. Homem, acabemos com isso, venha Dona Cloris, por quem estou suspirando.

Sahe Fagundes.

Fag. Muito bons dias, meu Senhor.

Simic. Chegue-se para cá; olhe para mim, vossa merce a meu ver tem cara de testemunha falsa, ou eu me enganarey.

Fag. Serey o que vossa merce quizer.

Simic. Como se chama?

Fag. Ambrosia Fagundes Birimboa Franchopana e Gregotil.

Simic. Isso saõ nomes, ou alcunhas?

Fag. Será o que vossa merce for servido.

Simic. Casada, ou solteira?

Fag. Nem casada, nem solteira, assim, assim.

Simic. Assim como?

Fag. He que tenho o marido no Brasil ha quarenta e sete annos.

Simic. De que annos casou?

Fag. De quarenta justos, que os fuy fazer à porta da Igreja.

Simic.

Simic. Que annos tem?

Fag. Vinte e cinco bem puxados.

Simic. Naõ he nada, caſou de quarenta, tem o marido no Braſil ha quarenta e ſete annos, e diz que tem vinte e cinco de idade! Vá-ſe dahi bebada, falſaria, que a hey de amarrar a huma eſcada, e deitalla por eſſa janella fóra.

Fag. Eu naõ ſey contar, ſenaõ pelos dedos: ouça voſſa merce, que eu quero dar a minha quartada.

Simic. A quartada dey eu; ande, naõ cuide que ſe ha de lavar com huma bochecha d'agua; vá-ſe para dentro.

Fag. Eu vou rebolindo. *Vaiſe.*

D. G. Acaba já com iſſo.

Sabe Sevadilha.

Sevad. Sou criada de voſſa merce.

Simic. Ay, que já a juſtiça começa a abrir os olhos para ver a Sevadilha! Eu encoſto a vara, que eſtou varado. Menina, como he o ſeu nome?

Sevad. Sevadilha ſem mais nada.

Simic. Que annos tem?

Sevad. Sete muy fanados.

Simic. Só ſete? Naõ ſois má cartinha para hum ſete levar. Caſada, ou ſolteira?

Sevad. Eſtou para cazar com hum criado daqui do ſeu viſinho D. Gil, que ainda

da que feyo, he muy carinhoso.

Simic. Eſſe foy o que furtou o capote a ſeu amo?

Sevad. Eſſe meſmo.

Simic. Logo he ladraõ?

Sevad. He o vicio, que tem, que ſe naõ fora iſſo, era hum moço perfeito.

Simic. Ay Sevadilha, que eſſe ladraõ....

Sevad. Que tem, meu Senhor?

Simic. Nada, nada: e por hum triz, que naõ deponho a judicatura, e perco o juizo: aſſina-te aqui em branco, que eu eſtou pelo que diſſeres.

Sevad. Eu naõ ſey eſcrever.

Simic. Porém ſabes muita letra: vaite ahi para dentro. A rapariga me poz a ver jurar teſtemunhas.

Sevad. Eu já vi huma cara, que ſe parecia com a deſte Juiz. *Vaiſe.*

Simic. Entre quem falta.

D. G. Reſta Dona Cloris; Simicupio, perdoa que hey de fallarlhe.

Simic. Faça o que lhe digo, e naõ tenha graças comigo.

D. G. Como eſtás inchado!

Simic. Se queres ver o villaõ, mete-lhe a vara na maõ.

Sahe Dona Cloris.

D. Clor. Senhor Juiz, logo declaro, que

eu de furtos naõ ſey nada, e ſó que D. Gil foy hum dos da capoeira, e eſtá innocente, porque. . . . .

D. G. Porque foy preciſo obedecerte, querida Cloris. *Levanta-ſe.*

D. Clor. Que vejo! D. Gil? Cobre alentos o meu coraçaõ.

D. G. Naõ te admires dos ſucceſſos de meu amor, que os influxos do teu Alecrim ſabem triunfar dos mayores impoſſiveis.

Simic. Aliás, que hum Simicupió ſabe fazer poſſiveis as mayores difficuldades. Ahi tem, Senhor D. Gilvás, o ſeu bem de portas á dentro: tenho cumprido a minha palavra, e ſe naõ eſtá bem ſervido, buſque quem o faça melhor.

D. Clor. Huma vez, que me vejo em tua caſa, naõ porey mais em contingencias a minha fortuna.

Simic. Iſſo meſmo; quem diſſe caſa, caſa. *Sahe D. Lanſerote.*

D. L. Que he iſto, Senhor Doutor? As teſtemunhas vem, e naõ tornaõ?

Simic. Já eſtá concluida, e ſentenciada a devaſſa.

D. L. Quem ſaõ os culpados?

Simic. As Senhoras ſuas ſobrinhas, que ſaõ humas finas ladras.

D. L.

D. L. Minhas Sobrinhas ladras? De que sórte?

Simic. Desta sórte; vamos sahindo cá para fóra:

Vay Simicupio trazendo a todos para fora, e diz o seguinte.

Porque vistos estes sucessos, consta, que a Senhora Dona Nize furtou o coraçaõ do Senhor D. Fuas, e a Senhora Dona Cloris o de D. Gil; e assim he de razaõ, que lho restituaõ, casando com elles; porque no matrimonio se entregaõ os corações com as vontades.

D. F. Em cumprimento da sentença, eu a executo pela minha parte igualmente alegre, e admirado desta rara invectiva de Simicupio.

D. Niz. He de justiça esta acçaõ: que alegria!

D. G. Dona Cloris, dame o coraçaõ, que me tens, na maõ que te peço.

Simic. Isso he fallar com o coraçaõ nas mãos. Senhora Dona Cloris, case-se, mas naõ se arrependa.

D. Clor. Senhor D. Gil, o meu coraçaõ lhe entrego, em recompensa do que lhe roubey, se acaso he furto, o que se dá por vontade.

Simic. D. Tiburcio tenha paciencia, e

pague as cuſtas de premeyo com o Senhor D. Lanſerote, já que forão taõ basbaques, que ſe deixarão enganar de mim. Simicupio, tantos de tal mez, &c.

D. 7. Senhor tio, ſeja-lhe para bem, que aqui já naõ ha para onde appellar.

D. L. Nem eu me poſſo aggravar, quando o matrimonio he o ditoſo fim deſtes exceſſos.

Sevad. Quem caſa a tantos, porque ſe naõ caſa a ſi?

Simic. Naõ me falles em remoques; já ſey, Sevadilha, que queres caſar comigo; e pois a ſentença paſſou em couſa julgada, demos as mãos, e a boa vontade.

Sevad. Oh diſcreta maõ, que eſcreveo tal ſentença!

Fag. E que ha de ſer de mim, Simicupio, que neſte negocio tambem dey minha pennada?

Sevad. Em vindo a frota, virá teu marido.

D. G. E pois te conſegui, galharda Cloris, publique a fama os vivas do Alecrim, que triunfou de tantos impoſſiveis.

D. F. Tende maõ, que naõ he juſto, que roubeis à Mangerona a parte, que lhe toca no applauſo, que merece; pois à ſombra de ſuas folhas conſeguiſtes muita parte da dita, que poſſuis.

Fag.

Fag. Isso he verdade; senaõ diga-o a escada, e a caixa.

D. T. Foy boa caixa.

D. G. Que importa, que a Mangerona abrisse os caminhos aos favores, se o Alecrim serenava as tempestades na tormenta dos enleyos?

Simic. E senaõ diga-o tambem o fogo salvaje, a Medicina, a Minístrice, e a mãy de duas filhas.

D. L. Pois que vay, Senhor tio? He bico, ou cabeça?

D. L. Paciencia por força.

D. Clor. Naõ se póde negar, que venceo o meu Alecrim, pois elle tocou a méta, pondo fim a nossos desejos.

D. Niz. A Mangerona só merece applausos, porque deu principio a este fim.

Simic. Entaõ, visto isso, venceo o Malmequer, pois elle foy o meyo entre o principio da Mangerona, e o fim do Alecrim.

Sevad. Pois viva o Malmequer.

D. G. Tenho dito, venceo o Alecrim.

D. T. Se a efficacia das razões naõ basta a convencervos, esta espada fará confessar o triunfo da Mangerona.

Simic. Deixe estar a folha, que as da Mangerona naõ saõ o Alcoraõ de Mafoma,

para que se defendaõ à ponta da espada; e pois estou feito Juiz, pela authoridade, que tenho, declaro, que ambas as plantas vencerão o pleito, pois cada huma fez quanto pode; e para que se acabem essas guerras do Alecrim, e Mangerona, mando, que os dous ranchos façaõ as pazes, e se ponha perpetuo silencio nesta materia, sobpena de serem assumptos de minuetes, e andarem por boca de Poetas, que he peyor que pelas bocas do mundo.

Todos. Pois viva o Alecrim, e viva a Mangerona.

Simic. E viva todo o bicho vivo.

D. L. Vivamos todos, meu Sobrinho.

D. T. Essa he a verdade.

Simic. E como naõ ha triunfo sem acclamaçaõ; em quanto o Coro naõ principia a festejar este applauso, coroemos esta obra, com as ramas da Mangerona, e Alecrim.

CORO.

D. Niz. e *D. F.* Viva a Mangerona
Perpetua no durar.
D. Chr. e *D. G.* Viva o Alecrim
Feliz no florecer.

Todos. Viva a Mangerona
Viva o Alecrim,
Pois que hum soube vencer,
E a outra triunfar.

D.Niz.e D.F. No templo de Cupido
Troféo de amor será.

D.Clor.e D.F. Nas aras da fineza
Em chammas arderá.

Todos. Viva a Mangerona,
Viva o Alecrim,
Pois que hum soube vencer,
E a outra triunfar.

E I M.

AS VARIEDADES DE PROTEO,

OPERA QUE SE REPRESENTOU no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de mayo de 1737.

ARGUMENTO.

SEndo Polibio cabeça de huma parcialidade, que em Egypto ſe fulminou ſobre a depoſiçaõ de hum Monarca daquella Coroa; prevalecendo o poder contrario, foy preciſo a Polibio retirarſe com huma filha unica chamada Cyrene, e chegando a Beocia, por caminhar mais occulto, deixou em huma raſtica Aldea daquelle Paiz a Cyrene, até que achaſſe ſeguro porto a ſua errante fortuna. Chegando a Flegra, Cidade do Archipelago, foy recebido del Key Ponto, com diſtinçaõ nas eſtimações; mandando o outra vez a Beocia para conductor da filha daquelle Monarca, tambem chamada Cyrene,

pa-

para Esposa de Nereo seu filho. Em Beocia soube Polibio ser fallecida de pouco aquella Princeza, por cujo motivo, incitado Polibio da ambiçaõ de ver coroada sua filha, dissimulando a embaixada, a conduzio a Flegra para esposa de Nereo, affirmando ser a filha del Rey de Beocia.

No mesmo tempo chegou Dorida, ou Doris, filha del Rey de Egnido, para esposa de Proteo, tambem filho del Rey Ponto; porém inflammado Proteo excessivamente na formosura de Cyrene, valendo se das variedades da sua fórma (privilegio, que lhe concederaõ os Deoses) intentou com extremos persuadirlhe o seu amor, que impedindo-lhe Polibio na brevidade, que intentava do Hymeneu de sua filha, Proteo o quiz matar, cujo golpe casualmente recebeo Cyrene, procurando impedillo; e sendo achado o punhal na maõ de Polibio, foy condemnado ao sacrificio de Astrêa; e para mostrar a sua innocencia, e evitar a victima da sua vida, foy preciso a Cyrene declarar, que Polibio era seu pay. Vendo Nereo o engano, levado da altiveza do seu genio, repudiou a Cyrene, a quem recebeo Proteo, estimando como fortuna o mesmo engano; ficando Dorida para esposa de Nereo, e ambos satisfeitos na mudança das esposas.

Servem de Episodio a esta obra as Variedades, e transformações de Proteo, para conseguir os favores de Cyrene.

IN-

INTERLOCUTORES.

Cyrene, *Reputada Princeza de Beocia, deſtinada para eſpoſa de Nereo.*
Darida, *Princeza de Egnido, deſtinada eſpoſa de Proteo.*
Proteo. } *Filho del Rey Ponto.*
Nereo. }
Ponto, *Monarca de todo o Archipelago.*
Polibio, *Rey encuberto de Cyrene.*
Mareſia, *Criada de Darida.*
Caranguejo, *Criado de Proteo.*

A Scena ſe repreſenta em Flegra.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Selva, e mar, com ponte.*
II. *Gabinete.*
III. *Boſque, e montanha.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Sala.*
II. *Gabinete.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Jardim.*
II. *Sala.*
III. *Templo de Astrea.*

ACTO

PARTE I.

SCENA I.

Porto de mar, em que haverá huma ponte, onde chegarão escaleres para o desembarque de Dorida, que o fará pela ponte acompanhada de Proteo, e nella estará Ponto, Caranguejo, e mais Criados; e antes disto apparecerá huma náo à vela: e ao mesmo tempo passará hum coche pelo Proscenio do Theatro, que será de Selva, e nelle virá Cyrene, e Polibio, e recolhendo-se, sahirão os mesmos. Tudo se executará em quanto se toca a Sinfonia, e cantaõ alternadamente os Córos.

CORO.

1. *Coro.* EM hora ditosa
Venha Cyrene,
2. *Coro.* Em hora festiva
Dorida venha.
1. *Coro.* A ser de Nereo,
2. *Coro.* A ser de Proteo,
Ambos. Esposa feliz.
1. *Coro.* Os prados com flores,
2. *Coro.* Com perlas os mares,

Ambos. Os Sceptros esmaltem
De eterno matiz.

Rey. Huma, e muitas vezes repitaõ as Nayades dos bosques, e as Ninfas do mar o suave Melibeo de alternados vivas, para que se eternizem os applausos no mar, e na terra, ao mesmo tempo que se multiplicaõ as felicidades em ambos os elementos. Em hora festiva, e ditosa, tornem a repetir, que sejaõ bem vindas à minha Corte de Flegra as illustres Princezas de Egnido, e Beocia, para que nas regias nupcias de meus filhos Proteo, e Nereo, se perpetue a semidea estirpe das maritimas Deidades.

Cyren. Já que a sórte me destinou, ò excelso Ponto Monarca do Archipelago, às fortunas de esposa de Nereo, com a gloria de filha tua, naõ invejo o throno de Juno, nem os dominios de Thetis.

Nereo. Nem eu, ò Cyrene, com essa belleza o Solio de Jove, e o liquido Imperio de Neptuno.

Rey. Cyrene, quando em hum só dia se encontraõ tantas felicidades, sejaõ mudos intepretes de meu alvoroço os internos jubilos do coraçaõ. E tu, soberana

Do-

Dorida, vem a meus braços, em quanto nos de Proteo te naõ enlaça amor no mais ditoso Hymenêo.

Dorid. Os vinculos, com que amor me enlaça em Proteo, primeiro seraõ cadeas de minha escravidaõ, que voluntaria ofereço a Vossa Magestade, a quem já respeito como pay, e venero como Senhor.

Proteo. Ay de mim, que só eu na mayor ventura sou o mais infeliz! *à part.*

Rey. Proteo, sem duvida, que o prazer deste dia se faz inexplicavel nas tuas vozes, notando no teu silencio a tua suspensaõ.

Proteo. Pois com effeito Dorida vem destinada para esposa minha, e Cyrene para meu irmaõ Nerêo?

Rey. Essa pergunta parece ociosa, pois antes do transporte das Princezas já estava destinada Cyrene para Nerêo, e Dorida para esposa tua.

Proteo. Naõ tem remedio o meu tormento. *à part.* Poderia ser, Senhor, que mudasses o primeiro intento, achando, que as riquezas de Egnido seriaõ mais convenientes a Nerêo, como mais moço; e que a mim me sobrava o pequeno patrimonio de Beocia; que a minha von-

vontade naõ ſe rege por outro imperio, que o do teu preceito.

Carang. Adeos minhas encomendas : Proteo, naõ he nada, ora eſcutemos. *à p.*

Nereo. Enganas-te, Proteo, na ambiçaõ, que me ſuppoens nas riquezas de Egnido, pois eſtimo tanto a Cyrenne Princeza de Beocia, que a julgo inſeparavel do ſeu eſtado ; que o regio ſangue de ſeus progenitores a faz digna de mayor Imperio, e a mim me inhabilita para outro deſejo ; e tanto que a ſer menos regia, e mais opulento o ſeu eſtado, a naõ recebera eſpoſa.

Polibio. Que ouço ! Grande arrojo foy o meu ! *à part.*

Carang. Proteo todavia parece, que deſeja alborcar a noiva ; pois eu naõ trocarey huma couſinha, que lá vejo, nem por quantas Princezas tem a Berberia. *à p.*

Rey. Principes, a ſórte eſtá lançada : Cyrene he de Nereo, Dorida de Proteo ; e Polibio, que conduzio a Cyrene, venha comigo a receber as eſtimações, que ſe devem à ſua peſſoa : e pois toda a Corte impaciente nos eſpera com feſtivos applauſos, naõ dilatemos a noſſa entrada. *Vaiſe.*

Nereo. Vamos, formoſa Cyrene. *Vaiſe.*

Cy-

Cyren. Polibio, naõ te apartes de mim hum inſtante. *Vaiſe.*

Preto. Vamos, Dorida, vamos. Oh quem pudera trocar a ſórte, ſe he ſórte a que me acompanha! *à parte, e vaiſe.*

Dorid. O coraçaõ preſágo naõ ſey que me vaticina. *à parte, e vaiſe.*

Mareſ. Vou cambaleando, pois me parece que ainda eſtou no navio. *Quer irſe.*

Carang. Eſpere, menina; donde ſe vay meter entre a barafunda das carroças? Deixe-ſe eſtar, que em vazando a maré, ſe embarcará na ſua carroça.

Mareſ. A mim me faraõ lugar em toda a parte.

Carang. Naõ vê a encangalhaçaõ, que lá vay? Vá, mas veja, que ha de ſuar bem para ſe meter na ſua eſtufa.

Mareſ. Parece que aſſim he: ora voſſa merce viva mil annos pela advertencia.

Carang. Como poderey viver [illegible] mil, ſe encontro mil mortes em cada olhadura de voſſa merce?

Mareſ. Taõ máos olhos tenho eu, que dém quebranto?

Carang. Naõ ſaõ máos, pelo que ſaõ em voſſa merce; mas ſim pelo que ſinto em mim.

Mareſ. Pois que ſente?

Carang. Sinto-me muy aquebrantado.

Maref. Nunca vi dar quebranto em couſa má.

Carang. Se as almas ſaõ couſa má, bem má couſa ſou eu; naõ pelo que tenho de deſalmado, mas porque toda a alma deſſa formoſura a tenho transferida em mim amante Pythagorico de tua belleza.

Maref. Inſolente, deſcomedido, que fraze he eſſa de fallarme?

Carang. Naõ ſey frazear melhor; e ſe cada hum enterra ſeu pay como póde, eu reſuſcito o meu amor como ſey.

Maref. Para que ſe lhe deſvaneça eſſa tentaçaõ, ſaiba logo em continente, que tenho feito a Diana hum voto ſolemne de perpetua caſtidade.

Carang. Naõ por meu voto.

Maref. E aſſim eſpero, que eſta ſeja a ultima vez, que tal couſa ouça; porque o meu voto naõ he couſa de brinco.

Carang. E quem votou niſſo?

Maref. A minha devoçaõ.

Carang. Pois antes queres ſer caſta, que caſtiça?

Maref. Hey de ſer ſolteira, para que em mim ſe acabe a minha geraçaõ.

Carang. Vejaõ lá de que caſta he ella? Pois eu te armarey huma trempe, que tu te verás

verás em fayas pardas: Ora diga, e naõ póde annullar eſſe voto?

Mareſ. Eſtá revalidado com trezentos juramentos.

Carang. Pois, filha, ſe naõ desfazes eſſe voto, terás todos a froxo para te ſacrificarem.

Tocaõ os inſtrumentos do Coro.

Mareſ. Como he iſſo?

Carang. Naõ he tempo agora de o ſaberes, pois a comitiva já ſe vay pondo em marcha.

Mareſ. Dize mais duas palavras: como he iſſo do ſacrificio?

Carang. Tu o ſaberás, anda depreſſa para o teu carrinho, que em Palacio to direy.

Canta o Coro.

SCENA II.

Gabinete. Saõem Proteo, e Caranguejo.

Proteo. DEixa-me, naõ me perſigas, que naõ ha mayor tormento para hum infeliz, que a privaçaõ do retiro.

Carang. Senhor Proteo, que manía he eſſa? Ao meſmo tempo, que te vês pro-

pin-

pinquo a caſar te vejo proximo a enlouquecer? Naõ eſperavas com alvoroços a Dorida Princeza de Egnido? Naõ dizias muitas vezes lamentando nas coſtas do mar: [ſe he que o mar tem coſtas] vem querida Dorida, e ſe por falta de aguas encalhou o teu navio, as dos meus olhos te traráõ ao reboque? Naõ andavas fazendo Sonetos a huma auſencia, e cantando minuetes a huma ſaudade? Pois como agora depois de poſſuir o que deſejàvas, parece que naõ deſejas o que poſſues?

Proteo. Tudo iſſo aſſim he; porém às vezes ha incidentes taõ fortes, que deſfroem o mais firme penſamento.

Carang. Por ventura, ou por deſgraça, naõ he Dorida muito bella, e ſenhora de hum Reino?

Proteo. Aſſim he.

Carang. Pois que mais deſejas? O certo he, que dá Deos nozes a quem naõ tem dentes.

Proteo. Sabes tu o que he amor?

Carang. Oxalá que o naõ ſoubera tanto! Amor, ainda que mal pergunte, nos homens he o meſmo, que querer bem; nas beſtas muares mormo; e nos outros animaes appetite.

Proteo. Pois como queres que naõ enlouqueça, ſe eu tenho amor?

Carang. Para que ſaõ eſſes terremotos, quando eſtás quaſi propinquo a ter em teus braços a Senhora Dorida?

Proteo. Ay! ſe ſouberas que..... mas naõ; ſepulte-ſe comigo a cauſa do meu tormento.

Carang. Se he por iſſo, diga-mo, que em mim ficará ſepultado eſſe ſegredo.

Proteo. Bem ſey, que naõ deſmereces a eſtimaçaõ, que de ti faço; porém.....

Carang. Porém que? Com que eſtamos? Queres que to diga?

Proteo. Naõ, naõ me prives da gloria de o pronunciar.

Carang. Iſſo he gloria do ceo da boca.

Proteo. Cyrene he a cauſa do meu tormento.

Carang. Naõ o diſſe eu? Oh como he certo o ditado da gallinha da minha viſinha!

Proteo. Confeſſo-te, que tal foy a violencia, com que me arrebatou a ſua em tudo peregrina belleza, que naõ tive acordo para deſmentir a inclinaçaõ: viſte aquella perfeiçaõ, que immortalizando-ſe nas ſuas galhardias ſe fez adorar como Deidade? Viſte aquelles olhos, que ſe adoptaraõ aſtros para adornar a eſfe-

ra

ra da ſua formoſura? Viſte aquella neve, que derretida de melhor eſtrella, ſoube congelar os corações? Viſte aquelle ondeado epilogo de luzes, em cujos annéis preza a memoria naõ ſe lembra de outra igual maravilha? Viſte. . . .

Carang. Eſpere, Senhor, com quem falla? Iſſo he comigo?

Proteo. Sim, porque vejas ſe tem deſculpa a minha loucura.

Carang. Agora vejo, que iſſo he loucura refinada. Eu por ventura vi nada diſſo, que dizes? Eu vi aſtros, eſtrellas, Deidades, nem luzes? Eu vi mais, que huma mulher, ou huma Princeza, que tudo he mulher, formoſa ſim, porém naõ agora lá couſa do ſete eſtrello?

Proteo. Calte, neſcio, que o teu genio groſſeiro naõ ſabe diſtinguir perfeições.

Carang. Eu cá no meu amor ſigo outra filoſofia mais natural; a formoſura cá para mim ha de ſer clara, palpavel, que todos a entendaõ, como as paſtoras do tempo antigo.

Proteo. Oh quanto invejo a fortuna de Nereo, e quanto temo, que eſte incendio, em que me abrazo, conſuma ſacrilegamente os ſacrificios de ambos os Hymeneos!

Ca-

Carang. E que determinas com eſſa deſordenada inclinaçaõ?

Proteo. Deixar a Dorida, e pertender a Cyrene a pezar de todos os impoſſiveis.

Carang. E Nereo teu irmaõ, que dirá neſſe caſo?

Proteo. Perdoe Nereo, que eu naõ poſſo reger a violencia da minha inclinaçaõ; Numen ſuperior parece que a domina.

Carang. Em quanto a Nereo, já naõ he a duvida; porém Cyrene como ha de correſponderte, ſe he noiva, e Princeza? e o fallarlhe em amor ſerá crime de leza mageſtade.

Proteo. Tudo vence o tempo.

Carang. E ſe faltar o tempo?

Proteo. Naõ faltaráõ os extremos, pois ſou Proteo, que me ſaberey transformar em varias fórmas, para poſſuir os favores de Cyrene.

Carang. Se naõ fora Cyrene Princeza; te diſſera, qne te transformaſſes ſempre em ouro, que he a melhor fórma para attrahir.

Proteo. E naõ ſerá deſacerto participarte a meſma virtude de transformar, pelo que póde ſucceder.

Carang. Eu, Senhor?

Proteo. Sim, tu.

Ca-

Carang. Se eu ſou capaz diſſo, já me começo a transformar na tua vontade, e me verás naõ ſó transformado, mas formado na faculdade amatoria; e ainda que ſou Caranguejo, farey muito, que ande para diante o teu amor. *Vaiſe.*

Sahe Cyrene, e eſtará Proteo voltado com as coſtas para ella.

Cyren. Principe?

Proteo. Que ordenas, ò Princeza?

Cyren. Cuidey, que era Nereo.

Proteo. Já ſey, que naõ ha mayor infelicidade, que ſer Proteo.

Cyren. Porque?

Proteo. Porque ſendo Nereo, tivera a fortuna de merecerte eſſe cuidado.

Cyren. Nereo, em quanto Nereo, naõ merece mais, que Proteo, em quanto Proteo; a qualidade de eſpoſo, que eſtá para conſeguir, he que fórma a differença de Nereo a Proteo.

Proteo. Eſſa qualidade, ò Cyrene, he a que mais qualifica a minha deſventura.

Cyren. Se a formoſura de Dorida naõ pudeſſe fazer ditoſo ao mais deſgraçado, poderia queixarſe de infeliz a tua ſórte: mas como na ſua belleza eſtaõ vinculadas as fortunas, mal pódes appeteeer as de Nereo por inferiores.

Pro-

Proteo. Mas com tudo a ſer poſſivel, que os aſtros mudaſſem de aſpecto, e que os Planetas, que influiraõ no meu horoſcopo, pudeſſem commutar os ſeus influxos entre mim, e Nereo, eu fora mais ditoſo naõ ſendo Proteo, do que o meſmo Nereo com a dita, que goza.

Cyren. Enigmas parecem as tuas palavras.

Proteo. Se Nereo ſoubera, Senhora....

Sahe Dorida.

Dorid. Oh quanto te agradeço, Cyrene, que divirtas as melancolias de Proteo; mas cuido, que ſerá eſtylo em Flegra receberem-ſe as eſpoſas com pompa funebre.

Proteo. Sempre as couſas intenſas produzem effeitos contrarios; pois aſſim como ha lagrimas de goſto, porque naõ haverá triſteza, que ſeja alegria?

Dorid. Nem ſempre ſaõ continuos eſſes finaes no exceſſivo affecto.

Cyren. Dorida, porque o naõ ſerá o affecto, ſe o amor for exceſſivo?

Dorid. Porque affecto, que naõ ſabe mudar de affecto, he affectada demonſtraçaõ da vontade. Proteo, bem ſey que as tuas prendas mereciaõ mais bella Princeza, e mais digna eſpoſa; a tua triſteza me perſuade o deſgoſto de noſſo Hymenêo;

menêo ; e porque naõ perigue a realidade na conjectura, deſengana-me (que ainda he tempo) ſe acaſo eu motivo os teus pezares ?

Proteo. Tu, Dorida, tu es a cauſa de minhas penas.

Dorid. Infeliz fuy ; porém. . . . .!

Proteo. Naõ te aſſuſte eſta expreſſaõ, que como na gloria do amor ha ſombras do inferno , que muito me entriſteça o meſmo , que me alegra ? Pois quando comtigo vejo a gloria, que me eleva, vejo tambem em ti o abyſmo, que me penaliza.

Cyren. Que bem expreſſado extremo !

Dorid. Que mal fingida fineza !

Proteo. Que mal entendido affecto ! *à part.*

Canta Proteo a ſeguinte

ARIA.

Em ti meſma conſidero
De meus males o motivo,
Por ti morro, por ti vivo,
Tu me matas, tu me alentas,
Pois comtigo eſtá meu mál,
E comtigo eſtá meu bem.
Deixa, pois, que triſte viva
Quem alegre buſca a morte,
E verás, que deſſa ſórte

Eſ-

Esta vida me horroriſa,
E esta morte me convem. *Vai-ſe.*

Dorid. Que te parece, Cyrene, este novo modo de querer?

Cyren. He que o seu amor naõ he vulgar.

Dorid. Achas acaſo em Nereu semelhantes expreſsões?

Cyren. Ainda naõ houve occaſiaõ para a experiencia.

Sahe Caranguejo.

Carang. Se eu desta me layo bem, tenho muito que contar: lá estaõ as duas Princezas, Cyrenes, e Doridas, eu darey o recado de sórte, que Cyrene me entenda, e Dorida fique em jejum: finjo-me patéta, e mentecapto. Ainda que me matem naõ hey de casar.

Cyren. Que homem he este?

Dorid. Será algum tonto, com quem os Principes se divertem.

Carang. Tenho dito: contra minha vontade naõ se casem.

Dorid. Naõ ley, que graça achaõ nestes tontos? Vaite daqui.

Cyren. Deixa-o, que gósto de o ouvir.

Carang. He boa teima! Digo que naõ quero casar. Irra! A' força me querem encaixar huma mulher à queima roupa!

Ca-

Cyren. Que tens, tonto?

Carang. Digo, que naõ quero, vá-ſe a noiva para a ſua terra.

Dorid. Que noiva?

Carang. Tu cruel, vaite com Satanás.

Dorid. Arrebatado no ſeu frenesí imagina, que falla com alguém.

Cyren. No caſar he a ſua teima.

Carang. Ay adorado impoſſivel, que ſó tu me regalas eſta alma!

Cyren. Com quem fallas?

Carang. Comtigo, comtigo hey de morrer a pés juntos: eſperá, naõ fujas, que dos braços de teu amante te arrancarey. *Vaiſe.*

Dorid. As palavras deſte louco naõ ſey, que ecco formaraõ na idéa, que me penetraraõ o coraçaõ.

Cyren. Naõ faças caſo de hum ſimples.

Dorid. Se o coraçaõ naõ eſtivera ferido com as triſtezas de Proteo, deſprezara aquellas vagas loucuras; porém às vezes ſaõ preſagios as caſualidades; pois temo.....

Cyren. Que temes?

Dorid. Ay Cyrene, que os temores naõ ſe ſabem tanto explicar como ſentir!

Can-

Canta Dorida a seguinte
ARIA.

Naõ tenhas por delirios
Meus temores,
Que em amores
Em duvida he melhor
Temer, que confiar.
Oh credula naõ sejas
De amor no cego engano,
Que em tal damno
Dos males o peyor
Devemos esperar. *Vaise.*

Cyren. A' vista daquellas expressões de Proteo venho a entender, que naõ saõ sem fundamento os temores de Dorida, nem verdadeira a simplicidade do Criado. Oh cego amor, que de absurdos vás fulminando, e que de horrores vás produzindo!

Sahe Polibio.

Polib. Filha Cyrene, naõ sey se me peza do engano, que tenho fabricado, trazendo-te para esposa de Nereo, em lugar de outra Cyrene, verdadeira Princeza de Beocia, querendo-me aproveitar do seu obito, e do teu nome semelhante ao della; pois já com as estimações de verdadeira Princeza se me difficul-

culta o verte as vezes, que o meu paternal amor deseja.

Cyren. Pay, e Senhor, se naõ houvera outro mal que temer, esse com facilidade se podia remediar.

Polib. Pois que receyas, levando taõ bom principio a nossa industria?

Cyren. Temo que se chegue a descobrir, que a verdadeira Cyrene, Princeza de Beocia, he fallecida, e que tu es meu pay, e eu intrusa Princeza; e póde ser, que se converta em luto toda esta pompa festiva, e nupcial apparato.

Polib. As emprezas difficultosas naõ se intentaõ sem perigo, e sem susto naõ se adquire huma Coroa. Bem sey exponho a minha vida pela tua elevaçaõ; porém considerando a brevidade, com que se ha de effeituar este Hymenêo, e que quando se descubra o engano, te acharás Senhora do alvedrio de Nereo prezo nos laços de tua formosura, e estimando como fortuna o seu engano, terá ditoso fim o nosso premeditado intento.

Cyren. Oh queiraõ os Deoses prosperallo!

Sahe Nereo.

Nereo. Cyrene, como sey estimas o exercicio da caça, por te dar esse alivio, tem ElRey meu Pay determinado divertir-

te

te em huma caçada real, donde vejas a deſtreza, e valor dos noſſos monteiros.

Cyren. Impulſos ſaõ da benignidade delRey, a quem agradeço, e a voſſa Alteza o cuidado de meu divertimento.

Nereo. A taõ alta Princeza todo o exceſſo he devido.

Polib. Parece, Senhor, que apoſtaraõ os fados a fazerte ditoſo, unindo na eſpoſa, que poſſues, a ultima perfeiçaõ da formoſura.

Nereo. Polibio, huma formoſura naõ faz ditoſo a hum Principe: os illuſtres Heroes, de quem deſcende Cyrene, a fazem digna da minha veneraçaõ: a belleza he vulgár attractivo de hum animo plebeo: a regia aſcendencia he digna eſtimaçaõ de hum Principe: a formoſura caduca com o tempo: a nobreza ſe immortaliza na poſteridade. E aſſim, Polibio, pódes entender, que a ſer Cyrene menos regia, abandonara o thalamo, e deſprezara a formoſura, naõ ſendo adornada da Mageſtade. *Vaiſe.*

Cyren. E que dizes agora, Senhor? Eſtimará Nereo com a fortuna de poſſuir a minha belleza o ſeu engano? Vês cahida por terra a baſe, aonde erigias as tuas maquinas? Ay de mim, Senhor, quan-

to

te melhor me fora viver occulta, como eſtava, nas ruſticas aldeas de Beocia, que verme quaſi propinqua a cahir da eminencia de hum throno no abyſmo de tua ambiçaõ!

Polib. Naõ me afflijas com eſſa ponderaçaõ: porém naõ foy pequena fortuna, poder no anticipado deſengano de Nereo buſcar o remedio deſte imminente damno; e no em tanto procurar deſvanecerlhe com porfiados carinhos a violencia de ſua inclinaçaõ.

Canta Polibio a ſeguinte

ARIA.

Na onda repetida
Do Zefiro impellida
Talvez a dura penha
Amante naõ deſdenha
Seu liquido criſtal.
Se pois a clara eſpuma
Trofeo de hum monte alcança,
Bem póde haver mudança
Na inſtancia dos carinhos
Do genio ſeu fatal. *Vaiſe.*

Sabe Mareſia.

Mareſ. Dorida te eſpera, Senhora, para irem à montaria.

Cyren. Eu vou. Oh louca ambiçaõ a quantos precipitas! *Vaiſe.*

Mareſ.

Maref. Tomara, que Caranguejo me acabaſſe de explicar aquella arenga do Sacrificio, que lhe naõ pude perceber com a bulha das cantarolas; porém ſe tal he, antes hey de dar hum olho ao demo, que huma maõ ao amor.

Sahe Caranguejo.

Carang. Eu aſſim como tollo dey a entender a Cyrene o intento de Proteo, e ella a meu ver me naõ deixaria de entender, que tem olhos de grande tuberculla.

Maref. Senhor Caranguejo.

Carang. Senhora Mareſia minha Senhora.

Maref. Ha muito, que nos naõ vemos.

Carang. Que ha de ſer? Eſta occupaçaõ de Sota-Miniſtro de Venus naõ me deixa huma hora livre para ter o meu regabofe.

Maref. Bom officio deve elle ſer.

Carang. Bom he; mas para o meu genio naõ he muito couſa; eſta tarde ſacrificámos quatro moças, como quatro torres, por naõ quererem caſar; e confeſſo-te, que quando levantey a machadinha para deſcarregar o golpe, que me fugio o ſangue do corpo.

Maref. Ay de mim coitada! Diga-me, Senhor Caranguejo.

Ca-

Carang. O que, Senhora Carangüejola?

Maref. Eſſa ley ſe cumpre tanto à riſca, que todas, que naõ caſaõ, morrem?

Carang. Uy, como dous, e tres ſaõ nove: ſaiba, (ſe he que o naõ ſabe) que toda aquella mulher, que ſe moſtra eſquiva, e deſdenhoſa, como v. g. aquellas que tudo me fede, ſe naõ abrandar a condiçaõ, ha de ſer ſacrificio de Venus como Deoſa dos amores.

Maref. Naõ ha ley mais barbara do que eſſa, querer violentar a vontade!

Carang. Bem ſe póde caſar ſem vontade, pois quantos ſe caſaõ contra vontade?

Maref. Caſamento ſem vontade naõ he caſamento.

Carang. A'gora naõ; olha, a vontade he couſa que ſe naõ vê, e vendo hum homem a noiva, naõ lhe abre o coraçaõ para lhe ver a vontade, pois baſta ſaber, que tem as tres potencias da alma, memoria, entendimento, e vontade: porque iſſo de caſar ſempre vay na fé dos padrinhos.

Maref. E quem ſeria o magano, que tal ley inventou?

Carang. Calte, naõ ſejas blaſfemia; olha, que foy Apollo em deſpique do rigor de Daphne.

Maref. Bem haja ella; o meſmo fizera eu. Por força? Iſſo naõ, ainda que ſeja hum Sol; e além diſſo tenho feito voto de caſtidade a Diana, que me impoſſibilita o caſar, e hey de cumprillo, mais que me matem.

Carang. Por mim faze o que quizeres, que iſto naõ he mais que inſinuar; que ſuppoſto naõ ſejas minha proxima, pois do teu carinho vivo apartado, com tudo es criada de Dorida, e tenho dó dos teus poucos annos. Coitadinha, que laſtima tenho de ti! Naõ olhes para mim, que cada vez que te vejo, ſe me parte o coraçaõ.

Maref. Naõ te compadeças de mim.

Carang. Naõ póde ſer, que ſou muy mavioſo; em apertando os olhos logo choro.

Maref. Iſſo vay de ter bom coraçaõ.

Carang. Antes vay de ter bons olhos, que a mim nunca me chorou o coraçaõ no corpo, como as crianças na barriga.

Maref. Pois, Senhor Caranguejo, Mareſia naõ ha de deſcer da burra ainda que a leve o diabo.

Carang. Pois eu montarey a cavallo, e irey dar parte à juſtiça; e ſómente por deſcargo de minha conſciencia te torno a lem-

lembrar arigoroſa, ſevera, e fulminante ley de Apollo, a qual de cabo a rabo he a ſeguinte *per formalia verba*, *ibi*.

DECIMA.

Toda a mulher, que naõ for
Inclinada ao matrimonio,
Ha de levalla o demonio,
Se a naõ levar o amor:
Trate logo de depôr
Seu tyranno deſdenhar;
Porém ſe naõ abrandar
Seu rigor, deve eſcolher
Ou caſar, por naõ morrer,
Ou morrer, por naõ caſar, *Vaiſe.*

Mareſ. Ha entaladura ſemelhante! Naõ ſey o que hey de fazer neſte caſo! Se caſo, he matarme; ſe naõ caſo, he morrer: oh que apertado caſo! Pois ſe tudo he morrer, eſcolherey a morte, que me for mais ſuave,

Canta Mareſia a ſeguinte

ARIA.

Naõ ha quem me diga
Por eſta Cidade
Se devo caſar,
Se naõ, ou ſe fim?
Porém que verdade
Me pódem dizer,

Se eu hey de morrer
Assim como assim? *Vaiſe.*

SCENA III.

Boſque. Haverá hum Monte matizado de flores, e ao ſom de huma Sinfonia de trompas hiraõ ſahindo varios monteiros com inſtrumentos venatorios, e ſe veraõ cruzar o Theatro varios animaes ſylveſtres, e ſahiraõ encontrados Cyrene, e Nereo.

Nereo. CYrene, naõ te empenhes tanto no ſeguimento deſſas féras, nem por hum divertimento aventures a tua vida: eſpera, e verás, que apreſento nas aras de tua formoſura o mais feroz javalí, que occultaõ eſtes boſques.

Cyren. Naõ, Principe; ſuſpende o exceſſo do teu valor, que temo em ti a tragedia de Adonis.

Nereo. Tendo a ventura de morrer nos braços deſſa melhor Venus, ambicioſo buſcarey a morte.

Cyren. Se me comparas a Venus, já ſey ſerá fingida eſſa fineza.

Nereo. Fingida, porque?

Cyren. Porque a formoſura per ſi naõ te póde obrigar a nenhum exceſſo, naõ

ſendo animado do Regio ſangue.

Nereo. Aſſim he; mas quando à Mageſtade ſe une a belleza, ſaõ mais venerados os Idolos da formoſura: mais formoſa, ao que parece, he a Lua, mas por ſer taõ baixa a ſua eſféra, naõ merece tantos elogios de bella, como a minima eſtrella, pelo elevado ſolio, em que ſe oſtenta galharda maravilha dos Ceos.

Cyren. Viſto iſſo, a naõ ſer eu Princeza, naõ ſeria objecto de teu amor?

Nereo. Naõ ſupponhas hum impoſſivel, quando alcanço a fortuna de poſſuirte Princeza, e formoſa.

Cyren. Pois adverte, (já que me appellidas de Venus) que como Deidade eſtimarey mais os cultos de formoſa, que os tributos de Princeza.

Nereo. Para mim naõ ha mais formoſura, que a nobreza, e amando-te como Princeza, te adoro como bella.

Cyren. Deſta ſórte impoſſibilitas o Hymenêo, que deſejas; e para o conſeguires, has de imaginarme ſem qualidade de Princeza, aliàs.....

Nereo. Que?

Sahe ElRey.

Rey. Que te afflige, Cyrene?

Cyren. Achar, Senhor, hum eſpoſo, que me

me adora por politica, mas naõ por affecto. *Quer irſe.*

Rey. Eſpera.

Sahe huma féra correndo.

Cyren. Mal poderey, até naõ vingar neſta féra as offenſas de outra. *Vaiſe.*

Rey. Que foy iſto, Nereo?

Nereo. Senhor, permitte-me, que evite em Cyrene algum perigo no ſeguimento daquella féra. *Vaiſe.*

Rey. Eſta condiçaõ de Nereo auſtéra, elevada, e ſoberba, ſem duvida motivou en Cyrene algum deſgoſto; naõ he aſſim Proteo, cujo genio mais docil he o attractivo dos corações. Feliz Dorida ſerá com tal eſpoſo: mas ella alli vem.

Sahe Dorida.

Rey. Dorida, eſtimarey aches alivio no divertimento da caça.

Dorid. Antes me penaliza, por naõ achar a féra, que buſco.

Rey. Se eſconderia talvez temeroſa do teu valor.

Dorid. Antes pudera eu eſconderme temeroſa da ſua ferocidade.

Rey. Se a temes, como a buſcas?

Dorid. Para deſenganarme da qualidade da ſua eſpecie, pois tendo-a viſto varias vezes, naõ ſey diſtinguir a ſua natureza.

Rey.

Rey. Declara-me eſſe enigma; ou dize-me aonde habita eſſa féra?

Dorid. Em palacio.

Rey. Em palacio que féra póde haver como eſſa que dizes?

Dorid. Quem? Proteo.

Rey. Proteo? Como? Declara-te, naõ me tenhas confuſo.

Dorid. Proteo, Senhor, cujo genio indomito nem a politica o perſuade a ſer mais attento, nem a razaõ de eſpoſo o obriga a ſer mais amante.

Rey. Proteo? Naõ me perſuado.

Dorid. Vês por ventura aqui a Proteo, ao menos para liſongearme com as aſſiſtencias de eſpoſo, ao meſmo tempo, que Nereo ſeguindo a Cyrene, adora os ſeus veſtigios?

Rey. Naõ imagines em Proteo menos attençaõ à tua peſſoa; a caſualidade de ſeu deſvio neſta occaſiaõ naõ ſeja argumento de ſeu deſamor. Ah ſe ſouberas a ſuave indole de Proteo, verias, que naõ cabem em ſeu peito as ferocidades, que lhe imaginas!

Dorid. Ah ſe ſouberas, que ainda lhe naõ mereci hum ſó agrado!

Rey. A naõ ſerem taõ dignas de fé as tuas palavras, as duvidara por incriveis. Proteo,

teo, ou mudou a natureza, ou perdeo o juizo; porém, antes que ſe accumulem novos incentivos à queixa, na brevidade do Hymenêo remediarey as deſordens da mocidade. *à part.*

Sahe Mareſia.

Mareſ. Senhores, que huma féra muy féra vem correndo atrás de mim! Ay que ella alli vem! Acudaõ-me todos.

Rey. Seguilla ſerá forçoſo. Dorida, retira-te, que cedo darey providencia a teu ſentimento. *Vaiſe.*

Dorid. Segue-me tu, que os inſtantes, que aqui me dilato ſem Proteo, ſaõ continuadas offenſas do meu decóro. *Vaiſe.*

Mareſ. Tomara-me já daqui cem legoas!

Ao querer irſe Mareſia, lhe ſahe ao encontro Caranguejo transformado em porco montez.

Carang. Naõ ſerá facil.

Mareſ. Ay de mim, que porco taõ porco!

Carang. Queira amor, que a faça limpa.

Mareſ. Ay, que o porco me inveſte! Vaite daqui, naõ me emporcalhes.

Carang. Naõ fujas, que eu ſou o mais aſſeado porcalhaõ, que tem o Mundo.

Mareſ. Nem alentos tenho para fugir. Senhor porco montez, por vida de ſeus bacorinhos, que naõ ſuje o ſeu dente com o meu ſangue.

Carang. Attende primeiro a eſta amante porcaria, ſenaõ fico entendendo, que te naõ paſſa da garganta eſta alporca.

Inveſte, e cahè Mareſia deſmayada, e torna Caranguejo na ſua fórma.

Mareſ. Ay de mim! Quem me acode, que morri?

Carang. Ora eu a fiz como os meus narizes! Deſmayou-ſe Mareſia, ſem dizer aqui eſtou! O' Mareſia, ò rapariga, deſaccidenta-te, deſmorre-te, olha que ſou eu Daranguejo, que em eſquálida fórma quiz comer a bolota de tua formoſura. Mas ay de mim, que ella já eſtá fria! Se eſtará morta? Mas naõ, que ella meſma he huma neve: porém ella naõ reſpira, morta eſtá: mas naõ; que importa, que naõ reſpire, ſe ella he o meu alento? Mas ay, que agora me deſengano, que eſtá morta de todo, que já me fede o ſeu deſdem! Anda cá para os meus braços, que te quero receber à hora da morte. [*Toma-a nos braços.*] Oh nunca tornes em ti cadaverica Deidade, pois ſendo tu a defunta, eu ſou o que tenho o jazigo quando te tenho!

Mareſ. Ay de mim!

Carang. Meus peccados, que ſe vay acaban-

bando o prazo, que amor me concedeo!

Maref. Ay Caranguejo, que foy iſto?

Carang. Foy iſto meſmo.

Maref. Aonde eſtá o porco?

Carang. Aqui torce a porca o rabo.

Maref. Ora dize, aonde eſtá o porco, que me queria engolir?

Carang. Ainda naõ eſtá fóra de te papar.

Maref. Mataſte-o?

Carang. Morto eſtá elle ha bem tempo.

Maref. E agora donde eſtou eu?

Carang. Nos meus braços.

Maref. Nos teus braços? Ay de mim deſgraçada mulher! Naõ ſey ſe quebrey o voto, que fiz a Diana.

Carang. Taõ vidrento he o teu voto, que com hum abraço ſe quebre?

Maref. Sou muy eſcrupuloſa neſſa materia: dize, Caranguejo, por tua vida, achas, que quebrey o voto, eſtando em teus braços?

Carang. Naõ eſtou bem certo; deita-te outra vez nos meus braços, para ver com mais circunſpecçaõ ſe quebraſte o voto.

Maref. Deſgraçada de mim! Eu nos braços de hum homem! Que me fará Diana, ſe o ſouber?

Carang. E quem lho ha de dizer? Eu por mim livre eſtás.

Ma-

Maref. Antes o javalí me emporcalhara, que verme em teus braços.

Carang. Para que tanto rigor?

Maref. Por naõ querer, que Diana me mate.

Carang. Pois porque fugias da féra?

Maref. Por naõ perder a vida.

Carang. Pois tolla, ſe fugias por querer viver, porque naõ fóges da morte, que te eſpera no ſacrificio de Venus, pela rebeldia do teu deſdem?

Maref. Porque aſſim como es de ſegredo, para naõ dizeres a Diana, que eſtive em teus braços, tambem o ſerás para naõ contares a Venus, que ſou deſdenhoſa.

Carang. A Diana poderey ſer deſleal, mas naõ a Venus, que ſou ſeu ſacerdotiſo; e aſſim, Mareſia, deixa-te deſſas loucuras; trata de buſcar marido, naõ queiras experimentar o rigoroſo golpe do ſacrificio.

Maref. Pois tu, que es o verdugo, naõ has de ter dó de me matar?

Carang. Dó terey, mas ha de ſer depois da tua morte. Mareſia, naõ zombemos, olha, que ſe te naõ reſolves, que eu meſmo hey de ſer o beleguim, que te leve às aras de Venus.

Maref. Que tens tu, que eu morra?

Carang. Porque quem te aviſa, bem te quer.

Canta Caranguejo a ſeguinte

ARIA.

Quando vires o duro cutello
Na tua garganta luzente vibrar,
Me dirás: baſta, baſta, eu me caſo;
Porém ſem remedio, que entaõ grogotó.
Buſca amante o ditoſo conjugio,
E dize a Diana, que vá bugiar,
E antes te aperte o nó do Hymenêo,
Do que na garganta te aperte outro nó.

Vaiſe.

Mareſ. Oh deſgraçada Mareſia! Para iſto vim eu cá acompanhando a Dorida? Naõ me fora melhor ſer no mar alimento de hum tubaraõ, que ſer em terra deſpojo de Caranguejo? Oh voto, quem nunca te fizera! Mas que digo? Ainda que morra, naõ hey de caſar. *Vaiſe.*

Sahe Cyrene.

Cyren. Que loucura ſerá eſta, com que andaõ eſtes criados, pois antes querem a morte do que caſar? Porém para a fadiga da caça parece, que eſte virente monte, a quem a Aurora bordou de perolas, e Abril de flores, me eſtá perſuadindo com vegetantes linguas, que nelle deſcance, em quanto naõ chega a comitiva.

Sen-

Senta-ſe, e reclina-ſe no monte.

Oh delicioſa habitaçaõ dos boſques, ditoſa quem logra a tranquilidade de tua delicia, onde mais ſegura vive a innocencia nas pelles dos paſtores, que nas purpuras dos Principes!

Vaiſe inſenſivelmente desfazendo o monte, em que eſtava Proteo transformado, em cujos braços fica Cyrene reclinada como de antes, ſem ver a Proteo.

Aqui as ſettas do amor, tendo mais por onde voar, naõ ferem com tanta violencia.

Proteo. Te enganas, Cyrene, pois até eſte monte ſe ſente abrazar em amoroſas chammas.

Cyren. Quem he, o que me reſponde?

Levanta-ſe.

Proteo. Quem eternamente fora monte, a naõ ficar em duvida, ſe as penhas ſabem amar.

Cyren. Proteo, que arrojo he eſte? Mas aonde eſtá o monte aonde me recliney?

Proteo. Naõ te admires, que deſappareça hum monte de flores, quando em ſeu lugar eſtás vendo hum veſuvio de fogo, donde ſe fraguaõ, naõ as armas de Marte, mas ſim as ſettas de Cupido.

Cy-

Cyren. Ainda naõ poſſo comprehender o teu inſulto.

Proteo. Qual he o amor, que naõ tem por azas o atrevimento? Se amor ſe contivera ſó na extenſaõ de ſeus limites, naõ ſeria exceſſivo; remontarſe à eſféra do Empyreo he timbre de ſeu poder; e aſſim naõ me crimines, Cyrene, que violando as leys do decóro, da politica, e do ſangue, rompa o meu amor neſtes exceſſos, que ſobrenatural affecto, que em ti me arrebata, póde deſculpar o meu arrojo, e contraſtar a tua iſençaõ.

Cyren. Louco Principe, que intentas com teus extremos?

Proteo. Amarte.

Cyren. Para que, ſe ſabes, que naõ poſſo correſponderte?

Proteo. Para quererte naõ neceſſito da tua correſpondencia; que ſeria menos pura a chamma de meu amor, ſe para arder neceſſitaſſe de teus favores.

Cyren. Pois ſe amas independente, para que me buſcas amante?

Proteo. Para que naõ ignores o meu ſacrificio.

Cyren. E que importa deixar de o ſaber?

Proteo. Seria uſurparte a gloria deſſe triunfo, occultando-te o deſpojo da vitoria.

Cy-

Cyren. Visto isso, como estás satisfeito, fica-te embora.

Proteo. Espera.

Cyren. Que mais queres, se satisfeito estás?

Proteo. Que te lembres do meu amor.

Cyren. Para que, se naõ hey de prémiarte?

Proteo. Por naõ ser preciso tornarte a significar o quanto te adoro.

Cyren. Por evitar esta occasiaõ, só por isso me lembrarey.

Proteo. Adverte, que se te disse, que naõ esperava favores, naõ he justo, que experimentes desprezos.

Cyren. Naõ sey, que meyo haja entre amar, e aborrecer.

Proteo. Huma inclinaçaõ, que nem he amor, nem deixa de o ser.

Cyren. Mas poderá ser amor.

Proteo. Se o for, será benignidade tua, mas naõ que eu o espere.

Cyren. Oh, que se esta chamma ardesse em Neroo, sem susto conseguiria a Coroa!

Canta Proteo o Recitado, que se segue, e depois cantaõ os dous a Aria a duo.

RECITADO.

Belissimo prodigio, amado encanto,
Se te eu dissera o quanto
Finamente te adoro,
Julgarás fabulosa a realidade,

Com

Com que me abrazo amante
Maripoſa de amor neſſes teus olhos,
Que animadas eſtrellas
Nortes luzidos ſaõ de hum peregrino,
Que em votivos ardores
Offerece lacrimoſo em teus altares
Dous liquidos incendios em dous mares.

ARIA A DUO.

Proteo. Se acaſo te eſqueceres
Das lagrimas, que choro,
A fé, com que te adoro,
Lembrarte ſaberá.
Cyren. Naõ cabe na memoria
Teu loco deſvarîo,
Pois de teu pranto o rio
Do Averno ſó ſerá.
Proteo. Ah, lembra-te de mim,
Que terno te adorey.
Cyren. Eſquece-te de mim,
Que tua naõ ſerey.
Proteo. Mal poderey eſquecerme,
Cyren. Mal poderey lembrarme,
Ambos. De taõ violento ardor.
Proteo. Porque tanta impiedade,
Cyrene infiel, porque?
Cyren. Porque faltar naõ devo
De eſpoſa à ſacra fé.
Ambos Oh falte o meu alento,
Mas naõ o meu amor.

Fim do primeiro Acto. ACTO

PARTE II.

SCENA I.

Sala. Sahem ElRey, e Polibio.

Rey. JA' que as Princezas vivem eſtimuladas das deſattenções de Nereo, e Proteo, abreviar as nupcias ſerá o unico remedio, para que ceſſe o ſeu eſtimulo. Polibio tenho determinado, que hoje ſe conclua o regio Hymenêo de meus filhos: eſpero da tua diligencia, que no exterior apparato conheçaõ as Princezas a eſtimaçaõ, que dellas faço.

Polib. A teus pés proſtrado, Senhor, te rendo as graças por taõ grande mercê, pois tambem me competem as glorias deſte dia.

Rey. A ti, porque?

Polib. Por ter a fortuna de ver coroada a Cyrene, já que tive a dita de ſer ſeu conductor.

Rey. Com iſto ſe atalhaõ as deſordens dos Principes; que a dilaçaõ às vezes he cauſa de grandes ruinas.

Polib. Acertos saõ da tua prudencia : na brevidade consiste a minha fortuna.

à part. e vaise.

Sahe Dorida.

Dorid. Vossa Magestade, Senhor, me permitta a liçença de embarcarme para Egnido na armada, que me trouxe infaustamente a Flegra, porque se naõ augmente mayor injuria à minha pessoa ; pois quem antes de ser esposo me desestima, que posso esperar depois, quando as faculdades de marido ignorarem totalmente os estylos do carinho ?

Rey. Dorida a essa desconfiança brevemente satisfarey ; e adverte, que Proteo he meu filho, e naõ faltará às obrigações de seu sangue.

Sahe Cyrene.

Cyren. Senhor, como no Principe Nereo naõ busco honras, nem estados, pois estes, e aquelles me deu a fortuna, e a natureza, ainda que feudataria a teu vasto imperio ; e como na doce unjaõ de Hymenêo deve só reger a vontade as leys do amor, e naõ as da razaõ de estado, e em Nereo tudo saõ politicas no seu amor ; digo, Senhor, que quero irme para Beocia, por naõ soffrer o meu genio, que haja de se amar em mim, ou a poste-

posteridade, ou a ascendencia, ficando vacilante na divisaõ do culto a independencia do amor.

Rey. Rigorosos Deoses, como assim ides trocando em pezares as minhas bem fundadas esperanças? Princezas, essas desconfianças saõ demasiados escrupulos de huma fantazia indiscreta. Em Dorida a queixa he mais bem fundada; mas em ti, Cyrene, he sem fundamento o estimulo; pois naõ posso comprehender essa metafisica de amor. Em fim, Senhoras, porque naõ suspeite o Mundo nesses regressos mayor causa do que essa, hoje se completará esse Hymenêo, e entaõ vereis desvanecidos os vossos temores.

Dorida, e Cyrene com os lenços nos olhos.

Dorid. Já naõ ha tempo de esperar esse desengano; e quando naõ me permittas licença, nas correntes de meu pranto navegarey para Egnido.

Cyren. E eu voarey para Beocia nas azas de minhas penas.

Rey. Haverá quem possa resistir a tantos martyrios!

Canta ElRey a seguinte
ARIA.

Refrea o pranto, Dorida,
Cyrene, naõ lamentes,
Naõ mais, naõ me atormentes,
Que póde ser que troques
As magoas em prazer.
Desterra o medo panico, *Para Cyren.*
Alenta no receyo, *Para Dorid.*
Alenta, pois, que creyo,
Que contra o meu imperio
O mal naõ tem poder. *Vaise.*

Cyren. E que desgraça foy a nossa, Dorida, ou para melhor dizer a minha, pois tenho hum esposo, que adora mais os meus progenitores, do que a mim; porque tudo he encarecerme a minha ascendencia, amando mais o passado, do que o presente!

Dorid. Pois eu, Cyrene, em nenhum tempo sou amada; vê tu qual he mayor infelicidade?

Cyren. Em Proteo será respeito esse desvio; pois me consta he extremoso amante.

Dorid. Sabes mais, do que eu.

Sahem Caranguejo, e Mareſia, cada hum por ſua parte, ſem verem as Princezas, como fallando ſó comſigo.

Mareſ. Por mais que me matem, naõ hey de caſar.

Carang. Naõ hey de caſar, ainda que me matem.

Dorid. Ha loucura ſemelhante! O peyor he que eſta criada eſtá com o meſmo delirio! Mareſia, que tens? Comunicoute eſte ſimplez a tua loucura?

Carang. Aqui ſe deſcobre a patranha. *à p.*

Mareſ. Minha Senhora, quero embarcarme para a minha terra; porque neſta, ou hey de morrer, ou hey de caſar; e eu nem quero caſar, nem morrer.

Dorid. Ainda mais eſſa pena tenho, que ſentir, vendo-te neſſe eſtado! Eſtá tambem louca confirmada! Que te parece, Cyrene?

Cyren. Será força de aſtro, que influa neſte hemiſferio.

Mareſ. Senhora, eu me quero embarcar por naõ morrer.

Dorid. Ha caſo igual!

Carang. Senhoras, digaõ-lhe que ſim, que ſe lhe contradizem, he capaz de ſe matar.

Mareſ. De ſórte que eu fiz voto de caſtidade

dade a Diana; e assim. . . . .

Carang. Sim, sim, o que tu quizeres.

Maref. Naõ me deixarás, Caranguejo?

Carang. Muy doidinha estás! Vaite daqui; naõ vês, que estás diante das pessoas Reaes?

Maref. Pois eu aqui naõ hey de dar a oslada, isso naõ. *Vaise.*

Cyren. E a ti louco, quem te ha de reprehender?

Carang. Eu louco? He muy boa casta de louco este! Louco seria eu, se por amor de meu irmaõ me casasse contra vontade: isso naõ; ainda que meu pay me lançasse a maldiçaõ com a maõ direita.

Dorid. Cala-te, nescio, que te aborreço.

Cyren. Muito se declara o fingido simplez. *à part.* Quem he teu amo?

Carang. Eu sou huma virgula delRey Ponto, e quando estamos juntos fazemos ponto, e virgula.

Dorid. Cyrene, diverte-te com o louco, que eu vou sentir meus males. *Vaise.*

Cyren. Anda cá, fingido; cuidas, que naõ penetro as tuas simuladas frazes?

Carang. Isso mesmo he o que eu queria.

Cyren. Quem taõ atrevidamente te industriou?

Ca-

Carang. Hum louco de amor.

Cyren. Quem he eſſe louco?

Carang. He cá huma creatura, que por mais que lhe diſſe, Senhor Proteo, veja que a Senhora Cyrene, que aſſim ſe falla em auſencia, he eſpoſa de ſeu irmaõ Nereo, e que naõ póde caſar com ella; porque ainda que queiraõ os contrahentes, haõ de haver grandes impedimentos: mas elle, afferrando os dentes, bateo o pé na caſa, e pondo a maõ no peito diſſe: ou Cyrene ha de ſer minha, ou eu naõ hey de ſer eu.

Cyren. Com que Proteo concebeo taõ atrevido penſamento?

Carang. Naõ Senhora, naõ foy Proteo, foy cá huma creatura.

Cyren. Adverte que a naõ querer fazer publica eſſa temeridade, experimentarias o caſtigo de teu arrojo. Vai-te daqui inſolente, antes que a colera domine a prudencia.

Carang. Tudo iſſo lhe diſſe eu: parece que adevinhava, pois lhe diſſe: olhe creatura, que a Senhora Cyrene ſe ha de enfadar: vay a creatura, e dizme: Bom remedio, quando vires, que ſe agaſta, dize, que eſtás louco: com que, Senhora, naõ faça caſo, do que diz hum lou-

louco ; e aſſim tornando ao meu lucido intervallo, digo, que naõ hey de caſar, ainda que me matem. *Vaiſe.*

Cyren. Quem ſe vio em mayor enleyo! Mas já que a ambiçaõ de meu pay fabricou eſte engano, porque naõ quizeſtes, injuſtos fados, que vieſſe deſtinada eſpoſa de Proteo, no qual a cegueira de ſeu amor naõ diſtinguiria qualidades para amar, como em Nereo, que...

Sahe Nereo.

Nereo. Venturoſo Nereo, que ouvio pronunciar o ſeu nome neſſe vivo Oraculo de Venus!

Cyren. Ay de mim! Se me ouviria? Naõ ouviſte mais, que o teu nome?

Nereo. Eſſa foy a ultima clauſula, que te ouvi.

Cyren. Bem eſtou. *à p.* Pois ſe naõ ouviſte mais, ouve agora, o que naõ ouviſte.

Sahe Proteo ao baſtidor.

Proteo. Buſcando venho o prodigio, que adoro: mas com Nereo eſtá; ay infeliz!

Nereo. Naõ dilates o venturoſo diſcurſo de quem foy aſſumpto à minha felicidade.

Cyren. Dizia, pois: que ſeja poſſivel, que naõ encontre em Nereo hum verdadeiro amor, que deſluſtre o luzido da ſua cham-

chamma com os fumos da politica! Que ame em mim mais o fangue do que as veas! Que venere o pincel, e naõ eſtime a copia! Oh que indigno amor! Iſto dizia, Nereo; e ſe queres deſtruir eſte conceito, muda o ſyſtema do teu amor.

Nereo. Eſſa diviſaõ, que intentas fazer da formoſura, e da qualidade, he impraticavel na minha idéa; e ſenaõ dize-me: ſeria decente, que para eſpoſa minha eſcolheſſe outro ſujeito, menos que huma Princeza?

Cyren. Ay de mim! *à part.*

Nereo. Reſponde.

Cyren. Aſſim he.

Nereo. Reſponde-me mais: ſeria licito, que inflammado em huma vulgar formoſura, abateſſe o eſplendor da Mageſtade, antepondo o meu ardor ao meu decóro? Como ſe conſervaria a nobreza, ſe ſó o amor foſſe o director dos Hymenêos? Em fim, Cyrene, naõ imagines, que deſeſtimo a tua formoſura, por eſtimar a tua grandeza; que quando as adoro unidas, naõ ſey diſtinguir a cauſa de meu amor.

Proteo. Que ouça iſto, e que viva!

Cyren. O amor, Nereo, deve ſer diſtin-

cto,

&to, e naõ indifferente; que quanto mayor he a cauſa, donde ſe origina, tanto mais efficaz he o ſeu effeito: a qualidade póde infundir veneraçõés, mas naó amor; a formoſura he aquelle vinculo mais forte, que prende a vontade; e como ſó a chamma do amor ha de arder na ſacra têa de Hymenêo, faltando-te a occaſiaõ deſſe amor, naõ ſerá luzido o teu Hymenêo.

Proteo. Notavel capricho de Cyrene!

Nereo. Enſina-me a fazer eſſa differença, para ſaber no que erra o meu amor.

Cyren. Has de imaginarme, naõ Princeza, porém huma particular formoſura, a quem ſó como amante tributes adoraçõés.

Nereo. E para que he eſſa differença?

Cyren. Porque ſe algum dia perturbarem os fados eſta proſperidade, que gozamos; arruinado o throno, quebrado o ſceptro, e murcho o laurel, naõ me deſeſtimes, porque já naõ ſou Princeza.

Nereo. Quando tal aconteça, contentar-me-hey, com que tenhas ſido Princeza; e porque te naõ canſes com mais explicaçõés de amor, eſte he o ultimo deſengano, que te dou.

Can-

Canta Nereo a Aria, que se segue, e o seguinte

RECITADO.

Deixa, Cyrene, deixa esse exquisito
Novo modo de amar, que em meus ardores
Naõ distingo outro modo de quererte,
Neste extremo de amarte,
Mais que hum puro adorarte,
Com taõ cega violencia,
Que confundo em meu peito o requisito,
Que em enigmas propões a meus sentidos,
Pois que essa formosura me persuade.
Que belleza naõ ha sem Magestade.

ARIA.

Se em Mayo ostenta a rosa
Os timbres de formosa,
Naõ deve à formosura
As glorias de Princeza,
Que a Purpura, que veste,
Lhe deu a investidura
De bella Imperatriz.
Pois só, se na belleza
Amor se vinculára,
Que cedo le acabara
Do tempo nos estragos
A pompa dos Abris. *Vaise.*

Sahe Proteo.

Proteo. Acaso, belliſſima Cyrene, vive ainda na tua memoria aquelle efficaz extremo de mpu amor?

Cy-

Cyren. Naõ me lembres tanto, que às vezes o muito lembrar faz eſquecer.

Proteo. Pois nem queres, que te lembre a minha conſtancia?

Cyren. Para que, ſe me naõ eſquece? Que mais queres?

Proteo. Nada mais; eu me retiro. *Quer ir-ſe.*

Cyren. Ouves? Naõ tornes mais a lembrar-me. *Faz que ſe vay.*

Proteo. Adverte, que te naõ has de eſquecer.

Cyren. De que?

Proteo. Que deſejara, ſe poſſivel foſſe, naõ ſeres quem es.

Cyren. Para que?

Proteo. Para amarte independente da tua grandeza, pois baſtava para fazerme feliz, poſſuir a tua belleza em qualquer eſtado da fortuna.

Cyren. Que ouço? Apurarey a ſua fineza. *à part.* Naõ vês, que naõ eſtaria bem ao teu caracter menos eſpoſa, que huma Princeza?

Proteo. Em hum Principe ſem amor aſſim he; mas quando ſe ſente abrazar o coraçaõ na formoſura, rompem-ſe as leys da politica, e ſe promulgaõ as de Cupido.

Cyren. Pois a naõ ſer eu quem ſou, me ado-

adoraras com o meſmo extremo?

Proteo. Eu naõ adoro em ti mais, que a belleza, de cujo peregrino imperio ambicioſo dera, pelo conſeguir, quanto poſſuo: ainda he pouco, dera a liberdade: nada encareço, dera a meſma vida, ſe tudo já naõ tivera conſagrado em os tyrannos altares de teu rigor.

Cyren. Como ſabes ſer impoſſivel deixar de ſer quem ſou, por iſſo affectas eſſa fineza.

Proteo. O' Cyrene, pelos Deoſes do imperio do mar, e do abiſmo te juro, que as expreſsões, que me ouves, naõ ſaõ fantaſticas, ſenaõ verdadeiros effeitos de meu amor.

Cyren. Baſta, Principe, que iſſo he mais, que lembrarme o teu querer.

Proteo. He lembrarte com as circunſtancias, com que te adoro.

Cyren. Mas já ſabes, que ſem a eſperança do premio.

Proteo. Baſta-me naõ viver ignorado na tua idéa, por naõ haver premio, que correſponda a meu amor, nem merecimento, que contraſte a tua iſençaõ.

SONETO.

Naõ intento favores merecerte,
Cyrene, quando chego a idolatrarte,
Que excedendo os limites só de amarte,
Nunca os principios toco de quererte.
Com razaõ poderias offenderte,
Se ambicioso chegara a desejarte,
Que para ser mais fino no adorarte,
Sem premio o sacrificio hey de incenderte.
Amar, naõ he querer, que impura ardera
A chamma de Cupido, se esperara
Fsutos, adonde tudo he Primavera;
E se acaso, ò Cyrene, imaginara,
Que na tua belleza premio houvera,
Pelo premio a belleza desprezara. *Vaise.*

Cyren. Se direy a Proteo quem sou, para estabelecer melhor a minha fortuna? Mas como, se Dorida, e Nereo embaraçaõ a minha prosperidade? Em Nereo vacilla a Coroa; em Proteo tenho constante Sceptro: oh desgraçada Cyrene! A tua felicidade te faz mais infeliz.

Sahe Polibio.

Polib. Chegou o venturoso dia, em que se haõ de coroar as nossas esperanças com o diadema da posse; pois ordenou ElRey, que hoje se concluaõ os hymenêos dos Principes.

Cy-

Cyren. Mas, Senhor, naõ te lembraõ as palavras de Nereo?

Polib. Nem tudo o que ſe diz, ſe executa.

Cyren. E ſe o executar?

Polib. E que remedio, ſenaõ obedecer aos fados? Que ſe todos os ſucceſſos ſe premeditaſſem, nenhuma acçaõ extraordinaria ſe intentaria. Vamos, que na brevidade conſiſte muita parte da noſſa fortuna.

Cyren. Eſpera, Senhor, que póde ſer, que ſem ſuſto a conſigamos.

Polib. Dize.

Cyren. Proteo me adora taõ exceſſivamente, que chegou a publicar entre varias expreſsões do ſeu amor, que ainda a naõ ſer eu Princeza, como ſuppoem, me faria eſpoſa ſua, e revalidou com taes juramentos, que me fez perſuadir a ſua realidade.

Polib. Saberá acaſo, que tu es minha filha?

Cyren. Naõ Senhor: e parecia-me, que ſe pudeſſe eu ſer de Proteo, e...

Polib. Cala-te, naõ pronuncies tal, que para iſſo aſſim ſer, dependia do conſentimento delRey, da vontade de Nereo, e do beneplacito de Dorida; quanto mais, que protexto decoroſo para iſſo poderia ha-

haver? Sigamos o premeditado deſignio, que os Deoſes nos ſeraõ propicios. *Vaiſe.*

Cyren. Já nem eſperanças tenho de ſer feliz, pois vejo fruſtrados todos os meyos que podiaõ fazerme ditoſa.

Canta Cyrene a ſeguinte

ARIA.

Miſera já naõ poſſo
Fugir à crueldade,
Se hum pay me perſuade
Que ſiga o vil deſtino
De hum barbaro furor.
Parece-me, que vejo
Nos braços de Nereo
A morte por trofeo
Do ſeu cruel amor. *Vaiſe.*

SCENA II.

Gabinete adornado de cadeiras, e hum Relogio; e ſahe Mareſia.

Mareſ. SE Dorida me naõ manda para a minha terra, ſou capaz de me enforcar pelas minhas mãos; pois antes quero ſer eu carraſca de mim meſma, que dar eſſe goſto a Caranguejo. Mas ay de mim, que me naõ poſſo ter em pé, que de continuo conſiderar na materia, cayo

cayo com vertiges! Ay, ay, que tenho o miolo fofo! Se me naõ sento, cayo de narizes. Que seria de mim, se naõ fora o balsamo apopletico, que me corrobora o celebro?

Assenua-se em huma cadeira, que subitamente se transforma em Caranguejo, em quem ficará assentada Maresia, cuidando que está na cadeira.

Carang. Já que Maresia está de assento, verey se posso surrepticiamente aproveitarme de seus culatraes favores, já que taõ atrazado estou no seu amor.

Maref. Se naõ fora este voto de castidade, que me dera a mim de casar?

Carang. Agora, que amor navega vento em popa, verey quanto peza este Indiatico planeta.

Maref. Se eu tivera a certeza, que Diana se naõ havia enfadar, já me casara robo lindo: mas eu peccadora, como o hey de saber? Bem podia Diana, vendo à barafunda, em que me acho, naõ digo cara a cara, mas dizerme ao ouvido o que neste caso devo obrar.

Carang. Casar.

Maref. Que ouço! Ditosa orelha, que tal outriste! Logo posso sem offenderte casar?

Carang. Até rebentar.

Maref. Bem: viſto iſſo o voto naõ val de nada?

Carang. Nada.

Maref. E a promeſſa val de pouco?

Carang. Como hum coco.

Maref. Naõ tenho mais, que ouvir: vou-me depreſſa á dar ordem a namorarme para caſar, antes que Diana ſe arrependa.

Quer levantarſe, e a detem Caranguejo.

Carang. Suſpenda.

Maref. Quem me agarra?

Carang. A minha garra.

Maref. Es tu Caranguejo? Ha mayor inſolencia! Eu aſſentada em ti! Como foy iſtó?

Carang. Eu o naõ direy: o que ſey he, que eſtando aſſentado em hum tamborete, vieſte tu, e te ſentaſte nas minhas cadeiras.

Maref. Tal eſtava com as vertigens, que naõ reparey aonde me aſſentava: e tu porque te naõ deſviaſte?

Carang. Eſtava dormindo, e naõ te ſenti.

Maref. Por iſſo eu dizia comigo: valha-me Deos, que duro he eſte aſſento!

Carang. Por iſſo eu tambem dizia: valha-me amor, que molle he eſta aſſentada! E logo

logo aſſentey comigo fazer diſſo hum aſſento no canhenho de minha memoria.

Mareſ. Ouvirias tambem o que eu ouvi?

Carang. Que ouviſte tu?

Mareſ. Naõ, dize tu primeiro.

Carang. Naõ quero, dize tu.

Mareſ. Eu naõ hey de dizer, ſem tu dizeres.

Carang. Com que eſtamos aqui dize tu, direy eu? O que eu ouvi foy huma voz, ou hum ecco ſuſſurrante, que dizia azar, azar.

Mareſ. Caſar he que dizia.

Carang. Caſar diria, ainda que eu naõ ouvi mais do que azar; porém caſar, e azar tudo he o meſmo.

Mareſ. Já ſey, que naõ foy fantaſia, nem me enganey no que ouvi.

Carang. Pois que era?

Mareſ. Naõ era nada: que te importa?

Carang. A mim dous caracoes; nunca tive genio de inqueredor; o que me importa ſaber he, ſe ainda eſtás com eſtomago de ſer ſacrificada, que o tempo ſe vay acabando, e Venus já me preguntou: eſta moça caſa, ou naõ caſa? E eu fiz, que a naõ ouvia, por ouvirte o ultimo deſengano: pois que dizes?

Mareſ. Senhor Caranguejo, eu já eſtou reſoluta a caſar.

Carang. Eu ſempre diſſe, que tu morrias por caſar.

Mareſ. Quero caſar, que hey de fazer?

Carang. Que dizes, minha Mareſia? Dá cá hum abraço em alviçaras deſſa boa nova.

Mareſ. Abraço? Huma balla.

Carang. Que deſaballado rigor!

Mareſ. Quero, que Venus me deva eſſa fineza.

Carang. Ella te agradecerá; porém agora he neceſſario eſcolher marido logo, e já.

Mareſ. Ahi com tanta preſſa! Hey de eſcolher muito de meu vagar.

Carang. Qual vagar? Venus he muy executiva, que ſe todas diſſeſſem, ainda naõ eſcolhi marido, com eſſe pretexto nunca caſaria: naõ Senhora, eſcolher logo, ou para melhor dizer, naõ eſcolher, ſenaõ fechar os olhos, e caſar, ſeja com quem for.

Mareſ. Iſſo agora he mais apertado.

Carang. Naõ tem remedio.

Mareſ. Com quem hey de caſar, ſe naõ conheço ninguem?

Carang. Lança os olhos por eſta caſa; vê vê, ſe achas aqui, com quem te empregues.

Mareſ. Aqui, fóra elle, naõ eſtá ninguem.

Ca-

Carang. Pois casa com esse elle.
Maref. Que? Comtigo!
Carang. Comtigo naõ, comigo.
Maref. Pois hey de casar comigo.
Carang. Naõ, com eu.
Maref. Ora isso he o que me faltava; antes morrer, que casar comtigo.
Carang. Pois eu sou mais feyo, que a morte?
Maref. Sim, que pódes ser morte da morte.
Carang. Naõ me mortifiques com esse elogio funebre.
Maref. Era o que me faltava.
Carang. Talvez que te falte, quando me buscares.
Maref. Se for para isso, nunca tu appareças.

Canta Mareſia a ſeguinte

ARIA.

Naõ vem o meu noivo
Como he galantinho?
Com esse fucinho
Queria mulher?
Que tolo, q simples, q necio he vosê?
Bem sey naõ mereço
Taõ lindos amores;
Porém taes favores
Os lanço de mim co-a ponta do pé.

Vaise. Ca-

Carang. Ora, Senhores, digaõ o que quizerem; a tal Mareſia ſe naõ federa, era huma galante mocetona; porque ainda que me naõ quer, diſſe me quanto quiz.

Sahe Cyreno.

Cyren. Louco, que fazes ahi?

Carang. Eſtava vendo eſte relogio, que he huma galante peſſa; e me diſſeraõ, que dava horas por minuetes, que parece gente, que canta.

Cyren. Começa com as tuas loucuras.

Carang. Naõ Senhora agora naõ tenho o relogio deſconcertado: mas eſpere, que elle começa a dar horas.

Canta Próteo o ſeguinte

MINUETE.

Toda a minha alma
Se abraza amante,
E a cada inſtante
Morrendo eſtá:
Mais que os minutos
Saõ meus ardores,
Nos teus rigores
Conta naõ ha.
Mas ay, tyranna,
Se a quem te adora
Foſſe eſta hora
Hora de amar!

Cyren. Iſto hemais, que artificio humano! Confuſa eſtou!

Carang. Eſtou vendo, que ha de vir tempo, em que os relogios comaõ, e caſem, e tenhaõ filhos.

Cyren. Quem me dera, que tornaſſe a repetir eſta ſuaviſſima conſonancia.

Carang. O relogio he de repetiçaõ; ſe o quer tornar a ouvir, toque lhe naquelle ferrinho, e verá.

Cyren. Tu parece que ſabes o ſegredo deſte relogio.

Carang. Sim, Senhora, o ſegredo deſte relogio ſó eu, e elle o ſabemos.

Cyren. Pois faze, com que repita.

Carang. Para que? Toque Voſſa Alteza meſmo com o ſeu altiſſimo dedo; que tem mais galantaria a maõ de huma Senhora no moſtrador de hum relogio.

Cyren. Pois eu toco. Masay de mim! Proteo, como aſſim.....

Toca Cyrene no relogio, e eſte ſe transfórma em Proteo.

Proteo. Naõ te admires, Cyrene, que buſque o meu amor artificios, para communicarte; que donde naõ vence a força dos carinhos, vencaõ as ſubtilezas da induſtria. Tu ſabes o quanto te adoro; naõ ignoras o extremo, com que te idolatro

latro; e quantos mais impossiveis encontro para possuirte, mais incentivos me arrastaõ para quererte.

Cyren. Principe, o teu amor, ou o teu delirio naõ póde ter recompensa: naõ sabes, que estou destinada esposa de teu irmaõ, e que estás eleito consorte de Dorida? Como poderá huma paixaõ cega vencer tantos impossiveis, e difficuldades?

Proteo. Logo se as naõ houvera, conseguiria a tua belleza?

Cyren. Para que, se tu amas independente do premio?

Carang. Se dá corda ao relogio, naõ parará hum instante. *à part.*

Proteo. Ainda que ame sem esperança, naõ desmereço o premio.

Cyren. Isso mesmo he esperar o premio do merecimento.

Proteo. Naõ, que bem posso merecer sem esperar.

Carang. Se espero que isto se acabe, tenho bem que esperar. *à parte, e vaise.*

Proteo. Só huma supplica te faço.

Cyren. E he?

Proteo. Que naõ busques os braços de teu esposo, que naõ serão tão firmes, como os meus.

Se-

Sahe Polibio ao baſtidor.

Polib. Que vejo! Cyrene, e Proteo! Obſervarey o que dizem.

Cyren. Naõ ſey ſe me declare com Proteo, que aquella fineza naõ he para deſprezar. *à part.*

Proteo. Que te ſuſpendeo, Cyrene? Imaginas nos obſtaculos, que propozeſte? Pois ſabe, que tenho no mar poder, e no peito fogo para conſumir a mais forte oppoſiçaõ.

Cyren. Ay Proteo, quem pudera experimentar a tua conſtancia! Mas temo declararte. . . . .

Polib. Ay de mim, que Cyrene ſe declara!

Proteo. Naõ recees, que deſeſtime a occaſiaõ de poſſuir eſſa ventura, que me negas tyranna.

Cyren. Promettes, Proteo? Ay de mim! Naõ ſey o que digo! Se acaſo ſouberes... Que enleyo me embaraça?

Polib. Eſtou perdido, ſe lhe declara o ſegredo!

Proteo. Que receas? Naõ ſabes o meu amor?

Cyren. Pois Proteo, já que o teu extremo me ſegura o receyo, ſaberás que eu,

Se-

Sahe Polibio.

Polib. Eu lho eſtorvarey. *à part.* Senhora, ElRey ordena, que venhas já, para que ſe effeitue hoje o Hymenêo.

Cyren. Ay de mim!

Proteo. Hoje meſmo?

Polib. He vontade delRey.

Proteo. Naõ póde haver dilaçaõ?

Polib. Nenhuma: vem, Senhora.

Proteo. Eſpera, Polibio, que celeridade he eſſa?

Polib. He obedecer aos imperios do Soberano.

Proteo. Obedece, mas naõ excedas; que iſſo mais parece violencia, que obediencia.

Polib. Mais val o exceſſo em hum vaſſallo, que a deſobediencia em hum filho.

Proteo. Tu me reprehendes, barbaro, foraſteiro? Naõ te lembra, que vieſte de Beocia a mendigar favores em Flegra? Se naõ fora. . . . .

Cyren. Senhor, Polibio nos ſeus annos tem a deſculpa de ſeu exceſſo.

Polib. Senhor, como ElRey manda, que naõ vá ſem a Princeza, todo o exceſſo he louvavel. Senhora, naõ te dilates.

Cyren. Principe, he força obedecer.

Proteo. Pois vás com effeito ao Hymenêo?

Po-

Polib. Infallivelmente.

Proteo. Naõ te pergunto a ti; com Cyrene fallo.

Polib. Pois eu por ella reſpondo, que deixar de ir ſerá impoſſivel.

Proteo. E eu tambem por ella reſpondo, que ir naõ póde.

Polib. Eu ſem ella naõ hey de ir.

Proteo. E eu mando, que vás ſem ella.

Polib. Cyrene naõ he Dorida.

Proteo. E eu ſou Proteo, que huma vez empenhado em impedirte, que leves a Cyrene, o naõ has de conſeguir.

Cyren. Principe, que te perdes! Polibio, que fazes?

Polib. Obedecer a ElRey.

Cyren. Principe, adeos: vou ſem alma! *à part.*

Proteo. Eſpera. Ay de mim, que a vida, e o coraçaõ me levas! *à part.*

Polib. Venha voſſa Alteza, que aſſim importa.

Proteo. Pois barbaro inſtrumento de minha morte, roubarey a tua vida, em recompenſa da que me levas.

Puxa Proteo hum punhal contra Polibio, e foge a Cyrene; que ſe mete de premeyo, e cahe deſmayada.

Polib. Que intentas?

Cy-

Cyren. Suſpende, Senhor: mas ay que me feriſte, e o ſangue.... ay de mim!

Proteo. Que vejo! Cyrene (ay infeliz!) enſanguentada! Ah cruel, que tu foſte a cauſa....

Polib. A tua imprudencia.... Ha tormento igual! Senhora? Cyrene?

Proteo. O ſangue he copioſo. Mas eu vivo, e Cyrene deſmayada! Eu me tirarey a vida para caſtigo de meu innocente delicto: morre, infeliz Proteo.

Ao querer ferirſe Proteo, Polibio o detem, tirando-lhe o punhal, e fica com elle na mão.

Polib. Senhor, que fazes? Naõ ſejas homicida de ti meſmo.

Proteo. De que me ſerve a vida, vendo ſem vida a Cyrene?

Polib. Larga o punhal; naõ te mates.

Proteo. Naõ he neceſſario mais inſtrumento para a minha morte, que a minha pena. *Vaiſe.*

Sahem ElRey, Nereo, Dorida, e Mareſia.

Rey. Que exceſſo he eſte?

Nereo. Ay de mim! Cyrene enſanguentada!

Dorid. Sem alentos Cyrene!

Rey. Que foy iſto, Polibio?

Polib. Quem ſe vio em mayor afflicçaõ! *à part.*

Rey,

Rey. Emmudeces? Naõ reſpondes?

Nereo. Queres mais repoſta, que aquelle punhal, e aquelle ſangue?

Rey. Retirem a Princeza, e cuide-ſe exactamente na ſua ſaude.

Mareſ. Vamos: coitadinha! Ainda aſſim o ſangue real he vermelho como os outros ſangues. *Leva a Cyrene.*

Rey. Dize, infame, temerario, que eſpirito ſacrilego animou eſſe braço para tanto inſulto?

Nereo. Naõ perguntes, caſtiga ſem dilaçaõ.

Polib. Senhor, que direy? Eſte braço naõ ſe armou contra Cyrene, porque....

Rey. Pois quem, ſe eſſe punhal te contradiz?

Nereo. Aquella ferida te condemna.

Dorid. E aquelle ſangue te accuſa.

Polib. E eſta vida me falte, ſe eu....

Nereo. Em vaõ negas, quando vemos em ti o punhal, e em Cyrene o golpe.

Polib. Oh Deoſes! Quem ſe vio em mayor conſternaçaõ? Pois ſe crimino a Proteo, ha de prevalecer a ſua defeza, e a minha innocencia perecerá. *à part.*

Rey. Nenhuma deſculpa dás?

Polib. Cyrene o dirá.

Rey. Pois em quanto o naõ diz, levem-no à tor-

à torre de Palacio, aonde ſe apure o ſeu delicto, e da ſua culpa o caſtigo fique ao arbitrio de Nereo, como parte mais offendida.

Polib. Naõ póde haver caſtigo, aonde naõ ha culpa.

Canta Polibio o ſeguinte Recitado, depois do qual cantaõ ElRey, Dorida, Nereo, e o meſmo Polibio a Aria a quatro.

RECITADO.

Naõ me aſſuſta, ò Monarca eſſe caſtigo,
Que me intimas irado,
Que o ſangue de Cyrene idolatrado
Derramar naõ procura, quem o eſtima,
Qual outro pay; porém ſe a ſorte impia
Pretende aſſim, que eu morra,
Morrerey ſatisfeito; mas adverte,
Se acaſo a minha vida
A ſua duplicara hoje no throno,
Eu ſeria homicida de mim meſmo,
E já na morte exangue
Lhe ſervirá de purpura o meu ſangue.

ARIA A 5.

Polib. Sem culpa ao ſupplicio
Me leva hum rigor.
Rey. Infame, traïdor,
Sem culpa naõ he.
Nereo. Naõ he; porque a culpa
Bem clara ſe vê.

Polib.

Polib. Teu rogo propicio *Para Dor.*
Senhora interceda
Por eſte infeliz.
Dorid. Naõ poſſo, que a culpa
Deſculpa naõ tem.
Polib. Naõ ha quem acuda
Por eſte infeliz?
Dor. Rey. Ner. Naõ ha; porque a culpa
Bem clara ſe vê.
Polib. Que eu morro innocente
Vós Deoſes ſabeis.
Dor. Rey. Ner. Da juſta vingança
O exemplo ſereis.
Polib. Da injuſta vingança
Aos Ceos clamarey.
Dor. Rey. Ner. Os Deoſes fulminem
Hum grave caſtigo,
Que a hum barbaro dê.

Fim do ſegundo Acto.

PARTE III.

SCENA I.

Jardim, em que estará sobre huma pilastra hum vaso de amor perfeito, e em outra mais inferior, outro de cravos amarellos, e sahe ElRey Ponto.

Rey. QUem me aconselhará em tantos combates de duvidas, quantos assaltaõ a este afflicto coraçaõ? Deixo as imprudencias dos Principes na desattençaõ das Princezas, como mal que póde ter remedio; mas a ferida de Cyrene naõ tem cura na minha magoa. Que furor fulminado do cavernoso Abysmo impellio o peito de Polibio para tanto excesso? Naõ cabe na imaginaçaõ o seu atrevimento.

Sahe Cyrene.

Cyren. Senhor, a teus pés....

Rey. Que excesso he este, Cyrene? Como te vejo neste lugar ainda mal convalecida?

Cyren. A ferida naõ foy taõ grave, como se

se imaginou, pois a penas penetrou a regiaõ da cutis; porém, ainda que fora mortal, nem por isso deixaria de vir a teus pés.

Rey. Que causa póde obrigarte a tanto excesso?

Cyren. A liberdade de Polibio, por quem Senhor intercedo; e se o meu valimento póde merecerte alguma attenção, espero da tua benignidade, satisfaças ao empenho do meu desejo.

Rey. Quando eu cuidava, que vinhas a fomentar o teu castigo, vens a interceder pela sua liberdade?

Cyren. Por isso mesmo, porque a vingança naõ cabe em peitos generosos.

Rey. E que diria o Mundo, vendo impunido hum taõ grave delicto?

Cyren. Melhor he, que o Mundo ignore, que houve atrevimento em hum vassallo para crime taõ execrando; que ha casos às vezes, em que he melhor dissimular a culpa, que castigar o delicto.

Rey. E naõ pódes penetrar o designio desta temeridade de Polibio, ou que interesse buscava na tua morte?

Cyren. Naõ sey mais, que pedirte a sua liberdade.

Rey. A Nereo, como parte mais offendi-

da, entreguey a culpa de Polibio; delle depende a ſentença; a elle pódes recorrer. *Vaiſe.*

Cyren. Ay de mim! Que ſendo Proteo o que me feriſſe, ſeja Polibio o culpado? Mas Polibio, que ſe naõ deſculpou com Proteo, moſtrando a ſua innocencia, ſem duvida que o quer conſervar para o fim de ſeus intentos. Ay amado pay, quantos extremos te devo, pois pela minha fortuna offereces a tua vida! Mas para que neſte oceano de confuſões ſaiba o norte, que devo ſeguir, lhe enviarey hum aviſo occulto nas flores de hum ramilhete, para que com eſta cautella ſe encubra o meu deſignio. Eſte amor perfeito ſeja o inſtrumento de minha fortuna.

Ao tirar hum ramo de amor perfeito, deſapparece a pileſtra, e o vaſo, ficando em Proteo, em cuja maõ ſe une a de Cyrene, cuidando que pega na flor.

Ay de mim! Que vejo? Atrevido Proteo, ſolta-me a maõ, naõ queiras com os diſfarces de flor encubrir os venenos de aſpide, que tu naõ es o amor perfeito, que eu buſco.

[*Canta Proteo o seguinte Recitado, e Aria.*

RECITADO.

Amor perfeito sou, Cyrene bella,
Que inundado da copia de meu pranto
Ao Empyreo se estende a minha rama;
Que só no Ceo de fogo busco a chamma,
Como centro feliz de meu incendio;
E se aquella ferida,
Bellissima homicida,
Augmenta teu rigor nessa impiedade,
Huma casualidade
(Ay de mim!) destruir naõ póde aquella
Doce esperança, que me promettias;
Mas se a innocente culpa, que naõ tenho,
Teus rigores augmenta,
Verás [oh impia sórte!]
Buscar na minha dor a minha morte.

ARIA.

Se Amor, se a Parca irada
Qualquer tirarme intenta
A vida, que me alenta;
Mais val que eu seja, [ò bella]
Triunfo, naõ da morte,
Despojo, sim do amor.
Pois quando afflicto intento
Buscar mayor tormento,
Morrendo só de amante,
Será o penar mayor. *Quer irse.*

Cyren. Eſpera, Proteo, que naõ te crimino, para te caſtigares; bem ſey, que eu meſma me entreguey ao golpe, quando intentava ferir a Polibio.

Proteo. Tambem ſey, que eu, ainda que innocente, fuy o inſtrumento de teu eclypſe; e ainda que no ſagrado de tua belleza acha immunidade a minha culpa, permitte-me, Cyrene, que a ſatisfaça morrendo.

Cyren. Naõ he tempo agora de ouvir finezas; ſabe que Polibio. . . . .

Proteo. Já ſey, que a Polibio ſe imputou o delicto de ferirte, e que prezo eſtá na torre de Palacio.

Cyren. E ſabe, que por te naõ criminar, conſentio mudamente no crime, que ſe lhe impoz: agora Proteo, he eſcuſado lembrarte a obrigaçaõ, em que eſtás de o libertares, como Principe, e como generoſo; que he razaõ te empenhes em defender huma innocente vida, que pela tua tranquilidade ſe expoem ao mais funebre cadafalſo.

Proteo. Suppoſto ſeja Polibio o inſtrumento de minha ruina na celeridade de teu Hymenêo; com tudo, como te empenhas na ſua liberdade, por ella exporey a minha vida; que morrer por ti, ô Cyrene,

rene, naõ he novidade no meu amor.

Cyren. Naõ he neceſſario por ora tocar o ultimo extremo da fineza; vença a induſtria primeiro, e depois a deſeſperaçaõ; e ſó eſſa acçaõ poderá perſuadirme a tua conſtancia.

Proteo. Pois ainda della duvidas?

Cyren. Sim; pois até o preſente naõ experimentey em ti mais, que variedades na tua fórma: deixa pois o mudavel, e sê firme na efficacia de tua fineza.

Proteo. Ainda que tenha por natureza o mudavel, iſſo he quanto ao exterior, pois todas eſſas mudanças, ſaõ demonſtrativos de minha firmeza.

Cyren. Pois, Principe, na liberdade de Polibio a experimentarey.

Proteo. Na liberdade de Polibio o verás.

Ao irem-ſe, ſahem ao encontro Nereo a Cyrene, e Dorida a Proteo.

Dorid. O que ha de ver, Cyrene?

Proteo. Na vida de Polibio o caſtigo de ſua temeridade. *Vaiſe.*

Nereo. Que intentas experimentar?

Cyren. A tua fineza na liberdade de Polibio, a pezar dos empenhos de Proteo.

Nereo. Ah tyranna, que bem percebo a tua induſtria! *à part.*

Cyren. E aſſim, Nereo, eſpero da tua gene-

nerosidade, que libertes a Polibio; que com este premio lhe satisfaço o ter ditoso instrumento de eu posfluir a felicidade de esposa tua, na conduçaõ de Beocia para Flegra.

Nereo. Parece, que algum susto, ou perplexidade te fez mudar a intençaõ de tua supplica.... Ah tyranna! *à part.*

Cyren. A ancia, que tenho de libertar a Polibio, quando me afflige o coraçaõ, naõ me perturba o acordo, para pedirte a sua liberdade.

Nereo. Para te ostentares generosa, basta saberse, que intercedeste por Polibio; mas eu como duas vezes offendido na sua vida vingarey as minhas offensas. *Vaise.*

Cyren. Que se falte ao respeito a huma esposa, e a huma Princeza! Dorida, intercede tambem por Polibio, que talvez seja mais venturosa a tua supplica.

Dorid. Pede a Proteo, que naõ deixará de satisfazer ao teu empenho; que eu me embarco para Egnido sem dilaçaõ, pois já conheço a causa, donde nascem os desvios de Proteo.

Cyren. Donde, Dorida?

Dorid. Donde naõ imaginava, Cyrene. *Vaise.*

Cyren. Ay infeliz, que Proteo me incanta pre-

precipitar com ſeus extremos, pois do ſemblante de Nereo, e das palavras do Dorida infiro os zelos, em que ſe abrazaõ! Ah Proteo, já que tu es a cauſa de todos os meus males, sê algum dia inſtrumento de minha fortuna.

Canta Cyrene a ſeguinte

ARIA.

Fortuna, que inconſtante
Te oſtentas rigoroſa,
Quando ſerey ditoſa?
Quando ſerey feliz?
Suſpende por hum pouco
Teu moto acelerado,
Naõ ſeja ſempre o fado
Cruel a huma infeliz. *Vaiſe.*

Sahe Mareſia.

Mareſ. Agora me diſſe Dorida, que me preparaſſe, que nos haviamos embarcar para a noſſa terra; iſſo já havia ſer ha mais tempo; e ſem dizer nada a Caranguejo, me hey de deſpedir em Grego; que ainda he peyor, que em Latim; e quantos traſtes, e cacaréos tiver, tudo hey de levar comigo. E para ſacrificar a Diana Deoſa dos boſques, levarey eſte craveiro de cravos amarellos, em memoria da deſeſperaçaõ, em que me poz o ſacerdotiſo Caranguejo; e aſſim já o

vou

vou levando, ainda que seja ao collo:

Ao tomar Maresia o craveiro nos braços, se transforma este em a figura de Caranguejo, e diz Maresia o seguinte.

Maresia. Mas ay! Que diabo he isto?

Carang. Naõ he diabo; sou eu mesmo, que sou endiabrado.

Maresia. Es tu? Deixa-me negro mofino.

Carang. Mofina es tu, que nenhum favor me dás.

Maresia. Larga-me, senaõ hey de chamar a que delRey.

Carang. E eu hey de chamar a que de Venus.

Maresia. Tu naõ queres?

Carang. Quero, quero.

Maresia. Pois toma. *Atira com elle ao chaõ.*

Carang. Só isso me pódes dar; mas cahindo a teus pés, naõ quero mayor fortuna.

Maresia. He muito atrevido: com enganos comigo?

Carang. Deixemos isso, Maresia, que já naõ estamos nesses termos, pois só a teus pés prostrado poem a boca hum Caranguejo amante; e te pede com lagrimas de sangue, que se has de escolher marido: que seja este pobre mendigo de teus favores, pois nisso farás huma obra pia; porque sou hum moço orfaõ sem pay, nem mãy. *Ma-*

Maref. Já naõ ſe me dá de Venus; porque hoje me embarco, e mais Dorida, e nos vamos deſta maldita terra.

Carang. Iſſo he fallar.

Maref. Quando o vires, ou quando me naõ vires, entaõ o crerás.

Carang. Naõ poderas ter feito iſſo ha mais tempo, e eſcuſar de andar dando tratos ao juizo, empenhando-me com Venus, pedindo-lhe amoratorias para te eſperar, ficando eu por teu fiador, abonando a tua peſſoa? Iſto tudo tenho obrado a teu reſpeito, e agora, que ha de ſer de mim?

Maref. Cada qual forra a ſua pelle.

Carang. E a minha ha de ficar cativa, para Venus me tirar do coiro a fiança?

Maref. Que tenho eu com iſſo?

Carang. He boa eſſa! Naõ Senhora, que eu fiquey por voſsê, que havia de caſar mais dia, menos dia; e agora quer eſcapolir? Nada: mandado de ſegurança no caſo.

Maref. Eu naõ vou por minha vontade, que Dorida me leva.

Carang. Pois caſa primeiro, antes que te vás, ainda que ſeja comigo, e vaite depois muito embora, que iſſo baſta para eu ficar liberto no forro interno.

Ma-

Maref. Qual caſar? Se eu por amor diſſo me vou; e comtigo muito menos.

Carang. Eſſe menos, he que he o mais.

Maref. O que poſſo fazer, he deſpedirme de ti: ſe queres, direy que te fiques embora.

Carang. Eu ſempre ouvi dizer, que quem ſe deſpede, ſe abraça, e ſe me has de abraçar, deſpeçamo-nos já.

Maref. Hum abraço Francez naõ ſe nega a ninguem. *Abraça-o.*

Carang. Ora ſeja pela vida, e ſaude do Senhor ſeu pay: abraçada ſeja a tua alma todos os dias da tua vida.

Cantaõ Caranguejo, e Mareſia a ſeguinte

ARIA.

Maref. Senhor Caranguejo,
Adeos, que me vou:
Carang. Lá vay o meu bem,
Meu mal me matou.
Maref. Naõ chore, barbado,
Voſsê he rapaz?
Carang. Amor he que chora,
Que amor he rapaz.
Maref. Adeos, que me vou
Carang. Naõ digas tyranna,
Ambos. Adeos, que me vou.
Maref. Oh quanto me cuſta
Deixarte ſem mim!

Ca-

Carang. Oh quanto me aſſuſta
Ficarme ſem ti!
Ambos. Porém paciencia,
Que na agua do pranto
Amor ſe affogou. *Vaiſe.*

SCENA II.

Sala. Sahem Nereo, e Cyrene.

Cyren. HE poſſivel, Nereo, que os rogos de huma eſpoſa naõ tenhaõ valimento na tua attençaõ?

Nereo. Por iſſo meſmo, que para que ſe ſaiba o quanto eſtimo a minha eſpoſa, hey de moſtrar o quanto ſey vingar a ſua offenſa.

Cyren. Se eu demitto de mim eſſa offenſa, já te naõ fica acçaõ para a caſtigar.

Nereo. As offenſas da eſpoſa ſaõ reciprocas ao eſpoſo; e ſe da tua parte demittes a injuria, da minha naõ perdoo a offenſa: òlá, tragaõ aqui a Polibio, para que veja Cyrene no ſeu caſtigo o meu amor.

Cyren. Barbara fineza he eſſa, Nereo: quem vio mayor deſgraça! *à part.*

Sahe Polibio com cadeas, e Guardas.

Polib. A' tua preſença chega o infeliz Polibio, e taõ infeliz, que pela meſma acçaõ

çaõ, que devera ſer premiado, ſe vê na conſternaçaõ de perder a vida.

Cyren. Mal poſſo conter as lagrimas.

Nereo. Polibio, já ſabes, que ſou o Fiſcal de tua culpa; do caſtigo naõ duvides; porém para que ſeja menos horroroſo o eſpectaculo, quero me digas, qual foy o fim de taõ enorme delicto?

Polib. Que delicto?

Nereo. Ainda te atreves a negar, ou imaginas, que naõ delinquiſte?

Polib. Sim, porque naõ offendi a Cyrene.

Nereo. Naõ intentes negar hum delicto, que naõ tem defeza, que quaſi aos noſſos olhos foy çomettido; ſó quero me digas quem te impellio a tanto exceſſo?

Polib. Senhor, eu naõ offendi a Cyrene; ella ſabe a minha innocencia.

Nereo. Pois quem?

Polib. Cyrene o dirá.

Nereo. Cyrene, ſe queres a vida de Polibio, porque naõ declaras o offenſor?

Cyren. Ay infeliz! Que farey entre hum pay, e hum amante? *à part.*

Nereo. Que dizes? Mas nada digas, que o teu ſilencio eloquente me diz, que foy Polibio; que ſe naõ foſſe, quando lhe deſejas a liberdade, accuſarias o delinquente: naõ tenho mais, que averiguar:

guar: ſeja Polibio conduzido ao Templo de Aſtréa, aonde no rigor da juſtiça pague com a vida o ſeu delicto.

Chegaõ os guardas a levar a Polibio.

Cyren. Eſperay, que Polibio naõ he o delinquente.

Nereo. Pois quem, Cyrene?

Cyren. Que direy! Oh abyſmo de confuzões! *à part.*

Nereo. Levay a Polibio, que Cyrene o condemna.

Polib. Vamos, que hum reſpeito me crimina. *Vay andando.*

Cyren. Vença ao amor a natureza: ſuſpendey, que eu declaro quem foy o delinquente.

Nereo. Saõ eſcuſados eſſes artificios para ſuſpender a execuçaõ: levem a Polibio, que elle hé o delinquente.

Cyren. Naõ he, Nereo; naõ he: eu he que fuy a delinquente.

Nereo. De que ſórte?

Cyren. Deſta ſórte: como determinava El-Rey a brevidade do noſſo Hymenêo....

Sahe Proteo com eſpada, e Soldados tambem com ellas, e Caranguejo armado.

Nereo. Que he iſto, Proteo?

Proteo. Libertar a Polibio, para que a ſupplica de Cyrene naõ fique ſem ſatisfaçaõ decente à ſua peſſoa. *Ne-*

Nereo. Pois tu intentas deſpicar as injurias de minha eſpoſa?

Proteo. Naõ: mas as injurias de huma Dama offendida, ſim.

Cyren. Mayor damno ſe vay originando. *à p.*

Polib. Proteo obra como Principe. *à part.*

Carang. Hoje ha de ir tudo com Berzabú.

Nereo. Proteo, enlouqueceſte? Naõ ſabes o perigo a que te expões?

Proteo. Já ſey.

Nereo. Pois que intentas, ſe o ſabes?

Proteo. Defender a Polibio.

Nereo. Como?

Proteo. Deſta ſórte. *Brigaõ.*

Carang. Ay que aqui eſtá o homem! Que he iſſo lá?

Nereo. Inſolente Proteo, ſaberey caſtigar a tua temeridade.

Polib. Valha-me o valor de Proteo.

Cyren. Nereo, Proteo, que intentas? Ay de mim! Polibio, retira te.

Polib. Naõ poſſo, que as prizões me embaraçaõ.

Proteo. Polibio, ſegue-me.

Nereo. Naõ em quanto eſta eſpada ſe unir a eſte braço.

Carang. Ah cobardes, hoje ha de ſentir o Mundo as mordeduras deſte Caranguejo.

Sahem ElRey, e Dorida.

Rey. Que insulto he este? Que he isso, Principes? Suspendey as armas.

Proteo. Fruſtrou-se o meu intento. *à part.*

Dorid. Que laſtimoſa tragedia!

Carang. Bom padrinho tiveraõ.

Rey. Nereo, que exceſſo foy este?

Nereo. Arrojo de Proteo, que com esta violencia intentou libertar a Polibio, por ſatisfazer aos empenhos de Cyrene.

Rey. Temerario Proteo, como ſem attençaõ ao decóro deſte Palacio com maõ armada aſſim o profanas?

Carang. Ponto de interrogaçaõ.

Proteo. Senhor, hum precipitado empenho naõ repara em attenções; que a cega paixaõ, que predomina em meu peito, naõ ſabe diſtinguir a purpura, mais que a do ſangue, que intento verter pela liberdade de Polibio.

Rey. Barbaro louco, imprudente, aſſim me reſpondes? Naõ ſabes, que ſou teu pay, e teu Rey? Levem-no preſo, e junto com Polibio ſeraõ ambos victimas de Aſtréa. Quem vio mayor inſulto!

Caraug. Ponto de admiraçaõ.

Proteo. Mais me vangloria com eſſe caſtigo, pois quando naõ poſſo defender a Polibio, ao menos me ſervirá de deſcul-

pa

pa o naõ ter vida para libertallo.

Cyren. Eſpirou a minha eſperança, e eu com ella. *à part.*

Dorid. Sem embargo das ingratidões de Proteo, por elle ſupplico, Senhor.

Rey. Naõ peças por hum ingrato.

Dorid. Baſta-lhe ter o nome de eſpoſo meu.

Rey. Deixa, Dorida; deixa, que ſe vinguem em hum ſó caſtigo tantas offenſas: ſejaõ levados, como digo, ao Templo da Juſtiça, aonde no ſeu ſangue ſe purifiquem as ſuas culpas.

Polib. Naõ val a minha innocencia contra eſſe rigor?

Cyren. Naõ póde o meu pranto abrandar eſſa dureza?

Proteo. Naõ ſe attende ao meu caracter?

Rey. Naõ póde, naõ val, naõ ſe attende: levay-os. *Vaiſe.*

Carang. Aquillo he ponto final.

Cyren. Cruel eſpoſo, porque naõ te jactes, que triunfas de minhas lagrimas, naõ has de ter o prazer, de que eu veja a execuçaõ de tua vingança: pois deſeſperada buſcarey quem me vingue deſta injuria. *Vaiſe.*

Polib. Os Ceos mostrarão a minha innocencia. *Vay com os guardas.*

Nereo. Vá tambem eſſe tyranno irmaõ pertur-

turbador do ſocego de meus ſentidos.

Proteo. Naõ ha de ter eſſa jactancia. *à part.*

Dorid. Vê Nereo, que contra hum irmaõ he indigno eſſe procedimento.

Nereo. Se ſouberas, Dorida, o que eu naõ ignoro, naõ intercederas por elle.

Dorid. Quem nunca o ſoubera! *à part.*

Carang. Saõ boa caſta de irmãos eſtes! Por elles ſe póde dizer: *quando fratres ſunt boni, ſunt bonifrates.*

Nereo. Em que vós detendes, que o naõ levais?

Proteo. Na fórma delRey me transformarey. *à part.*

Transforma-ſe Proteo na figura delRey.

Nereo. Levay-o: naõ me obedeceis?

Soldad. A quem, Senhor?

Nereo. A Proteo.

Soldad. Proteo naõ eſtá aqui.

Nereo. E eſſe quem he? Mas que vejo! Senhor, Voſſa Mageſtade como aqui, e Proteo? Eſtou confuſo! Que illuſaõ he eſta?

Proteo. Se Proteo naõ apparece, buſquemno, que importa naõ ficar ſem caſtigo. *Vaiſe.*

Carang. Ficaraõ paſmados: o certo he, que eu, e meu amo, ſomos dous.

Nereo. Dorida, naõ viſte a Proteo ficar

entre os guardas, quando ſe auſentou ElRey?

Dorid. Naõ ha duvida.

Nereo. Pois como Proteo, ſem que o viſſemos, deſappareceo? e ElRey eſtava entre os guardas?

Carang. He que foy preciſo fazer dous pontos na oraçaõ.

Dorid. He caſo maravilhoſo!

Nereo. Que fugiſſe Proteo, ſem que delle pudeſſem os meus zelos vingarſe! O'lá toda eſſa comitiva, que armada veyo com Proteo na ſublevaçaõ, ſeja conduzida ao mais eſcuro carcere.

Carang. Boas noites tenhaõ voſſas mercês.

Nereo. E haja particular vigilancia neſſe criado.

Carang. Sempre obrigado: cá para nós naõ he neceſſario ceremonias. He bem feito! *à part.*

Dorid. Nereo, eſſe criado he louco.

Carang. He verdade; nem tal me lembrava.

Nereo. E como ſabes, que he louco?

Dorid. Pelo ter viſto varias vezes.

Carang. Eſſa ainda he melhor! Que? Prenderme para caſar? Pois deſenganem-ſe, que ainda que me matem, naõ hey de caſar.

Dorid.

Dorid. Com aquella teima anda ſempre.

Nereo. Eſſe por louco, pois o abona Dorida, fique, e levem os mais.

Levaõ os guardas os que vieraõ com Proteo.

Carang. De boa eſcapey! Vi a morte diante dos olhos. O certo he, que a vida dos neſcios, e loucos he mayor, que a dos entendidos. *à parte, e vaiſe.*

Dorid. Nereo, naõ te afflijas com tanto exceſſo, buſcando na tua pena a tua morte, que mais importa a tua vida.

Nereo. Ay Dorida, que o meu ſentimentó por inexplicavel he mais ſenſivel!

Dorid. Aprende de meu ſoffrimento, pois ſentindo o meſmo mal, que tu padeces, procuro ſuavizallo com o retiro. *Vaiſe.*

Nereo. Dorida com prudencia me deu a entender os ſeus zelos: ay infeliz, que já com duplicado indicio póde dazafogar publicamente a minha dor nos zelos de Cyrene! Ah Princeza indigna de taõ ſoberano epitheto! Oh Proteo aleivoſo, digno de eterna infamia nos annaes da memoria! Huma contra as ſoberannias do caracter, outro contra as leys da lealdade, e da natureza, ſe armaraõ inſtrumentos de minha magoa no tormento de meu ciume.

Canta Nereo a seguinte

ARIA.

Selvatica féra
Da brenha mais toſca
Se encreſpa, ſe enroſca,
Se a cara conſorte
Nos braços encontra
De amante rival.
Se o ruſtico inſtincto
De hum bruto padece,
Deſculpa merece
Huma alma abrazada
Dos zelos no mal. *Vaiſe.*

SCENA III.

Templo de Aſtréa, com o ſimulacro da Juſtiça.
Sahe Mareſia.

Mareſ. COm eſtas embrulhadas de Palacio anda tudo taõ mexido, e remexido, que eſtou vendo como ſe ha de ſahir deſta mexuda: o que mais finto, he dilatarſe o noſſo embarque por cauſa das traições do Senhor Polibio, que ſem alma, nem conſciencia, quiz tirar ſangue donde o naõ havia: pois hey de regalarme de o ver pernear.

Sa-

Sahe Caranguejo.

Carang. Aqui ſe pagaõ ellas: vês como o teu peccado te trouxe por teu pé ao miſerando ſupplicio no Templo de Venus?

Mareſ. Que dizes? Eſte he de Venus o Templo?

Carang. Aſſim dizem os contemplativos.

Mareſ. Pois a Eſtatua de Venus he daquella ſórte?

Carang. Sim Senhora; mas naõ me admira, que naõ conheça a Venus, quem naõ quer caſar.

Mareſ. Venus com os olhos tapados, mais me parece Cupido, que Venus.

Carang. He que a formoſura tem o amor nos olhos.

Mareſ. Mas ſe he mulher, porque traz eſpada?

Carang. Por amor dos virotes, que dá na gente.

Mareſ. E as balanças, que ſignificaõ?

Carang. He para pezar as finezas; mas adverte, que aquellas balanças naõ tem fiel, porque todas as Venus ſaõ fallas.

Mareſ. Ora muito me contas.

Carang. E tu nada me dizes do caſamento?

Mareſ. Verdade he, que já fazia tenção de caſar.

Ca-

Carang. Filha as tenções livraõ as almas, mas naõ os corpos.

Maref. Eu fim caſara comtigo; porém naõ ſey que te diga.

Carang. Naõ ſey como a Mareſia te naõ faz vomitar tudo quanto tens no bucho.

Maref. Naõ ſey como es; naõ ſey, que te falta, para ſeres de meu goſto.

Carang. Nada me falta, porque o teu rigor me tem acabado.

Maref. Acabado fim, mas naõ perfeito.

Carang. E pluſquam perfeito: ora dize, leve o diabo paixões, aonde havias tu achar, quem mais te quizeſſe? Por ti ſendo muito limpo, me fiz hum porco; por ti me fiz cadeira de braços, para ter pé de te poſſuir; e finalmente por ti me amortalhey em hum craveiro de cravos de defuntos, para renaſcer como bicho de ſeda no capulho de teu agrado; e ſe tudo iſto te naõ move, vê de que ſórte me queres, que para tudo ſou de cera.

Canta Caranguejo a ſeguinte

ARIA.

Tomara fazerme
Em mil pedaçinhos,
Por ver ſe os carinhos

Te

Te poſſo colher:
Se queres me ver
Gigante, aqui eſtou: *Faz-ſe Gigante.*
Vê lá como ſou
Aſſim tamanhaõ?
Se ques, que me abaixe
Serey hum Anaõ. *Faz-ſe Anaõ.*
Mas naõ, Anaõ naõ,
Que Anaõ he agoiro,
Serey tamanhaõ. *Faz-ſe Gigante.*
Se aſſim naõ te agrado,
Serey deſgraçado,
Mas naõ feanchaõ.

Maref. Baſta com tanto deſengonçamento. Mas ay, eſpera, deixa-me eſconder naquelle cantinho, que lá vem hum homem correndo a quatro pés, muito afroſſurado com huma faca na maõ. *Eſconde-ſe.*

Carang. Eſpera, aonde te vás eſconder?

Sáhe Proteo com hum punhal na maõ.

Proteo. Junto à ara do ſacrificio de Aſtréa, me occultarey, e com eſte punhal matarey o barbaro executor da juſtiça, quando intente tirar a vida a Polibio.

Carang. Ah caſo igual! Senhor, vens-te meter na boca do lobo? Já que te tranſformaſte em Ponto taõ pontualmente, para eſcapar das garras de Nerco, como

lhe

lhe queres agora cahir nas unhas? Para que, Senhor?

Proteo. Ou para matar, ou para morrer; que ſe hey de perder a Cyrene, que importa que perca a vida?

Carang. Ainda aſſim, aquillo de viver he bom para a ſaude.

Proteo. E tu como pudeſte eſcapar, acompanhando-me tambem?

Carang. Pelo privilegio de louco, que he muy grande; que ſe eu tivera entendimento, donde eſtaria a eſtas horas?

Proteo. E Cyrene, (ay de mim!) que diz?

Carang. Ella alli vem, e Dorida.

Proteo. Occultarme quero, como diſſe. Amor, ſe es Deidade, favorece os meus intentos.

Eſconde ſe Proteo junto à Eſtatua da Juſtiça; e ſahem Cyrene acelerada, e Dorida detendo-a.

Dorid. Cyrene, que exceſſo he eſte? Naõ attendes ao teu decóro? Aonde caminhas precipitada?

Cyren. Dorida, naõ eſtou em mim; que queres que faça huma deſeſperada, huma afflicta, e huma infeliz?

Dorid. Retiremo-nos, antes que ſe horroriſe a viſta com o funeſto eſpectaculo de Polibio, que já caminha para eſte Templo de Aſtréa. *Cy-*

Cyren. A iſſo meſmo he que venho, naõ por ver a ſua tragedia, mas por impedir a ſua morte.

Dorid. Para que te empenhas em hum impoſſivel, quando Nereo impellido, naõ ſey de que occulto ſentimento, intenta vingarſe na ſua vida? Porêm já occupados os pórticos de huma immenſa turba, mal nos poderemos retirar.

Tocaõ tambores.

Carang. Grande trovoada ſe vay armando!

Cyren. Ay que a vida ſe me vay acabando! Nem Proteo apparece para mayor pena minha! Que farey ſó, e afflicta, em tanta multidaõ de pezares?

Sahem ElRey Ponto, Nereo, e depois Polibio com guardas; e ſahe Mareſia donde eſtava eſcondida.

Rey. Com effeito, naõ tem apparecido Proteo?

Nereo. Parece que a terra o tragou por caſtigo de ſeu delicto.

Rey. Ay Proteo! Quem pudera.... Mas naõ, naõ merece piedade hum filho ingrato.

Nereo. Agora verá Proteo, ſe póde libertar a Polibio, que nas Aras de Aſtréa, hoje ha de ſer victima de ſeu rigor.

Can-

Canta Polibio a Aria, e o seguinte

RECITADO.

Astréa Soberana,
Sagrada filha do brilhante Olimpo,
Como assim consentes, que huma innocencia
Profane teus altares
No impuro sacrificio,
Que incender hoje intenta huma impiedade?
Mas já sey, infeliz, que como es cega
Naõ verás da sentença a iniquidade;
Ouve ao menos os miseros clamores
Desta inculpavel vida,
Pois naõ pede a Justiça,
Ver no Templo de Astréa huma injustiça.

ARIA.

Se o recto instrumento,
Que vibras ingente
De huma alma innocente
Castigo naõ he:
Ao duro supplicio
Impávido vou:
Naõ fujo, naõ temo
Da morte os horrores,
Que a rigida espada
Em vida inculpada
Já mais penetrou.

Querendo Polibio caminhar para a Estatua de Astréa, o impede Cyrene.

Cyren. Aonde vás, Polibio? Espera.

Polib.

Polib. Quem me defende?

Cyren. Cyrene te ampara.

Rey. Tu naõ pódes impedir a execuçaõ da juſtiça.

Nereo. Execute-ſe a ſentença.

Carang. Embargos temos. *à part.*

Cyren. Naõ póde executarſe a ſentença; porque ſendo falſa a culpa, naõ póde ſer a pena verdadeira.

Nereo. Se elle a naõ contradiz, que mais evidencia póde haver? Morra Polibio.

Cyren. Polibio eſtá innocente; affirmo, que me naõ podia offender.

Rey. Porque?

Cyren. Rompa-ſe o ſilencio por huma vez. *à part.* Porque he meu pay.

Nereo. Rey. Teu pay Polibio? Que dizes?

Polib. Cahio a machina de minha idéa. *à p.*

Cyren. Senhor, meu pay he Polibio, naõ o duvides.

Polib. Naõ ſou pay de Cyrene: naõ dilates, Senhora, com eſſe engano o teu Hymenêo; deixa, que eu morra; que pouco preço he huma vida, para comprar hum Reino.

Rey. Que mais podia excogitar a tua induſtria, para libertar a Polibio?

Nereo. A ſentença ſe execute ſem dilaçaõ.

Cyren. Soberano Monarca, naõ ſaõ induſtrias

trias da idéa, saõ realidades da natureza; Polibio he meu pay.

Rey. Como póde isso ser, se tu es filha delRey de Beocia ?

Cyren. Attende-me, e saberás: Naõ ignoras as revoluções, e guerras, que houve em Egypto, aonde Polibio foy cabeça de huma parcialidade; e como esta ficasse superada, se retirou a Beocia comigo, e ahi me deixou occulta em a rustica montanha de huma Aldea, para que o furor inimigo naõ triunfasse de minha innocencia: passou Polibio a Flegra a servirte, como sabes, a quem déste o caracter de Embaixador para Beocia a conduzir a sua Princeza para esposa de Nereo: chegando Polibio a Beocia, achou ser falecida aquella Princeza, tambem chamada Cyrene; e dissimulando o motivo, me trouxe a mim para Nereo; querendo com esta industria verme coroada Princeza.

Proteo. Se será illusaõ o que ouço? *à part.*

Cyren. E já que este impensado acaso descobrio este engano, a teus pés, Senhor, eu, e Polibio, pedimos perdaõ desta temeridade, para que hum delicto verdadeiro seja indulto de outro, que o naõ he.

Rey.

Rey. Ha caſo mais extraordinario!

Nereo. Nem alentos tenho para reſpirar.

Dorid. Prodigioſo ſucceſſo!

Mareſ. Quando eu vi, que tinha o ſangue vermelho como o meu, logo duvidey, que foſſe de ſangue Real. *à part.*

Carang. E o que mamou de Altezas à chucha calada! *à part.*

Polib. Deſta ſórte, Senhor, conhecido quem ſou, bem ſe vê, que naõ podia intentar a morte de Cyrene.

Rey. Pois como tinhas o punhal na maõ?

Polib. Porque querendo matarme Proteo, Cyrene commovida do amor de filha, ſe meteo de permeyo, e caſualmente a ferio Proteo; ficando o ſeu punhal por outro ſemelhante incidente na minha maõ.

Rey. Quanto deſſe crime eſtás perdoado; mas naõ ficará ſem caſtigo eſſe, que maquinaſte para coroar a Cyrene. Dize, atrevido, e infame Polibio, como fabricaſte taõ pernicioſo engano em ludibrio de minha Coroa, perdendo por tua cauſa Proteo a Patria, e eu a ſua companhia?

Nereo. Deixa, Senhor, que eu vingue eſſa offenſa, pois eu era o alvo do ſeu engano; e aſſim, fementido, barbaro, traidor, em meus braços.... *Ao*

Ao acometter Nereo a Polibio, sahe Proteo.

Polib. Naõ ha quem me soccora?

Proteo. Proteo te defenderá; suspende o furor, Nereo.

Cyren. Oh extremoso amante! *à part.*

Rey. Proteo, es tu, ou he engano da fantasia, o que vejo?

Nereo. Ainda intentas amparar a hum traidor?

Cyren. Nereo, se acaso aquelle apparente nome de esposa póde conciliar no teu peito algum affecto; rogo-te, que releves os excessos de huma indiscreta ambiçaõ.

Nereo. Ainda te atreves, fementida, tyranna, a lembrarme o nome de esposa? Por isso intentavas com cautellas, que te adorasse como bella, e naõ como Princeza? Pois agora, que naõ variey de systema, naõ sendo tu quem eu imaginava, desprezo a tua formosura, por naõ ser adornada de Magestade.

Carang. Esso mismo quiere la mona.

Proteo. Pois na minha estimaçaõ tanto val a formosura de Cyrene, como a mais egregia Princeza; e assim, Rey, Pay, e Senhor, a teus pés prostrado te peço, me dês a Cyrene por esposa, que supposto naõ seja filha delRey de Beocia, o no-

o nobre sangue de Polibio, e à sua belleza, pódem compensar hum incidente da fortuna.

Rey. Que dizes, Proteo? Enlouqueceste acaso?

Proteo. Se me negas esta ventura, com este punhal me tirarey a vida, pois sem Cyrene tudo he morrer.

Rey. E a Dorida como se ha de satisfazer?

Dorid. A' vista daquelle extremo de amor, que posso esperar? Logre Cyrene essa fortuna.

Rey. Como Dorida consente no desejo de Proteo, e Nereo demitte a Cyrene, naõ posso difficultar a tua supplica: Cyrene he tua, Proteo.

Proteo. Amada Cyrene, na tua belleza consigo o mayor imperio.

Cyren. E eu no teu amor a mayor fortuna.

Polib. Sempre se logrou o meu intento: ditosa idéa!

Rey. Dorida, se acaso quizeres, que Nereo seja teu feliz esposo, com essa dita se alcançará hum completo prazer.

Dorid. Naõ posso resistir ao teu preceito.

Nereo. Nem eu deixar de agradecer essa benevolencia, quando acho em ti a qualidade, que só adoro unida à tua belleza.

Ca-

Carang. Maresia, quéres tu agora sacrificarte a casar comigo por descargo de tua consciencia?

Mares. Mais val hum ruim concertò, que huma boa demanda; anda casemos, que ao menos em hum marido tenho hum escravo.

Carang Pois entaõ leve o diabo paixões; todos ficaõ acommodados, e satisfeitos com as suas consortes, e Proteo mais que nenhum, pois com as suas variedades, e mudanças, mostrou a mayor firmeza nos amores de Cyrene.

Proteo. E já que os fados prosperaraõ os meus intentos, repita outra vez o alternado accento em festivos jubilos.

C O R O.

1. *Coro.* Em hora ditosa
Venha Cyrene,
2. *Coro.* Em hora festiva
Dorida venha.
1. *Coro.* A ser de Nereo,
2. *Coro.* A ser de Proteo,
Ambos. Esposa feliz.
1. *Coro.* Os prados com flores,
2. *Coro.* Com perlas os mares,
Ambos. Os Sceptros esmaltem
De eterno matiz.

F I M.

PRE-

PRECIPICIO
DE
FAETONTE,
OPERA QUE SE REPRESENTOU no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Janeiro de 1738.

ARGUMENTO.

TAges, irmaõ de Tirreno, Rey de Italia, uſurpa eſte Reino, o qual pertence a Egeria, Ninfa do Eridano, e filha de Tirreno. Faetonte, filho do Sol, e reputado por filho de hum Paſtor de Theſſalia, vendo o retrato de Egeria, rendido lhe tributa o ſeu amor; e para melhor o dar a conhecer a Egeria, ſahe de Theſſalia, e ſe occupa na Italia em acções do agrado deſta Ninfa; por cuja cauſa ſahe de Theſſalia o Magico Fiton em ſeguimento de Faetonte, para o deſviar deſte amor, por quanto ainda neſte tempo ignorava Faetonte o ſeu verdadeiro pay, e Fiton lhe receava a ruina, quando

do o chegaſſe a conhecer. Eſtabelecido Faetonte nos agrados de Egeria, eſta para reſtaurar o Reino pelas acções daquelles, que a pretendiaõ, para eſte fim uſa occultamente prometter a maõ de eſpoſa a Mecenas, e a Faetonte, em que conſiſtem os mayores lances deſta Hiſtoria. Albano, Principe de Liguria, pretende ſer eſpoſo de Iſmene, filha de Tages. Eſte, quando Faetonte ſe declara filho do Sol, o pretende para eſpoſo de Iſmene, e para o de Egeria a Albano; os quaes fingidamente ſe declaraõ amantes com a ferida dos zelos. Apparece Apello, e declara a Faetonte por ſeu filho: eſte lhe pede faculdade para gyrar na carroça do Sol. Reſiſte Apollo; porém inſtando Faetonte, lho concede; e eſte depois à viſta de Egeria ſe vê precipitado no Eridano. O mais ſe verá no contexto da Hiſtoria.

INTERLOCUTORES.

Faetonte, *Filho do Sol.*
Albano, *Principe de Liguria.*
Mecenas.
Tages, *Rey.*
Fiton, *Barbas, Magico.*
Chichisbeo, *Criado de Faetonte.*

Egc-

Egeria, *Primeira Dama, sobrinha de Tages.*
Ismene, *Segunda Dama, filha de Tages.*
Chirinola, *Criada de Egeria.*

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Bosque frondoso nas Ribeiras do rio Eridano.*
II. *Sala.*
III. *Camera.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Sala.*
II. *Selva.*
III. *Gabinete bem adornado.*
IV. *Templo de Hymeneo.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Camera.*
II. *Sala.*
III. *Bosque, como no principio.*

PARTE I.

SCENA I.

Boſque frondoſo nas Ribeiras do rio Eridano. Em quanto Faetonte canta o ſeguinte Recitado, irá ſahindo Egeria em huma concha tirada por dous Delfins.

RECITADO.

Faet. EGeria peregrina,
Do ſagrado Eridano Ninfa bella,
Deixa o ceruleo, errante, trono vago,
Em que habitas Deidade;
Que ſe aguas procuras em taes magoas
Vem a meus olhos, q̃ tãbem tem agoas.

Canta o Coro.

Alenta, reſpira,
Galhardo Paſtor,
Pois vês, que a teu rogo
Partido o cryſtal
Se abrazaõ as aguas
Em fogo de amor.

Faet. Se da Italica eſféra
Tutelar Divindade te appellidas,

Am-

Ampara hum peregrino,
Que a teu ſacro Eridano ſacrifica
Outro rio em ſeu pranto: oh quanto temo,
Que unido o ſacrificio à Divindade,
Se inunde o Orbe em liquida impiedade!

CORO.

Alenta, reſpira,
Galhardo Paſtor, &c.

Faet. Outra vez, e mil vezes
Te buſco impaciente,
Por ver ſe rigoroſo meu deſtino
Nos influxos brilhantes de teus rayos
Acha ſeguro aſylo, e o paſſo errante
De hum animo conſtante
Encaminha propicia, porque vejas,
Que idolatra numéra em vagos gyros
Tantos os votos, quantos os ſuſpiros.

CORO.

Alenta, reſpira,
Galhardo Paſtor, &c.

A eſta ultima clauſula do Coro, deſembarca Egeria, e canta a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Hum peregrino affecto
Me occupa o coraçaõ, quando inquieto;
Nem as aguas do mar, ou meus ſuſpiros,
Surcando em dous mil gyros

Me deixaõ reſpirar, porque em meu peito
Me abraza o cego ardor de amor perfeito.

ARIA.

Naõ ſey que novo affecto
Sinto no amante peito;
Só ſey, que o ſeu effeito
Me obriga a te adorar.
Do teu doce attractivo
Já ſente o amante peito;
E à vida naõ compete
Goſto mais ſingular.

Eger. Errante peregrino, a cuja viſta commovido o Eridano divide o cryſtal de ſuas aguas, para multiplicar a tua fórma nos ſeus eſpelhos; que incognito attractivo occultas em ti, pois até eu, como Deidade deſtas aguas, te eſtou amando, ſem ſaber a cauſa, porque te quero?

Faet. Naõ ſey, Egeria, naõ ſey; pergunta aos Aſtros, de cujos influxos ſe originaõ as ſympatias: ſó ſey, que haverá tres dias, que occulto me tens neſte frondoſo boſque, verdes o beliſcos do Eridano, mais como foragido, que como habitante.

Eger. Tambem ſabes, que em todo eſſe tempo naõ mereceraõ os meus agrados arrancar do profundo ſilencio de teu pei-

peito quem es, e a cauſa de tua peregrinaçaõ.

Faet. Naõ ſey mais de mim, que ſer hum Paſtor, com eſpiritos taõ altamente naſcidos, que intentaõ competir com os Deoſes mais brilhantes do Firmamento.

Eger. Como pódem em hum Paſtor caber taõ altos penſamentos?

Faet. Porque a alma, que me anima, ou naõ he deſte corpo, ou eſte corpo naõ he daquella alma.

Eger. Dize-me ao menos o teu nome, e a tua patria?

Faet. Faetonte he o meu nome, e a minha.

Eger. Eſpera: Faetonte te chamas? Ay de mim! *à part.*

Faet. Que tens, Egeria? Aſſuſtou-te o meu nome?

Eger. Sim, Faetonte, pois ao ouvillo pronunciar, me ſenti abrazar em hum vivo incendio.

Faet. Em fim, Senhora, para que te obedeça em tudo, Theſſalia he a minha patria.

Eger. E porque della te apartaſte?

Faet. Ay de mim! Quem pudera declararſe! *à part.*

Eger. Emmudeces?

Faet.

Faet. Como queres ſe contiveſſe em Theſſalia hum coraçaõ, que naõ cabe em todo o mundo; pois ſó nas ethereas Regiões terá limite a minha ambiçaõ?

Eger. Agora entendo, Faetonte; que algum propicio Numen te conduzio a Italia, para teres venturoſo inſtrumento das minhas idéas; pois ſó o teu valor, e a tua ambiçaõ, poderáõ ſuſpender a roda de minha infauſta fortuna.

Faet. Pois em que te dilatas? Propoem, galharda Ninfa, que a teu reſpeito (ſe neceſſario for) roubarey as luzes ao Sol, a Neptuno o tridente, e os rayos a Jupiter, para que com rayos, tridente, e luzes, poſſa triunfar do Sol, do Mar, e do Empyreo.

Eger. Já que a altivez de teus penſamentos me perſuade a minha ventura, ſabe, que eu ſou a infeliz Egeria, filha de Tirreno, Rey que foy deſta Regiaõ; o qual deixando-me pupilla debaixo da tutella de Tages, ſeu irmaõ, e meu tio; eſte tyrannamente me tem uſurpado o Cetro, intentando perpetuar a minha Coroa na ſua deſcendencia, fazendo com que Iſmene ſua filha ſeja herdeira de minha fortuna, caſando-a com Albano ſeu ſobrinho, Principe da Liguria. Ah cruel

Al-

Albano! Ah falso amante! *à part.*

Faet. Que soffraõ os Deoses semelhantes injustiças!

Eger. Albano pois, com as armas da Liguria intenta segurar o throno de Ismene; e assim desvalida, e sem amparo, consinto esta violencia, este attentado, e esta injuria, até que o teu valor, animado de taõ altos espiritos, saiba segurarme o throno, que me usurpa huma tyranna, para que ambos consigamos, eu a minha Coroa, e tu a minha maõ.

Faet. Pois eu, Egeria, hey de ser Rey de Italia?

Eger. Cuidey, que perguntavas, se havias de ser meu esposo?

Faet. Sem o caracter de Rey, teu esposo como poderey ser?

Eger. Sim poderias, pela violencia, com que me attrahe o teu nome, e a tua pessoa; e pois da minha parte está o amor, esteja da tua a fortuna.

Faet. E para que a tua se estabeleça, discorramos o meyo para a conseguires.

Eger. Naõ acho outro mais efficaz, que seres tu homicida de Ismene, e eu de Albano, para que de huma vez se cortem as esperanças de reverdecer o laurel

rel nas ſuas cabeças; pois extincta aſſim a eſtirpe Real, por força me acclamarão Princeza hereditaria.

Faet. Naõ ſeria melhor, que Albano ficaſſe ao arbitrio de minhas iras, e Iſmene ao das tuas; para que na igualdade dos ſexos ficaſſe ſem perigo a reſoluçaõ?

Eger. Naõ; porque ſe naõ ha de preſumir, que huma mulher haja de ſer homicida de hum homem; e aſſim no mayor diſfarce ſe encobrirá o mayor veneno: e pois neſta quinta viſinha ao Eridano vive ElRey, a ella te encaminha, aonde eſpero introduzirte. Mas ay Faetonte, naõ ſey ſe me ſaberás correſponder!

Faet. Naõ ſabes, que a infidelidade naõ cabe em meu peito? E ſe me naõ acreditas, ſede-me teſtimunhas vós Padre Eridano, vós ceruleas Ninfas, que neſſes pelagos habitais, de que já mais ſerey infiel a Egeria; e ſe o for, permitti, que ſejaõ as voſſas aguas os fiſcaes do meu delicto.

Eger. Baſta, Faetonte; mas ſó te advirto, que has de ſer o homicida de Iſmene.

Faet. Para que me lembras eſſa circunſtancia?

Eger. Para que naõ aches deſculpa na ſua formoſura.

Faet.

Faet. A que eu adoro, he objecto taõ peregrino, que naõ admitte hoſpedarſe em meu peito outra qualquer belleza; e aſſim a de Iſmene naõ poderá ſer remora de meu impulſo.

Eger. Naõ me deſvaneças com affectados periodos.

Faet. Que mal entendes aonde ſe dirigem os meus ſuſpiros! *à part.* Mas tambem adverte, que has de ſer homicida de Albano.

Eger. Para que me ratificas o que eu ſey?

Faet. Naõ ſey o para que; ſó ſey, que Albano he Principe, e poderoſo; e tu deſvalida, e ſem amparo.

Eger. Só no teu braço ſeguro a minha fortuna.

Faet. Pois, Egeria, a emprender.

Eger. Pois, Faetonte, a conſeguir: mas lembro-te outra vez, que has de ſer Monarca de Italia, e que Iſmene he formoſa; cinge a Coroa nos olhos, para que ſejas Cupido da tua ambiçaõ, e naõ do teu amor.

Cantaõ Egeria, e Faetonte a ſeguinte

ARIA A DUÓ.

Eger. Se acaſo a formoſura
O golpe te ſuſpende,
Na ſuſpenſaõ attende

A'

A' gloria do reinar.

Faet. A' copia, que idolatro
Tributo extremo tal,
Que só no original
Me posso retratar.

Eger. Oh peço-te naõ sejas
A tanta fé traidor!

Faet. Oh rogo-te, que creyas
As véras deste amor.

Ambos. Que affecto taõ constante
Mudavel naõ será.

Eger. Na fé, que me promettes
Socega o meu cuidado:

Faet. O meu amor proftrado
Fiel será comtigo.

Ambos Pois vê com segurança
No bem, que amante sigo,
A gloria, que terá. *Vaise Eger.*

Dentr. Por aqui foy; segui-o todos.

Faet. Que rumor será este? Será conveniente occultarme.

Esconde-se Faetonte, e sahe Fiton com hum livro na maõ, que ao depois o lançará no chaõ, e se despe.

Fiton. Aonde achará refugio hum infeliz? Despojarme quero desta recopilada sciencia, que inutil me naõ ampara; e para que mais disfarçado possa escapar deste

te barbaro furor, ſerá preciſo mudar de trage; e ainda que me prendaõ, dizendo que naõ ſou quem buſcaõ, deixarey ao menos vacilante o ſeu intento. Oh ſciencias, até quando deixareis de ſer perſeguidas!

Dentr. Vamos ao Eridano.

Fiton. Oh tu frondoſo Boſque, sê propicio refugio de hum deſgraçado, occultando-me em teu verde labyrintho. Mas quem eſtá aqui?

Ao hir eſconderſe, encontra-ſe com Faetonte.

Faet. Que vejo! Tu naõ es Fiton?

Fiton. Faetonte, he poſſivel, que te encontro?

Faet. Naõ te deixey em Theſſalia?

Fiton. Sim; mas como ſoube, que precipitadamente vinhas a Italia, a buſcar o original daquella copia, que caſualmente vejo às tuas mãos, foy preciſo ſeguirte, para que te naõ arruinaſſem os teus penſamentos. Oh nunca te eu diſſera, que em Italia habitava eſſa formoſura!

Faet. Poisjá, que eſtamos em Italia, porque me naõ declaras, quem he eſſa ſoberana belleza? Para que me occultas o original de taõ bella copia, quando vês, que vagando por eſtas regiões, venho

nho louco amante, a ver ſe encontro o idolo, que adoro em ſombras, e me abraza em chammas?

Fiton. Faetonte, convém à tua conſervaçaõ o ignorares de quem he o retrato; pois tenho alcançado pelas minhas ſciencias Magicas, e Aſtrologicas, que o original deſſa copia ha de ſer a cauſa do teu precipicio; e ſe longe do perigo te recatey o dizerto, agora que eſtás perto do damno, como to poderey declarar?

Faet. Como? Deſtà ſórte: arrancando-te do peito o coraçaõ, já que naõ poſſo o ſegredo, que me occultas.

Luta Faetonte com Fiton.

Fiton. Louco mancebo, que fazes?

Dentr. Cercay todos eſſe boſque.

Fiton. Eſpera, naõ queiras, que ambos aqui pereçamos, pois ſey, que eſta tropa vem para nos prender. Com eſte engano eſtorvarey o ſeu furor. *à part.*

Faet. Deixo-te com vida, para em melhor occaſiaõ ſaber a cauſa de meu precipicio: anda. *Vaiſe.*

Fiton. Vamos, que por mais que te empenhes, o naõ has de ſaber. *Vaiſe.*

Sahe Chichisbeo.

Chich. Ora ſou bem aſno! Mas naõ tenho vergonha de o dizer: que venha eu palmilhan-

milhando deſde Theſſalia até aqui atraz de hum louco, ou de hum Faetonte, que tudo he o meſmo! E o peyor he, que me deſencontrey delle, e ando perdido pelo moço! Que ha de fazer o pobre Chichisbeo, poſto no centro de Italia, ſem ſaber aqui aonde ſaõ as caſas locandas, e o que mais he, ſem quatrini? O que me val he ſer eu Chichiſbeo, que terey entrada franca em toda a caſa. Mas que he iſto, que alli eſtá? Ora vejamos: oh, he hum veſtido, que eſtá deſpido: ora ſabia Deos, que já eſte meu eſtava por hum fio: ſe me chegará? Vejamos: bello! juſtamente! Alguma alma algebibiſta ſe compadeceo da minha piranguice. Olá, temos mais hum livro? Naõ ha duvida, he livro; e he de razaõ que o veja: ora bem dizem, que em Italia naſcem os livros, como naſcem as malvas: vejamos, ſe achamos nelle alguma couſa, pois dizem, que tudo ſe acha nos livros. *Aſſenta-ſe, e começa a foliar o livro.* Abramos, e vejamos o que contém: *Liber aſtrolomagico*: Irra! Magico! Paſſa fóra: vejeõ lá, que materia taõ peçonhenta contém o tal livrinho! *Libera me!* Ora ainda aſſim, ſalva a conſciencia,

va-

vamos vendo o *Index rerum notabilium*. Capitulo primeiro, de *fisonomia*, *quod est narigorum confrontatio*: isto ha de ser galante. Capitulo segundo, de *Nigromantia*; isto he cousa de negros: negra sciencia he esta! Eu naõ quero ver mais, que se me vaõ arripiando os cabellos.

Vaõ sahindo por detrás de Chichisbeo Mecenas, e os Soldados.

Mecen. Aquelle sem duvida he o Nigromantico, que buscamos; vamos de manso, e levemo-lo prezo, com o rosto tapado, para que nos naõ offenda com algum encanto.

Chich. E o diabinho me está dizendo, que torne outra vez a abrir o livro: fóra tentaçaõ; naõ sey se consinta nella.

Chegaõ os Soldados, tapaõ o rosto a Chichisbeo, e o vaõ levando.

Mecen. Levem-no depressa,

Chich. Eu o dissera! *Fugite*, encantadores, que me quereis? Naõ me fecheis os olhos, que ainda naõ estou para morrer.

Mecen. Calle-se ahi: levem tambem esse livro.

Chich. Desta ninguem se livra.

Mecen. Vamos, vamos.

Chich. Para onde? Para o Inferno?

Me-

Mecen. Lá o verá.

Ghich. Lá o verey, ſe me deſtaparem os olhos. *Vaõ-ſe.*

SCENA II.

Sala. Sahe Albano.

Alban. QUando, ò bella Aurora, has de amanhecer riſonha, e alegre a hum extremoſo amante, para que nas delicias de Iſmene ſe acabem as minhas eſperanças? Mas que diria Egeria da minha ingratidaõ? Razaõ tem; fuy-lhe ingrato; mas como podia naõ ſer, ſe amor, e ambiçaõ venceraõ a minha conſtancia, ſe he que era conſtancia, conſtancia que ſe mudou?

Sahe Egeria.

Eger. Dizem-me, Albano, que a maõ de Iſmene te ſublima hoje ao throno de Italia; e aſſim como mais intereſſada nos teus triunfos venho a darte os parabens de tanta fortuna.

Alban. Que has de reſponder, ingrato coraçaõ? *à part.*

Eger. Quem já poderá reſiſtir a teu poder? Se aos dominios de Liguria unes as provincias do Eridano, que inimigo te poderá

derá reſiſtir ? Como ſeraõ copioſos os teus exercitos ! Trata de erigir templos à tua fortuna , e altares à tua bella eſpoſa, por naõ ſeres ingrato ; porque a ingratidaõ, ò Albano , he huma mancha , que desluſtra o peito mais ſoberano.

Alban. Bem entendo a Egeria ; vou-me ſem reſponderlhe. *à part.* *Quer irſe.*

Eger. Que he iſſo? Te vás ſem reſponderme ? Já te deſvanece o futuro dominio? Repara ao menos, que para o reſpeito, ainda que ſou deſvalida , ſou filha de Tirreno , Monarca que foy deſta Regiaõ.

Alban. Egeria em mim naõ he deſattençaõ eſte retiro ; he compadecerme da tua deſgraça.

Eger. Bem o moſtras , fomentando a minha ruina , por enthronizar huma tyranna : dize , ingrato , naõ prometteſte defender a minha juſtiça, ou ao menos fazerme Princeza de Liguria ?

Alban. Aſſim he ; mas naõ ſey ſe te diga, que. . . . .

Eger. Que has de dizer , ingrato ? Sabe, que já naõ neceſſito dos teus favores , pois a piedade de Amphitrite me fez Ninfa do Eridano , aonde eſpero triunfar

far de hum tyranno, que me uſurpa a Coroa, e de hum falſo amante, que cruel me offende.

Alban. Pois, Egeria, ſe já como Deidade te vás immortalizando, naõ neceſſitarás de meus auxilios.

Eger. Mas tu neceſſitarás de minhas piedades.

Alban. Eu de tuas piedades? De que ſórte?

Sahe ElRey Tages.

Rey. Albano, aqui ſe me aviſa, que Fiton, aquelle celebre Magico de Theſſalia, ſe acha neſta Provincia; dey ordem, que mo trouxeſſem de qualquer parte onde eſteja, para que delle ſaiba os occultos ſegredos, que importaõ à minha Coroa; para que aſſim com mais ſocego poſſa completar o teu Hymenêo.

Alban. O teu preceito, Senhor, he a minha vontade.

Eger. Permittaõ os Deoſes fazer propicias as tuas idéas.

Rey. Sim faraõ, pois os tenho gratos com repetidas victimas.

Eger. A melhor victima he ſacrificar a razaõ nas aras da Juſtiça.

Rey. Naõ entendo.

Eger. Pois para que me entendas, me explicarey melhor: Bem ſabes, invicto Tages, que naſci hereditaria Princeza de Italia, como unica filha de Tirreno, que foy Monarca deſta meſma Italia; tu Senhor me tens uſurpado o Reino, com o pretexto de ſeres irmaõ de meu pay; couſa que nenhum direito o permitte.

Rey. Egeria, eu eſtou bem informado, que como irmaõ de Tirreno devo preferirte, pois tenho a qualidade de varaõ; e outra vez naõ tornes a proporme ſemelhante idéa; que diſputar com os Reys he crime de leſa Mageſtade.

Eger. Eſſe he o privilegio da razaõ, que póde entrar no mais iniquo Tribunal.

Rey. Eſtá bem.

Sahe Mecenas com Chichisbeo, e Soldados.

Chich. Ora, Senhores, baſta já de cabra cega. *Deſcobrem-no.*

Mecen. Eſte que vês, Senhor, he o Nigromantico Fiton, que junto às margens do Eridano o achámos, e ſegundo as confrontações do traje Theſſalico, e eſte livro de Magica com caracteres Gregos, que na maõ tem, me perſuade ſer o proprio, que buſcamos.

Chich. Iſto ſem duvida he algum palacio en-

encantado! Esta gente será cousa fingida? Vejaõ lá o livrinho de que casta he! *à part.*

Rey. Fiton, vem a meus braços; naõ temas, que em Italia terás melhor fortuna, que na Grecia.

Chich. Assim sou eu asno, que lhe responda; bem sey, que tudo isto he apparente. *à part.*

Rey. Naõ respondes?

Alban. Adverte, que he ElRey.

Chich. Sim, Rey por encantamento, que he o mesmo que cousa nenhuma. *à p.*

Rey. Se naõ respondes, te mandarey justiçar.

Chich. Toda via, a Magica deve ser negra: eu lhe respondo; porque aos Reys ainda em sombras se lhe deve respeito. *à part.*

Rey. Que dizes, Fiton?

Chich. Senhor, que naõ sou Fiton; sou hum pobre Chichisbeo, criado de outro pobre, mais pobre do que eu; pois tem obrigaçaõ de sustentarse a si, e a mim.

Rey. Naõ te encubras, que se por algum delicto te ausentaste de Thessalia, aqui te naõ pódem offender as suas leys; e pois tenho a fortuna de possuirte em meu Rei-

Reino, te eſpero honrar, como merece a tua ſabedoria.

Chich. Que ſabedoria, Senhor? Eu ſou hum idiota: Voſſa Mageſtade naõ me quer entender? Pois acha, que ſe eu fora Magico *quà* Magico, que me havia deixàr prender?

Mecen. Da ſórte, que te prendi, naõ podias uſar das tuas Magicas.

Chich. Poderia adevinhar, e naõ eſtar naquelle ſitio.

Mecen. A Magica naõ adevinha o futuro.

Chich. Mas podia adevinhar iſto, que me ſuccede de preſente.

Alban. Sempre foy proprio dos homens doutos negarem o que ſabem.

Rey. He o mayor homem do Mundo!

Chich. O certo he, que o ponto eſtá em dizerem, que hum homem he ſabio, que à força o ha de ſer, ainda que ſeja hum padaço d'aſno. *à part.*

Rey. Fiton, tem entendido, que eſtou baſtantemente capacitado de quem es; e aſſim ſaberás, que ha tres noites, que em ſonhos ſe me repreſenta, que hum mancebo, filho do Sol, habita occulto em Italia; tomara me declaraſſes, aonde eſtá, para que como filho de Apollo lhe conſagre os cultos, que ſe lhe devem.

Eger.

Eger. Filho do Sol! Quem ſerá? *à part.*

Chich. Iſſo eſtá muito bem; mas ſe eu naõ ſou adevinhaõ, como poſſo dizer, aonde eſtá eſſe ſenhor filho do Sol? E demais, Senhor, que tenho para mim, que iſſo foy ſonho.

Rey. Ainda aſſim, he taõ repetida eſta viſaõ, que me perſuade naõ ſer erro da fantaſia.

Chich. Pois, Senhor, naõ he erro craſſiſſimo entender, que o Sol tem filho? Bem ſey, que pela regra do *Sal*, *Sol*, *ac mugil*, que o Sol he maſculino, e nem por iſſo ſe ſegue, que tenha filho; porque *Muſa*, *Muſæ*, he feminino, e com tudo as Muſas ſaõ caſtas: *ergo* &c. naõ ſey, ſe me explico?

Rey. Já iſſo he teima: tem entendido, que mo has de dizer, aliàs ſe acabará com a tua vida a tua ſciencia. *Vaiſe.*

Alban. Homem, vê lá em que te metes; trata de fazer a vontade a ElRey. *Vaiſe.*

Chich. Ha ſemelhante entaladura! Querer Sua Mageſtade à força, que eu ſeja feiticeiro! E dado caſo, que o fora, eu por ventura ſou cá a roda dos engeitados, para ſaber dos filhos alheyos? Ah Senhor, Voſſa Senhoria deſengane a ElRey, que eu iſto de Magica naõ ſey por onde ella corre. *Mo-*

Mecen. Fiton, acho, que eſſa repetida negaçaõ he já imprudencia: todos ſabemos, quem es; e pois a ſórte te conduzio a eſte Paiz, a tua ſciencia ha de ſer o meyo da noſſa tranquilidade; porque Egeria, eſta Princeza, que vês, vive eſpoliada do throno de ſeu pay pelas violencias delRey, que intenta enthronizar a filha; caſando-a com Albano Principe de Liguria; mas iſto he eſcuſado dizerto, pois tu como Magico o naõ haş de ignorar.

Cibch. Naõ me diga nada, entaõ verá ſe eu ſey alguma couſa.

Eger. Que intentas, Mecenas?

Mecen. Communicar a Fiton os noſſos intentos, para que poſſamos triunfar, ainda que ſeja magicamente.

Eger. E tens a certeza, que todos os Magicos ſaõ fieis, e leaes?

Mecen. Naõ; mas como elles tudo alcançaõ pela ſua ſciencia, naõ ignorará o pacto, que temos celebrado, de reſtituirte o throno de teu pay com a fortuna de ſer eu teu eſpoſo.

Eger. Pois, Fiton, ſe a tua ſciencia tudo alcança, peço-te, que a empenhes toda, para que conſiga a Coroa, que me uſurpa a ambiçaõ delRey meu tio: fa-

favorece os intentos de Mecenas ; pois conſeguindo a fortuna, que eſpero , te prometto ſer agradecida. *Vaiſe.*

Chich. Senhor Mecenas , com quem eſteve fallando agora aquella Senhora Egeria, que por nome naõ perca ?

Mecen. Comtigo.

Chich. Comigo ? He boa teima ! Pois acha Voſſa Senhoria , que ſe eu pudera dar Coroas , que as naõ tomara para mim, por naõ eſtar às ordens de ninguem ?

Mecen. Deixa loucuras : bem vês o empenho , em que eſtou de coroar a Egeria; patrocina os meus deſignios , que do ſeu bom exito pende toda a minha fortuna ; pois te confeſſo, Fiton, que ardo em hum vivo incendio de amor , e cego intento emprender por Egeria as mayores difficuldades.

Chich. Ahi vay parar tudo : já me a mim admirava, que o trampoſo do rapaz naõ havia meter a ſua colherada !

Canta Mecenas a ſeguinte

ARIA.

Naquella Deidade
Galharda, que viſte,
Conſiſte
De minha ventura
A gloria feliz,

Se

Se a ſórte me nega
Fortuna taõ bella,
Sem ella
Serey deſgraçado,
Serey infeliz. *Vaiſe.*

Chich. Iſto já vay de foz em fóra; eu entendo, que iſto he realidade pura, e naõ Magica ſonhada; e o peyor he, que eu ſou o que faço na oraçaõ, e cuidaõ, que ſou Magico! Em negra hora apanhey o tal veſtido, e o tal livrinho! Mas ainda aſſim, devo muito a todos, pois hum me deſcobre o ſeu peito; outro me vomita o ſeu bucho; e eu com tanta couſa eſtou para rebentar.

Sahem Faetonte, e Fiton.

Faet. Ainda naõ creyo, que me veja habitar em palacios: quanto me agradaõ eſtes marmores! Quanto me recreya eſta magnificencia! Parece, que neſtas altas torres habitaõ os meus penſamentos; neſtes edificios ſe elevaõ os meus eſpiritos! Eſtes pórfidos ſaõ polidos eſpelhos de minha ambiçaõ; eſtas columnas talvez ſe erigiraõ, para nellas ſe collocarem os meus triunfos!

Fiton. Naõ gaſtes o tempo em aereos penſementos, quando ſabes, que es filho de hum Paſtor. *Faet.*

Faet. Tambem Apollo foy Paſtor de Admeto : nada me injurias com iſſo.

Fiton. Oh quem pudera declararte quem es ! Reprime eſſe genio ; naõ buſques eſſa copia , torno-te a recomendar ; pois mal ſabes a ruina , que te eſpera , Faetonte.

Chich. Faetonte diſſe ? Ay que alli eſtá meu amo ! Pois por vida minha , que hey de magicar com elle.

Faet. Já que me naõ queres dizer o que te pergunto, recorrerey a outro Magico, que me diſſe agora Egeria habitava em Palacio , e elle me informará , quem he o adorado enigma , que adoro : mas aquelle he, ſegundo os ſinaes , que me deu Egeria.

Chich. Elle comigo.

Faet. O' tu ſabio portento da Nigromancia', compadece-te de hum peregrino, que inflammado de amor , procura o original de huma copia, que. . . . .

Chich. Que achaſte em Theſſalia ; que te diſſeraõ eſtava em Italia ; que vens em cata della ; naõ he iſto, Faetonte ?

Faet. Que ouço ! Nada ignora : Fiton , que te parece ?

Fiton. Quaſi que me confundo.

Faet. Pois dize-me : de quem he eſte retrato? *Moſtra o retrato.* *Chich.*

Chich. *Vidoamus*; queres que to diga? Mas ao depois talvez, que te arrependas.

Fiton. Naõ lho digas, ſe achas, que lhe póde ſucceder algum damno.

Faet. Deixa-me, cruel; que damno póde cauſar a formoſura?

Chich. Que damno? Muito grande; porque ha formoſuras damnadas: olha, huma mulher formoſa por força ha de ſer preſumida; da preſumpçaõ ſegue-ſe o ſer tolla; da tollice o fazer aſneiras; das aſneiras o dar couces; quem dá couces, tem mataduras: com que, Senhor, quem albardar huma formoſura, ha de aturar o ſer raivoſa, zeloſa, comichoſa, pedinchona, deſvanecida; pois ſe tiver accidentes da madre, ainda ſaõ outros quinhentos.

Faet. Se tudo iſſo ſaõ effeitos da formoſura, nada temo, tendo taõ ſoberana cauſa; dize-me, naõ me tenhas ſuſpenſo.

Chich. Com effeito queres, que te diga, de quem he o retrato?

Faet. Dize.

Chich. Ao depois naõ te arrependas.

Faet. Dize, que me naõ hey de arrepender; de quem he?

Chich. He de huma mulher.

Faet. Mas que mulher he eſſa, e aonde eſtá?

Chich.

Chich. Eſtá pintada em cobre, naõ a vê ?

Faet. Iſſo he a pintura.

Chich. Sim, a pintura; pois que pergunta voſſa mercê ?

Faet. De quem he o retrato ?

Chich. Parece-me, que he de Apelles; ou eu me enganarey.

Faet. Já me deſeſperas: dize-me, e deſengana-me já, qual he o original deſte retrato ?

Chich. Iſſo he outra couſa: já me retrato; e para lho dizer com mais certeza, deixe-me ver nos meus alfarrabios.

Foliando Chichisbeo o livro, canta a ſeguinte

ARIA.

Vagos eſpiritos
Do negro Cocyto,
Reſpondeime já
Por magica, megica, migica,
Quem he de Faetonte
A bella Fregona
Seu pay, ſeu avó,
Quem he, quem ſerá ?
Que a furia ſómente
Do abyſmo fervente
De huma mulher
Saber poderá.

Fitom. Senhor, agora reparo, aquelle he o meu

o meu livro, e o meu veſtido: eſte homem deve ſer algum velhaco.

Faet. Aſſim me parece; já ſey, que es hum fingido ignorante.

Chich. Sabes mais do que eu.

Fiton. Quem te deu eſſe livro.

Chich. Ninguem, porque o achey.

Faet. Pois como, inſolente, me pretendias enganar?

Chich. Venha cá; taõ louquinho eſtá, que me naõ conhece? Naõ vê, que ſou Chichisbeo?

Faet. Agora reparo: Chichisbeo, he poſſivel, que te vejo?

Chich. O verme he o menos, que iſſo fará quem naõ for cego: o acharme feito Magico he o mais.

Faet. Como he iſſo? Conta-me.

Chich. Depois que de Theſſalia partimos atrás do original daquelle maldito retrato, chegamos a Italia, quando em duas palhetadas, embrenhando-ſe voſſa mercê pelos boſques do Eridano, o perdi de viſta, ſem que a foroa da diligencia o podeſſe deſencovar: neſta ſoffrogicidade andava, quando, palavras naõ eraõ ditas, porque eu naõ dizia palavra; eis-que acho eſte veſtido, e eſte livro; eis-que apenas eu o abri; eis-que me pren-

prendem, e me apreſentaõ a ElRey em peſſoa, affirmando, que eu era Fiton, aquelle Magico de Theſſalia, que eu nunca vi; e por mais que me deſempulhey, naõ foy poſſivel tirarlhe dos caſcos, que eu era Fiton.

Fiton. Mais ſeguro eſtou agora disfarçado em Chichisbeo. *à part.*

Faet. Já que tens eſſa fortuna, vay vivendo com o tempo.

Chich. Iſſo ſim; mas ſe me pedirem, que faça alguma magica, como ha de ſer, ſe eu ſou deſazado para iſto de pactos;

Fiton. Naõ tenha medo diſſo, que fará quanto quizer.

Chich. Ah Senhor, quem he eſte lapuz, que tambem ſe quer meter em reſtea magica?

Faet. He hum criado, que tomey na tua falta.

Chich. Pois voſsê me ſegura, que hey de fazer magicas?

Fiton. Parece-me que ſim; que quem tem eſſe livro, faz quanto quer.

Chich. Com tudo iſſo naõ he poſſivel adevinhar, quem he hum filho do Sol, que em Italia habita; e diz ElRey, que lho hey de dizer, porque elle o ſonhou, e que ſenaõ, me ha de ſeparar a alma do corpo.

Faet.

Faet. Filho do Sol?

Fiton. Como ſe altera Faetonte! *à part.*

Faet. Chichisbeo, em todo o caſo tu has de dizer a ElRey, que eu ſou o filho do Sol, para com eſſe pretexto completar as minhas idéas.

Fiton. Ay de mim, que Faetonte procura a ſua ruina! *à part.*

Chich. E ſe depois apparecer o verdadeiro filho do Sol, e me aoanharem na mentira?

Faet. Nunca tal ſuccederá, porque naõ ha filho do Sol: e ſe o ha, ſerey eu, pelo elevado eſpirito, que me anima.

Chich. Se voſſa merce tivera os cabellos louros, ainda ainda.

Fiton. Que intentas? Naõ ſabes, que he ſacrilegio appropriarte ati a dignidade de filho do Sol, e que Apollo irritado póde caſtigarte, e a quem para iſſo concorrer?

Chich. He verdade, que eu ſou o concurrente: naõ temos nada feito.

Faet. Deixame, infame eſtorvo de minhas felicidades: que tens tu, que me arruine? Homem dize, que eu ſou o filho do Sol.

Chich. Se es hum filho das ervas, como queres ſer filho do Sol?

Fiton. Adverte, que niſſo te faço hum grande

de favor; porque tu, ou has de dize quem he o filho do Sol, ou te haõ de matar?

Chich. Eſſa razaõ concluio-me: voſſa merce he o filho do Sol, e tenho dîto: *Conſtitue te filium Solis.*

Fiton. Oh violento poder dos fados! Quem póde reſiſtir a teus imperios? *à part.*

Faet. Naõ ſabes, quanto eſtimo eſta occaſiaõ, para que aſſim poſſa frequentar ſem perigo eſte palacio, e ſervir aos deſignios de Egeria, huma Prinçeza....

Chich. Sim Senhor, huma Princeza, filha de quem Deos tem, eſporiada do throno, naõ he aſſim?

Faet. Muito ſabes.

Chich. Naõ vê, que ſou Magico? Pois ainda ſey mais.

Faet. Dize.

Chich. Naõ poſſo, que eſtá *ſub ſigillo magicali.*

Faet. Nada me importa ſaber mais, que o bello original deſte retrato, pois quanto intento, he para ver ſe deſcubro eſte encanto de amor.

Canta Faetonte a seguinte

ARIA.

Nas pupillas de meus olhos
O meu bem hey de buscar,
E verey se posso achar
Entre a copia de meu pranto
Desta copia o exemplar.
Se te encontro, objecto amado,
Acharás nesta alma amante
Hum morrer a cada instante,
Hum viver por te adorar. *Vaise.*

Fiton. Vaite, errado mancebo, que algum dia te pezará do engano, que intentas fabricar. *à part.*

Chich. O vosse?

Fiton. Que diz?

Chich. Naõ diga a ninguem, que eu sou Magico, entendeo-me?

Fiton. Bem entendo; mas eu farey, com que te tenhaõ por Magico, exercitando na tua pessoa varios encantos, para que fiquem na certeza, de que es o Fiton, que buscaõ, e eu livre de chegar às mãos delRey. *Vaise.*

Sahe Chirinola.

Chirin. Venho pé antepé a ver este Magico, que tem alvoroçado todo este palacio, e he cousa, que nunca vi em minha vida. *Chich.*

Chich. Que eſtará eſpreitando aquella moça? O' menina, procura alguma couſa?

Chirin. Vinha a ver hum Magico, que eſtá em palacio.

Chich. E para que?

Chirin. Só por ver como he a cara de hum feiticeiro.

Chich. He como eſta, que voſſa merce eſtá vendo.

Chirin. Pois voſſa merce meſmo he o feiticeiro?

Chich. Para ſervir ao diabo, e a voſſa merce, que tudo he hum.

Chirin. Ay, chegue-ſe para lá, que ſe me arrepiaõ os cabellos!

Chich. De que te aſſuſtas? Que cuidas tu, que he ſer Magico?

Chirin. Com licença de voſſa merce, dizem que he gente, que falla com o diabo.

Chich. Eſſes ſaõ outros; que eu cá naõ fallo com o diabo, o diabo he que falla comigo.

Chirin. Iſſo tudo vem a ſer o meſmo.

Chich. E ati que ſe te dá diſſo? Tomaras tu, que hum Magico deſſes te amaſſe, entaõ verias..... naõ digo nada.

Chirin. Deos me livre!

Chich. Queres tu, que eu seja teu Chichisbeo? Zombaria fóra.

Chirin. Para que? Naõ jure, que bem lho creyo.

Chich. Hey de ser o mais fino Chichisbeo, que ha de haver em toda a Italia.

Chirin. Vá-se dahi, que he hum feiticeiro.

Chich. Feiticeira es tu, que me tens enfeiticado.

Chirin. Só de huma sórte me poderá render.

Chich. Como?

Chirin. Renunciando o pacto, e depondo a Magica.

Chich. Se nisso consiste, já renuncio, naõ só o pacto, mas tudo o que te possa dar pena; pois só quero, que voe o meu amor à esféra dos teus olhos.

Chirin. Estamos justos; porém veja lá o que faz: agora o apurarey. *à part.* Ora dize, como me chamo eu?

Chich. Se eu já naõ sou feiticeiro, como posso adevinhar o teu nome? Está galante a Chirinola!

Chirin. Naõ temos nada feito; va-se dahi, que ainda he quem de antes era.

Chich. Porque?

Chirin. Disse-lhe, que me adevinhasse o no-

nome, e mo eſcarrou na bochecha.

Chich. Eu o teu nome? De que ſórte?

Chirin. Naõ diſſe Chirinola? Que mais havia de dizer?

Chich. Pois tu te chamas Chirinola?

Chirin. Sim Senhor, faça-ſe de novas.

Chich. O' Chirinola, em chirinola me torne eu, ſe eu ſabia, que tu te chamavas Chirinola.

Chirin. Pois para que diſſe Chirinola?

Chich. Nunca ſe vio hum *lapſus nominis*? Se havia de dizer charamella, diſſe chirinola.

Chirin. Ora admitto a deſculpa, mas naõ lhe ſucceda outra.

Chich. Qual outra? Eu quero mais encanto, que eſſa belleza, nem mais adevinhar, que os teus penſamentos, nem mais pacto, que eſſe Cyſne de Venus, de cujas azas formou Cupido as ſuas, de cujas penas armou as ſettas para férir, e para voar? Teu Chichisbeo hey de ſer, e ſe o naõ for, naõ ſeja embora.

Chirin. Veja lá o que diz, olhe bem para mim.

Chich. Tenho dito.

Immediatamente lhe creſce o nariz a Chichisbeo com desformidade.

Chirin. Ahi que nariz! Iſto atura-ſe? Ha homem mais mentiroſo? *Chich.*

Chich. Que fiz eu? Que nariz? Explicate naõ falles pelos narizes.

Chirin. Como queres, que te creya, ſe ao meſmo tempo, que dizes naõ has de ſer Magico, ſacas por hum nariz tamanho como hoje, e à manhã?

Chich. He verdade! Creſceo-me o nariz! Ha caſo igual! Oh Chirinola, eſte naõ he o meu nariz, e niſto pódes aſſentar.

Chirin. Vá-le dahi, embuſteiro, Magico, feiticeiro.

Chich. Filha do meu coraçaõ, eu eſtou innocente; verdade he, que me rebentou eſte nariz à flor da cara, mas eu naõ concorri para iſſo.

Chirin. Naõ? Fuy eu?

Chich. Vê tu naõ ſeja iſto algum leicenſo.

Chirin. He nariz em nariz.

Chich. Tu tens razaõ; he forte penca!

Chirin. Arre lá! Com nariz mais da marca? Iſſo naõ ſe atura: ande, vá-ſe, antes que lhe chegue aos narizes.

Canta Chirinola a ſeguinte

ARIA.

Se quer adorarme,
Da Magica fuja;
Se quer deſprezarme,
Faça o que quizer,

Que-

Que he muito ſenhor
Do ſenhor ſeu nariz.
Bem ſabe naõ goſto
De feitiçarias,
Que ſaõ rapazias,
Que eſtallaõ num trás.,
E eſtaõ por hum triz. *Vaiſe.*

Chich. Vio-ſe nariz mais intrometido, do que eſte meu! E que por amor delle vá Chirinola ventando por ahi fóra! Iſto deve ſer contagio do tal livrinho: arre com tal nariz! Mas aonde eſtá elle? *Eſcondeſe-lhe o nariz.* Sumio-ſe? Sem duvida foy o nariz atrás de Chirinola apedirlhe bom quartel; mas eu vou a pedirlhe as alviçaras: ò Chirinola, eſpera, que já eſtou deſnarigado. *Vaiſe.*

SCENA III.

Camera, em que haverá hum bofete, e ſobre eſte huma véla acceſa; e haverá mais huma cadeira. Sahem Iſmene, e Albano, e eſte naõ paſſará do baſtidor.

Iſmen. BAſta até aqui, Albano.
Alban. Limitada eſféra para tanto Sol.
Iſmen. He eſtylo do decóro, e da politica pôr

pôr limites à entrada dos eſpoſos, aonde habitaõ as eſpoſas; e aſſim já ſabes, que aqui naõ pódes eſtar, e he preciſo retirarte.

Alban. Poderia, ſe o noſſo hymenêo voara mais acelerado.

Iſmen. Naõ baſta a certeza da poſſe para ſuaviſar o martyrio da eſperança?

Alban. Naõ, Iſmene, que toda a poſſe he duvidoſa, que tem a eſperança por fiadora.

Iſmen. Quando eu, e ElRey a abonamos, ſeguro pódes eſtar.

Alban. Pois Senhora, já que naõ tenho licença para me dilatar, neſte papel verás a cauſa de meu tormento.

Vaiſe Albano, dando hum papel a Iſmene, e eſta aſſenta-ſe a lello, e ſahe ao baſtidor Egeria, e Faetonte com hum punhal na maõ, e Iſmene eſtará de ſórte, que lhe naõ veja o roſtro.

Eger. Chegou o tempo da noſſa vingança; alli tens a Iſmene; a occaſiaõ he oportuna, eſgrime o valeroſo braço, pois para te coroares, neceſſitas da purpura daquelle ſangue. *Vaiſe.*

Faet. Eſtou immovel, pois parece eſpecie de cobardia matar huma mulher.

Iſmen. Enigmas me parecem as cifras de Al-

Albano ; quero repetillas para as comprehender melhor.

Faet. Mas em que reparo, ſe muitas vezes a tyrannia he o primeiro degráo para ſubir ao throno ?

Iſmen. Senhora, (diz Albano aqui) eſte exceſſo delRey em procurar o filho do Sol me perſuade, que achando-o, quererá darlhe a gloria de teu eſpoſo, para divinizar com hum filho de Apollo a ſua deſcendencia. Quem ſerá eſte filho do Sol ?

Faet. Naõ pareça a dilaçaõ cobardia; triunfe Egeria.

Iſmen. Diz mais: E temo, Senhora, que eſte filho do Sol, uſurpando-me a fortuna de teu Hymeneo, ſeja inſtrumento da minha morte, tirando-me a vida.

Faet. Morre, infeliz..... *Sahe.*

Ao hir levantar o braço para ferir a Iſmene, a vê, e ſe ſuſpende, e ella ſe levanta.

Iſmen. Ay de mim ! Como, traidor, aſſim.....

Faet. Que he o que vejo ! Naõ he eſte o bello original da copia, que adoro ? Immovel eſtou ! *Deixa cahir o punhal.*

Iſmen. Olá, acudi, que hum traidor....

Faet. Suſpende a voz, Iſmene; naõ digas traidor, amante ſim.

Iſ-

Iſmen. Com hum punhal. . . .

Faet. Achou a occulta cauſa de ſeu incendio.

Iſmen. Intenta tirarme a vida.

Faet. Sem ella eſtou, vendo taõ infeliz acaſo; pois te affirmo, que te naõ podia offender.

Iſmen. Mas intentavas matarme?

Faet. Sim; mas tanto que te vi, me ſuſpendeo o braço o affecto, com que te adoro.

Iſmen. Tu adorarme? Queres com huma offenſa apadrinhar hum delicto? Acudi todos, antes que o traidor ſe auſente.

Faet. Senhora, que intentas?

Dentr. Accudamos ao quarto da Princeza.

Faet. Ay de mim, que he infallivel a minha ruina! Bem o diſſe Fiton: aonde me eſconderey? *Quer eſconderſe.*

Iſmen. Eſpera, traidor, que te naõ has de auſentar; que tambem tenho valor, para te ſuſpender.

Iſmene pega em Faetonte, e eſte intenta, lutando, tirarſe das mãos della.

Faet. Naõ me ſejas duas vezes homicida, deixa-me ao menos auſentar.

Iſmen. Sem caſtigo naõ has de ficar.

Faet. Oh quem diſſera, que me abrace Iſmene, e que eu fuja de ſeus braços! Deixa-me, Iſmene. *Dentr.*

Dentr. Aqui ſaõ as vozes.

Faet. Naõ ha mais remedio, que apagar a luz. *Apaga a luz.*

Iſmen. Que fazes?

Faet. Fugir de ti, para buſcarte outra vez. *Vaiſe.*

Sahem Albano, Egeria, e hum criado com luz.

Alban. Que tens, Iſmene? Quem te motiva a dar vozes?

Eger. Que te ſuccedeo? Ay de mim, que ſe fruſtrou o meu intento! *à part.*

Iſmen. Encontraſte acaſo hum traidor, que barbara, e aleivoſamente me quiz tirar a vida?

Alban. Quem ſeria o atrevido, que concebeo taõ horrivel penſamento?

Eger. Ainda naõ creyo, que eſtás com vida.

Alban. E para onde fugio?

Iſmen. Naõ ſey, porque apagou a luz, para com as ſombras ſe encobrir melhor; buſca-o Albano, que o traidor naõ poderá eſtar longe, e caſtiga a ſua temeridade.

Eger. Ay infeliz Faetonte! *à part.*

Alban. Eu vou a buſcallo; verás como vingo a tua offenſa.

Eger. Aonde vás, ingrato? Tanta fineza te merece Iſmene, para expores a tua vida

vida à deſeſperaçaõ de hum infiel agreſſor.

Alban. Naõ ſabes, que ſou amante, e eſpoſo? Deixa-me, Egeria.

Iſmen. Vay, naõ te dilates.

Eger. E a ſua vida?

Iſmen. Os Deoſes a defenderáõ.

Eger. Para que he buſcar remedios extraordinarios, quando ſem eſſe recurſo o podemos evitar? Aſſim darey tempo, para que fuja Faetonte. *à part.*

Alban. Que tens com a minha vida? Naõ me detenhas.

Eger. A palavra, que me déſte de ſer meu eſpoſo.

Alban. Palavra de eſpoſo?

Eger. Sim.

Alban. Iſmene, Egeria delira; eu vou caſtigar ao traidor.

Iſmen. Eſpera, averiguemos iſſo; que as offenſas da alma devem preferir às do corpo.

Alban. Vê, que o traidor ſe póde auſentar; e para que vejas, que Egeria ſe allucina, verás na minha fineza convencido o ſeu engano.

Canta Albano o ſeguinte Recitado, e depois com Egeria, e Iſmene a Aria a 3.

RECITADO.

Donde te eſconderás de meus furores,
Fementido traidor? Mas naõ te occultes,
Que ainda que te ſepultes
Nas concavas cavernas deſſe abyſmo,
E em triſte parociſmo
Entre as ſombras do Averno te diſfarces,
Lá meſmo encontrarás o teu caſtigo,
O' perfido inimigo,
Por naõ creres com barbara impiedade
Ser incapaz da morte a Divindade.

ARIA A 3.

Alban. Na minha vingança,
Iſmene, verás
Meu fino querer.
Eger. Eſpera, ſuſpende,
Cruel, que a mudança
Me chega a offender.
Iſmen. Valente, caſtiga
A maõ, que meu ſangue
Intentava verter.
Eger. Firmeza
Iſmen. Vingança } te peço.
Alban. Firmeza, e vingança
Eger. Firmeza
Iſmen. Vingança } em meu peito.
Todos. Sómente acharás.

Alban.

Alban. De amor inflammado,
Ismen. De ardor abrazada,
Eger. De horror congelada,
Todos. Minha alma verás.

Fim do primeiro Acto.

PARTE II.

SCENA I.

Sala. Sahe Albano.

Alban. NAõ he possivel apparecer o traidor, sem que tenha omittido o meu cuidado toda a diligencia, como poderia entrar este inimigo, e sahir, sem ser visto de ninguem.

Sahe Chichisbeo.

Chich. Donde estará este Faetonte, que naõ he possivel atinar com elle? Eisaqui para quando hum homem havia ser feiticeiro.

Alban. Fiton?

Chich. Que manda Vossa Alteza muito serenada?

Alban. Que me declares, quem soy o traidor,

dor, que quiz offender a Iſmene eſta noite; e já neſte diamante te anticipo o premio de tua ſciencia *Dá-lhe hum anel.*

Chich. Aceito o diamante, porque me ſerve cá para certa couſa de minha ſciencia desfeito em vinagre; pois que diz Voſſa Alteza?

Alban. Saber quem foy o traidor de Iſmene, que a quiz matar eſta noite.

Chich. A que horas?

Alban. Seriaõ dez.

Chich. Fazia luar, ou eſcuro?

Alban. Naõ reparey.

Chich. Nem eu, mas ſem eſſa circunſtancia paſſaremos; e diga-me mais, o traidor chegou a ferir a Iſmene?

Alban. Naõ; porque acodi a defendella.

Chich. Pois ſaiba voſſa Alteza, que a naõ matou, e que viva eſtá; quer ſaber mais alguma couſa?

Alban. Quem he o traidor, he que me importa ſaber, e aonde eſtá.

Chich. Sabe Voſſa Alteza, por onde elle hiria?

Alban. Se eu o ſoubera, naõ to perguntara.

Chich. Pois tambem eu lho naõ perguntara, ſe o ſoubera.

Alban. A ti nada te he occulto, pois no vo-

volume dos aſtros, lês todos os ſucceſſos do Mundo.

Chich. Iſſo aſſim he; mas he com oculos.

Alban. Naõ me entretenhas com frivolas deſculpas; eu eſtou empenhado a que me digas o que te pergunto, quando naõ aqui ficarás ſepultado.

Chich. Naõ me ameace, que por mal ainda he peyor: olhe, Senhor, ſe quer ſaber quem he o traidor, vá ao boſque do Eridano, e o primeiro homem, que ahi encontrar, eſſe he: porém ſegredo no caſo; porque eu cá naõ ſou homem de mexericos.

Alban. Pois Fiton, ſe acho certo o que me dizes, ainda ſerá mayor o meu agradecimento. *Vaiſe.*

Chich. Vaite cos diabos; pois ſó por me ver livre daquella ſanguixuga, lhe diſſe que eſtava no Eridano: naõ me lembrou dizerlhe, que eſtava nos quintos Infernos, por ver ſe o hia lá buſcar.

Sahem ElRey, e Mecenas.

Rey. Fiton?

Chich. Avie-ſe: outra impurraçaõ temos. *à part.*

Rey. A tua ſciencia neſta occaſiaõ ſó me póde

póde livrar de hum empenho. Quem foy o que a Ismene. . . . .

Chich. Quiz matar esta noite, seriaõ dez horas? Já disse a Albano, que fosse ao Eridano, que lá o acharia.

Rey. Prodigioso homem! Vem cá, Fiton, se eras taõ insigne Magico, para que mo negavas?

Chich. Por naõ ter applausos; pois sou taõ inimigo de rompantes laudatorios, que por isso fugi de Thessalia.

Mecen. Até nisso mostra, que he verdadeiro Sabio.

Rey. E como estamos do filho do Sol?

Chich. Já o tenho quasi descoberto até o pescoço; falta-me só verlhe a cara, para o conhecer.

Rey. Pois quem te impede o seu total conhecimento?

Chich. Os vapores crassos da terra, que estaõ escurecendo o brilhante dos astros; mas a pezar de tudo hey de trazello aqui pelos cabellos, sobpena de enforcar os livros.

Mecen. Senhor, lembro a Vossa Magestade, que Albano pretendeo algum dia a Egeria esposa, e naõ sey, se o traidor seria. . . . .

Rey. Cala-te, Mecenas: bem te percebo;

Albano he Principe; e quando o naõ foſſe, mais intereſſe acharia em Iſmene, que em Egeria. *Vaiſe.*

Mecen. ElRey muito confia em Albano; e as minhas idéas muito ſe retardaõ na execuçaõ, por naõ achar a opportunidade, que deſejo. Ay Egeria, que a tua infelicidade me ſuſpende o arrojo, e me eſconde a occaſiaõ! Mas ſó tu, ò Fiton, compadecendo-te do meu amor, pódes remediar o meu empenho; que me reſpondes, Fiton? Fiton, naõ ouves? Arrebatado em extaſis eſtá. Fiton?

Chich. Naõ me deixará, Senhor Mecenas, que eſtava agora ideando aquillo, que Voſſa Senhoria me recommendou àcerca da Senhora Egeria, e o tinha já quaſi concluido, ſe me naõ chama?

Mecen. Até niſſo ſou infeliz; mas baſta-me para alentar a minha eſperança, ſaber que te naõ eſqueces da minha pertençaõ; mas ſó te digo, que deſejara, que Albano cahiſſe do valimento, por naõ conſeguir o Hymenêo, que pretende, e unir mayor poder ao meu contrario.

Chich. Tudo bem ſe fará.

Sahe Chirinola ao baſtidor, e Mecenas a vê

Chirin. Graças a Deos, que já achey eſte Mecenas! Tomara fallarlhe ſó por ſó, ſem que me viſſe o meu Chichisbeo. Cé.

Mecen. Que me quererá aquella Criada? Fiton, retira-te, que importa ficar ſó; depois fallaremos.

Chich. Tambem ſe naõ fallarmos importa pouco. Mas eu quero eſpreitar o que iſto he. *à parte.* *Eſconde-ſe.*

Mecen. Que ha de novo, Chirinola?

Chirin. Egeria te aviſa, que Albano, e Himene ſe achaõ divertindo em huma caçada nas ribeiras do Eridano; que obſerves os ſeus movimentos, que póde ſer aches alguma occaſiaõ para o intento.

Mecen. Dize-lhe, que a repoſta he a obediencia, com que executo os ſeus preceitos. *Vaiſe.*

Chich. Temos a Chirinola feita alcoviteira!

Chirin. Eu naõ fey, quando ſe aquietaráõ eſtes Senhores.

Chich. Quando naõ houverem alcoviteiras. *Sahe.*

Chirin. Falle claro, e naõ me dê remoques.

Chich. Ora naõ fiava de ti, que tiveſſes taõ baixo officio, ſendo tu a primeira terceira, que eu vi taõ deſtemperada neſſa materia! Hh ii *Chi-*

Chirin. E quem to diſſe ?

Chich. He boa pergunta eſſa ! A hum Magico naõ ſe pergunta, quem lho diſſe.

Chirin. Perdoe, que cuidava, que já naõ era Magico.

Chich. Ay, que me naõ lembrava da promeſſa, que te fiz ! Eſtou zombando, eu naõ ley nada.

Chirin. Logo naõ ſou alcoviteira ?

Chich. Qual alcoviteira ?

Chirin. Bem ſe conhece o remendo, que naõ he do meſmo panno.

Chich. Ah Chirinola, ſabe Deos as linhas, com que cada hum ſe coze : deixemos galantarias amatorias, e fallemos em couſas ſizudas.

Chirin. Pois que ha de novo ?

Chich. O meu amor.

Chirin. Pois iſſo já naõ he velho ?

Chich. Naõ vês, que os velhos ſaõ duas vezes meninos ?

Chirin. Pois que quer o menino ?

Chich. Quer nanar.

Chirin. Pois buſque quem o embale.

Chich. Sempre me andas embalando com eſſe rigor ! Naõ vês, que ſou teu Chichisbeo, a quem ſe devem os carinhos de *jure*, e porta franca os agrados ?

Chirin. Ainda mais carinhos, ainda mais agra-

agrados, dos que lhe eu faço?

Chich. Isso sim; mas. . . . .

Chirin. Mas que? Diga: mas que?

Chich. A mim me tinhaõ dito, [muito se mente neste mundo!] que os Chichisbeos abraçavaõ as suas Chichisboas; que eraõ duas almas n'um corpo; o que hum queria, outro queria; que a fé amante era inviolavel; a assistencia continua; o cuidado frequente; e que estavaõ olhando hum para o outro sempre sem pestanejar, e no cabo nada disto acho em Italia: que será?

Chirin. Estás muito alheyo no caso.

Chich. A'gora, eu estou muito bem certo nas leys do Chichisbeato.

Chirin. Nada sabe, senaõ ter atrevidos pensamentos: naõ sabe, que hum Chichisbeo ha de querer com taõ casto amor, que naõ ha de passar os limites da politica?

Chich. Filha, isso de amor Platonico he cousa ideada, que naõ existe *in rerum natura*; he huma capa, que se deita sobre os olhos de Cupido, para o cegar mais, e para cegar tambem aos circunstantes; e naõ me puxes tu pela lingua, que eu direy o que sinto nessa materia.

Chirin. Seja o que for; isto he o que cá se usa.

Chich.

Chich. Vamos com a moda, que do mal o menos.

Chirin. Iſſo me parece bem.

Chich. Pois ouve, e verás ſe ſou Chichiſbeo de verdade.

Canta Chichisbeo a ſeguinte
ARIA.

Cara mia, cara, cara
Per te il mio cor trafitto
Smarrito, sbigurrito
Il dardo ſenti d'amor.
Moriró, má qual Fenice
Che nel fuoco ſuo felice
Più bella revive allor. *Vaiſe.*

Chirin. He o mais galante Chichisbeo, que tenho viſto! *Vaiſe.*

SCENA II.

Sala. Sahem Egeria, e Faetonte.

Eger. QUanto, Faetonte, ſinto ſe malograſſe taõ bem premeditada acçaõ!

Faet. Bem vês, Egeria, como obedeço aos teus preceitos, e como deſempenho a minha palavra? falta cumprires da tua parte com a morte de Albano.

Eger.

Eger. Ainda naõ falta o tempo: cuidemos primeiro em ſalvar a tua vida, pois he certo, que de Iſmene foſte viſto, e ſe fazem diligencias para te prenderem; e aſſim ſerá preciſo, que ſeja outra vez eſte boſque do Eridano verde aſylo de tua peſſoa.

Faet. Ay de mim, que mais ſinto o cruel deſterro, que perder a propria vida, pois quizera que Iſmene me viſſe mil vezes traidor!

Eger. Para que he taõ inutil acçaõ?

Faet. Para executar a minha fineza nos continuos ſacrificios à tua formoſura.

Eger. Muito te devo.

Dentr. Ao boſque, à ſelva, tó, tó.

Eger. Mas alli vem Iſmene; poem em execuçaõ o teu intento, que eu me retiro, e occulta neſte arvoredo eſtarey obſervando o teu valor: [aſſim fingirey, que o vejo, para que ſe alente na execuçaõ, *à part.*] que huma couſa he deſejar a morte, e outra vella executar.

Vaiſe.

Faet. Eſpera, Egeria, mas ay de mim! Quem ſe vio em mayor conſternaçaõ! Pois eſperar Egeria pela morte de Iſmene, Iſmene aquelle ſoberano idolo de amor, cuja cópia adorey primeiro, que o ſeu

o seu original! Verme Egeria agressor, e ver eu a Ismene amante! Oh que intrincado labyrintho de amor! Mas ella já vem chegando, e eu para satisfazer a ambos os empenhos, fingirey, que me desencontro, e no em tanto gozarão os olhos por entre estas ramas o bello Sol, que me abraza. *Esconde-se.*

Sahem Ismene com arco, e settas, e alguns monteiros.

Ismen. Alli se moverão ramos, sem duvida que alli se embrenhou a féra. Espera veloz jeroglifico do vento, que eu com esta setta te suspenderey a fuga.

Atira huma setta, e dá em Faetonte, e cahe atravessado com ella aos pés de Ismene.

Faet. Ay de mim, tyranna, que me mataste!

Ismen. Que vejo! Ay infeliz, que cuidey eras a féra, que vinha seguindo! Levanta-te, homem, que as minhas piedades farão menos horrivel a tragedia deste acaso. *Levanta o.*

Faet. Com tão feliz remedio será ditosa a minha morte: perdoe Egeria, que a occasião não permitte attenções. *à part.*

Ismen. Aonde foy a ferida?

Faet. No peito.

Ismen. E he penetrante?

Faet,

Faet. Chegou-me ao coraçaõ.

Iſmen. Ao coraçaõ? Se aſſim fora, naõ eſtarias com vida.

Faet. Eſſe he o privilegio do teu golpe, que immortaliza a meſma morte.

Iſmen. Agora vejo, que eſtás mortal, pois que deliras: levay eſte homem, e de ſua ferida o remedio correrá por minha conta.

Quer Iſmene irſe, e Faetonte a detem, e canta a ſeguinte

ARIA.

Deixa, que eu morra
Deſta ferida,
Que he melhor vida
Morrer por ti.
Se me deſejas
Da morte iſento,
Naõ te retires;
Pois ſó me alento
Com verte aqui. *Cahe.*

Iſmen. Levay, levay eſſe homem, que me horroriſa ver tanto ſangue. *Vaiſe.*

Sahem por huma parte Albano, e da outra logo depois Mecenas, Fiton, e Chichisbeo.

Alban. Eſperay: que homem he eſſe? Quem o ferio?

Mon-

Monteir. Iſmene com huma ſetta.

Alban. Sem duvida, que eſte he o traidor, que quiz matar a Iſmene, pois he o primeiro homem, que encontro nos boſques do Eridano, como me diſſe Fiton; e pelo conhecer Iſmene, valeroſa ſe quiz vingar pelas ſuas mãos.

Faet. Ay de mim! Eſpera, naõ te vás, tyranna roubadora da minha vida, pois com a minha morte naõ extingues o ardor, em que me abrazo. *Levantando-ſe.*

Alban. Ainda fulminas vinganças, infame, traidor? Mas ſe ſemivivo te deixou a piedade de Iſmene, a minha vingança te acabará de huma vez.

Puxa por hum punhal, e ſahem Mecenas, Fiton, e Chichisbeo.

Faet. Ainda que exangue me vês, ſabe, que tenho eſpiritos, para ſuppeditar o teu arrojo: larga o punhal, e vem a meus braços.

Chich. Em grande perigo eſtá Faetonte! O engano me valha. Suſpende o braço, ſacrilego Albano: Mecenas, eſte he o filho do Sol, por quem tanto ſuſpira ElRey.

Mecen. Que dizes?

Alban. Eſte naõ he o filho do Sol, he o trai-

traidor de Iſmene, e nelle quero completar o reſto da vingança, que deixou Iſmene principiada.

Chich. Ora naõ o ſaberey eu? e ſenaõ pergunte-lhe, e verá o que elle diz.

Faet. Deixa, Fiton, pois lhe val a ſua ignorancia, para que Apollo, como a ſacrilego, o naõ caſtigue com ſeus rayos.

Fiton. Naõ ha mais remedio, que obedecer aos fados, para que naõ perca Faetonte a vida; e para mayor evidencia de que elle he o filho do Sol, fará Apollo, que ſe movaõ eſtas arvores, mudando o ſitio, em que habitaõ.

Movem ſe as arvores de huma parte para a outra.

Todos. Prodigioſo ſucceſſo!

Faet. Grande Magico he Fiton! *à part.*

Chich. Se eu ſoubera fazer diſto, dava duas figas na inveja. *à part.*

Mecen. Que mais evidencia queremos? Vem, venerado filho do Sol, a ennobrecer eſta regiaõ.

Alban. Fiton, Senhor, he o culpado no meu exceſſo, pois me diſſe, que o primeiro homem, que encontraſſe nos boſques do Eridano, que eſſe era o traidor, que quiz matar a Iſmene; e como

foſte o primeiro, que encontrey, e o verte ferido por Iſmene, me perſuadi, que eras o traidor; e aſſim deſculpa o meu atrevimento; pois ſó Fiton por enganarme merece o caſtigo.

Chich. Naõ nego, que eu diſſe, que o pimeiro homem, que encontraſſes, era o traidor; porém Faetonte, (que aſſim ſe chama eſte Senhor filho do Sol) naõ he ſemideos: logo naõ o enganey.

Faet. E o ferirme Iſmene foy huma caſualidade.

Mecen. Vamos, Senhores, naõ dilatemos o dar a ElRey eſte prazer: vem, eſclarecido Faetonte. *Vaiſe.*

Faet. Bom principio levaõ os meus intentos. *Vaiſe.*

Alban. Vou ſem alma, pois temo neſte filho do Solo eclypſe do meu amor. *Vaiſe.*

Fiton. Oh quanto em vaõ pretende a prudencia humana ſuſpender o movimento das eſtrellas! *Vaiſe.*

Chich. Ora vejaõ as couſas deſte mundo como ſaõ, pois eu ſendo hum aſno em peſſoa, eſtou feito ſatrapa em carne; e Faetonte ſendo hum ninguem, lá vay a ſer venerado como filho do Sol! Se iſto naõ parar em alguma deſtampaçaõ, temos vida para cem annos.

Sa-

Sahe Egeria.

Eger. Cuidadoſa venho, ſem ſaber ſe Faetonte executaria o intento; mas alli eſtá Fiton, elle me informará: Fiton, vem a tirarme de huma duvida.

Chich. Naõ poſſo, Senhora, que anda tudo revolto com o novo ſucceſſo, que agora aconteceo. *Vaiſe.*

Eger. Que ſucceſſo? Eſpera: mais confuſa eſtou! Mas quem duvîda, que ſerá a morte de Iſmene? Porém que vejo! Alviçaras, coraçaõ; todo eſte prado eſtá inundado de ſangue, naõ póde haver mais ſeguro indicio, pois haver ſangue no lugar, aonde deixey a Faetonte, e Iſmene; dizerme Fiton acceleradó, que andava tudo revolto com hum novo ſucceſſo, que póde ſer, ſenaõ o que imagino? Oh valeroſo Faetonte! Oh extremoſo amante! Só o teu valor me podia coroar de triunfos.

Sahe Chirinola.

Chirin. Senhora, que ſerá iſto? Todo eſte prado cheyo de ſangue, e alli encontrar a Albano pallido, como ſobreſaltado, e Mecenas, que levavaõ hum homem como prezo?

Eger. Viſte, que homem era?

Chirin. Naõ o pude diſtinguir, por ir cercado de muita gente. *Eger.*

Eger. Ay de mim, que será Faetonte! Sem duvida, que morta Iſmene, naõ poderia eſcapar!

Chirin. Pois, Senhora, que ſeria iſto?

Eger. Huma felicidade, e huma deſgraça ao meſmo tempo; aquelle, que viſte hir prezo, era (ay de mim!) o mais extremoſo amante, que me adorava: chegando a tanto a ſua fineza, que chegou a dar a morte a Iſmene, cujo ſangue he eſte, que matiza eſte prado.

Chirin. Ora já ſe acabaraõ os teus cuidados à cuſta do ſangue alheyo.

Eger. As armas da juſtiça ſaõ muy poderoſas.

Chirin. Agora, Senhora, que te vês ſem oppoſiçaõ no throno, lembrate da minha lealdade.

Eger. Ainda naõ creyo eſta fortuna. Oh ambiçaõ de reinar a quanto obrigas! Oh cego amor a quanto te deliberas!

Canta Egeria a ſeguinte

ARIA.

Verdes louros do Eridano,
Só aſſim no ſolio ufano
Deſſe ſangue matizados
Vós me haveis de coroar.
Mas ò tu ditoſo amante,

Que

Que por mim penando vás,
A teu peito fiel conſtante
Eu prometto libertar. *Vaiſe.*

SCENA III.

Gabinete bem adornado. Sahem Faetonte, e Chichisbeo.

Chich. ORa Senhor filho do Sol, ſeja-lhe muito parabem a voſſa ſemideidade, pois que ſe vê palaciego, venerado dos grandes, adorado dos pequenos, e appetecido das Damas; agora peço-lhe, que já que o Senhor ſeu pay he o productor do ouro de vinte e quatro quilates, que reparta comigo dos ſeus mineraes; quando naõ, hey de pollo no olho da rua, como quem he.

Faet. Bem ſey, Chichisbeo, que eſſa epiquéa, com que me fallas, he huma rigoroſa critica de meu naſcimento; mas ſe o naſcer nobre he acaſo da fortuna, com o meu valor, e a tua induſtria emmendarey eſſe acaſo.

Chich. E como eſtás da ferida?

Faet. Quaſi ſaõ à força de activos remedios.

Chich.

Chich. E quem te ferio?

Faet. Iſmene caſualmente com huma ſetta, que para hum bruto a deſpedio do arco.

Chich. Andar nunca errou o tiro.

Faet. E mais ſentira, ſe o errara.

Chich. Naõ entendo eſſa filoſofia.

Faet. Porque Iſmene he o bello original daquella copia, que de Theſſalia me trouxe em frenetico delirio.

Chich. Iſmene meſma?

Faet. Iſmene; porque aquella belleza ſó de hum animo Real poderia ſer adorno.

Chich. Caro te cuſtou o achalla, pois zombando zombando, te hia cuſtando a vida.

Faet. Tambem o naõ achalla me cuſtaria o meſmo.

Chich. Que pretendes agora depois de filiado na caſa do Sol?

Faet. Eſcuſada pergunta, quando ſabes os extremos, que fiz por Iſmene, quando pintada: pois quem taõ finamente adorou as ſuas ſombras, como deixará de idolatrar o claro de ſuas luzes?

Chich. Eu o creyo; mas com tudo naõ falta quem diga, que huma mulher he melhor pintada, que viva; pois o pincel he como o ſolimaõ, que mata os defeitos.

Faet.

Faet. Em Iſmene tudo ſaõ perfeiçõeſ.

Chich. Com que Egeria já lá vay cos diabos?

Faet. Naõ tem que ſe offender Egeria, pois primeiro adorey a Iſmene.

Chich. Na verdade, que ſe ſouberas o que ha na materia entre Egeria, e Mecenas, que ha mais tempo, que a havias ter repudiado.

Faet. Conta-me, para que poſſa cohoneſtar o meu deſvio.

Chich. Senhor, eu naõ ſou de mexericos; neſſa certeza ſaiba voſſa merce, que Egeria fez a Mecenas eſcrito de caſamento, ou cõuſa que o valha, e ſe lhe mete na cabeça, que ha de pôr a Egeria no throno; e naõ deixaõ de ter ſeus colloquios amatorios.

Faet. Quem to diſſe?

Chich. Eu, que o ouvi com eſtes olhos; e pretenderaõ, que eu déſſe algum ſoccorro magico na materia; com que, Senhor, iſto anda muy ſolapado, e combalido; faze o teu negocio, gema quem gemer; já eſtás feito filho do Sol, e como tal pódes caſar, aonde pozeres o dedo meminho.

Faet. Naõ ſabes, quanto eſtimo eſſa falſidade de Egeria, para que ſem eſcrupu-

los da conſtancia poſſa livremente pretender a Iſmene?

Chich. Sim Senhor, Iſmene, e mais Iſmene, que o mais he carvaõ de ſacaria.

Sahe Iſmene.

Iſmen. Cuidadoſa da tua ſaude venho expreſſarte o quanto eſtimarey a tua melhora, para que no alivio da queixa ſe mitigue o peſar de ſer eu a cauſa da tua moleſtia.

Faet. De melhor vontade recebera os parabens da ferida, que os da melhora; pois morrendo aos golpes da tua ſetta, acharias no ſacrificio da minha vida os cultos de quem te adora como Deidade. Oh quantas vezes, Iſmene, abomino a arte, que inventou antidotos para curarme; pois quizera no mortal da ferida immortalizar a minha fineza!

Iſmen. Bem inſtruido eſtás nas liſonjas da Corte; mas como eſſes affectos ſaõ mais effeitos do entendimento, que da vontade, te agradaráõ mais os elogios, que a correſpondencia; e pois ſatisfeita vou, vendo-te convalecido, permitte-me, que me retire. *Quer irſe.*

Faet. Naõ te vás, ſem que primeiro te informes de outra enfermidade mayor, que padeço; que ſe piedoſa te oſtentas com

com os males do corpo, ſerá razaõ, que propicia te encontre no mal, que minha alma padece.

Chich. Aquelle mal d'alma, como couſa occulta, ſó a mim me pertencia dizello, a quem toca revelar os ſegredos animaes; porém diga o Senhor Faetonte, que em fim mais ſabe o tollo no ſeu, que o diſcreto no alheyo.

Faet. Haverá hum anno, formoſa Iſmene, que te vi, ou para melhor dizer, que ceguey de te ver; e aſſim como o Iman procura o ferro, o Eliotropio o Sol, e o fogo o ar, aſſim deſde Theſſalia, onde te admirey, a procurarte veyo o meu affecto duas vezes peregrino: deixo de encarecerte os deſvélos, os cuidados, e os ſuſpiros, que me motivaſte, por te naõ horrorizar a tragedia do meu tormento.

Iſmen. Se nunca fuy a Theſſalia, como nella me podias ver?

Faet. Neſte retrato. *Moſtra o retrato.*

Chich Eu ſou muito boa teſtimunha, e mais por final, que o vio em jejum, e logo ficou naõ ſey como.

Iſmen. E de que ſórte veyo a teu poder?

Faet. Achando-o nas ribeiras do mar, entre os fragmentos de hum naufragio.

Chich. Ah Senhor peça perdaõ a Sua Alteza de achar o ſeu retrato na praya, que naõ he lugar decente.

Iſmen. Ay de mim, que eſte he o meu retrato, que ſe enviou ao Principe de Rhodes, que infeliz naufragou com elle, vindo-me receber por eſpoſa! *à part.*

Faet. Te enternece ver o teu retrato, ou de ouvir os meus ſuſpiros?

Iſmen. De ambas as couſas: o retrato pelo ver ſem dono, e os teus ſuſpiros por inuteis.

Faet. Se eu poſſuo o retrato, como naõ tem dono?

Chich. Iſſo aſſim he pela regra do *uſo capiam*, e de ſerem inuteis os ſuſpiros, tambem pudera dizer alguma couſa pelo direito de terceiro; porém acho, que Voſſa Alteza naõ ha de deſprezar hum filho do Sol legitimo, que ſó por ter por avó de ſeus filhos ao olho do Sol, podera dar os olhos da cara.

Iſmen. Para que tanto te empenhas por Faetonte?

Chich. Porque a Apollo ſeu pay devo o que ſey, por ſer o Meſtre em artes Magicas, e Aſtrologicas.

Iſmen. Faetonte, tarde chegaraõ aos meus ouvidos os teus ſuſpiros; pois já ſou de Albano. *Faet.*

Faet. Para que me deſenganas, cruel? Deixa ao menos manterſe a minha eſperança na vaidade de que poſſo merecer os teus agrados.

Chich. Ahi vem ElRey.

Iſmen. Eſtimo por atalhar os ſeus diſcurſos. *à part.*

Sahe ElRey.

Rey. Ditoſa Italia! Ditoſo Monarca, que tem a fortuna de poſſuir o filho do Sol nos ambitos do ſeu dominio! Permitte pois, que proſtrada a teus pés conſagre a teu reſpeito repetidas veneraçõe.

Faz que ajoelha.

Faet. Senhor, Voſſa Mageſtade naõ deve eſtar deſſa ſórte; os meus braços ſeraõ o throno, donde melhor ſe colloque a tua ſoberania.

Rey. Galhardo aſpecto! Vês, Fiton, que o que ſonhey naõ foy erro da fantaſia?

Chich. He, que Voſſa Mageſtade ſabe mais dormindo, que acordado.

Rey. Mas ſempre te agradeço o ſeres tu o ditoſo inſtrumento do bem, que poſſuo.

Chich. Pois na verdade, que bem me cuſtou a dar com elle.

Rey. Reſta agora, que me deſcubras o agreſtor de Iſmene.

Chich. *Paulatim*, naõ vay a eſtafar.

Rey.

Rey. Supponho, Faetonte, que já terás relevado a Iſmene a caſualidade de ferirte no boſque; e para que com huma acçaõ ſatisfaça a dous empenhos, vem comigo ao templo de Hymenêo, donde depois de ſacrificar a Apollo, grato ao beneficio de permittir habite comigo hum filho ſeu, aſſiſtirás aos deſpoſorios de Iſmene com Albano, para que com teu influxo ſeja ſempre fauſto, ſempre ditoſo o ſeu Hymenêo.

Faet. Que ouço? Ay infeliz! *à part.*

Chich. Lá vay quanto Martha fiou! *à part.*

Rey. Vem, Faetonte.

Faet. Senhor . . . . Iſmene . . . . . o Hymenêo . . . poderia . . . . porque . . . . Naõ ſey o que digo. *à part.*

Rey. Que tens? Que te perturba!

Chich. Naõ repare Voſſa Mageſtade, que todos os filhos do Sol maſtigaõ as palavras, e engolem os conceitos: quer dizer, que ſe podia dilatar o caſamento; porque ainda ſe acha mal convalecido, e lhe tremem tanto as pernas, que naõ póde dar huma paſſada.

Rey. Perto fica o templo; pois convem naõ dilatar, antes que outro traidor impulſo intente malograr as minhas idéas. Vem Senhor. *Vaiſe.*

Faet.

Faet. He preciſo obedecer: Iſmene, lembra-te de mim. *Vaiſe.*

Chich. Ande, Senhor, que honra, e proveito naõ cabe n'um ſacco. *Vaiſe.*

Iſmen. Que tarde vieſte, filho do Sol, outra vez torno a dizer, e que acelerado voas Hymenêo de Albano? A preſſa de hum, e a tardança de outro, ſaõ hoje os incentivos da minha magoa.

Sahem Egeria, e Chirinola, de ſórte que naõ veja a Iſmene.

Chirin. Senhora, recolhamo-nos depreſſa ao teu quarto, para que ſe naõ ſuſpeite em nós alguma traiçaõ; quando Faetonte confeſſe o delicto, daremos a noſſa quartada, dizendo, que eſtivemos em caſa.

Eger. Pois anda, que até naõ ſaber de Faetonte, naõ ſocegará o meu coraçaõ; e pois já o Ceo me vingou deſta tyranna, de ſeu ſangue eſmaltarey a minha Coroa Mas que he o que vejo? Ay de mim! *Vê a Iſmene.*

Chirin. O que? O que, Senhora? He verdade! A que delRey, naõ fuy eu, naõ fuy eu, Iſmene.

Eger. O alento me falta; Iſmene, naõ crimines a minha innocencia, porque Fac-

Faetonte... mas ay de mim! *Desmaya-se.*

Ismen. Que he isto? Que perturbaçaõ he esta? Egeria, torna em ti. Dize tu, que foy isto? *Para Chirinola.*

Chirin. Tomara-me desmayar; mas naõ posso.

Ismen. Ha confusaõ semelhante! De que te assombras? Sou alguma fantasma?

Chirin. Espere que já vou perdendo o medo; pois Vossa Alteza he mesmo Vossa Alteza?

Ismen. Pois quem hey de ser?

Chirin. Deixe-me apalpar.

Ismene. Para que?

Chirin. Com que Vossa Alteza naõ morreo?

Ismen. Naõ me vês?

Chirin. Bem vejo; mas naõ sey, se he alguma cousa do outro Mundo.

Ismen. Deixa desproposítos, acudamos a Egeria: Egeria? Egeria?

Eger. Perdoa-me, Ismene, que eu fuy...

Chirin. Ay que se declara! Senhora, Senhora, que naõ he morta a Senhora Ismene, naõ a matou o javalí na caça, como differaõ; naõ tenha susto.

Eger. Ay de mim! Que horrivel fantasia! *Levanta-se.*

Ismen. Que foy isto, Egeria? Que enigma he este? *Chirin.*

Chirin. He o que eu diſſe, Senhora, pois nos affirmaraõ, que hum javalí deſpedaçara a Voſſa Alteza, que Jupiter guarde, e por final nos moſtraraõ o ſangue; nós eſpavoridas, inventando outra vez a moda do arripiado, viemos correndo a bom correr, para talhar hum par de choradeiras; quando de repente a vimos a Voſſa Alteza; e como ſomos medroſas, cuidámos, que era huma cadavera.

Eger. Bem remediou: *à part.* Iſmene, dáme hum abraço, que a tua morte muito me tem cuſtado; e porque o ſuſto ainda me occupa muita parte dos ſentidos, permitte, que me retire. *Vaiſe.*

Chirin. Arrelá com a mentirinha, que nos hia dando na cabeça! *Vaiſe.*

Iſmen. Que enigmas ſeraõ eſtes! Egeria aſſuſtada; imaginarme defunta; pedindo-me perdaõ, e que a naõ crimine? Naõ ſey o que conjecture! Mas ay infeliz, que aquelles ſuſtos, e aquellas palavras, ainda que mal explicadas, dizem muito! Oh ſede de reinar, quam impia, e ſacrilega he a tua ambiçaõ! Que maquinas naõ inventas! Que tyrannias naõ executas!

Canta Iſmene a ſeguinte

ARIA.

Ditoſa Paſtorinha,
Que alegre em verde prado,
Só cuida no ſeu gado
Ao ſom da melodía,
Que inſpira a rude frauta
Do amante ſeu Paſtor.
Politicas naõ uſa,
Nem maximas inventa,
Ufana ſe contenta
Das flores, que tributa
A' fé de hum caſto amor. *Vaiſe.*

SCENA IV.

Templo de Hymenèo, em cujo ſimulacro ſe verá huma têa incendida. Sahem Chichisbeo, e Chirinola.

Chich. ANda depreſſa, ſe queres ver o noivado, antes que ſe intupa o templo de gente.

Chirin. Ha de ter muito que ver, pois dizem, que o filho do Sol tambem aſſiſte muito bizarro.

Chich. Poem-te ahi, e dahi te naõ bulas.

Chirin. Sim Senhor, mas a mim me conſta, que voſſê ainda he hum refinado Magico,

gico ; e que anda adevinhando o feito , e o por fazer.

Chich. Se eu eſtivera mais de vagar , eu te diſſera por onde o gato vay às filhozes.

Chirin. Eu bem ſey por onde vay.

Chich. Por onde ?

Chirin. Pela trapeira.

Chich. Pela tripeira has de dizer , pois tudo quanto faço he por amor da tripa : ah Chirinola , que bella occaſiaõ para nos caſarmos ! Olha naõ te faz cocegas ver alli o Deos dos caſamentos com a ſua luminaria ateada na chaminé de Cupido , em cujo fogo ſalvage ſe abrazaõ os miſeraveis do jugo amatorio ? Dize , naõ tenhas vergonha.

Chirin. Voſſê tem a culpa , de naõ ter o que deſeja , pois ſe naõ fora feiticeiro , caſaramos agora.

Chich. Ainda crês , que ſou deſſes ?

Chirin. Eu ſou alguma tolla ? Naõ vês , que quem o demo toma , ſempre lhe fica hum geito ?

Chich. Eu naõ ſey , que geito hey de dar a iſto ? Se lhe declaro a tratada , perde-ſe Faetonte ; ſe me callo , perco a Chirinola , e eſta occaſiaõ , que ainda he mais calva , que Chirinola. *à part.*

Chirin. Que diz ? Ficou paſmado ?

Chich.

Chich. Bem ſey, que quem quer bem, diz do que ſabe, dá do que tem; mas tu has de guardar hum ſegredo daquelles de maço, e mona, e entaõ ſaberás couſas, ainda que ſonhadas, nunca viſtas.

Chirin. Iſſo corre por minha conta; pois que he?

Chich. He hum ſegredo.

Chirin. Dize-o.

Chich. Naõ to poſſo dizer, pois ſó eu o ſey, e mais certa peſſoa; e ſe tu o ſouberes, já naõ he ſegredo; porque paſſando de dous, acabou-ſe o ſegredo.

Chirin. Pois dize-mo, ſem ſer em ſegredo.

Chich. Entaõ que fineza te faço eu, em dizer huma couſa, que naõ he de ſegredo?

Chirin. Pois de que ſórte o hey de ſaber?

Chich. De nenhuma, pois naõ ſabendo tu o ſegredo, vens a ſaber, que ha ſegredo, que he o que te baſta.

Chirin. Vá-ſe dahi; voſſê he o que ſe preza de amante? Voſſê he Chichisbeo? He huma balla.

Canta Chirinola a ſeguinte

ARIA.

Se naõ fias de mim o ſegredo,
Eu do teu amor me naõ quero fiar;
Que ſe naõ póde dar confiança,

Em

Em quem desconfia seu peito mostrar.
Fia, pois, se naõ queres que desconfie
Do pouco que fias de mim te fiar;
Porque na fiança daquelle segredo
Fiada confio os extremos de amar.

Chich. Aballemos da qui, que para este lugar vem correndo muita gente.

Retiraõ-se a hum lado.

Sahem **Faetonte**, *e* **Fiton.**

Faet. Fiton, sabe que eu estou quasi desesperado. Albano, e Ismene hoje se despoſaõ; e eu se tal chego a ver, morrerey infallivelmente; e se por evitar os meus precipicios tanto me recatasse dizer, que era de Ismene aquelle retrato; agora, que o sey, e que o naõ ser minha me ha de custar a vida, remedea a minha magoa no infallivel de minha morte. *Vaise.*

Fiton. Dos dous males o menor se ha de eleger; e pois dizem, que o sabio domina os astros, verey se posso emmendar com hum precipicio outro precipicio. *à part.*

Chich. Anda cá tu, que ainda naõ tens nome nesta Historia; como te chamaõ?

Fiton. Chichisbeo.

Chich.

Chich. Chichisbeo ſou eu deſta menina.

Fiton. Pois eu o ſou de meu amo.

Chich. E elle que te queria, que te eſteve fallando com braços, olhos, e nariz, muy affroſſurado?

Fiton. Voſſa merce como he Magico naõ neceſſita que lho diga.

Chich. Eu já diſſo naõ ſey nada, que eſta menina me deu anacardina, para ſó me lembrar della.

Chirin. Aquillo he galantaria.

Chich. Naõ he; que fallo em meus cinco ſentidos.

Chirin. Eſtás colhido.

Chich. Naõ eſtou colhido.

Chirin. Eſtás; pois ſe dizes, que *te dey* anacardina, como ainda tens todos os cinco ſentidos; que ſe aſſim fora, havias perder hum delles?

Fiton. Tem razaõ.

Chich. Mas falta-lhe a juſtiça, porque eu por meus peccados tinha ſeis ſentidos, naõ menos; os cinco já ſe ſabe.

Chirin. E o outro qual he?

Chich. He o que tenho em ti.

Chirin. Mas qual delles perdeſte por amor de mim?

Chich. Perdi o ver; mas tu es tal, que naõ fazes carreira a cego.

Fiton.

Fiton. Menina, o Senhor Fiton ſe eſtá diſfarçando, que elle he Magico como ninguem.

Chich. Magico ſerá elle, e ſe naõ fora.... mas elles lá vem, tu me pagarás.

Vaõ ſahindo ElRey, Faetonte, Mecenas, Iſmene, e Albano, coroados de flores.

Canta o Coro.

Na tea luzente
Do ſacro Hymenêo
Se accenda brilhante
O rayo flammante
Do filho do Sol.

Rey. Aquella ardente tea, que illumina o ſacro Hymenêo, ſeja immortalizada com as luzes de Apollo, para que ſempre clara a minha deſcendencia conſiga perpetua duraçaõ a pezar dos eſtragos do tempo.

Alban. Propicio amor, já pozeſte limite a minhas eſperanças.

Faet. Já me vay faltando a paciencia, para tolerar eſte violento rigor do fado.

à part.

Iſmen. Faetonte naõ aparta os olhos de mim.

à part.

Chich. Olha, aprende bem, Chirinola, as ce-

ceremonias matrimoniaes, para quando chegar a noſſa occaſiaõ.

Rey. Iſmene, reconhece a Albano Principe de Liguria por teu eſpoſo, e naquella ſagrada tea de Hymenêo, que em brilhante pyra ao Ceo ſe dirige, abraza o teu coraçaõ no reverente amor conjugal, a quem proſperem os Deoſes, e felicitem os fados.

Iſmen. Sem uſo do alvedrio me conduz a eſte templo o teu preceito, como victima de Hymenêo.

Faet. Vay-ſe concluindo a minha vida; mas eu morrerey mais nobremente.

à part. para Fiton.

Fiton. Eſpera, naõ te ſobreſaltes.

Chich. Caſamento no meyo da galhoſa nunca tal vi!

Alban. Princeza, já que a ſórte me deſtinou taõ alta fortuna, firma com a tua maõ o decreto do propicio fado, que reverente a receberey com ambas para mayor ſegurança da minha felicidade.

Quer dar a maõ.

Faet. Eſpera, ay de mim!

Fiton. Repara, e vê. *Apagaſe a luz do Hymenêo.*

Alban. Que dizes, Faetonte?

Faet. Que vejas a luz de Hymenêo, que ao dares a maõ a Iſmene, ſe extinguio.

Rey.

Rey. Infauſto preſagio! Su penda-ſe o Hymenêo, pois a ſua Deidade, occultando a luz, nos aviſa de alguma fatal ruina.

Faet. He caſo nunca v ſto!

Mecen. E nelle ſe encerra prodigio grande.

Alban. Se Hymenêo occultou a chamma, he porque ſobrava a de meu amor, em cuja preſença naõ podia luzir a ſua, bem como as eſtrellas à viſta do Sol; e aſſim permitte, Senhor, que deſprezado eſte, que imaginas preſagio, ſe effeitue o noſſo Hymenêo.

Rey. Sofiſticos fundamentos naõ pódem prevalecer a taõ extraordinario acontecimento, até que Fiton nos declare a cauſa de extinguirſe aquella luz.

Faet. Diga Fiton.

Chich. Sou chamado a conſelho.

Alban. Da tua ſentença pende a minha vida. *à part. para Chichisbeo.*

Rey. Dize, Fiton, porque motivo ſe apagaria aquella luz?

Chich. Porque ſe acabou a torcida.

Faet. Reſponde ſerio, e vê lá o que fazes. *à part. para Chichisbeo.*

Alban. Fiton com aquella galantaria vem a dizer, que foy caſualidade, e naõ

myſterioſa a extincçaõ daquella luz.

Chich. Tal naõ digo, e eu naõ ſou taõ eſcuro, que neceſſite de pay velho para commentarme: reſpondi aſſim, porque naõ quero dizer, que o Deos Apollo pay das luzes naõ leva a bem eſte matrimonio, e a razaõ diſto eu a direy a Sua Mageſtade ſó por ſó no ſeu gabinete.

Iſmen. Ha enleyo ſemelhante!

Faet. Viva a minha eſperança. *à part.*

Rey. Vês, Albano, que naõ foy ſem myſterio? E pois devemos obedecer, ainda ao minimo aceno dos Deoſes, já naõ póde Iſmene ſer tua, pois que Hymenêo eſconde a luz, para ſepultar em ſombras o teu deſejo.

Canta Albano a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Oh infeliz, oh triſte ſem alivio,
Miſero amante, como ſem Iſmene
Vivirey? Morrerey ao duro golpe
Da ſentença cruel, que me ſepára
Aquella alma ſublime deſte corpo,
Cuja uniaõ amor ligou conſtante.
Oh Jupiter piedoſo, deſſa eſféra
O triſulco furor de teu incendio
Cõtra hum peito inteliz fulmina ingente,

Que

Que para provocar os teus furores
Incentivo naõ ha mais adequado,
Que naſcer infeliz hum deſgraçado.

ARIA.

Irado, e languente,
Frenetico, e amante,
O' injuſta Deidade,
Da tua impiedade
A Jove ſupremo
Me quero queixar.
Se a luz me uſurpaſte
Do ſacro Hymenêo,
Cruel te enganaſte,
Que em chamma mais pura
Minha alma conſtante
Se ſente abrazar. *Vaiſe.*

Chich. Parece, que lhe ardeo a jeropiga! *à part.*

Rey. Deoſes ſoberanos, em que póde offendervos o Hymenêo de Albano, para que me priveis da gloria deſte dia? Mas quem póde comprehender as voſſas altas diſpoſições! Vem, Faetonte, a ſacrificar, como diſſe, a Apollo teu pay, naõ ſó para gratificar a tua vinda, mas tambem para applacar a ſua indignaçaõ, repetindo o meſmo Coro, para que a lembrança da culpa ſeja incentivo da piedade.

CORO.

Na tea luzente
Do ſacro Hymenêo
Se accenda brilhante
O rayo flammante
Do filho do Sol.

Fim da ſegunda Parte.

PARTE III.

SCENA I.

Camera. Sahem Faetonte, e Fiton.

Faet. VEm, Fiton, a meus braços, pois à tua ſciencia devo a vida, que reſpiro; que ſe naõ extinguias aquella luz em Hymenêo, em cinzas me reduziria a ſua chamma.

Fiton. Faetonte, agora, que de todo tens ſuperado o violento furor dos fados, e te vês neſta proſperidade iſento do grande damno, que te eſperava, te declararey, o que tantas vezes recuſey dizerte. Sabe, que tu es na realidade o

ver

verdadeiro filho do Sol, e de Climene, aquella infausta belleza, que exposta aos rigores de Diana entre os montes habita como féra.

Faet. Ay de mim! Que sempre has de ser cruel para comigo! pois ao mesmo tempo confundes a delicia de hum prazer, com o rigor de hum pezar!

Fiton. E assim releva-me o naõ haverte communicado ha mais tempo este segredo; porque como estava decretado dos fados, que a saberes tu quem eras, essa sciencia havia de ser o teu precipicio por causa de huma formosura, por isso te occultey este desengano; porém agora que supponho triunfas de seus decretos, razaõ he que triunfes tambem do meu silencio.

Faet. Puderas dizer-mo em tempo, que mais to agradecesse; mas sempre estimo saber cujo filho sou, se bem nada me dizes de novo, pois a altivez de meus pensamentos naõ poderia ter menos progenitor: eu te relevo o roubo, que me fizeste do tempo, que ignorey a gloria de me jactar filho do Sol.

Fiton. Era preciso obedecer ao influxo dos astros.

Faet. Naõ creas nessas quiméras: de meus

luc-

ceſſos pódes colligir o quam errada he a judiciaria eſpeculaçaõ das eſtrellas, cuja ſciencia tanto veneras: mas retira-te, que ahi vem Egeria.

Fiton. Eu te obedeço. *Vaiſe.*

Sahe Egeria.

Eger. Para que, Faetonte, me occultavas quem eras? Bem me parecia a mim, que o teu brioſo alento tinha mais ſoberana origem.

Faet. Quiz occultar quem era, para que o amor preferiſſe ao reſpeito na tua inclinaçaõ.

Eger. Se eſſa brilhante Deidade, quaſi immortaliza a vida, que temes, que naõ acabas de executar a morte de Iſmene, pois já por duas vezes deixaſte burlada a minha expectativa?

Faet. Como ſey, que Mecenas tem a meſma incumbencia, já naõ poderey executar os teus deſignios.

Eger. Verdade he, que Mecenas compadecido da minha deſgraça intentou reſtituirme ao throno de meus pays; mas naõ ſey, em que te poſſa offender a ſua piedade.

Faet. Em ſer piedade; pois he certo, que eſta ſó reſide em hum coraçaõ puramente fino.

Eger.

Eger. Se da ſua parte eſtá o amor da minha eſtará a conſtancia, com que te adoro; porém cuido, Faetonte, que eſſe affectado ciume ſe origina de algum motivo occulto.

Faet. Occulto motivo he; pois ſe eu diſſera, que tambem reſervas a vida de Albano, naõ ſey para que fim, talvez naõ acharas affectado o meu ciume.

Eger. Para que vejas, que naõ eſtimo a vida de Albano, mudemos de ſyſtema, como ao principio pretendias: ſê tu homicida de Albano, que eu o ſerey de Iſmene, para que na igualdade dos ſexos fique ſem perigo a reſoluçaõ; e deſſa ſórte, nem a formoſura de Iſmene te ſuſpenderá o golpe, nem a vida de Albano a zelos te incitará.

Faet. Para cabal ſatisfaçaõ de meus zelos tu meſma has de ſer homicida de Albano; aliás entenderey, que a piedade te retira o braço, e o amor te ſuſpende o golpe.

Eger. O meſmo poſſo eu dizer de Iſmene para comtigo.

Faet. Para deſvanecer eſſa ſuſpeita, baſta intentar o golpe duas vezes, ainda que de nenhuma ſe conſeguiſſe: e aſſim naõ tens que te eximir, que Albano fica ao ar-

arbitrio de tuas iras. Affim ſegurarey a vida de Iſmene. *à part.*

Sabem ElRey, e Chichisbeo.

Rey. Baſta, que eſſa foy a cauſa, porque ſe extinguio a luz do Hymenêo?

Chich. Sim Senhor, que he vontade de Apollo, que ſeu filho Faetonte ſeja genro de Voſſa Mageſtade, e a Senhora Iſmene nora, e Voſſa Mageſtade ſogro de Faetonte, e eſte marido da dita Senhora.

Rey. Faetonte, como o obedecer aos Deoſes he primaria obrigaçaõ de hum Monarca, mal poderey reſiſtir aos mudos preceitos de Apollo teu pay; pois he ſua vontade, que Iſmene ſeja tua eſpoſa, e naõ de Albano, por cuja cauſa uſurpou a luz no ſeu Hymenêo.

Chich Do que naõ ha a menor duvida, *attento ſecreto magicali.* *à part.*

Eger. Ay infeliz, que ouço!

Faet. Ay feliz, que ouvi!

Rey. E pois tu, como filho de Apollo, eſtás mais obrigado a obedecerlhe, entendo te ſujeitarás ao ſeu imperio: bem conheço que em Iſmene faltaõ meritos, para ſer eſpoſa de hum filho do Sol; porém huma cega obediencia naõ repara em qualidades.

Chich.

Chich. Pois que lhe ha de fazer, ſe he vontade do Senhor ſeu Pay? Feche os olhos, e diga, que ſim, que no aceitar vay o ganho. *à part. para Faet.*

Rey. Que dizes, Faetonte?

Faet. Que hey de reſponder, ouvindo-me Egeria? *à part.*

Rey. Emmudeces?

Chich. He vergonhoſo em lhe fallando em caſar: diga, Senhor, que ſe as bellezas ſaõ Deidades, Iſmene em nada o deſmerece.

Eger. Muito me aggrava Faetonte naquelle ſilencio. *à part.*

Faet. Bem ſey, que a formoſura de Iſmene he digna do meſmo Jupiter, pois Europa, Danae, e Leda naõ tiveraõ mais bellas perfeições: porém... Ha deſgraça ſemelhante! *à part.*

Chich. Porém, que? Que diabo? Eſtá balbuciente? A culpa tenho eu. *à part.*

Rey. Que reſolves, Faetonte?

Chich. Senhor, naõ tem que reſolver, porque elle neſta materia naõ tem voto: eu ſou o que hey de dar a reſoluçaõ; e aſſim digo a Voſſa Mageſtade, que elle quer, e requer, que ſe faça logo, e já o caſamento; e eu, que entro a fazer o requerimento, certo he, que

que tenho muita razaõ para o ſaber.

Rey. Aſſim o entendo, e da boa indole de Faetonte outra couſa ſe naõ podia eſperar : e para que ſatisfaça à pretenção de Egeria, ſuppondo que tem algum dominio à herança deſta Monarquia, quero que caſe com Albano, pois com o Principado de Liguria, fica (ainda que naõ em tudo) em parte ſatisfeita a ſua queixa.

Eger. Ainda que Voſſa Mageſtade pudera repartir os dominios de Liguria, naõ poderá contraſtar o alvedrio de Albano, que adorando a Iſmene, o conſidero agora ſobre amante, zeloſo.

Rey. Quando o naõ vença a razaõ, o convencerá a violencia: vem, Fiton, que importa communicarte materias de importancia. *Vaiſe.*

Chich. Valha-me Deos ! Tomara ſer privado de ſer privado. *Vaiſe.*

Faet. Egeria, a que mais póde aſpirar o teu deſejo? Já conſeguiſte o Hymenêo de Albano: ſerás Princeza de Liguria, e com as armas de teu eſpoſo poderás reſtaurar a tua Coroa.

Eger. Sendo tu o Monarca, e auxiliado dos rayos de Apollo, que exercito te reſiſtirá? Pois para ficar vencido baſta ter por contrario ao Sol. *Faet.*

Faet. Se assim fosse, eu me deixara vencer, só para que tu triunfasses.

Canta Faetonte a seguinte

ARIA.

Serêa encantadora
Affaga o navegante,
Que intrepido, e nadante
Fugindo do seu canto
Intenta triunfar.
Ensina, que a belleza
Contém tal armonia,
Que em doce melodia
Obriga a naufragar. *Vaise.*

Eger. Que affectadas finezas! Ah tyranno amante, que o teu genio ambiciosamente elevado te fará esquecer do meu amor.

Sahe Albano.

Alban. Quem me dera saber o que terá revelado Fiton àcerca da extinçaõ daquella luz de meu infeliz Hymenêo; pois pendente o coraçaõ da sua reposta, nem bem vivo, nem bem morto está.

Eger. Vês, Albano, como os Deoses castigaõ a hum perjuro, a hum falso, e a hum traidor amante?

Alban. Ignoro o que dizes.

Eger. Pois sabe, para que o naõ ignores: De-

Declarou Fiton, que a extincçaõ daquella luz era hum mudo imperio de Apollo, insinuando ser sua vontade, que Faetonte se despozasse com Ismene; no que ElRey conveyo por naõ desobedecer à insinuaçaõ de hum Deos.

Alban. Immortal devo de ser, pois naõ rendo a vida à golpe taõ cruel.

Eger. Se soubera, que havia de ser taõ penosa para ti esta noticia, naõ ta déra; e assim escusarey de dizer-te, que infallivelmente Faetonte se desposa com Ismene, e que tu ficas excluido da gloria de possuir sua belleza.

Alban. Vençaõ os acertos da prudencia as violencias de hum pezar. *à part.* Naõ sabes, Egeria, o quanto estimo essa mudança de meu Hymenêo, para que desenganado das inconstancias da fortuna, em que até agora naufraguey, possa tomar o norte, que perdi: A teus pés, Egeria, se prostra a minha culpa; naõ quero accumular defculpas ao delicto, por naõ difficultar o perdaõ. *Ajoelha.*

Eger. Que fazes, Albano?

Alban. Revalidar o primeiro voto, que consagrey nas aras de teu amor.

Eger. Ainda que pudera vingarme de teu aleivoso proceder, quero ser extremosa

ſa comtigo; pois ſe naõ houvera ingratidões, naõ haveriaõ finezas. Aſſim convem para os meus intentos. *à part.*

Alban. Pois, Egeria, ſe a tua piedade me ampara, eu te prometto prepararte o throno, atropellando todas as difficuldades. Morra Faetonte.

Dentr. Viva Faetonte.

Eger. Morra Faetonte, e tambem Iſmene.

Dentr. Viva Iſmene.

Eger. Que encontrados eccos reſpondem às noſſas idéas?

Dentr. Viva Faetonte, viva Iſmene.

Sahe Chirinola.

Chirin. Senhora, que eſtá tudo alvoroçado com danças, córos, e bailes, applaudindo o novo eſpoſo de Iſmene, que dizem he hum filho do Sol, que eu por final vi junto com Iſmene, taõ reſplandecente, que era huma couſa nunca viſta. Ay Senhora, eſpere para o ver, que elle para cá vinha caminhando.

Eger. Por iſſo meſmo irey mais depreſſa. Oh cruel pezar, naõ ſejas uſurpador de minha vida, em quanto a fortuna me naõ facilita o meyo da vingança! *Vaiſe.*

Chirin. Vamos, vamos Senhora, depreſſa. *Vaiſe.*

Alban.

Alban. Haverá homem mais infeliz? Para que, injuſtas Deidades, vos empenhaſtes a fazerme ditoſo, ſe depois que me elevey ao auge de tanta ventura, me havieis de deſpenhar do bem, que cheguey a poſſuir? Mas tu, ò cruel Monarca, ſe me uſurpaſte a ventura com a eſpoſa injuſtamente, eu juſtamente te arrancarey com o Sceptro a ambiçaõ; porque a juſtiça de Egeria me dará armas para triunfar da tua crueldade.

Sahe Iſmene.

Iſmen. Confuſa, e vacilante no procelloſo mar de tantas variedades até me falta norte para navegar, ſegura na perigoſa carreira de taõ inopinados ſucceſſos. Mas quem eſtá aqui?

Alban. Quem ha de ſer? He huma ſombra de Albano, que ſe vê já privado de toda a luz, depois que perdeo o ſol de tua formoſura.

Iſmen. Pois ſe es ſombra, como naõ deſappareces? Que com os reſplandores do Sol fogem as ſombras.

Alban. Já ſey, tyranna, que como Ave do Sol te queres eternizar nas luzes; mas naõ he razaõ, que religioſamente negues o teu coraçaõ a Cupido, para fazer delle ſacrificio a Apollo.

Iſmen.

Iſmen. Que queres, Albano, que te reſponda, ſe hum Pay, hum Monarca, e huma Divindade ſaõ triplicados vinculos, que me prendem o alvedrio? Suppoem que nunca me viſte; ſuppoem-me a mais cruel, a mais tyranna féra das hircanas brenhas, para que troques em odio, o que foy amor.

Alban. Amor que foy, ſempre he; pois naõ tem mais que hum tempo, e por iſſo ſe pinta menino.

Sahe Faetonte.

Faet. Galharda Iſmene, naõ póde chegar a mais o exceſſo, a que ſe ſublima a minha fortuna, do que a verme coroado com as verdes ramas da eſperança de poſſuirte.

Alban. Ha tormento mais cruel! Sem duvida, Faetonte, que ainda te naõ poſſo encarecer, o quanto te venera toda a Italia.

Faet. Já ſey, Albano; porém adverte, Iſmene, que menos eſtimo naſcer filho do Sol, que renaſcer na eſféra de teus braços.

Alban. Se nos meus dominios te poſſuira, verias arder toda a Liguria em mayores demonſtrações de prazer.

Faet.

Faet. Eu o reconheço. Bem quizera, Ifmene, moſtrarte, que aquella ſetta, com que me atraveſſaſte o peito, te deu amor para ferirme, cuja cicatriz ſerá o mais vivo ſigillo, que eterno acredite a efficacia de meu querer.

Alban. Eu deſeſpero. *à p.* Porém, Faetonte, para reconheceres o meu affecto....

Faet. Deixa-me, Albano, que eſtás importuno.

Alban. Pois cala-te, Faetonte, que eſtás inſupportavel.

Faet. Se te peza de ouvirme, retira-te, e deixa-me ſignificar à minha bella Iſmene os extremos, com que a idolatro.

Alban. Nem poſſo deixarte, nem poſſo ouvirte: bem ſey, que hum ſupremo Numen te deſtinou eſta fortuna; mas naõ ignoras, que adorey à Iſmene com attenções de eſpoſo, e o ciume he hum monſtro inſofrivel.

Faet. Pois, Albano, que remedio, ſenaõ ſacrificar a vontade ao imperio dos Deoſes? Bem ſey, que te ſobraõ motivos para a tua magoa; porém ſentirás agora o meſmo mal, que eu padeci.

Alban. O meſmo naõ; que ſe o padeceſte, foy em tempo, que naõ tinhas alcançado os favores de Iſmene; e mal póde

ſer

ser o sentimento, que hoje me penaliza, igual à aflicçaõ, que te arrastava antes de favorecido; que então sentias como zeloso pretendente, e eu padeço hoje como zeloso desesperado.

Faet. Se desesperaste, já te naõ fica mais que esperar.

Alban. Enganas-te, Faetonte, que ainda me fica a esperança de saber o meu valor castigar a causa da minha desesperaçaõ.

Faet. Pois tu tens ousadia, para te oppor a hum filho do Sol?

Alban. Ainda contra o mesmo Sol se ha-de animar a minha arrogante temeridade; porque a cegueira, com que os zelos me allucinaõ, me naõ dá lugar para ver as impossibilidades, que emprendo.

Faet. Barbaro, verás no poder de meu braço o castigo, que merece a tua ousadia arrogante. *Empunhaõ as espadas.*

Ismen. Que intentas, Faetonte? Albano, que fazes?

Alban. Perder a vida; que se em te perder fico sem alma, bem he, que quem tyrannamente me usurpa a alma, seja violento verdugo, que me tire a vida.

Ismen. Acudaõ todos, que se mataõ.

Dent. No quarto da Princeza he a pendencia.

Sahem ElRey, e Soldados.

Rey. Albano, Faetonte, que atrevimento he eſte? Aſſim ſe ultraja o meu decóro? Suſpendey o furor da voſſa indignaçaõ.

Faet. Senhor, Albano me provocou de ſórte, que com precipitada arrogancia cheguey a profanar a immunidade do Palacio, ſem attender. . . .

Rey. Pois tu, Albano, ſem attençaõ ao meu reſpeito, ſem temor das minhas iras, tiveſte ouſadia, para romper em taõ inopinado inſulto?

Alban. Huma paixaõ cega naõ póde attender a reſpeitos, quando ſó reſpeita o deſafogo, que intenta conſeguir na vingança; e aſſim. . . . . .

Rey. Naõ pretendas córar com apparentes deſculpas o teu delicto, que nenhuma ſatisfaçaõ póde condeçorar a taõ grande culpa. Perdoe Albano, que primeiro eſtá a anciosa ambiçaõ, com que intento divinizar a minha regia eſtirpe. *à p.*

Alban. Naõ imagines, tyranno Monarca, que pretendo accumular deſculpas à temeridade, em que me empenhey; que o meu intento ſó ſe encaminha a ſignificarte

carte a razaõ, que tenho, para caſtigar as ſemrazões, com que me uſurpas a vida, na eſpoſa, que me negas.

Rey. Pois tu, Albano, empenhas-te, contrariando irreligioſamente os divinos decretos?

Alban. Sim; que decretos injuſtos, nem ſaõ divinos, nem decretos; porque nenhum decreto ſem juſtiça póde violentar a liberdade dos alvedrios. E ſe eu adoro a Iſmene com taõ fino extremo, que ſendo em nós duas as vontades, he unico o querer, como me queres tu perſuadir, que os Deoſes pretendem conſtranger duas vontades, as quaes reciprocamente unio o amor?

Canta Albano o ſeguinte

RECITADO.

Se me negas o bem, que fino adoro.
Aonde recorrerey,
Senaõ ao forte valor, que ha em meu peito?
Se nelle mais perfeito
Tenho o rancor ſeguro, e o caſtigo:
Porque vingue dos zelos a violencia,
Que eſte falſo traidor, eſte inimigo
Origina em minha alma,
Levando-me com barbara indecencia

Em Iſmene Divina a cara vida?
Sinta pois, (ay de mim!) minha vingança,
Quem a vida me uſurpa em tal mudança.

ARIA A 4.

Alban. Os Deoſes naõ pódem
Dous finos affectos,
Que amor vinculou,
Já mais ſeparar.
Rey. Se os Deoſes o querem,
Quem o ha de eſtorvar?
Alban. Amor, que os unio,
Que os quer conſervar.
Faet. Amor he mudavel,
Tal naõ póde obrar.
Alban. Que dizes, Iſmene,
A tanto pezar?
Iſmen. A tantos decretos
Naõ poſſo faltar.
Alban. Se a vida me falta
Na tua mudança,
Que poſſo eſperar?
Alban. Se eſtou
Todos. Soffrer } padecendo
Do fado a violencia
Dos zelos o mal.
Alban. Do injuſto decreto,
Rey. Da iniqua ſentença,
Iſmen. Da minha eſquivança,

Faet.

Faet. Da tua mudança,
Todos. Aos Ceos pedirey,
Soccorro, clemencia
Em mal taõ fatal. *Vaõſe.*

SCENA II.

Salla. Sahe Chirinola.

Chirin. VAlha-me amor, e a Deoſa da curioſidade, [ſe he que ha curioſidade nos Deoſes!] Que tenha eu paciencia, para ſupportar ha tanto tempo hum appetite diſto, a que chamaõ querer ſaber o que ſe paſſa, e que paſſe ſem fazer aquellas extraordinarias diligencias, que todas coſtumamos, para lacar aſſim do bucho a Fiton eſte ſegredo, que tanto me oculta! Tomara já apanhallo, que o hey de fazer vomitar logo pá pé tudo quanto ſabe.

Sahe Chichisbeo.

Chich. He boa eſta! Eſtá Faetonte por amor de mim enthronizado, logrando de aſſento os agrados de Iſmene, e eu por amor delle eſtou de aza cahida nos favores de Chirinola! He deſgraça naõ poder voar a minha eſperança à eſféra de ſua aceitaçaõ! *Chir.*

Chirin. Elle cá vem: darey ſatisfaçaõ à minha curioſidade.

Chich. Faetonte, como digo, eſtá aſſando caſtanhas no aſſador da correſpondencia; e eu eſtou ſoffrendo os eſtouros nas brazas dos deſprezos: eſtou ardendo!

Chirin. Senhor Fiton?

Chich. Senhora Chirinola?

Chirin. Voſſa merce deve andar muy occupado com a fadiga da ſua privança; pois já ha tanto tempo, que me privou da ſua viſta?

Chich. Grandes ſaõ os negocios, que eu, e ElRey temos por cá entre mãos; porém nunca eſtes ſeraõ baſtantes, para eu dar de maõ à lambuge dos teus favores; e para que vejas, que naõ he a privança, a que me faz eſquecer de ti, já naõ quero ſer privado delRey, mas ſó teu, minha Chirinola.

Chirin. Meu porque?

Chich. Porque na minha eſtimaçaõ es a mais celebre privada para hum privado.

Chirin. Guarde-ſe para lá, que naõ creyo palavras liſongeiras: naõ venha zombar da gente.

Chich. Se eu amo de veras, como poſſo fallar zombando?

Chirin.

Chirin. Pois se ama de veras, diga-me por onde andou, que ha tanto tempo, que me naõ vê? He Chichisbeo, e falta às condições da Chichisbetice?

Chich. Naõ foy por minha culpa.

Chirin. Pois de quem?

Chich. De ElRey, que andamos consultando varios negocios pertencentes às razões de estado.

Chirin. Estado de que?

Chich. Estado de Himene; naõ sabes, que já se naõ despoza com Albano?

Chirin. Pois com quem?

Chich. Com Faetonte; sobre isso he que eu empenhey a efficacia da minha sciencia; e ainda que me suou o topete, li no volume dos astros, que ella havia de ser sua; porque a extincçaõ da têa de Hymeneo naõ foy por lhe roerem os ratos a torcida, ou por lhe chuparem os morcegos o azeite.

Chirin. Pois que foy?

Chich. Foy huma muda insinuaçaõ, com que o Delfico Planeta quiz mostrar, que o Senhor Faetonte havia de ser o legitimo marido da Senhora Himene, e a Senhora Himene a legitima mulher do Senhor Faetonte; mas com tal pacto, e condiçaõ, que Sua Magestade havia de

dar

dar o Reino, para legitimar este matrimonio.

Chirin. Com que vossa merce foy, o que decifrou esse enigma?

Chich. Eu fuy o legitimo decifrante, porque nas cifras desse ceruleo globo li as justas causas, que havia, para assim se dispor; e tambem vejo as bastardas desculpas, com que tu engeitas o meu amor, e me tens feito andar com a cabeça à roda, considerando na causa dos teus repudios.

Chirin. Qual amor, nem que alforjes de lá preta? Eu naõ quero nada com Magicos.

Sahe Mecenas ao bastidor.

Mecen. Que naõ possa eu alcançar de Fiton alguma insinuaçaõ, que facilitando os meus designios segure as esperanças de possuir com Egeria o Sceptro, que pretendo! Mas elle aqui está com Chirinola: esperarey; que se vá. *Fica ao bastid.*

Chirin. Naõ quero nada com feiticeiros.

Sahe Himene ao bastidor.

Himen. Aonde acharà huma desgraçada alivio às suas afflicções? Mas aqui está Chirinola com Fiton; eu me retiro.

Fica ao bastidor.

Chich. Chirinola, eu naõ sou feiticeiro.

Chirin.

Chirin. Porque ?

Chich. Porque naõ ſou Magico.

Chirin. Se naõ he Magico, como decifrou tanto enigma?

Chich. Ahi he que eſtá enigmatica a minha deſventura.

Chirin. Declare-ſe.

Chich. Naõ poſſo.

Chirin. Porque ?

Chich. Porque he ſegredo, e temo.....

Chirin. Que teme ?

Chich. Que dês com a lingua nos dentes, e me tirem as ganas de comer.

Chirin. Naõ me falle por entredentes, que eu naõ entendo equivocos.

Chich. Eu vomito-lhe o ſegredo aos bocadinhos, que já naõ poſſo aturar a purga dos deſprezos. *à part.*

Chirin. Naõ quer abrir a boca para fallar? Pois feche os olhos, para nunca mais me ver.

Chich. Eſpera, Chirinola; naõ vires as coſtas à minha eſperança, deixa navegar a náo de meu carinho no mar da tua correſpondencia, que eu prometto deſcarregar na falúa de teus ouvidos a commiſſaõ deſte ſegredo, ainda que beba o ſalgado trago da morte.

Chirin. Pois diz meu rico Fiton, que eu

te

te prometto dar hum bom refresco, e segurar o teu amor com as amarras de meus braços.

Chich. Quem naõ dará à costa no mar daquelles braços! Adeos segredo, boa viagem, que enjoado nas ondas dos favores vomito as tripas. Pois alto, Chichisbeo, desembucha, e padeça quem padecer; que primeiro está o salvamento do teu amor, do que o bom successo de Faetonte: *In æquali periculo debet quis sibi prius consulere.*

Chirin. Que diz, Senhor Fiton?

Chich. Eu naõ sou Fiton, Chirinola, sou semieriado daquelle que se quer fazer temideos: Naõ sou Magico, filha; porque nunca adevinhey mais, que os teus pensamentos.

Ismen. Ay Albano, que naõ forão sem causa as tuas desconfianças?

Mecen. Póde haver mais estranho successo!

Chirin. Para que disseste, que era filho do Sol?

Chich. Para que ElRey me naõ tirasse a vida, que atterrou em dizer, que havia descobrir o filho do Sol.

Mecen. Naõ ouço mais; vou dar parte a ElRey, para que castigue este delicto.

Chirin. Para que disseste da extinta luz de Hymeneo?

Chich.

Chich. Porque Faetonte quiz, que aticaſſe a ElRey, para ſe naõ apagar a luz da ſua eſperança; pois tambem queria accender no caſamento da Senhora Himene a ſua luz.

Chirin. Faetonte naõ ama a Egeria?

Chich. Foy antes de ver a Iſmene, que ao depois ficou Egeria a perder de viſta.

Chirin. E quem he eſte Faetonte?

Chich. He hum Paſtor aſſim chamado, filho de hum homem, que nunca ouvi nomear, e de huma mulher, que habita entre as féras de Diana.

Chirin. Vaite embora, que es hum refinado Magico.

Chich. O' Filha, ſe me naõ crês, aqui com toda a ſolemnidade o jurarey.

Cantaõ Chichisbeo, e Chirinola a ſeguinte

ARIA A DUO.

Chich. Se cuidas, que peſſo
Da Magica uſar;
Te enganas menina,
Que eu diſſo naõ ſey.

Chirin. Naõ creyo eſſe engano.

Chich. Bem me podeis crer.

Chirin. Sabendo outra coufa,
Iſſo naõ farey.

Chich.

Chich. Eu fallo verdade.
Chirin. Naõ falla, inſolente,
Voſſê mente.
Chich. Naõ minto, naõ, naõ.
Chirin. Pois jure.
Chich. Eu juro,

Amb. E trejuro
Que leve o diabo,
Quem Magico he.
Chirin. Se juras, já ſey . . . .
Chich. Pois crê, que jurey.
Amb. Naõ ſer feiticeiro,
Quem naõ adevinha,
Bem claro ſe vê. *Vaiſe Chich.*

Sahe Iſmene.

Iſmen. Eſpera, Chirinola, que tu has de ſer o ditoſo inſtrumento das minhas felicidades.

Chirin. Eu, Senhora? De que ſórte?

Sahe Albano ao baſtidor.

Alban. Aonde achará hum infeliz refrigerio, para lenitivo do mal, que o penaliza, ſe para qualquer parte, que caminha, corre para o maltratar com accelerados paſſos a ſua deſgraça? Mas aqui eſtá Iſmene! Ah ingrata! Retira-te, que naõ quero ver tão cara a cauſa das minhas afflicções.

Iſmen.

Iſmen. Naõ negues ; já ſey , que naõ he Fitom, he Chichisbeo.

Chirin. Meus peccados ! Lá vay o ſegredo cos diabos ! Pois Voſſa Alteza meſmo ouvio tudo da meſma ſórte? Ay deſgraçada de mim !

Iſmen. Tudo ouvi.

Chirin. Ora diga-me, Senhora: e que Faetonte naõ era filho do Sol?

Alban. Que ouço ! Alma reſpira , que já naõ he difficultoſa a tua felicidade.

Iſmen. Tambem ouvi iſſo, naõ ha duvida.

Chirin. Senhora, veja por ſua vida, ſe ouvio, que eu naõ quero ficar em má conta com Chichisbeo ?

Iſmen. Dize, que eu te empenho a minha Real palavra , para apadrinhar a Chichisbeo.

Chirin. Aſſim ſoy, Senhora, mas veja naõ me engane, que ſe o naõ ouvio , eu naõ quero faltar ao ſegredo ; porque ainda que rapariga, naõ ſou cá de mexericos, iſſo naõ.

Iſmen. Deſcança: Tu has de dar a ElRey eſta noticia, e a Albano, para que com taõ feliz annuncio alente a ſua amoroſa pretençaõ.

Sabe Albano.

Alban. Albano , Senhora , já a teus pés com

com reverente acatamento quer gratificar a felicidade de se ver favorecido na tua lembrança.

Ifmen. Vay, Chirinola, noticiar a ElRey este desengano.

Chirin. Uy Senhora, Vossa Alteza naõ sabe, que Chichisbeo me recomendou tanto o segredo? E então que conta posso eu dar de mim, se o souber ElRey, e todo o Mundo? Oh curiosidade, em que afflicções me meteste! *Vaise.*

Ifmen. Vay, e naõ te dilates. Ay Albano, e que pouco conheces o jubilo, que em meu peito amante causou este feliz desengano!

Alban. Eu o reconheço; pois sempre na balança de minha estimaçaõ soube contrapezar os requintes, a que se sublimaraõ os quilates de teu fino amor; por isso senti com taõ vehemente desgosto o duro golpe, que com injusta violencia quiz cortar o estreito vinculo, com que Cupido nos unio os corações; mas agora, que me considero outra vez unido ao bem, de quem me suppunha separado, com continuos agradecimentos corresponderey a taõ successivos favores.

Ifmen. Na minha firmeza acharás eterna a lealdade, com que constante te adorey.

Alban.

Alban. Nella eterniza amor a gloria de ſuas felicidades.

Canta Albano a ſeguinte

ARIA.

Iſmené querida,
Meu bello portento;
Naõ mudes de intento;
Pois magoa ſeria,
Que chegue a morrer,
Quem morre de amor.
Na tua lembrança
Só viva a memoria
Da celebre gloria,
Que cauſa hum favor. *Vaiſe.*

Iſmen. Que he iſto, que por mim paſſa? Albano por hum caſual accidente ficou ſentindo o duro golpe de minha apparente mudança; Faetonte com cauteloſos enganos pretendia ſeparar os eſtreitos vinculos, com que amor nos enlaçou os affectos, ao meſmo tempo, que com reciprocas finezas ſe correſponde com Egeria! Oh queira amor naõ ſejaõ mayores os fingimentos de Faetonte, para eu naõ ter mais impoſſibilidades, que vencer no Hymenêo de Albano!

Sahe Faetonte.

Faet. Que tens, adorada Iſmene? Se Albano

bano te occasionou algum motivo de sentimento, faze-me participante da queixa, que logo com a sua morte verás satisfeita a tua pena.

Ismen. As minhas penas, Faetonte, nascem das penas que me dás; naõ voes taõ alto, que logo a minha desgraça abaterá as azas, com que ligeira corre, para dificultar as minhas felicidades.

Faet. Naõ te entendo, Ismene.

Ismen. Pois bem me entendo, Faetonte; e torno-te a advertir, que o muito voar naõ he meyo efficaz para subir; mas motivo infallivel para hum ambicioso se abater. *Vaise.*

Faet. Ay de mim, que as palavras de Ismene infundiraõ em meu timido coraçaõ, naõ sey que occulto veneno, que me parece naõ cabe já dentro em meu peito, e quer de mim sahir, por naõ se achar bem comigo! Mas eu em Ismene apurarey as confusões deste enigma: espera, Ismene.

Sahe Egeria.

Eger. Que ha de esperar, falso, traidor amante? Que esquecido ao juramento, que fizeste, de defender a minha causa, sem causa, nem motivo, que possa condecorar a tua infelicidade, buscas a Ismene,

mene, para me offender ingrato.

Faet. Deixa-me, Egeria; ſe a deſgraça cuidadoſa te ſegue, para que me perſegues tu taõ diligente, ſe naõ motivo as tuas infelicidades?

Eger. Já te deixo, infame; já fujo da tua viſta, fementido; porque naõ quero ver nas fortunas de Iſmene a occaſiaõ da minha morte: e aſſim como Ninfa do Eridano vou já inundar a copia de ſuas cryſtallinas aguas, com as correntes de minhas enternecidas lagrimas, até que o Ceo, compadecido da minha deſventura, e juſticeiro à tua infidelidade, vingue com teu precipicio a minha queixa. *Vaiſe.*

Faet. Valha-me o Ceo! Iſto he ſonho, ou realidade? Iſmene advertindo-me, que a ambiçaõ de ſubir he tropeço para me deſpenhar, e Egeria culpando-me de perjuro, pedindo ao Ceo juſtiça! Juſtos Deoſes, que vaticinios ſaõ eſtes, que amedrentaõ eſte timido coraçaõ? He verdade que eu prometti a Egeria defender a ſua cauſa, para cingir a Coroa; mas foy ſem ſaber, que havia de comprar a Purpura à cuſta do ſangue de Iſmene: pois mal poderia tirar a vida ao original, quem primeiro entregou à co-

pia toda a alma. Ay Iſmene, que tú és a motora das minhas deſventuras! Porque ſe ſigo a cauſa de Egeria, preciſome a tirarte a vida, e na preciſaõ da tua vida fico ſem alma: Se deixo a Egeria, para te ſeguir, tenho contra mim a perſeguiçaõ dos Deoſes; pois incorro na culpa de perjuro. Mas ay de mim, que ahi vem Iſmene com ElRey! Retiro-me, por naõ ver a huma ingrata.

Retira-ſe ao baſtidor.

Sahem ElRey, Iſmene, Albano, Mecenas, e Chirinola.

Rey. Pois Faetonte he hum pobre Paſtor, e naõ filho do Sol?

Faet. Ay de mim! Que ouço? Eſtou ſem alma!

Alban. Aſſim o confeſſa Chichisbeo, compadecido do noſſo engano.

Faet. Ah infiel Fiton, que tu me precipitaſte!

Mecen. e *Iſmen.* Eu o ouvi dizer a Chirinola.

Chirin. Agora entro eu: queira Jupiter, que eu o diga de ſórte, que ſempre fique em ſegredo, por naõ faltar a Chichisbeo.

Rey. Chirinola, deſengana-nos: Quem te diſſe, que Chichisbeo era Faetonte?

Chirin.

Chirin. Senhor, eu ſó o poſſo dizer em ſegredo: Se Voſſa Mageſtade promette naõ revelar nada, eu entaõ direy, que he hum Paſtor, e por final, que ſua mãy he outra Paſtora, que guarda as féras de huma Dona Diana, que he Senhora dos boſques.

Rey. Oh como andey acelerado em admittir a Faetonte por filho do Sol, e em crer a fingidas inſinuações do Magico! Perdoa, Albano, a injuſta repugnancia do teu Hymenêo; mas como ſabes, que a extinçaõ da luz me deu apparentes motivos, para ſuppor era inſinuaçaõ dos Deoſes a demora das nupcias, entendo, que me ſobruõ fundamentos para a minha deſculpa; e para que a alegria da poſſe ſuavize o deſgoſto da deſeſperaçaõ, já Iſmene ſerá tua feliz eſpoſa a pezar dos fingimentos do enganoſo Fiton, e falſo Faetonte.

Faet. Ay de mim infeliz! Eſte fim, que he o meu mayor precipicio!

Alban. Senhor, mal póde ſer culpa o que naõ foy advertencia, pois padecemos todos o meſmo engano.

Chirin. Voſſa Mageſtade naõ diga nada a ninguem; peço-lhe pela vida da Senhora Iſmene; e para que o naõ diga, ha

de me prometter huma couſa.

Rey. Que he?

Chirin. Que naõ ha de fazer mal a Chichisbeo, porque elle naõ teve culpa neſtas arengas, como ſabe ſua Alteza.

Rey. Naõ merece perdaõ taõ grande culpa; ambos padeceráõ o rigor de minhas iras.

Chirin. Senhora, lá ſe avenha, ha me de fazer boa a palavra, que me deu.

Iſmen. Senhor, eu prometti a Chirinoſa a vida de Chichisbeo, ſe ella confeſſaſſe; e aſſim.

Rey. Baſta, Princeza; eu lhe perdoo, pois tu o apadrinhas.

Alban. Pois Senhor, ſe eu qual Arabica Fenix das cinzas do eſquecimento renaſço para ter nova vida na eſféra de tua lembrança; peço-te, que naõ caſtigues a Faetonte; porque quero antes, que morra aos golpes de huma furioſa deſeſperaçaõ, do que vello perder a vida aos fios de hum cutello; e aſſim.

Rey. Bem eſtá: fique muito embora padecendo as violencias de huma morte ſucceſſiva nas mãos da deſeſperaçaõ; porque a loucura, que o incitou a taõ inopinado inſulto, fica incapaz de todo o mais caſtigo. Vamos, Albano.

Alban.

Alban. Obediente te ſigo.

Vaõ ſe todos com ElRey.

Chirin. Ainda que naõ guardey o ſegredo, tenho ſegura a vida de Chichisbeo, que he o que mais importa.

Faet. Immortal devo ſer, pois naõ perco a vida no dia, em que perco a Iſmene! Iſmene, eſpera.

Iſmen. Que queres, Faetonte?

Faet. Que te lembres de minha amoroſa conſtancia, para que aſſim mitigue com a conſideraçaõ de lembrado o duro golpe de desfavorecido; porque hum amor. . . . .

Iſmen. Que dizes, Faetonte? Ainda a tua louca temeridade preſiſte no meſmo delirio? Adverte, que ſe permitti eſſas affectuoſas expreſsões, quando te conſiderey filho do Sol, agora que conheço ſeres hum humilde Paſtor, te naõ poſſo conceder o meſmo indulto: vayte, que em Egeria acharás propicia a fortuna, para veres premiado o teu amor.

Faz que ſe vay.

Faet. Senhora. . . . .

Iſmen. Naõ mais, Faetonte.

Faet. Adverte. . . . . .

Iſmen. Naõ ha, que advertir.

Faet. Que ou ſempre. . . . . .

Iſmen.

Iſmen. Naõ quero ouvirte.

Faet. Rendido. . . . .

Iſmen. Naõ paſſes adiante.

Faet. Te dediquey o meu amor.

Iſmen. Deixa-me, Faetonte.

Faet. Como te poſſo deixar, ſe ſempre deſvelada te buſca a minha fé ?

Iſmen. Chirinola, chama quem prenda eſte louco.

Chirin. Eu vou, Senhora. *Vaiſe.*

Faet. Louco ſim; mas he porque delirante o meu cuidado enferma de adorarte. E que pouco correſpondes, Iſmene, aos delirios deſte fino amor!

Iſmen. Vaite, Faetonte; naõ queiras, que a minha indignaçaõ te precipite.

Faet. Que mais precipicio, que o da minha eſperança, cahindo do Ceo *deſſa* belleza para o abyſmo da minha deſeſperaçaõ? Ay Iſmene, que me tyranizas a alma! E para que vejas, que deſeſtimo a vida, vou buſcar a minha morte; que ſe morro por ti, quando te adoro; quando te perco, bem he que perca a vida. *Vaiſe.*

Iſmen. Fortuna, pois eſtamos ſós, reſponde às queixas de huma infeliz. [Se he que a huma infeliz ouvio as ſuas queixas a fortuna.]. Se querias, que admitiſſe

tiſſe a Faetonte, porque naõ anticipaſte a occaſiaõ de vello, para lhe dar a primazia na correſpondencia? Pois ſe ſe ſó Albano logra as primicias de meu amor, para que me perſegues com as oppoſições de Faetonte? Oh, ſuſpende a roda de tuas inconſtancias, para que eu ſegure as firmezas de minhas felicidades!

Canta Iſmene a ſeguinte

ARIA.

Fortuna, que inconſtante
Te oſtentas rigoroſa,
Quando ſerey ditoſa?
Quando ſerey feliz?
Suſpende por hum pouco
Teu moto accelerado,
Naõ ſeja ſempre o fado
Cruel a huma infeliz. *Vaiſe.*

SCENA III.

Boſque, como ao principio. Sahem Faetonte, e Fiton.

Dentr. GUardem do louco, guardem do louco.

Faet. Vês, infiel Fiton, que já eſtou feito alvo da irriſaõ popular?

Fiton.

Fiton. E qual he a cauſa, que move tal ludibrio?

Faet. A tua infidelidade; pois diſſeſte naõ era eu filho do Sol: e ſe pela tua aleivoſia chego a tal opprobrio, com a tua morte darey ſatisfaçaõ às minhas iras.

Puxa por hum punhal.

Fiton. Faetonte, naõ te precipites, que eſtás enganado: (primeiro eſtá que tudo a minha vida) como podia eu negar, o que já tantas vezes confeſſey? Tu es o verdadeiro filho do Sol; e para que te deſenganes, chama a Apollo teu pay, que elle reſponderá benigno às tuas vozes.

Faet. Inuteis conſidero todas as porfias; que as vozes de hum infeliz nem ainda o vento as ouve; mas ſe a diligencia he progenitora da fortuna, naõ quero malograr as fortunas por omiſſaõ da diligencia.

Canta Faetonte o ſeguinte

RECITADO.

O' tu luzida antorcha,
Que neſſa etherea Sala predominas
A brilhante caterva
De todos os Planetas,
Ouve os eccos, as vozes, os clamores
De hum miſero infeliz, a quem a ſórte
Dá na vida o rigor da meſma ſórte.

Se-

Sala Imperial do Sol, em que apparecerá Apollo, que descerá em huma nuvem, a qual trará na parte esquerda outro assento para Faetonte, e cantaõ ambos alternativamente o seguinte.

RECITADO.

Apol. Quem he, que ternamente
Remette ao Deos Apollo a sua queixa?
Faet. Faetonte te busca, ò Deos luzente,
Para que a tua piedade
Lhe dê honra, nobreza, e Magestade:
Hũ humilde Pastor todos me chamaõ,
E assim saber pretendo,
Qual he minha nobreza; pois presumo,
Que a ser filho do Sol, naõ permittira
Ver com tanta ignominia ultrajado
O regio esplendor, que tenho herdado.
Apol. Suspende, Faetonte, essa chyméra
Da tua fantazia;
Do Sol herdas os rayos, com q̃ brilhas:
E se queres desterrar esse temor,
Pelo Lago Averno aqui te juro
De te facilitar todo o seguro.
Faet. Se me dás faculdade,
Apol. Para tudo ta dou.
Faet. O que te peço
Me leves ao celeste Firmamento,
E do carro flammante,
Em que gyras o Orbe,

Me

Me entregues o dominio.
Apol. Impoſſivel
Será de conſeguir.
Faet. Porque?
Apol. Porque temo o teu perigo.
Faet. Naõ temas, naõ receçes.
Apol. Conſidera.
Faet. Nada conſidero.
Apol. Adverte, Faetonte.
Faet. Nada ha, que advertir;
Deſſe carro flammante
Hey de governar hoje a luz brilhante,
Para que toda a eſféra Orbicular
Conheça a fidalguia,
Que me aléta, ennobrece, e ſabe hõrar.
Apol. Nada valem cõtigo os meus temores?
Faet. Inuteis ſaõ, e ſem fruto eſſa porfia,
Que quẽ do Sol herdou os reſplandores
As luzes do meſmo Sol ſabe ſeguir,
Qual Aguia Imperatriz, q̃ eſſa luz pura
Segue ſẽ temor, o buſca com ventura.
E ſe nas mãos do deſprezo hey de acabar,
Melhor será, que morra
Honrado, e ennobrecido,
Como filho do Sol reconhecido.
Apol. Vença, pois, hoje a induſtria
A violencia dos fados,
Que inſtruido primeiro
Gyrará com ventura

Eſſe

Esse globo celeste.

Faet. Que respondes, Apollo?

Apol. Sóbe comigo, e vem ao Firmamento
Dessa celeste esféra,
Aonde cumprirás o teu intento.

Faet. Já gostoso te sigo,
Pois já nobreza tenho.

Apol. Nobreza terás.

Amb. E indo $\frac{\text{Comtigo.}}{\text{Comigo.}}$
Com pompa luzida
Se ha hoje de ver
No claro farol
A gloria subida,
Com que resplandece
O filho do Sol.

Sóbe Faetonte elevado de huma columna até se sentar na nuvem. Vaõ-se, e desapparece a Sala, ficando em bosque como ao principio.

Fiton. Oh queira Jupiter ache Faetonte a fortuna prospera, para superar o rigor dos fados; mas como temo, que a remontada eminencia, a que a sua ambiciosa cegueira o eleva, seja a mesma, que o leve cautelosa para o mais eminente despenho! Mas aqui vem Chichisbeo: retiro-me, para observar os seus movimentos.

Sa-

Sahe Chichiçbeo.

Chich. Dou eu a Deos a quem tem entendimento, que de hum deſtes logo ſe fia fazer tudo com muito ſizo, como fez o meu amigo Faetonte, que para moſtrar, que naõ era de todo tollo, poz o corpo em arrecadaçaõ, e deixou a minha vida por hum fio.

Fiton. Naõ foras tu neſcio. *à part.*

Chich. Foy o caſo: Vio Faetonte o caldo entornado, e que fez? Deu às palanganas, deixando o perrexil de Chichisbeo para pratinho do deſenfado das iras delRey, que a eſtas horas ſupponho, que ſe come de raiva, por engolir a lograçaõ da minha Magica: e tem muita razaõ, que naõ he eſte bocado taõ ſaboroſo, que ſe poſſa tragar.

Fiton. Por tua culpa ſe vê Faetonte propinquo ao mayor precipicio. *à part.*

Chich. Ainda aſſim, era bem feito, que ElRey me pozeſſe as mãos, e a boa vontade, que eu tive a culpa de todos eſtes enredos; que ſe me naõ metera a deſcobrir o filho do Sol, naõ veria agora poſta ao Sol a minha mentira.

Sahe Chirinola.

Chirin. Por mais que corra, e que diſcorra, naõ poſſo encontrar a Chichiſbeo,

beo, para lhe intimar a ſua ventura, na fortuna, que teve na benignidade delRey. Masay, que elle aqui eſtá! Deſcanſa coraçaõ. Chichisbeo?

Chich. Ainda me tu appareces, falſa Chirinola? Dize-me, embuſteira, tanto pejo te fez hum ſegredo, que no meſmo inſtante, em que o concebeſte, o vomitaſte nas bochechas delRey?

Fiton. Em boa ſecretaria o meteo, para ſe naõ revelar.

Chirin. E que havia eu de fazer, ſe Iſmene tudo ouvio?

Chich. Negar a troxe moxe.

Chirin. E que fazia com iſſo?

Chich. Pôr o caſo em duvida, porque o caſo negado nunca he bem provado; e em quanto ſe averiguava a verdade, tinha eu tempo de pôr o vulto na guardaroupa da ſegurança, e por tua culpa eſtou agora em termos de o veres pendurado no cabide da forca.

Chirin. Naõ temas tal, que Iſmene pedio a tua vida a ElRey.

Chich. Viſto iſſo naõ morro deſta tratada?

Chirin. Trata tu de te livrar de outra, que deſta eſtá livre a tua vida.

Chich. Vivas muitos annos: ſempre agradecido ao livramento da ſoltura, qu-

me naõ podiaõ fazer bom cabello as ligaduras da morte.

Fiton. Vaſo máo nunca quebra.

Chich. Ora dize-me, Chirinola, que ſe diz em Palacio de Faetonte? Iſmene ſentio naõ ſer filho do Sol?

Chirin. Iſmene de nenhuma ſórte; antes parece que o eſtimou.

Chich. E Egeria, que diz à tyrannia, com que a deſprezou?

Chirin. De Egeria naõ ſey nada; ſó ſey, que impaciente ſe auſentou para as aguas do Eridano, aonde habita como Ninfa.

Chich. Hiria tomar banhos de paciencia para refrigerio do calor da deſeſperaçaõ, em que a pozeraõ as chammas dos zelos; mas tem tu maõ, que ſe me naõ engana a viſta, ella anda paſſeando a pé enxuto as aguas de Eridano: cheguemos nós para lá pé ante pé, para peſcarmos alguma couſa do que ella diz.

Deſcobre-ſe a marinha, e apparece Egeria no carro como ao principio, e canta a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

O' Deoſes ſoberanos, ſe ſois juſtos,
Como aſſim permittis injuſtamente,
Que hum traidor, fementido,
Falſo, e perjuro amante

Hum

Hum affecto conſtante
Deſpreze, ſem temor de voſſas iras?
Deixando-me ultrajada,
Afflicta, e impaciente,
Dos zelos padecendo o activo ardor
Sem alivio, ſem remedio a tanta dor?

A R I A.

Nas chammas dos zelos
Minha alma abrazada,
Com furia ardente,
Impaciente,
Delirante,
De hum falſo amante
Aos Deoſes ſupremos
Se chega a queixar.
Com juſta violencia
Vingança, caſtigo,
Contra eſte inimigo
Os Ceos me haõ de dar.

Chich. Chega-te para ella, e apara-lhe os ſopapos: aquillo he deſeſperaçaõ refinada.

Apparece Faetonte no alto em hum reſplandecente carro.

Egtr. Para quando, ò Deoſes ſoberanos, guardais a voſſa indignaçaõ, ſe a hum falſo amante, que tanto burlou as minhas eſperanças, deixais iſento de caſtigos?

gos? Jupiter ſupremo, para quando ſaõ os rayos, ſe naõ abrazais hum peito fementido, que taõ tibio correſpondeo aos incendios de hum fino amor? Oh venhaõ as voſſas vinganças, para que o Mundo, conhecendo o caſtigo, reconheça a equidade da voſſa juſtiça.

Faet. Agora que em luminoſo carro [como ſubſtituto de meu pay Apollo] alento os Planetas com rayos, e revolvo a celeſtial eſféra com gyros, quero gyrar a eſféra terreſtre, encaminhando o meu brilhante curſo às caudaloſas correntes do Eridano, para que Iſmene ſe aſſombre em hum epilogo de luzes, já que me ſubmergio em hum pelago de deſprezos. Verá Tages, e verá toda a Italia enthronizado em ſolio de reſplandores o meſmo a quem confundio com abyſmos de humildades.

Fiton. Já Faetonte ſe vê no radiante carro do Sol: queira Jupiter, que as minhas ſciencias ſejaõ fabuloſas.

Faet. Já diviſo a Regiaõ de Italia; já diviſo as cryſtallinas enchentes do undoſo Eridano; pois que faço, que naõ encaminho os meus gyros aos ſeus criſtaes, para retratar nelles a grandioſa pompa de meus luzimentos? Mas ay de mim, que

que os brutos enfurecidos correm sem governo! Mas que muito se discorrem guiados da minha infelicidade!

Ruido dentro.

Dentr. Deoses, piedade! Jupiter, soccorro!

Outros. Que me queimo! Que me abrazo!

Outros. Clemencia, Deoses! Favor, Jupiter!

Sahirão todos.

Fiton. Ay infeliz Faetonte, que naõ forão sem fundamento as minhas cautelas!

Faet. Inuteis saõ todas as porfias: ay Egeria, que os Deoses conjurados contra mim, querem que pague com meu precipicio a culpa, que commetti, faltando ao juramento, que te dey!

Passa hum rayo, atravessando o carro, e cahe Faetonte nos braços de Egeria.

Eger. Ay de mim infeliz! Mas que vejo? Naõ es tu o fementido Faetonte, a quem os Deoses, compadecidos da minha injuria, precipitaõ justiceiros para castigo da tua infidelidade? Olhay, se as aguas do Eridano naõ forão as que te erigirão decente tumulo, para sepultar a tua ingratidaõ; as correntes de meu pranto sejaõ as que purifiquem as manchas de tua inconstancia para que se patenteem os realces da tua firmeza? Mas ay! Ay que já entregou nas mãos da

morte os ultimos eſpiritos, para deixar de todo ſem alentos a minha eſperança!

Todos. Horroſo caſtigo!

Rey. Qual ſerá a cauſa de tanta conſternaçaõ?

Fiton. He tempo de romper as prizões ao ſilencio, que perdido Faetonte, já naõ ha mais que perder. *à part.* Sabe. Eu ſou, invicto Tages, o infeliz Fiton, que ſeguindo a Faetonte vivi disfarçado no teu Reino com o nome de Chichisbeo.

Chich. O meu nome feito capa de velhacos! Se naõ fora ElRey. . . .

Fiton. Porque a minha ſolicita diligencia quiz triunfar da tua porfiada vigilancia; pois a ſaber Faetonte quem era, eſta meſma ſciencia lhe havia de ſervir de mayor ruina por cauſa de huma formoſura. E como agora ſe faz preciſa a narraçaõ deſte taõ inopinado caſo, naõ poſſo occultarte quem ſou, nem deixar de manifeſtarte o infortunio de Faetonte.

Chich. Ouçamos, que iſto ha de ſer galante.

Fiton. Sabe, que eſte me quiz tirar a vida (reſentido das ignominias com que ſe vio ultrajado de ti, e de todos de teu Reino) ſe lhe naõ certificaſſe o illuſtre brazaõ de ſua ſoberana origem: e como elle he o verdadeiro filho do Sol, e como

mo tal sempre das minhas sciencias respeitado, intentey, para desviar o golpe, que à minha vida ameaçava a ultima ruina, expor a sua ao rigor dos fados.

Chich. E fez muito bem, que primeiro estaõ dentes, que parentes: *Charitas bene ordinata incipit à se ipso.*

Fiton. E assim lhe insinuey o modo, com que havia de invocar a Apollo seu pay: este desceo a recebello com pompa magestosa, e com a mesma magestade o conduzio à celeste Esféra, para governar o carro do Sol, do qual cahio despenhado para os braços de Egeria.

Chich. O certo he, que zombando se dizem as verdades.

Rey. Naõ foraõ illusões, mas verdades, as que sonhey.

Fiton. Esta, Senhor, foy a causa, que me incitou a viver disfarcado no teu Reino; este o infortunio do infeliz Faetonte, que de nenhuma sórte puderaõ as minhas sciencias evitar: antes me parece, que todos os principios, que intentey para reparo do precipicio, foraõ meyos infalliveis com que lhe acelerey o despenho.

Chich. Isso foy o mesmo, que errar os principios de meyo a meyo por todos os principios.

Todos. Eſtranho caſo!

Chich. He caſo, que em nenhum caſo ſe póde caſar com outros caſos.

Rey. Temo, Fiton, que Apollo reſentido do injuſto deſprezo, com que ultrajey a Faetonte, com injuſta indignaçaõ empregue em mim o poder de ſuas iras.

Fiton. Apollo, Senhor, bem conhece, que ignoravas quem era Faetonte; e como o caſtigo preſuppoem advertencia de culpa, naõ havendo em ti advertencia de culpa, deſculpa tens para te iſentares do caſtigo.

De repente deſce Apollo em huma nuvem

RECITADO.

Sabey, que Apollo ſou o Deos flammante,
Que na eſféra brilhante
Deſſe celeſte globo,
Com luzida influencia
A todos os Planetas illumino.
A Faetonte dou por filho caro
De ſemideos a gloria ſempre excelſa,
Nova vida cobrando,
Para que reſuſcite
Novo amante de Egeria.
Iſmene ſerá de Albano eſpoſa:
E em doce Hymenêo todos unidos,
Iſmene na Liguria com Albano,
Faetonte na Italia, o Eridano,

Reis

Reinaráõ; porque fique deſta ſórte
Egeria ſatisfeita,
Pois com pompa luzida
Ao ſeu Reino ſe vê reſtituida.

Todos. Prodigioſo ſucceſſo!

Sahem Faetonte, e Egeria do mar.

Chich. E mais prodigioſo para Faetonte, pois para cá vem com bom ſucceſſo.

Rey. Naõ poſſo contrariar preceitos taõ juſtos, mayormente quando reconheço a juſtiça de Egeria na ſucceſſaõ deſta Monarquia.

Chich. Iſſo he fazer da neceſſidade virtude.

Faet. Feliz mil vezes, quem reſulcitando vive para conſagrar nas aras de tua belleza huma nova vida, e taõ nova, que ſe aquella por naõ viver comtigo me conduzio às mãos da morte; eſta me encaminha para a vida, pois vivo já de morrer por ti.

Egar. Da morte dos deſprezos paſſou o meu amor para a vida dos favores.

Chich. Iſſo he paſſar da morte para a vida, como quem paſſa da vida para a morte.

Iſmen. Albano, ſe como Princeza fuy alvo de teus favores; agora naõ permittas, que eu ſeja o objecto dos teus deſprezos,

Alban. Enganas-te, Iſmene; naõ ha mayor im-

imperio, que o da tua belleza, da qual ſempre vaſſallo ſe confeſſa o meu amor.

Chich. Chirinola, já vês, que enforquey os livros da Magica: acorda-te de mim.

Chirin. Eu ſempre ſonhey em te querer: Tua ſou.

Chich. Pois entaõ que fazes? Dá cá eſſa maõ de papel, que quero imprimir nella as cifras da minha affeiçaõ.

Mecen. Perdida Egeria, com o amor voou a eſperança de reinar.

Chich. Senhor Mecenas, contente-ſe voſſa merce neſtes caſamentos com o ſeu nome, que melhor ſe ha de caſar com o officio de padrinho.

Rey. Eſclarecido Faetonte, releva-me os deſprezos paſſados; pois bem ſabes foraõ dominados de huma indiſcreta ignorancia.

Faet. Antes os devo eſtimar, por ſerem venturoſos motores de minhas felicidades: e já que do abyſmo da humildade, em que me conſiderey abatido, me acho agora enthronizado na gloria de filho de Apollo; repita o Coro com meliſluas conſonancias, publicando a mageſtade ſuprema, a que me elevou a fortuna nos reſpeitos, que conſigo como filho do Sol.

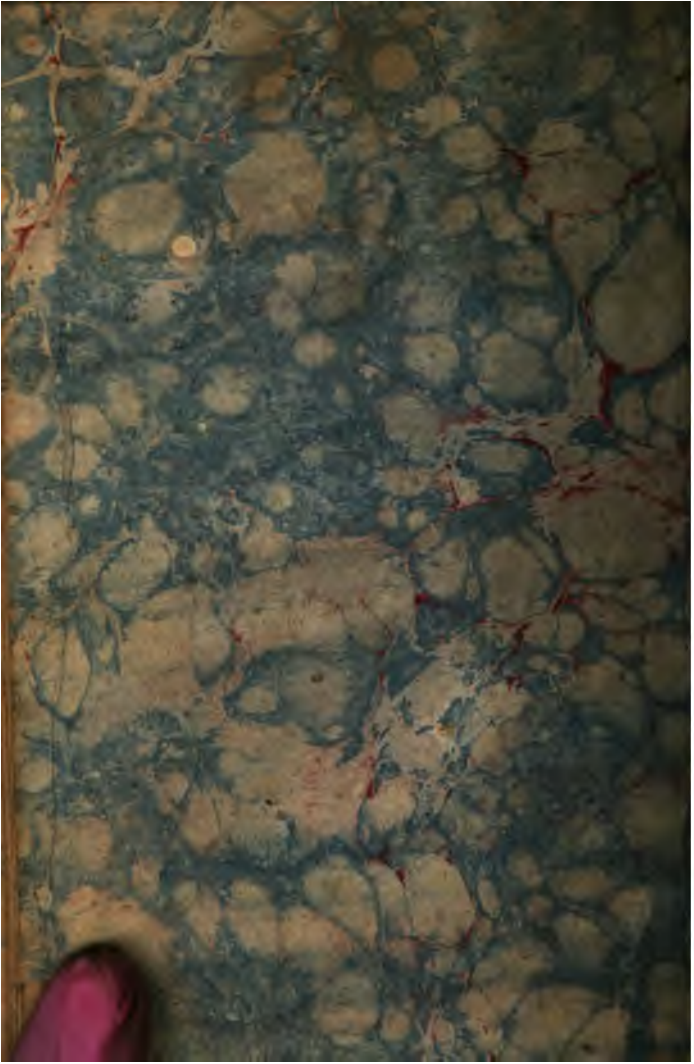
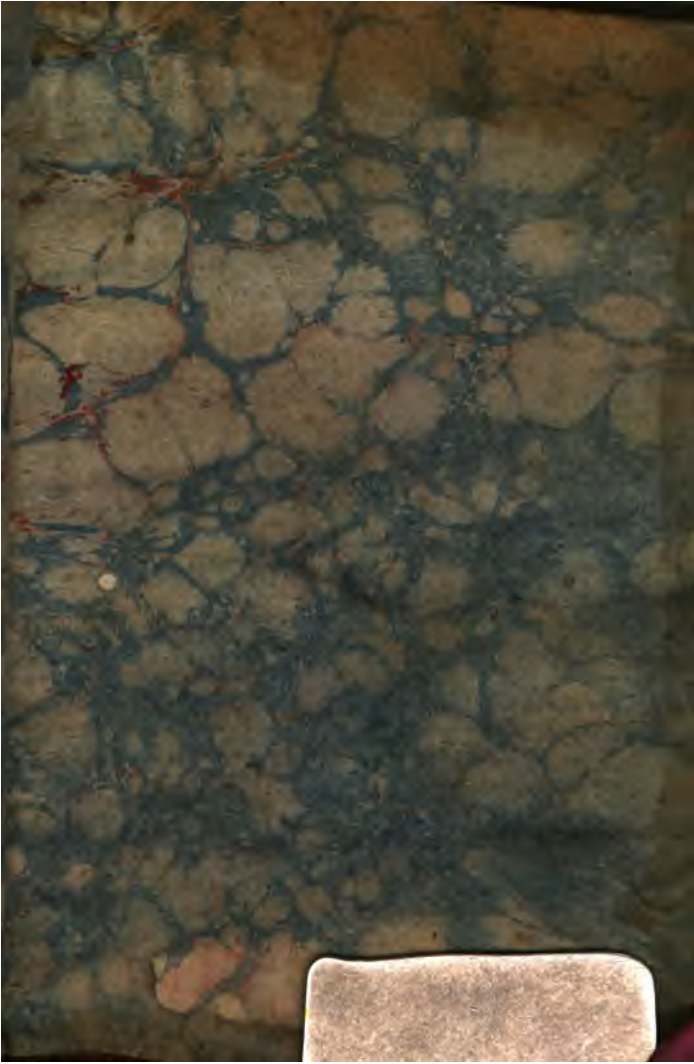
CO-

CORO.

Na tea luzente
Do ſacro Hymenéo
Se accenda brilhante
O rayo flammante
Do filho do Sol.

FIM DO SEGUNDO TOMO.

PROTESTAÇAM DO COLLECTOR.

AS palavras *Deoſes*, *Numen*, *Fado*, *Divindade*, *Omnipotencia*, *e Sabedoria*, ſe devem ſómente entender no ſentido Poetico, e naõ de nenhuma outra maneira; porque ſómente ſe uſa dellas neſtas Obras, como neceſſarias para adorno da compoſiçaõ Dramatica, e expreſſaõ dos Epiſodios Comicos, e naõ com intençaõ de offender em couſa alguma aos dogmas da Santa Madre Igreja, a quem, como obediente filho, me ſujeito em tudo o que ella determina.

diff. p. Fund